

SÉRIE
RENDA - S E



Alice

LIVRO II

ANNE MARCK



SÉRIE
RENDÁ-SE

Alice

Livro 2

Copyright © 2018 Anne Marck

Capa: Murilo Guerra

Revisão: Analine Borges Cirne

Diagramação: Denília Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ALICE – Livro2
SÉRIE RENDA-SE

Anne Marck

1ª Edição — 2018

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Apresentação](#)

[Prólogo 01](#)

[Prólogo 02](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Leia um trecho de Katarina, terceiro livro da série](#)

[Recado da autora](#)

Dedicatóia

A J.P., por acreditar tanto em mim.

Sinopse

“Renda-se”, a série do quarteto de amigas Júlia, Alice, Katarina e Priscila, traz ao leitor quatro histórias de amor, descobertas e superação, apresentando um novo sentido à palavra amizade.

No segundo livro, “Alice”, uma garota doce e romântica, que acredita verdadeiramente no poder do amor, se vê completamente surpreendida pela reação furiosa de um homem após um engano cometido por sua loja.

Ela é dona de uma floricultura e está vibrante com a chegada do dia dos namorados. Para Alice, esta é uma das melhores datas comemorativas do ano. Mas nem todos pensam assim. Por um equívoco, sua empresa passa este dia especial entregando flores, a cada hora, na casa de Benjamin, um homem irritado, dono de um humor ácido, tão negro quanto as roupas que usa. E não para por aí. Nem toda a doçura de Alice a prepara para a série de encontros aleatórios que o destino lança a estes dois. Cada evento mexe ainda mais com seu coração: a forte personalidade dele é um desafio... porém, o difícil mesmo para a garota romântica será superar alguém assim.

Venha descobrir, junto de “Alice”, que nem todos estão abertos ao amor da mesma maneira. Há situações em que amar não é o bastante.

Apresentação

Alice é uma romântica incontestável. Benjamin é um homem grosso, fechado dentro da casca negra de suas vestimentas. Como alguém vivendo em um mundo colorido pelas flores pode compreender que há pessoas feridas por algo tão maravilhoso quanto o amor? Benjamin não se mostra capaz de amar – isto é um fato. E o que ela faz, então, com todos estes sentimentos florescendo por ele?

“Não deixo de observar que Benjamin é um homem muito bonito. Ainda que seus traços contenham certa dureza, há algo de belo nisso. O mau humor e a impaciência, facilmente notados, são, na verdade, meticulosamente postos ali. Um tipo de defesa, talvez. E, por mais contraditório que isso seja, em vez de repelir, desperta a curiosidade de querer conhecê-lo melhor, entender suas razões”.

Alice



Prólogo 01

Deitadas sobre o gramado úmido, debaixo da cerejeira repleta de flores na mais exuberante tonalidade rosada que a primavera poderia oferecer, as quatro amigas contemplavam o momento (e refugiavam-se da tarde abafada, como costumeiramente faziam em dias assim). A posição de seus corpos era exatamente a mesma: cabeça descansada em cima dos braços cruzados, barriga para cima, pés esticados. Ali, naquele pedaço do amplo quintal de Alice, elas eram... simplesmente *elas*. Alguns poucos anos antes, a casinha de madeira em cima da velha e robusta árvore de raízes destacadas seria o local escolhido para encontrarem-se. *Seria*. Conforme os anos foram passando, Júlia, Alice, Katarina e Priscila se declararam velhas demais para o lugar. Não que o pai da menina pudesse dizer o mesmo. Para ele, Alice seria sempre a garotinha amorosa e gentil.

Algumas características nunca mudam.

Aos quinze anos, idade das meninas – com apenas meses separando os aniversários – as questões *existenciais* que norteavam suas conversas já não consistiam mais em sobre quais brincadeiras fariam naquele ou no dia seguinte; quem era o garoto odiado da rua (por certamente perturbar algumas delas – e, neste ponto, diga-se de passagem, se mexesse com uma, mexia com todas). *Não*. As reflexões surgiam à medida que uma ou outra ia avançando em seus conhecimentos acerca da vida. Nada muito profundo, no entanto, de interesse geral (isto com certeza). Elas eram assim: agiam como irmãs, importavam-se umas com as outras como seria natural em famílias; tudo o que dizia respeito a uma, dizia a todas, desde que se entendiam por gente.

Naquela tarde, especificamente, um assunto surgiu. Tão de repente que fez com que as amigas se calassem por alguns instantes e refletissem. Talvez tenha sido Katarina, com sua habitual curiosidade (e a estranha maneira que ela vinha agindo em relação ao irmão de sua amiga ultimamente), a trazer tal tema à tona, talvez Júlia, ou Priscila. Não se sabe ao certo quem. Mas lá estava a questão mais importante de todas: o que desejavam do futuro.

A resposta de Alice não foi surpreendente para as amigas, de maneira alguma. Esta era sua personalidade. Especialmente, esta era quem ela estava destinada a ser.

— Eu quero me casar — afirmou, convicta, apesar da serenidade na fala. E o silêncio seguinte a impeliu a elaborar uma explicação — Vocês sabem, eu quero encontrar alguém especial, que seja gentil, atencioso, agradável, que me trate como um bem precioso e... — ela olhou de relance para as garotas, que a analisavam com discreta condescendência. Não importava. Era a sua vontade — Quero encontrar um grande amor. Alguém que me ame com tudo de si. É isso — e deu de ombros, como quem diz: “simples, não acham?”.

Bem, talvez não fosse tão simples assim. E, em alguns anos, Alice descobriria por si mesma que nem todos os corações estão abertos a este sentimento.



Prólogo 02

Benjamin

Um dia antes...

Eu deveria ter esperado, e, ainda assim, não há nada como ser surpreendido pela irritante capacidade que a maioria deles tem de testar minha paciência – ou, pelo menos, de tentar. Ah, como eu *adoro* finais de semestre. São todos tão... *agradavelmente* iguais. Bem, sendo honesto, talvez um lado meu (aquele que preserva limitado humor, mesmo que alguns o considerem inexistente) até consiga tirar certa diversão do desespero imediatista dos *procrastinadores* (descrição generosa; mais do que merecem).

Definitivamente odeio esta parte de tudo isto. Acho que, a cada ano, eles estão piores... ou sou eu me tornando menos tolerante.

Tranquilo, traço o último risco vermelho sobre a última prova. E aqui ainda está a sombra pairando sobre mim, acompanhando meus movimentos. Posso até ouvir sua miserável respiração ansiosa. Lentamente, retiro os óculos, levo-o à borda da camiseta e esfrego as lentes com cuidado, limpando-as sem pressa, ocultando o tédio de ver esta cena se repetindo incontáveis vezes. Somente então, mantendo a expressão mais impassível que posso, subo meu olhar para a figura à minha frente.

E o que eu vejo por muito, *muito* pouco, não me tira completamente a calma. A garota, num movimento rápido e sorrateiro, puxa sua blusa (já desproporcionalmente agarrada ao corpo) mais para baixo, revelando um decote de seios saltitantes.

Bem, então *esta* é a sua estratégia.

Ignorando a pequena fila de candidatos se formando atrás dela (provavelmente planejando suas próprias abordagens), confiro o horário no grande relógio na parede, por cima do ombro da infeliz. Onze e quinze da noite. Sinto-me exausto. De tudo. Mestrado, doutorado, especializações e coisas assim me fazem acreditar que voltar a lecionar, depois de anos dedicados às pesquisas, não foi uma ideia tão boa.

Sorvendo uma respiração profunda (e, no processo, buscando por paciência), a contragosto, dou à garota um esforço de atenção de quem não quer realmente estar aqui.

— Posso ajudá-la?

Ela apoia a mão esquerda na borda da mesa, num intento ridículo de se inclinar sobre mim.

— Benj...

Corto-a.

— *Professor Benjamin* — e não há nada em minha fala que deixe dúvidas quanto a isto — Ou doutor, o que julgar mais apropriado.

É célere, mas assisto ao desconforto atravessar seu rosto.

Ela limpa a garganta. Eu me coloco para trás, descansando confortavelmente no encosto da cadeira pela primeira vez em quatro horas.

— Eu gostaria de conversar com o senhor sobre minha nota final — a garota ainda tem alguma decência de se aprumar, num tipo de orgulho corajoso.

— É mesmo? E o que há em sua nota final?

— Peguei dependência em sua matéria...

Arqueio a sobrancelha, numa expressão de “É sério?”.

Ela movimenta a cabeça, afirmando:

— Sim. Por *meio* ponto — seu tom é um tanto acusatório.

Lá vamos nós.

— Como é mesmo o seu nome?

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Débora.

Meneio a cabeça.

— Débora — repito, sério (e é esta parte do pouco, mas presente, humor a que me refiro).

— Sim — balbucia, assemelhando-se a uma criancinha injustiçada.

Calmamente, apanho a lista de alunos em cima da mesa (assistido de perto por seu olhar) e deslizo o dedo até encontrar seu nome. Aqui está. Deixo, deliberadamente, um sorriso rasgar o canto dos meus lábios. *Ah, os finais de semestre.*

— Meio ponto — reflito em voz alta, para que todos os outros atrás dela também ouçam e, com sorte, desistam.

— Sim...

— De uma nota *mínima* — ênfase no “mínima” — de sete, você obteve seis e meio.

Não preciso olhá-la para saber que a cor vermelha começou a dominar seu rosto.

— Sim, meio-ponto — destaca, embora sem a mesma energia de antes.

— Nota-se também que estive ausente de minhas aulas algumas vezes — antes dela abrir a boca para argumentar, dirijo-lhe um olhar que a faz calar — Mais do que *algumas* vezes, na verdade. Você atingiu o *limite* de faltas.

Deixo a folha de volta no lugar e fecho a pasta. Se ela fosse inteligente, saberia que este é o fim da conversa. Sem efeito, levanto-me da cadeira.

— Seis e meio de aproveitamento e setenta e cinco por cento de presença. Diga-me, Débora, você confiaria seus testes genéticos, em caso de uma doença terminal, a alguém que não compareceu às aulas?

Dois alunos da fila cedem, dirigindo-se à porta. *Espertos*. Mas não ela. Ela ainda estufa o peito.

Na falta da resposta, falo eu.

— Bem, pois eu não confiaria. Aliás, nem sequer confiaria um simples exame de sangue. Entende isto? — apoio as mãos na borda da mesa e sobreponho-me a ela — Vidas dependem de suas futuras pesquisas e *acertos*, Débora. Espero que entenda e obtenha um desempenho melhor em seu próximo semestre.

Passada a fase da negação, agora vem a da irritação; sei pela maneira como me fuzila. Olho novamente por cima de seu ombro.

— Mais alguém gostaria de verificar sua nota comigo? — *como se no portal online do aluno a informação já não estivesse disponível*. Deixo subtendida esta parte, com desgosto.

Murmúrios, movimentos negativos de cabeça e, em poucos segundos, os garotos estão dissipando. Débora, por sua vez, dá dois passos para trás, aponta o dedo trêmulo para mim e ainda exhibe sua última demonstração de insolência.

— Pois saiba, *professor Benjamin* — praticamente cospe meu nome com um desprezo infantil, sem parecer uma adulta universitária — Todos faltam às suas aulas porque você é um... é um... um ser humano horrível! Um grosso, mal-humorado e ninguém o suporta!

Dramática, ela olha para o teto, balança a cabeça em negação, e, ao que parece, ainda tem mais a dizer.

— Sabe como te chamam nos corredores? Professor das Trevas! Das *Trevas*, ouviu bem?!

Professor das Trevas? Interessante. Poderia ter sido pior. Com tantos *adjetivos* por aí, garanto que já fui chamado de coisas menos lisonjeiras.

Friamente, sorrio com cordialidade.

— Tenha uma boa noite, senhorita. Nos vemos no próximo semestre.

— E-eu odeio você! — grunhe sem clareza, em meio ao embargo de possíveis lágrimas, e sai pisando duro.

Ah, se ela soubesse que eu também me odeio, na maioria das vezes...



Capítulo 01

Alice

O despertador do celular dispara às seis e quinze da manhã. A sensação é de que acabei de me deitar. Ainda de olhos fechados, tato o móvel ao lado da cabeceira e apanho o aparelho. Desligo, mas não levanto de imediato: dou-me mais alguns minutos de conforto no quentinho, observando as cores do amanhecer atravessarem a cortina. Trabalhar até tarde durante toda a semana tem seus efeitos sobre o corpo, sinto o cansaço e a dor nas mãos exatamente como antes de adormecer. Contudo, o estímulo para sair da cama vem por conta da realização de que finalmente chegou *o dia*. Estive bastante ansiosa por esta data. Nos preparamos durante semanas na loja e... claro, particularmente, é de longe um de meus dias preferidos.

O dia dos namorados.

Desde criança, o dia dos namorados me fascina, talvez da mesma maneira que o próprio Natal. Acho que o hábito de meus pais de comemorarem de maneira especial, mesmo após tantos anos de casados, é uma das razões. Tudo se torna diferente neste dia. O clima no ar, o modo como as pessoas se encontram mais sensíveis, enfim.

Minhas amigas, Katy, Júlia e Priscila, dizem que sou uma romântica. Elas têm razão, e não me envergonha admitir que acredito no amor verdadeiro. Eu somente não o encontrei, *ainda*. Os relacionamentos que tive foram bons, mas nenhum me fez sentir como... humm... ah, como eu acho que o amor nos faz sentir, mesmo aos vinte e seis anos.

Levanto-me para o banho e, em seguida, visto meu melhor jeans e suéter. Na cozinha, passo uma boa xícara de café, quente e forte para terminar de despertar, e logo sigo para a loja. Sou proprietária de uma floricultura. Por tradição, hoje abriremos duas horas mais cedo. Alguns clientes contam com isso em seus caminhos para o trabalho.



Ao entrar na Magia das Flores, não deixo de contemplar como hoje tudo parece excepcionalmente mais bonito por aqui: prateleiras próximas à porta estão cobertas de vasos de tantas espécies diferentes, vindos de vários lugares do país, tornando a visão extraordinária.

Sabrine, minha assistente mais antiga, já chegou.

— Bom dia, Sa — aproximo-me dela.

— Bom dia, Alice! — devolve sorridente, terminando de amarrar o avental — E então, preparada para o dia?

Beijo seu rosto.

— Um pouco ansiosa, para ser sincera, e você? Conseguiu descansar?

— Sim, dormi como uma pedra. Como diz minha mãe, não há nada que um banho quente não resolva — brinca — O Leo mandou mensagem avisando que está trazendo cafês.

Abençoado seja ele.

— Ao que parece, ele lê pensamentos — brinco — Toda fonte de energia é bem-vinda, se o movimento for o que imaginamos.

— Será! — ela levanta as mãos para o alto, otimista — Com toda a certeza será!

Ando para trás do balcão e penduro o casaco. Meu pequeno escritório fica nos fundos da loja, porém, provavelmente não terei tempo de ir até lá hoje, embora alguns assuntos exijam. Além da floricultura, estamos entrando no ramo de organização de eventos. Na semana passada, fizemos a festa de noivado da filha do reitor da Universidade Estadual. Aquilo foi incrível. Dentro de alguns dias, haverá outro evento semelhante.

Visto o avental, com compartimento para caneta, tesoura e tudo o que precisaremos, e me debruço com Sabine sobre nossa agenda do dia. Há muitas encomendas a serem entregues, algumas com urgência, outras sem exigência de horário determinado. Não ter horário definido é bom, nos permite agrupar pedidos.

— Leo podia sair para a primeira entrega às nove — deslizo o dedo pelos endereços da extensa lista — Teríamos tempo de encaixar estes aqui. O que acha?

Ela anota e exprime algumas sugestões.

Assim que a equipe toda chega, nos dividimos entre fazer arranjos, atender telefone e clientes, e fazer entregas. Dou uma última olhada em volta antes de começar. O lugar está lindo, flores ocupam cada espaço possível.

Suspiro, plenamente satisfeita com tudo o que criamos aqui.

Há sete anos, abri a loja numa sala pequena, em uma rua quase deserta. Hoje, estamos em uma das principais avenidas da cidade e com um fluxo constante de pedidos e clientes. Uma prova de que, se fazemos o que gostamos, tudo pode dar certo.



O dia parece correr acelerado. Leo saiu com o furgão lotado pelo menos três vezes antes do meio-dia. Além do habitual, hoje temos de tudo: pedido de namoro, casamento, de desculpas, comemoração de aniversário de relacionamento... É definitivamente *o dia do amor!*

Revezamos a saída para o almoço e fico com o último horário.

Já se passa das duas da tarde quando pego meu celular e carteira e vou ao bistrô da esquina. Conheço o dono há alguns anos, um norueguês animado que se encantou pelo nosso país numa visita, encontrou uma esposa e decidiu se estabelecer aqui. Como eu já esperava, pequenos balões vermelhos em formato de coração enfeitam lindamente o ambiente. É assim em todas as datas comemorativas.

Por estarmos numa região de muitos prédios comerciais, bancos e empresas, o bistrô é sempre bem movimentando, e hoje não poderia ser diferente: a fila para fazer o pedido está

consideravelmente grande. Aproveito o tempo de espera para checar meu celular. Tenho chamadas não atendidas de minhas melhores amigas, Priscila, Júlia e Katarina.

Retorno primeiro para Priscila.

— Oi, Alice! Feliz dia dos namorados, gata! — atende ao terceiro toque, vibrante, mas eu bem sei que este dia não significa nada pra ela.

— Pra você também, Pini — sorrio com o que estou prestes a dizer — Tanto humor quer dizer que você finalmente decidiu dar uma chance a...?

— Deus, *não!* — me interrompe, repudiando divertida — Apesar de eu não achar nada mal receber flores de vez em quando, hein... São tão lindas, Ali. Coloquei o vaso em cima da minha mesa, obrigada.

Enviei buquês para cada uma delas esta manhã.

— De nada. Foi para lembrar que vocês são muito importantes para mim — reforço, sincera — Hum... — hesito — e Pini...?

— *Diga*, Alice — bufá resignada, provavelmente já sabendo onde quero chegar.

— Estou ansiosa pelo dia em que você encontrará alguém.

— Eu também *não vejo a hora* desse dia chegar... — ironiza, simulando tédio. Quase posso visualizá-la revirando os olhos.

A resposta não é uma novidade. Priscila é linda, generosa, bem resolvida, mas, por alguma razão, nunca se relaciona afetivamente com ninguém. Sua ideia de envolvimento é uma noite e adeus, sem repetições ou repercussão. Essa atitude poderia não significar nada... No entanto, algo nas profundezas de seus olhos me faz acreditar que há mais do que ela deixa transparecer. O problema é que minha amiga nunca conversou sobre o assunto ou deu abertura. Quando tentamos, ela diz que é coisa de nossas cabeças. Por respeitá-la muito, acabamos não insistindo mais.

Afasto o pensamento melancólico e sorrio.

— Tudo bem, não custa sonhar, não é? Te vejo amanhã à noite?

— Combinado. Agora volte ao trabalho e aproveite o dia! Te amo, Ali.

— Também te amo muito, Pini, até amanhã.

Ao desligar, observo-a, por alguns instantes, na foto da tela do meu celular. Estamos as quatro juntas. A única loira entre nós, seus grandes olhos verdes e o amplo sorriso são sua marca registrada desde criança. Não lembro exatamente o dia em que nos conhecemos, pois crescemos na mesma rua, mas também não lembro como é não ter ela em minha vida.

A fila praticamente não se moveu. Ligo então para Katarina, outra amiga que tenho como irmã.

— Oi, docinha, feliz dia dos namorados!

— Oi, Katy, feliz dia dos namorados pra você também! — respondo — Tudo bem?

— Tudo sim. A propósito, obrigada pelas flores, Ali, são lindas — suspira dramaticamente, de modo engraçado — Você sabe, estou numa seca desgraçada e este dia me deixa um tanto emotiva.

Ela sempre diz isto, mas, sinceramente, não acho que Katy queira, de fato, se envolver com

alguém a sério. Suspeito que seu coração já tenha um dono (mas isto eu jamais me atreveria a dizer em voz alta).

— Eu imagino... — mordo o riso.

— Você está na loja? Como estão as coisas?

— Estou na fila do Lau's para um lanche — conto, baixo — Só consegui sair agora, o dia está uma loucura — e não estou reclamando.

— Perfeito. Então não vou tomar seu tempo. Tudo certo para sairmos amanhã?

— Sim, sim, não vejo a hora.

— Então tá. Nos vemos amanhã. Te amo, Ali.

— Também te amo, Katy. Se cuide.

— Ah, pode deixar, isso é o que eu faço de melhor!

Aguardando cerca de três pessoas em minha frente, me preparo para ligar para Júlia. Antes, contudo, sou atraída pelo resmungo de uma senhora atrás de mim, reclamando sobre a demora. De soslaio, verifico sua expressão amarelada, e aparentemente irritada, e chego à fácil conclusão de que a mulher parece estar com mais fome, ou pressa, do que eu.

Viro-me para ela.

— A senhora pode passar na minha frente, se quiser — ofereço brandamente.

— Oh, obrigada — aceita, com um sorriso um tanto tenso — Tenho que voltar para o trabalho e já estou atrasada. Não esperava que aqui fosse demorar tanto.

Dou um pequeno sorriso em apoio. Eu também achei que estaria mais vazio, em função do horário.

Quando a senhora assume meu lugar, retomo meu objetivo e inicio uma chamada para Júlia, minha amiga mais apaixonada do momento. Ela e Frederico estão realmente felizes juntos, e eles merecem cada minuto disso. No fim, aquela confusão toda serviu para eles se encontrarem, é uma prova de que nada acontece por acaso.

— Alice! — sua voz ofegante denuncia que liguei num momento *ruim*. Escuto-a avisar Frederico que estou com ela ao telefone — Feliz dia dos namorados, irmã! Como está o dia na loja?

Não consigo evitar e deixo escapar uma risadinha.

— Obrigada, Jú! Feliz dia dos namorados pra *vocês* também. O dia está sendo ótimo. Na verdade, mais do que esperávamos.

— Ah, que bom... Ai! — ouço a voz masculina dizendo algo incompreensível atrás dela, algo que a faz rir como uma adolescente — Eu amei as flores, Ali, mas, hum... fiquei curiosa sobre como você as fez chegar aqui.

— Planejamento — brinco, não revelando que tive de subornar uma ou duas empresas de entrega.

Seu suspiro afetado atravessa a linha.

— Tô tão feliz, amiga.

A afirmação em sua voz apaixonada, como nunca a vi, aquece um lugar confortável em meu peito.

— Fico muito feliz por isto, Jú. Você sabe, sempre torci por vocês — é uma verdade absoluta.

— Eu sei. Você é minha irmã. Desejo muito que encontre alguém assim, que te ame do jeito que você merece! Amanhã à noite estarei aí para comemorar este dia com vocês.

— Obrigada — limpo a garganta, evitando o embargo — Agora preciso desligar, vim para um lanche rápido, mas já estou voltando à loja. Te vejo amanhã, faça uma boa viagem e, por favor, não corra.

— Oook, senhora!

Somos melhores amigas desde que eu me entendo por gente. Tenho dois irmãos e uma irmã, todos moram longe com suas próprias famílias, sou a mais nova. Meus pais – os melhores do mundo – estão aposentados e viajando pelo velho continente, como sonharam a vida toda em fazer. Estas mulheres são a única família que tenho por perto. Somos irmãs desde sempre e para sempre.

Quando finalmente tenho um sanduíche em minhas mãos, olho para o relógio e me assusto por constatar que fiquei tanto tempo na fila. Engulo ligeiro e volto ao trabalho.

Benjamin

O barulho infernal da campainha me interrompe novamente. *Ah, sim... Fica cada vez melhor*, reflito, irônico. Estou seriamente cogitando enviar uma reclamação a respeito do porteiro à administradora do condomínio, se isto for, outra vez, o que estou pensando ser.

Deixo os óculos caírem de qualquer jeito sobre o teclado do notebook.

Apertando a base do nariz, em busca de algum controle, me levanto para atender à porta. *Nenhuma surpresa*. Deparo-me com mais destas porcarias. De novo. Assim como nas últimas horas.

Rio, sem um grama de humor. Só pode ser uma brincadeira, *não há outra explicação*.

— Senhor...

Cerro meu aperto no batente da porta ante seu tom desconcertado.

— É sério? — encaro o sujeito, que a esta altura já está encolhendo os ombros, segurando as porcarias contra o peito defensivamente — Eu já não te falei que não quero mais receber estas... — olho para o conteúdo em suas mãos — *Coisas?* Qual é, afinal, o seu problema, cara? — indago mais pausadamente, começando a acreditar que este homem tem alguma grave disfunção auditiva.

Gotas de suor brotam de sua testa, acompanhadas de um sorriso amarelado.

— Eu realmente lamento o incômodo, senhor Benjamin... Eles deixaram aqui e disseram que não podiam levar de volta.

Mas é *claro* que não. Seria pedir demais.

Bufo.

— Você, *ao menos*, se deu ao trabalho de perguntar de onde eles são desta vez?

— Si-sim. Eu perguntei ao entregador e... e aqui está o endereço deles.

O sujeito saca apressadamente um pedaço de papel contendo uma anotação rabiscada à caneta em sua péssima caligrafia. Arranco de suas mãos o endereço e as malditas coisas e fecho a porta sem nenhuma polidez. Não sou conhecido neste edifício por ser agradável, tampouco ambiciono ser.

Caminho para a cozinha, abro a lixeira e arremesso tudo na lata, que a esta altura já está pelas bordas com toda essa *porcaria*. Por alguns instantes, apenas paro para observar o conteúdo. Há mais destas coisas do que jamais vi em uma vida.

Seja quem for o engraçadinho responsável pela brincadeira, acertou no alvo se o objetivo era me irritar. Nada teria um efeito melhor, *principalmente nesta data de merda*.

E suspeito que este não será o último.

Alice

A tarde está ainda mais movimentada na loja; clientes entram e saem a todo o momento, nos dando quase nenhuma folga (o que é maravilhoso).

Depois de terminar um atendimento, assumo meu posto nos arranjos. Puxo uma banqueta e me sento, na intenção de aliviar os pés doloridos, e começo a montar o buquê de lírios brancos, os mais lindos e deliciosamente perfumados. É como uma terapia.

Estes lírios vieram diret...

Mas o quê?

Perco a linha de reflexão, tendo minha atenção atraída pelo estrondo da porta da frente sendo escancarada abruptamente. Subo o olhar do arranjo para o responsável por entrar desta maneira. Um homem alto, magro, vestido de preto, com jeans e camiseta de mangas longas a envolver os braços largos. Sustentando um semblante de poucos amigos, ele dá um passo adentro, para, olha de um lado a outro parecendo procurar por alguém, e então... me vê.

Quando nosso olhar se cruza, algo em sua expressão muda, piora, levando um arrepio frio à base de minha espinha.

Abro a boca e a fecho em seguida, sem reação, enquanto lhe assisto vir a passos duros até mim. Os grossos cabelos castanhos claros se despenteiam levemente conforme ele se movimenta.

A visão é um tanto perturbadora. Seus olhos, de uma incrível tonalidade azul-piscina, que lembram o mar tranquilo de uma praia paradisíaca, contrastam radicalmente com a expressão fechada de quem parece prestes a esganar alguém. *Espero em Deus que eu não seja o objeto de sua fúria*, a contar pelo modo apressado como ele corta a distância até onde estou.

Não tenho nem tempo de me preparar.

Somente limpo a garganta, imediatamente seca.

— Olá, boa tarde — planto com dificuldade um sorriso simpático — P-posso ajudá-lo, senhor?

— Ah, sim, mas é *claro* que pode — sinto a irritação em seu timbre grave, apesar do sorriso frio imitando o meu de maneira debochada — Comece me dizendo que tipo de brincadeira é esta! — surpreendendo-me, um cartão é lançado contra o balcão.

Oh...

Por reflexo, afasto meu corpo levemente para trás, ainda sentada. É somente então que me dou conta de que em sua mão há algumas rosas vermelhas que já viram dias melhores, as pobrezinhas. Despedaçadas, parecem ter sido amassadas e depois unidas de qualquer jeito.

Momentaneamente paralisada, intercalo o olhar entre o cartão caído no balcão diante de mim e as flores danificadas.

Mas o que é isto preso nos caules?

—... casca de laranja? — pego-me questionando em voz alta.

Percebo o erro ao escutar um tipo de grunhido profundo muito, muito ameaçador, vindo dele. Há tanta raiva em sua postura dura fixada ao chão, na firmeza como segura o buquê até os nós de seus dedos virarem um tom de branco gélido.

Definitivamente, no dia dos namorados, esta é a última coisa que eu esperava ver.

Um limpar grosseiro de garganta me coage a encarar o rosto fulminando-me como quem diz “E então?”.

Pisco algumas vezes, obrigando-me a raciocinar. Apanho o cartão na esperança de que algo ali me elucide. É da nova coleção de dia dos namorados que vendemos aqui na loja. Confiro no verso as frases escritas pela letra de Sabrine.

“Um buquê para cada ano que passamos juntos.

Te amo para sempre.

Vinicius”

Possivelmente, o cliente fez o pedido por telefone.

Sem esperar que eu diga qualquer coisa, o homem lança mais alguns cartões coloridos com a mesma temática. Faço uma ligeira análise das mensagens românticas nos versos – todas escritas por Sabrine a pedido deste Vinicius –, não deixando de prestar atenção em suas respirações curtas, impacientes, prestes a explodir.

— Eu... — “... não estou entendendo”. Era o que eu gostaria de dizer, mas ele me interrompe.

— Vocês só podem estar brincando comigo, me incomodando a cada hora do dia! — esbraveja para quem quiser ouvir.

— Bem, senh... — calo-me ao assistir o conteúdo em sua mão sendo depositado abruptamente sobre o balcão.

As flores murchas caem espalhadas, despetaladas. E pior... com mau cheiro. Elas estavam no *lixo*! É de partir o coração.

Engulo em seco.

Intimidador, ele cruza os braços em frente ao peito.

— Vamos, estou esperando que diga qual é o objetivo de me enviar toda esta... — aponta para as flores — esta *porcaria* — exprime a palavra “porcaria” como se se referisse a algo abominável — Quem é o engraçadinho que mandou fazer isso?

Tão calma quanto a situação permite, coloco o cabelo atrás da orelha, respiro fundo, e assumo uma explicação.

— Pelo que li nestes cartões, senhor, o Vinicius encomendou as flores — gesticulo com cuidado entre ele e as rosas — Um buquê para cada ano.

Sua reação é emitir um tipo de sorriso sinistro de dentes retos e brancos que chega a arrepiar a base de minha coluna.

— Ah, claro — de repente, o tom de voz diminui para uma mansidão muito suspeita — E a senhorita poderia me informar, por gentileza, quem *diabos* é Vinicius?

Não levando em consideração a sensação de alerta zunindo nos ouvidos, meu cérebro elabora a resposta mais lógica que me passou pela cabeça.

— Vinicius é seu namorado?! — droga, soa como um chute inseguro num jogo de adivinhação.

Os olhos claros de um azul impressionante aumentam nas órbitas, e no segundo seguinte se semicerram. Tenho de prender a respiração ao vê-lo inclinar o tronco para frente, vindo muito perto do meu rosto, face a face. Estamos tão próximos que sou capaz até mesmo de enxergar a pequena cicatriz cortando o canto direito de seu lábio, oferecendo certo charme ao rosto de ângulos perfeitos, apesar de tudo.

— Desculpe, eu acho que não ouvi direito. O que foi que você disse? — a pressão em sua mandíbula é assustadora — Por acaso esta é a sua tentativa de fazer uma piada, é isso? Faz parte da brincadeira me insultar?

Espere.

— E-eu não quis...

— Deus tenha piedade! — surpreendendo até a minha alma, ele bate o punho contra o balcão, chamando a atenção de quem ainda não tinha notado sua presença — Chega. Quero falar com o proprietário deste lugar. *Agora!*

Numa necessidade muito latente de transmitir segurança, arrumo a postura, elevo o queixo e respondo.

— E-eu sou a proprietária... — ao contrário do que deveria, minha voz não sai nada confiante.

Recebo seu olhar desdenhoso, avaliando-me de cima a baixo (pelo menos da minha cintura para cima, já que estou protegida pelo balcão).

— Ótimo. Então escute bem, senhorita *insultadora* — espalma as mãos sobre o vidro e se aproxima mais — Vocês estão muito perto de receber um belo processo — seu hálito cheira a menta.

Enquanto ele fala, pela lateral de seu corpo, no espaço entre os braços e o tronco (já que ele está nesta posição praticamente me cercando), vejo Sabrine caminhar em meu socorro. Aliás, quase todos na loja estão parados assistindo à cena.

Ela contorna o balcão, apanha um dos cartões e olha no verso. O homem não tira seus olhos furiosos de mim, parecendo querer me esganar até a morte.

Noto-a se remexer, sem jeito, desconfortável.

— Senhor, qual é o número de seu apartamento? — Sabrine questiona baixo.

Ele muda seu olhar para ela, com a mesma irritação.

— O que isso te importa?

Levanto-me da banquetta, obrigando que ele volte à sua posição ereta, na presunçosa postura de braços em frente ao peitoral.

— Por favor, responda — me intrometo e falo o mais firme possível.

Diante de meu tom, ele me lança um olhar afiado, estreitando os olhos do tipo “Ah, ficou corajosa agora?”. Somente após três ou quatro segundos me fitando ele responde, com evidente má vontade.

— Estou no 703. E nem venha me dizer que era para algum vizinho, não tenho nenhum no meu andar.

Olho para Sabrine, que está mordendo o lábio e enrolando a ponta dos cabelos no dedo indicador, familiar trejeito de quando está nervosa.

— Sabrine? — incentivo o que quer que ela esteja pensando.

O sujeito insano e eu a encaramos ao mesmo tempo.

— Eu peguei este pedido ontem — ela sussurra, virando-se para mim, como se ele não pudesse ouvir.

— E? — falamos em uníssono, o homem e eu.

— O cliente queria comemorar com a namorada os sete anos juntos, enviando um buquê por hora... — conta, ruborizando — Ela mora no 103.

Sem esperar, o homem arranca o cartão das mãos dela e verifica o verso. E então olha diretamente para mim. Não sei se admiro ou me assusto ainda mais percebendo suas pupilas dilatarem, como se me focalizando de verdade.

— Mas que espécie de letra é essa? Até mesmo um tolo saberia a diferença entre escrever os números sete e um! — meneia a cabeça — Estou muito admirado que esta *empresinha* ainda sobreviva tendo pessoas tão incompetentes como vocês, francamente. Eu deveria mesmo é processar este lugar!

E desta vez realmente me atinge.

Ora essa... o que ele sabe sobre nós?

Inspiro profundamente e me viro para Sabine.

— Sa, por favor, providencie que as flores cheguem ao 103 — aplico toda a brandura que posso para que ela esteja segura que a admiro e respeito.

Sabine acena e se afasta sem pensar duas vezes, aliviada por sair da presença dele, que, diga-se de passagem, é o sujeito mais rude a aparecer na loja nesses anos todos.

Não gosto de conflitos. Eu os evito e tento sempre entender as razões das pessoas, como meu pai nos aconselhou a vida toda (Katarina diz que sou a pessoa mais tolerante que conhece), mas este homem é tão... tão *grosseiro*, que, *argh!*

Tomada de coragem, o encaro.

— Bem, senhor — exprimo de forma cordial — Apesar de eu não entender qual é o problema em receber flores tão lindas, mesmo que seja por engano, gostaria de pedir desculpas pelos transtornos.

Ele estufa o largo peito, com escárnio, de forma presunçosa, triunfando sobre a minha admissão de culpa.

— No entanto, — digo, um pouco mais dura — peço que nunca mais retorne a esta loja se for para insultar qualquer pessoa daqui.

Sua surpresa é visível, revelando que não esperava tal afronta. A expressão de incredulidade quase me faz rir, *de completo nervoso*.

E, de novo, ele lança aquele sorriso desagradável, que torna alguém tão bonito quanto ele simplesmente... feio.

— Desde que sua *lojinha* — cospe, desdenhoso — deixe de me incomodar, você não tem com o que se preocupar. Não pretendo voltar novamente a este lugar desorganizado e com pessoas tão *incompetentes* como a senhorita.

Não recuo sob seu olhar debochado. Mantenho-me firme, encarando-o, a despeito de tudo.

— Seria um favor que o senhor nos faz.

Ele não se move pelo que parece uma eternidade.

Prendo o ar no peito, lutando para que as pernas bambas sustentem meu peso, e conservo-me sem ceder. Até que, finalmente, do mesmo modo exageradamente irritado com que chegou, ele se vira e sai a passos duros.

— *Porcaria de lugar!* — escuto seu esbravejo, antes de bater a porta atrás de si.

Encolho-me com o estrondo e desabo de novo no banco, completamente mole. Deixo um suspiro pesada abandonar meu peito.

O que foi tudo isso? O que leva uma pessoa a ficar desse jeito por receber flores num dia tão especial?

Obviamente, ele tem algum problema.



A visita do homem tirou um pouco de minha energia pelo restante do trabalho. Depois de mais

algumas horas um tanto cansativas, o expediente na loja finalmente acaba e posso voltar pra casa. Deixo minha bolsa no aparador próximo à porta e desmorono no sofá. Meus pés e mãos estão me matando.

Encaro o teto, pensativa.

Fazendo um balanço, o dia foi bom. Pessoas ficaram felizes em todos os lugares da cidade, tivemos um bom faturamento, nosso estoque se esgotou. Eu deveria estar mais animada do que estou agora... Acho que meu estado tem a ver com a expressão vista no rosto daquele homem.

Analisando melhor, eu deduzi que ele era gay e concluí que Vinicius era o nome do seu namorado, sem pestanejar. Foi até engraçado ver a cara de descrença, se não fosse grotesco.

Eu jamais imaginei que alguém pudesse ficar daquele jeito ao receber flores...

Sonolenta, dando vitória ao cansaço, vou me aconchegando no sofá mesmo, com uma última imagem na mente antes de adormecer: o rosto zangado do sujeito bonito que não gosta do dia dos namorados.



Capítulo 02

Alice

Adormecer no sofá foi uma decisão ruim.

Depois de um banho mais demorado, permitindo que água em cascata massageasse as costas doloridas, mentalmente repasso as tarefas do dia. Ir ao supermercado antes do trabalho é uma das principais. Estou sem nada na dispensa e, como abriremos mais tarde para balanço das vendas, farei isto pela manhã.

Hoje é o primeiro dia de sol em uma semana. Opto por colocar um vestido longo de tecido leve, com mangas compridas, ajustado na cintura e solto nas pernas. Adoro essa peça, uma costureira que conheço o fez, tenho mais dois modelos iguais com estampas diferentes. Prendo o cabelo num rabo de cavalo e estou pronta para ir.



Parece que grande parte dos moradores do bairro teve a mesma ideia e decidiu fazer compras esta manhã. As filas dos caixas dão uma pista de que a espera será longa. Escolho a menor entre todas e fico nela feito uma estátua fixada ao chão. Não demora um senhor de idade chega ao lugar atrás de mim. Em suas mãos, há uma cestinha com poucos itens. Penso em dizer-lhe que há um caixa preferencial destinado a ele, mas antes de abrir a boca, após uma breve olhada, me dou conta de que o local onde ele deveria estar tem uma fila praticamente do mesmo tamanho.

Ofereço-lhe a vez, ele aceita, e então inicia uma conversa sobre a falta de consideração que o supermercado tem com seus clientes, a necessidade de contratarem novos caixas. É como se o velhinho escolhesse hoje para desabafar suas frustrações. Coloco um sorriso no rosto e escuto todas as reclamações até finalmente chegar a minha vez. Se ficássemos três horas aqui, ele teria assunto para todas elas.



Termino de guardar as compras e fecho o porta-malas. O sol está maravilhoso, o céu azul límpido. Entretanto, ao abrir a porta, a sensação é de entrar numa sauna. Tiro o carro lentamente da vaga acionando a ré e regulo a temperatura do ar-condicionado no painel – que seja o suficiente para não congelar, mas refrescando o interior.

De repente, um baque faz meu pé paralisar.

Oh, meu pai, não pode ser!

Eu bati?

Num carro *parado*!

Não pode ser...

Suor frio escorre por minha testa. Engato a direção, volto para a vaga e desço rapidamente para computar os danos. A traseira do meu carro está afundada. Corro para o veículo em que bati e constato que a frente dele, próximo à placa, amassou um *pouquinho*.

Como pode? Uma pancadinha de nada e os dois estão danificados... de que são feitos estes carros? Massinha de modelar?

Contorno o veículo de minha vítima, debruço-me sobre o vidro do motorista com as duas mãos, abafando os olhos. Nem sei ao certo o que esperava ver; não há nada, de qualquer forma. E agora, o que eu faço? Espero? Deixo um bilhete?

Ando de um lado para o outro, tentando raciocinar. Será que eu deveria entrar no supermercado e pedir que chamem o dono pelos alto-falantes? Nervosa, abaixo-me outra vez diante da placa amassada, verificando o estrago mais de perto: o para-choque deu uma afundada e leve descascada na tinta. *Puxa vida!* Eu preciso voltar lá e pedir que chamem o motorista, é isso.

Antes que eu tenha tempo de levantar, sou surpreendida pela sombra de alguém encobrindo-me por inteira.

Puxando uma respiração corajosa, olho a partir dos pés de quem quer que seja. Pernas longas e fortes, num jeans escuro caído no quadril magro, com uma camiseta preta justa agarrando o tronco bem trabalhado fisicamente. Enfim encontro o rosto da minha vítima, sustentando óculos espelhados estilo aviador, que refletem perfeitamente bem a minha imagem de boca aberta, completamente pasma.

Não pode ser.

Não *ele*.

O susto é tanto que me desequilibro e caio estatelada de bunda no chão.

— Você? — interroga a familiar voz grossa, impassível.

As sacolas em suas mãos são largadas de qualquer jeito no chão. Vagarosamente, ele retira os óculos, pendurando na gola da camiseta, e fulmina-me com as profundezas azuis desconfiadas.

— Que diabos você está fazendo aí sentada em frente ao meu carro?

— E-eu... — gaguejo — Eu bati — olho para o estrago — Sem querer — acrescento depressa.

— *Como é?*

Ish, ele ainda não tinha visto.

Lentamente, o homem inclina-se para olhar mais de perto o local afundado.

— Mulher, como, neste lugar enorme, você conseguiu uma façanha destas? — seu olhar inquisidor volta pra mim, arqueando uma sobrancelha — Por acaso você fez isto de propósito?

— Não! — disparo em minha defesa, apoiando as mãos no chão para levantar — Claro que não! Eu nem sabia que este carro era seu... Quero dizer... Eu dei a ré e bati, mas de jeito nenhum eu faria isso por querer — aponto para a traseira do meu carro.

Seus olhos viajam para os danos que mostro.

— Impressionante — debocha, sem humor — Você alguma vez ouviu falar em espelho retrovisor? Sabe para que eles servem?

— Eu me distraí — encolho os ombros, observando também meu prejuízo. Retorno a atenção para seu rosto, apressada em esclarecer — Mas eu vou pagar!

— Ah, pode ter *certeza* que vai — o tom irônico é seguido por uma viagem desdenhosa de seu olhar por meu corpo, dos pés à cabeça.

Em sua expressão, há um tipo estranho de malícia debochada que me deixa muito desconfortável. Nervosa, limpo as mãos na lateral do vestido e começo a caminhar para o meu veículo.

— Aonde você pensa que vai? — questiona, acusador.

Olho por cima do ombro.

— Vou pegar o cartão do meu seguro — afirmo em tom lógico.

O que ele achou? Que vou fugir?

— Homem intragável... — resmungo baixinho.

— Desculpe, o que foi que você disse?

— *Calor insuportável* — elevo a voz, sem olhá-lo outra vez — Esse calor está insuportável.

Tremendo de nervoso, pego uma caneta e minha carteira, retirando os cartões do seguro e da loja. Apoio contra o capô e anoto o número do meu celular no verso.

Inspiro algumas vezes, tomando força de tornar para o sujeito, e quando o faço, a visão me surpreende um pouco. O homem arrogante está de braços cruzados sobre o peito, apoiado em seu carro preto, parecendo um daqueles *bad boys* dos filmes.

Talvez ele seja um, a contar por sua atitude.

— T-tome — estendo a mão para entregar o cartão.

No processo, nossos dedos acabam se tocando, criando uma energia muito... *diferente*. Nada familiar, me faz engolir com dificuldade.

Provavelmente, consequência de estar sob estresse.

— Ótimo. Espero que não esteja tentando me enganar. Não se esqueça de que eu sei onde você trabalha — ele gira o cartão entre os dedos e lê vagarosamente o verso — *Alice*.

O jeito irônico como pronuncia meu nome, a gozação em sua língua, mexe negativamente com os meus nervos.

— E-eu poderia te dizer que eu não fujo das minhas obrigações, mas q-quer saber? Não tenho que provar coisa nenhuma. Você aparentemente tem um sério problema para controlar seu temperamento e seria perda de tempo.

Assim que as palavras saem, tenho vontade de engoli-las de volta. Droga.

— Desculpe, eu não deveria...

O homem arqueia uma sobrancelha.

Espero seu ataque de grosserias como se já o conhecesse, todavia, em vez de franzir o cenho daquela maneira irritada que conheci ontem, ele simplesmente... sorri.

— E você aparentemente tem um dom para me tirar do sério, Alice. Estamos empatados, eu presumo — o tom arrogante é frustrante, mas tenho de admitir que o sorriso no canto dos lábios, algo que eu não havia visto nele, o deixa muito bonito. Muito mesmo. Seus olhos perdem um pouco de toda a dureza, transformando-o em alguém diferente.

— Qual é o seu nome? — pergunto com falsa confiança — Eu preciso saber para acionar o seguro — trato de me explicar logo, para que não tome uma ideia errada.

— Eu te ligo — ignorando minha pergunta, ele desencosta do carro, retira as sacolas do chão e se prepara para ir embora.

Viro e volto ao meu veículo. Estou tensa, como há tempos não me sentia. Entro no carro batendo a porta um pouco mais forte do que eu deveria. Olho pelo retrovisor e avisto seu sorriso petulante ao dar partida e ir embora.

— *Oh, senhor...* O que foi isso?

Benjamin

Entro em casa e sou logo atingido pelo cheiro das ditas plantas por todo o lugar. Cogito envolver o saco de lixo e arremessá-lo prédio abaixo... Por alguma razão estúpida, não o faço. Amanhã o serviço de limpeza virá, e eles farão por mim, de qualquer jeito.

Tenho tanto trabalho a concluir, não obstante, surpreendendo a mim mesmo, caio no sofá... e penso na desconhecida desastrada.

Alice.

O nome combina com ela.

Dá pra acreditar nessa mulher? Num dia enche meu apartamento com todas aquelas *coisas*, e no seguinte danifica meu carro. E tudo com a maior atitude doce e gentil. Só pode ser uma piada. A infeliz é um desastre prestes a acontecer, atrapalhada (para não dizer incompetente) nos negócios e na direção de um carro. Eu deveria fazê-la pagar pelo prejuízo. Estaria prestando um serviço à sociedade.

O maldito som da campainha me obriga a levantar, a contragosto, e ir abrir a porta. Só há uma pessoa que sobe direto, sem ser anunciada, embora eu tenha dado uma ordem expressa aos inábeis porteiros deste prédio. Me mudar para cá foi uma alternativa para... não importa... no final, acabei não tomando uma decisão tão inteligente quanto à escolha do local. Quem sabe em algum outro prédio desta cidade vizinhos e funcionários não sejam tão frustrantes.

Abro e nenhuma novidade.

— Ei, cara — Peter, meu irmão mais novo, passa por mim como se esta fosse sua própria casa.

Seu destino? O óbvio.

— Fique à vontade — resmungo, assistindo-o enfiar a cabeça dentro da geladeira.

— Cara, você fez compras, finalmente — diz, apanhando uma garrafa de suco de laranja.

— Alguém já te falou que você é um folgado?

Ele abre a garrafa, leva diretamente à boca, sem deixar de fuçar lá dentro.

— Presunto de Parma, gosto deles.

— É, eu também... — e acabo de perdê-lo — E aí, o que manda?

O cara limpa a boca e fecha a porta. Trazendo a garrafa consigo, escora-se no balcão da cozinha, pés cruzados, totalmente em casa.

— Hoje vai rolar a vernissage da Mila, aquela amiga de quem te falei...

— A que você está empurrando pra mim, você quer dizer — bufo, interrompendo-o.

O sujeito não cansa, isto é um fato.

— Cara, a mulher é gata, inteligente. Uma artista! Além de ter aquele corpo de fazer qualquer um perder a cabeça. E está interessada em te conhecer.

Respiro fundo. Lá vamos nós.

— Peter, eu estou curioso. Por que *você* não fica com ela? Haja vista que a mulher tem todas estas qualidades.

Ele abre seu familiar sorriso provocador de merda.

— Porque ela viu a porcaria de uma foto sua em alguma destas revistas na universidade e fica me chateando com esse papo de querer te conhecer. Se você quer saber, eu falei pra ela que, apesar de você ter este cérebro grande, sou eu o bem-dotado da família — estufa o peito, satisfeito consigo mesmo.

Eu rio.

— Sinto muito te lembrar, mas *toda* a genética boa veio para mim. E isto, com certeza, inclui meu pau, irmão, lamento.

— É uma pena que você não o use para nada, não é, Ben?

— Idiota — resmungo sem muito humor, e opto por mudar de assunto. O quanto antes ele estiver fora daqui, mais minha comida estará protegida — E então? Você falou com a Gabi? Confirmou o dia em que ela chega?

— Semana que vem. Vou buscar ela no aeroporto e levar direto para o apartamento novo. As coisas dela já estão lá.

— Menos-mal.

— Vou chamar os caras para comemorar o aniversário dela este mês. Você vai, não vai?

— Acho que sim, se eu não tiver trabalho — desconverso — Por falar em trabalho, é exatamente o que eu estava fazendo antes de você chegar.

— Você é um péssimo anfitrião, espero que já tenham lhe falado isso.

Debocho.

— Não, ninguém vem aqui para que possa notar.

Percebo-o se tornar mais sério, descruzar os pés, mudar a postura. Sua visita tem um objetivo.

— Desembucha — sou eu a apoiar-me contra a parede, paciente.

— O Ismael me procurou.

E a sensação de acidez tão familiar consome as entranhas até chegar à língua.

— Ontem fez dois anos... — reflete.

Corto-o, lançando um sorriso de escárnio.

— Não precisa me lembrar, pode ter certeza.

— Eu sei que eles foram uns fodidos. Nem mesmo gosto de ter de falar com ele, mas a situação de merda do cara... Isso não se pode negar.

Ah, Deus tenha misericórdia.

— Peter, você veio aqui pra quê? Defender o cara? Pedir que eu dê o meu perdão ao desgraçado?

Peter meneia a cabeça.

— Não, irmão. Eu só quero que você se liberte.



Capítulo 03

Alice

Depois de deixar as compras em casa, chego à loja. Ingrid e Michelle estão organizando as prateleiras. Sabine tem os mostruários dos fornecedores abertos sobre o balcão. É hora de renovar o estoque.

— Você está linda, Alice — Sabine me recebe sorridente.

— Parece que um tornado passou por aqui, não é? — Ingrid diz, animada — Não restou praticamente nada!

— Ontem foi mesmo uma loucura, meninas — concordo, satisfeita por voltar ao trabalho, em uma zona segura, esquecendo-me momentaneamente do infortúnio de uma hora antes.

Passo o restante da manhã no escritório, fazendo os balanços, contatando fornecedores, cuidando dos preparativos do próximo evento. Depois de algumas horas, Sabine bate à porta. Em suas mãos, há um copo de suco de laranja e uma salada, embalados.

— Trouxe seu almoço — ela entra, deixando os alimentos sobre a mesa — Você trabalhou praticamente a semana toda sem descanso e hoje está aí, mergulhada nestes números. Precisa se alimentar.

— Obrigada, Sa — agradeço honestamente pelo cuidado.

Sabine esta comigo desde o primeiro ano da loja. Ela é muito competente, carinhosa e uma boa amiga.

— Nem tivemos tempo de comentar, — ela sorri — o que foi aquela situação da troca de flores ontem, hein? O homem parecia um maluco.

Dou uma risadinha nervosa.

— Totalmente.

Se ela soubesse que hoje eu ainda bati no carro dele... Não quero nem pensar nisso agora... Mas acabo pensando. Que homem difícil. De todas as pessoas no mundo – ou, pelo menos, do bairro –, eu tinha de esbarrar justamente *nele*? E por que alguém sente prazer em ser tão rude?

Balanço a cabeça, afastando a lembrança da situação. Não adianta de nada ficar remoendo agora.



Passa das três da tarde quando meu celular toca. Não reconheço o número, mas é provável que seja um dos tantos fornecedores para quem liguei durante o dia. Distraída, deslizo o dedo na tela

para atender.

— Alô.

— Alice... — *oh...* Aqui está a última voz grossa e provocadora que eu gostaria de ouvir. Meu coração, o danado, acelera, surpreendendo-me.

— Si-sim, quem é?

— Você sabe muito bem quem é — ele responde com a habitual arrogância debochada — Eu gostaria de conversar *sobre o carro* — percebo a ênfase no assunto.

— Ah, é você... — finjo um pouquinho de indiferença — Pode falar, estou ouvindo.

A caneta em minha mão balança freneticamente, acompanhando meu repentino tremor.

— Anote o endereço que vou te passar e esteja lá em meia hora — soa como uma ordem.

— Desculpe? — indago, mal acreditando nos meus ouvidos.

— Precisamos resolver este negócio do seguro, *Alice* — diz naturalmente, como se exigir minha presença fosse a coisa mais normal do mundo — Ou você prefere que eu vá até aí?

Aqui?

Correndo o risco de outro escândalo?

— Tudo bem. Qual é o endereço? — amuo, derrotada.

Escuto o que penso ser uma risada satisfeita. Contrariada, anoto a informação.



Meia hora depois, estou estacionando em um subsolo escuro e estranho. Ao tomar o elevador, contudo, paro dentro de uma cafeteria admiravelmente charmosa. Eu nunca tinha vindo aqui. O lugar é uma mistura de elegante e reservado. Música instrumental toca suavemente ao fundo. Mesas de madeira escura e assentos estofados de veludo vermelho contrastam com os delicados lustres de cristal distribuídos pelo espaço.

A garçonete, vestida em um terno preto e com cabelos presos elegantemente, me oferece ajuda. Digo a ela que estou aqui para encontrar um homem (do qual eu nem sei o nome; não revelo esta parte), descrevo-o brevemente e ela sorri em reconhecimento.

— O doutor está te esperando na mesa ao fundo.

Doutor?

Caminho para onde ela apontou e o avisto, vestido com a mesma roupa escura desta manhã, compenetrado lendo o cardápio. Ignorando a estranha reação no meu estômago, sento no estofado em sua frente e deixo minha bolsa ao meu lado.

— Oi — cumprimento com exagerado desinteresse.

O homem vagorosamente retira os olhos azuis intensos do menu e lança-me um olhar muito vivo, capaz de me fazer ruborizar.

— Olá, Alice, bom que pôde vir — sua falsa amabilidade não me engana.

— Eu não tinha outra opção, tinha? — alfineto.

Ele arqueia a sobancelha, plácido.

— Uma lástima. Estou desapontado, — sustenta uma cínica expressão de ofendido, sei pelo meio sorriso que vem junto dela — você não se parece em nada com aquela moça gentil que cedeu a frente ao velho, na fila.

Seu tom irônico não me surpreende em nada, porém a informação sim.

— Você me viu no supermercado?

O homem exprime um bufo suave, como quem diz: “O que você acha?”, mas não responde.

Expiro o ar de meu peito discretamente.

— E então...? Hum, ainda não me disse o seu nome — reflito em voz alta sua recusa desta manhã.

Ao que parece, ele tampouco pretende dizer agora.

— Não importa. Por que me chamou aqui, senhor *Desconhecido*? — atrevo-me, numa ousadia que não sei de onde surgiu.

Ante a provocação, ele estreita os olhos, enviando-me um olhar demasiado severo.

— Não brinque comigo, Alice.

— Só se eu fosse maluca... — resmungo baixinho no mesmo instante em que baixo meu olhar para o cardápio.

Sinto seus olhos inflamando-me, e não sou suficientemente corajosa para enfrentá-lo. Para minha sorte, a garçonete salva o momento, aproximando-se a fim de anotar os pedidos.

— Café puro sem açúcar, por favor, Liv — ele responde muito cordial, chamando-a pelo que parece ser um apelido. Tão gentil que nem de longe se assemelha ao homem que conheci.

A amabilidade me incomoda um pouco. Talvez por saber que ele consegue não ser tão rude o tempo todo, mas decidiu ser assim comigo... bem, não sem motivos, é claro.

— E a senhorita? — ela me pergunta.

— Chá, por favor, *Liv* — repito seu nome como se eu também a conhecesse.

Ela sorri e se afasta. Observo-a caminhar para longe, e então olho para ele, que tem sua atenção no meu rosto de maneira desafiadora.

— Você consegue ser sociável... — droga. Isso saiu num tom de despeito constrangedor.

Pela maneira como os olhos claros se semicerram, acho que ele também percebe.

— Como quem não me incomoda com aquelas *coisas* por um dia inteiro e no dia seguinte bate no meu carro? — assume uma expressão pensativa, dissimulando deliberar os fatos — Sim, posso ser *sociável*.

A resposta provocadora me faz respirar pesadamente. Eu mereci.

Nervosa, focando em suas mãos cruzadas sobre a mesa para evitar me distrair com a beleza incomum do tom de sua íris, disparo tudo o que vim ensaiando pelo caminho até aqui.

— Acho que podemos resolver o problema — cruzo minhas mãos também, imitando o gesto —

Já entrei em contato com a seguradora, eles precisam dos dados do seu veículo. Depois, o seu carro terá de ficar por quarenta e oito horas em uma oficina indicada por eles. Sei que é um incômodo, mas não se preocupe, farei o reembolso de suas despesas com transporte nesse período — falo tudo sem tomar fôlego, então me recordo de mais uma última coisa e finalmente o encaro — A propósito, senhor Desconhecido, eram *flores*, ontem. Não *coisas* — imito seu tom desdenhoso, fazendo justiça às pobres rosas de ontem — *Flores*.

O ímpeto some quando me dou conta da forma feroz com que ele me fuzila.

— O que foi? — indago, confusa. Estou dizendo que vou pagar suas despesas com táxi, quase o custo de ouro nesta cidade, e ele me olha deste jeito?

— Pare com esse negócio de “Senhor Desconhecido” — adverte, intimidante — Eu tenho nome.

— E você se recusa a dizer...

— Benjamin — fala, enfático.

Benjamin...

Testo mentalmente o som da palavra... nome bonito.

Em busca de ter mais pistas sobre ele, permaneço examinando-o até onde posso. Depois de poucos segundos, sou vencida pela culpa de ter atrapalhado a vida do homem nos últimos dois dias e de estar aqui, confrontando-o, como se já não bastasse.

Expiro profunda e discretamente.

— Desculpe, Benjamin.

Para ser honesta, a aura de enfrentamento entre nós está me deixando mal do estômago. Tenho a sensação de que há uma tonelada sobre as minhas costas, meus músculos estão tensos, as mãos transpirando, o corpo todo contraído à espera de me defender de um embate a qualquer minuto. Não gosto disto.

— Desculpe mesmo, eu não quis ser debochada. Sinceramente, lamento muito quanto à situação das flores ontem, foi um erro e eu absolutamente entendo o transtorno disso para você — falo com franqueza — E hoje, por uma distração, acabei prejudicando seus planos de deslocamento por alguns dias. Eu realmente sinto muito por estes... — penso na escolha da palavra — *impasses*... muito mesmo, me desculpe.

Apesar de um mover quase imperceptível de seus lábios (num enrugar avaliativo que me faz corar), ele não diz nada. Somente me analisa por um tempo que parece não ter fim.

No *timing* certo para mim, nossos pedidos chegam, amenizando o clima desconcertante.

Ficamos em silêncio por um tempo, absortos em nossas bebidas. Não deixo de observar que Benjamin é um homem muito bonito. Ainda que seus traços contenham certa dureza, há algo de belo nisso. O mau humor e a impaciência, facilmente notados, são, na verdade, meticulosamente postos ali. Um tipo de defesa, talvez. E, por mais contraditório que isso seja, em vez de repelir, desperta a curiosidade de querer conhecê-lo melhor, entender suas razões.

— O que você faz... quero dizer, profissionalmente? — puxo assunto, despretensiosa,

sorvendo meu chá.

Ele me fita, por cima da xícara, insondável.

— Não acho que já estamos na base de jogar conversa fora, Alice — sua fala, apesar de grosseira, soa até engraçada.

Este homem é realmente uma figura *difícil*.

— Não me culpe por tentar, vai que... — dou de ombros — Sabe como é, conversar ajuda a... — gesticulo entre nós, sem saber ao certo onde quero chegar.

E o inusitado acontece.

Surpreendendo até o último fio de cabelo de minha cabeça, Benjamin ri. E, *minha nossa*, é uma bela risada. Dentes brancos alinhados, lábios grossos vermelho-vivo, bochechas criando um vinco em forma de canoa... *Sem dúvida* uma bela risada.

— Seu sorriso é bonito, você deveria mostrá-lo mais vezes — solto sem pensar, e, *droga!*, me arrependo assim que sai. Desvio o olhar para minha xícara — Desculpe.

Pela visão periférica, pego seu menear de cabeça.

— Você está sempre pedindo desculpas, não é?

Não respondo. Ele tem razão.

Depois de tomar meu chá silenciosamente, sob seu olhar me queimando, lembro-me da ficha que a seguradora mandou por e-mail. Abro a bolsa e retiro-a.

— Aqui — deslizo o envelope por cima da mesa pra ele — Preciso que você preencha seu nome, endereço e os dados do veículo. Vou enviar ainda hoje para a seguradora.

Sua atenção analítica não sai de mim, tampouco faz um movimento para pegar o envelope, o que me deixa um tanto desconfortável. Aliás, Benjamin parece querer causar este efeito intencionalmente.

Limpo a garganta.

— E-eu... eu realmente preciso voltar ao trabalho — digo, branda, descansando a xícara agora vazia e apanhando a carteira na bolsa.

— Guarde isso — ele exige, calmo e baixo.

Acato, no intento de evitar um novo conflito. Ele pega sua carteira do bolso de trás da calça e retira uma nota, que pagaria os pedidos com folga, se levanta e apanha o envelope, deixando o valor em cima da mesa.

— Vamos — a simples palavra mostra muito sobre ele ser aquele tipo de pessoa que quer as coisas no seu próprio tempo.

— *Um mandão*... — sibilo para mim mesma.

— Disse alguma coisa? — a voz grossa interpela, desconfiando.

Planto um sorriso simpático no rosto e me levanto também.

— Um chá bom, foi o que eu disse, o chá daqui é muito bom, não acha? — desconverso ruborizando.

Apanho a bolsa e espero ele ir primeiro. E vai, mas não sem antes me lançar aquele olhar que me faz estremecer de arrependimento. Dou um aceno em despedida à garçonete e entro no elevador com ele.

Dentro, logo que as portas se fecham, tenho a incômoda sensação de que o ambiente parece menor do que meia hora atrás. Mais abafado, mais quente, pequeno demais. Troco de um pé para o outro, impaciente sob minha pele. Cruzo os dedos das mãos. Nada me distrai. Estar presa (mesmo momentaneamente) num ambiente reduzido com este homem faz eu me sentir tensa outra vez.

Como pode? A presença de Benjamin domina o espaço por completo. Talvez seja psicológico, mas a sensação é de que o ar se tornou escasso, o que só intensifica para os meus sentidos o cheiro que vem dele, um perfume masculino muito bom... *desconcertante e bom*, sendo mais didática.

— *Minha nossa...* — reclamo sem voz, me abanando, espantada com a inquietude a assolar meu corpo. Mal consigo engolir a saliva ante a sensação da garganta se trancando.

Ouço-o respirar pesadamente.

Poderia estar sentindo o mesmo? O ar também está denso para ele? Então é um problema real, quero dizer, este elevador tem de fato algum defeito na ventilação e eu estou interpretando errado?

Não espero para saber a resposta. Quando finalmente as portas se abrem, me apresso em sair e tomar distância dele. Preciso de ar. *Urgente*.

— Tchau... — resmungo, não olhando para trás, só me concentrando em andar mais rápido e fugir logo desta reação maluca.

Acontece rápido demais.

A menos de dois passos de alcançar meu veículo, uma mão quente e firme apanha meu cotovelo. Nem tenho tempo de reagir, sou girada e puxada para junto do corpo alto e forte de Benjamin. Um “oh” desengonçado foge de minha língua, tamanha surpresa.

Assustada, olho para cima e encontro a expressão dura, maxilar contraído, narinas dilatadas. Os olhos azuis, numa nova intensidade, escurecem de maneira surpreendente. A expressão em si é de alguém travando uma grande batalha.

— Alice... — seu timbre gutural confirma isto para mim.

Eu nem sei o que pensar. Sinto meus batimentos ruidosos acelerarem.

— Benjamin.

— Eu preciso te beijar — é uma afirmação sofrível em sua voz.

Esperando por aprovação ao me encarar profundamente durante alguns poucos instantes de hesitação, ele a encontra (e isso me surpreende), e me encurrala contra a lateral do carro.

Seus lábios se aproximam dos meus, firmes.

Não é suave.

A língua (um sabor de menta e café) se empurra para a minha, áspera, decidida, exigente. E-eu nem bem sei o que estou fazendo, mas me pego querendo corresponder. Querendo muito. Abro a boca e permito uma dança de nossos lábios. É *diferente*, mas um diferente gostoso. Não tenho com o que comparar as emoções despertando dentro de mim, e são elas que me impelem a me empurrar mais ao

encontro dele, ao encontro disto que ele está tomando, talvez por surpresa, curiosidade, descobrimento, não sei bem. Só consigo pensar em como é bom. E assustador.

Em meio à névoa, suas mãos deslizam sobre a roupa pelo meu estômago, cintura e laterais dos quadris, criando um forte sentimento de energia, de feminilidade... e é este sentimento que me estimula a gemer em sua boca, esquecendo-me de onde estou. O grunhido apaixonado nem mesmo parece meu, tal é o estado em que me encontro.

Benjamin encara o som como um incentivo para ir mais além. Espantada, sinto o contato de seus dedos suaves explorando os contornos mais íntimos de meu corpo por cima do vestido.

É então que, contra todas as reações indescritíveis fervilhando em meu organismo, aposso-me de um único segundo de sobriedade em meio à névoa. Uma sobriedade necessária e urgente. E, ofegante, me afasto da loucura que se tornou a mistura de nossos lábios.

— N-não... — espremo os olhos cerrados.

Não. Não. Não.

Não é certo. Um estranho, num estacionamento, ainda mais sendo quem ele é. *Não é certo.*

— Não – repito a negação mais para convencer a mim do que a ele.

Levo as mãos ao seu peito num sincero intento de afastá-lo. Porém, me pego impossibilitada por um sentimento muito maior do que minha força de vontade. Um ímã me atrai para o contato e eu simplesmente me permito permanecer um pouquinho mais ali.

— Vo-você está tendo uma ideia errada... — murmuro.

Ao subir minha atenção para seu rosto, deparo-me com um homem tão ou mais assustado e confuso do que eu. Olhos dilatados em órbitas perseguem frenéticos os meus. Separo meus lábios alguns milímetros, em busca de oxigenação para absorver a cena. Seu semblante neste estado mortificado é uma das visões mais lindas e perturbadoras que já tive na vida.

A honestidade de seu assombro tem o poder de provocar um duelo em meu interior. De um lado, um querer seu toque tão profundo que me choca, e de outro, a razão apertando as têmporas vertiginosamente. *Ambos fortes e iguais.* Jamais experimentei algo assim... Meu coração retumba mais intenso, dando o veredito. Vence o lado que deseja que este homem avance um pouquinho mais, até onde eu achar que devo ir.

A decisão se torna clara em meu rosto, pois ele me toma em outro beijo, faminto, exigente... *perfeito.*

O aperto em minha nuca revela a possessividade do momento.

Gemo abafado.

— O que há em você, menina... — rosna em meus lábios, grave, descontente com a força que nos atrai.

Sua boca vem percorrer meu maxilar, com carícias arrastadas, indo para a curva do pescoço, onde planta uma mordida dolorosa e prazerosa. Inominável o sentimento que ele cria em mim; o mundo à minha volta de repente não importa mais. Tudo se concentra no contato. Sou pressionada com mais força contra o carro, nossos corpos unidos ao ponto de ser a única coisa me sustentando em

pé.

Mas então, suave e gradativamente, os carinhos vão... cessando. Devagar, até acabarem de vez. No lugar, uma fenda volta a nos separar.

Fraca, desabo a testa contra seu peito firme, em busca de algum apoio.

Por Deus, isso foi... foi... não sei explicar.

Único?

Como é possível um estranho mudar a maneira com que enxergamos algumas questões, e tão rápido? Quando eu poderia imaginar que um beijo, *um simples beijo!*, pudesse ser assim? Tudo parece de repente fazer sentido. O quebra-cabeças se encaixa: é *nesta* sensação viva que sempre acreditei, mesmo nunca tendo experimentado ela. Acreditei na sua existência, e estava certa.

O som de uma respiração agitada obriga-me a me concentrar de volta no momento. Sorrindo, subo preguiçosamente meu olhar para enfrentar a pessoa que, de uma hora para outra, mudou algo tão importante para mim.

O que encontro me confunde.

E me atinge em cheio.

Arrependimento. Estampado em seu rosto na forma mais transparente.

Ele dá um passo para trás. Encara o chão, desnorteadado. E sussurra, inexpressivo, algo que entendo como:

— Eu preciso ir...

Tento respirar bem fundo; não consigo. Tudo o que faço é baixar os olhos e concordar, num menear de cabeça. Sendo sincera, nem presto atenção para saber em qual direção ele se vai. Sua pressa em fugir me impossibilita de reagir. Sinto-me como alguém contendo uma doença altamente contagiosa.

Aérea, abro a porta e deslizo para o banco do motorista. A sensação de agulhas entrando na pele se mistura à vergonha. É como me sinto.

Observando sem foco a parede em frente, tento entender o que acabou de acontecer. O homem irritado que ontem invadiu minha loja lançando grosserias gratuitamente, e (para o meu azar) dono do carro em que bati hoje mais cedo, me beijou. Eu permiti. E o pior, num estacionamento. Então ele foi embora, apressado, parecendo arrependido até a alma.

Não sei o que predomina mais, a culpa, a vergonha ou a sensação de sujeira, como nunca pensei que sentiria.

Com as mãos tremendo e a cabeça pesando, debruço a testa contra o volante.

O que foi que eu fiz?

Uma lágrima quente acaricia minha bochecha, respondendo.



Capítulo 04

Benjamin

O que foi que eu fiz?

Enfio uma regata e bermuda, e subo direto para a academia. Desfiro soco atrás de soco no saco de areia, querendo exorcizar a última hora. Onde eu estava com a cabeça? Por que eu fiz uma besteira dessas? Não consigo entender a falta de autocontrole.

Nem deveria ter chamado ela lá, em primeiro lugar.

Eu poderia usar a desculpa da data de merda que foi ontem e o que ela representa na minha vida para justificar, ou a presença de meu irmão me fazendo lembrar da existência *daquele sujeito infeliz*. Mas é a Alice. A mulher tem isto. Ela é um desafio. A imagem irritantemente doce e gentil que ela quer passar me tenta, me testa. Alice pede para ser provocada, para ser desmascarada.

A verdade é que, por uma razão impensável, eu quis apenas vê-la novamente. No entanto, fui o único a ir longe demais.

A culpa é daquele maldito elevador! Tudo estava no lugar, mas então eu tinha mesmo de entrar naquela porcaria e ficar sozinho com ela? E ela tinha de parecer tão descaradamente afetada com a minha presença? Transparente demais, penosamente transparente.

O problema é que eu não pude evitar, precisava descobrir se ela era como eu imaginava desde o minuto em que a vi nesta manhã. Aqueles lábios. Aquele vestido contornando seu corpo. Aquele olhar curioso. A impertinência sob a delicadeza ensaiada, afrontando-me. Sentar-se lá, diante de mim, e corajosamente brincar com a minha cara, chamando-me de Desconhecido. A mulher precisava de uma lição.

Só não pensei que ultrapassaria meus limites com ela, tampouco que nossos corpos se encaixassem tão perfeitamente. Que fosse tão quente, macia e receptiva. Alice se mostrou ridiculamente inocente, do tipo que se apaixona fácil, que vende flores aos tolos românticos e provavelmente acredita nisso.

Não.

Não serei eu a mostrar-lhe a realidade da vida e quebrar ao meio suas ilusões. Já fizeram isso comigo, e acredite, aprendi.

Tendo a adrenalina nas alturas, coisa que há muito não sentia, subo na esteira e aumento a velocidade ao limite. Corro por mais de uma hora, até as pernas não aguentarem.



Jogo a toalha molhada de suor no cesto. Verifico uma chamada de minha irmã e disco de volta,

antes que ela abarrote a caixa de mensagens. A mulher é terrível quando quer.

— Oi, Ben! — ouço-a pedir licença para alguém ao fundo.

— Gabi. Como estão as coisas? — escondo meu péssimo humor, mesmo depois de todo o exercício, que não resolveu de nada.

Abro a geladeira e pego uma garrafa de água.

— Muito bem. Na semana que vem estarei aí. Peter disse que a mobília já está toda no apartamento.

— Legal — sua decisão de voltar é a melhor. Minha irmã empurrou tempo demais essa situação.

— E você, como está? — seu tom muda para aquele que já conheço.

— Bem, obrigado — tento cortar de uma vez.

— Não sei não... você me parece meio ranzinza — provoca, emitindo um riso baixo.

— Estou cansado. Isto é tudo — desestimulo as especulações, inutilmente.

— Se você diz — resmunga — Por falar nisso, alguma novidade? — a isca espirituosa tenta me pegar — Tem saído de casa ultimamente, Ben?

Este é seu caminho para chegar ao velho papo de sempre.

— Gabi, alguma vez lhe dei a impressão de que preciso de você se importando com a minha vida? — seguro a ponta do meu nariz, cansado.

— Ou a falta dela, você quer dizer — rebate, atrevida.

— Que seja. Isso não é da sua conta, certo?

— Ah, Benjamin, qual é o seu problema? Você pretende passar o resto da vida cultivando esse lu...

Interrompo-a. Não quero ter de ouvir de novo mais do mesmo.

— Já chega, Gabrielle — respiro profundamente — Eu preciso desligar, tenho trabalho a fazer. Falo com você na próxima semana.

— Espere, Ben! — ela chama antes de eu acabar com a chamada.

— Diga.

— Eu te amo, irmão. Me preocupo com você.

Eu sei disso.

— Eu também, Gabi. Eu também — admito e desligo.

Energizado de uma maneira fodida, vou para o escritório e tento trabalhar na minha nova tese. A concentração para isso é o grande problema. Só consigo pensar no cheiro da pele daquela mulher, no calor de seu corpo, no aperto em torno dos meus dedos.

Doce Alice... uma encrenca sem tamanho.

Alice

O *pub* está cheio, combinei de encontrar minhas amigas aqui esta noite. É um dos lugares que normalmente frequentamos sempre que queremos nos divertir e papear. Sou a última a chegar. Demorei demais em casa, pensei até em não vir, não estava me sentindo muito bem.

— Alice! — Júlia grita de longe, acenando com a mão.

Ando diretamente para onde elas estão.

— Jú, você está linda. O ar da fazenda te faz muito bem — sorrio e abraço-a depois de quase um mês longe.

— Ar da fazenda? Esta espertinha mal deve ter saído do quarto — Pini ri, dando um tapinha na bunda de Júlia, e depois me abraça apertado.

— Pelo jeito você também andou se divertindo, Pini, sua aparência está ótima — brinco, assistindo ao seu sorriso aberto.

— Digamos que quase isso.

— Ali, gata, você demorou! — Katy me puxa para um beijo.

— Dia corrido... Renovando estoque, fazendo balanço, vocês sabem como é — e uma dor de cabeça persistente desde o episódio com aquele homem, mas esta parte eu omito.

— Precisamos de tequilas para aliviar! — ela sugere, divertida.

Hoje é a noite das garotas. Fazemos noites assim desde a faculdade, somente nós quatro.

Pedimos nossas bebidas e nos sentamos. Observo minhas amigas conversarem e, inevitavelmente, meu pensamento viaja para outros caminhos. O que aconteceu hoje não foi nada bom. Dei uma ideia errada para ele. Não sou uma pessoa de encontros furtivos, e me sinto extremamente culpada por agir daquela forma.

Sua saída abrupta, nitidamente arrependido, só deixou tudo pior. Sou mesmo uma estúpida. O que ele deve estar pensando de mim agora? Eu mesma mal pude me encarar no espelho.

— O que há de errado, Ali? — Katy questiona baixo, atraindo minha atenção.

Noto seus olhos atentos em mim, sustentando uma expressão desconfiada. Balanço a cabeça fracamente, negando. Acho que não sou capaz de falar sobre isso, não hoje.

— Não é nada, só estou um pouco cansada — sorrio, otimista.

Ela estala a língua, astuta.

— Você é uma merda para mentiras, garota. Sempre foi.

Katy tem razão. Desvio meus olhos para o copo, não sendo capaz de encará-la por mais tempo, ou dizer qualquer coisa.

Escuto-a suspirar dramaticamente.

— Ok. Vou deixar você achar que me engana, por algum tempo — cochicha perto do meu ouvido e entorna seu copo de tequila, emitindo um ruído de desgosto pela queimação — Mas estou

de olho.

— Sim, Katy, eu sei disso — seguro sua mão, agradecida.

Ela me lança uma piscadela, ciente de que há mais. Katarina tem este jeito descontraído, porém é muito perceptiva. Nada passa por ela. Katy e Pini são leoas. Juntas, se tornam impossíveis.

Mais conversas até que uma nova rodada de bebidas é entregue.

— Se hoje não fosse nossa noite, eu ficaria bem feliz em dar um passeio até aquela mesa ali — Pini aponta com a cabeça para o lado, onde alguns caras nos observam e fazem de tudo para se exibirem — Não hoje — ela eleva o copo — Hoje eu só quero estar com as minhas garotas.

De seu próprio modo provocativo, quebra a fagulha de esperança alimentada por algum deles para esta noite.

— Um brinde à solteirice! — Katy levanta seu copo — E também àquela namorando um fazendeiro rico — rindo, ela aponta para Júlia e toma sua bebida numa virada.

Júlia ri alto.

— Que brinde poético, Katarina — provoco-a, segurando meu copo.

— Ela é realista, Ali, sabe o que é melhor — Pini diz logo após uma careta de quem acabou de entornar a tequila mais forte da cidade.

— Existem caras legais por aí — defendo, e tomo metade do líquido. Não evito estremecer com a queimação rasgando a garganta.

— Gata, eu queria ter a sua fé — Katy faz beicinho.

Dou de ombros.

— Melhor não, minha fé está começando a se abalar — viro o restante da tequila.

Fecho os olhos por um instante com a sensação do álcool derretendo o caminho para meu estômago vazio, até perceber o silêncio incomum. Espio e vejo seus rostos sérios me encarando.

— O que... ? — limpo a boca e sorrio — Gente, foi uma piada!

Elas permanecem me encarando por um longo momento de total desconforto — *para mim*.

— Desembucha, Alice, o que está havendo? — Pini, em seu modo protetor, começa a inquirição.

Engulo a sensação de incômodo. Nós sempre conversamos, a respeito de tudo, e me sinto mal por não contar sobre Benjamin.

— Ah, vocês sabem, dia dos namorados mexe um pouco comigo — encolho os ombros, tentando parecer convincente — Estar sozinha nesse dia...

Minhas irmãs me analisam por mais tempo, avaliando a resposta. Mantenho-me forçadamente serena. Após um escrutínio, decidem me aliviar e mudar a direção da conversa, finalmente me permitindo respirar. Não gosto de mentiras, mas a verdade é que nem sei o que dizer. Ainda não analisei o peso do meu erro.



Já em casa, deitado na cama, encarando o teto do quarto. A imagem do homem de olhos exóticos

e a memória daquele beijo não saem da minha cabeça. Eu me senti viva, talvez pela primeira vez. Não gostaria de manchar esta memória, mesmo que seu arrependimento tenha estragado o momento – e não consigo entender este ponto; repassei a cena mil vezes, nada explica sua reação.

Inspiro profundamente.

Deve haver uma explicação. Sinto que sim.

Da próxima vez que nos encontrarmos, espero que possamos conversar.

É com este pensamento que adormeço.



Uma enxaqueca contínua me faz voltar para casa mais cedo. Não faço isso com frequência, bem, não *fazia*, mas pelo segundo dia consecutivo (e talvez motivada pela mesma pessoa), estou recorrendo ao conforto do meu quarto para amenizar a incômoda latência nas têmporas.

Quando entrei na loja nesta manhã, Sabrine sorriu condescendente ao analisar meu estado. Justifiquei como sendo consequência das tequilas... No entanto, não ficou melhor: no final da tarde, o entregador deixou um envelope pardo contendo o formulário da seguradora que eu havia deixado com Benjamin. Ele devolveu sem preencher. Um pequeno bilhete anexado com um clipe dispensava o serviço e informava que seu carro já estava no conserto. Sem nenhum telefonema, apenas uma nota impessoal. A sensação de decepção foi inevitável.



Capítulo 05

Duas semanas depois...

Alice

A cidade amanheceu um caos. Os ventos e as chuvas leves dos últimos dias se transformaram num dilúvio. Cheguei ao trabalho com muito custo, metade dos semáforos está queimada e boa parte do bairro sem luz. Michelle, Leo e Ingrid não vieram porque o metrô parou e os ônibus formam filas de engarrafamento.

Sabrine está segurando as pontas na loja quase sem movimento, fico no escritório trabalhando no planejamento do evento que teremos esta semana. O reitor da Universidade Estadual nos contratou para organizar uma comemoração, em dois dias, em homenagem a um docente. Seremos responsáveis pela decoração, pela iluminação e pelo som. Estou fechando parceria com uma empresa de *buffet*. A ocasião é elegante, pediram especificamente flores brancas. Minha equipe está trabalhando nos detalhes. Este evento vai pôr à prova nosso trabalho e pode alavancar a empresa. Clientes em potencial estarão lá, precisamos fazer tudo certo.

Hoje faz duas semanas desde que tive aquele encontro com Benjamin. Apesar dele não ter dado nenhum sinal de vida, não consigo deixar de refletir sobre o que houve. Agora tudo está claro: para ele, não teve importância alguma. Envergonha-me pensar assim, mas não há outro termo.

Esforço-me a seguir em frente... o problema é que meu corpo parece ter sido ativado por ele depois de permanecer dormente uma vida inteira. Inexplicável. Foi especial. Pode não ter significado nada pra ele, mas para mim significou algo. Aquela sensação, eu jamais senti antes. A aventura, a emoção, as cócegas no estômago enquanto ele me beijava...

Devo parar.

Distraída, escuto Sabrine bater à porta.

— Ali, temos uma entrega programada para as duas horas. Como faremos?

Tiro os olhos do computador (em que eu já não prestava atenção) e fito-a.

— Acho que terei de ir. Leo não vem hoje — coço a cabeça, deixando a caneta de lado.

Verifico o relógio, que marca uma e meia.

— Onde é?

Ela me passa o endereço. O lugar não é tão longe, todavia, tendo em vista a maneira como a cidade está no momento...

— É melhor eu ir agora. São dez minutos até lá em um dia normal, mas o trânsito está terrível.



Faltando cinco minutos para o horário marcado, chego ao elegante prédio. Estou parcialmente encharcada, o guarda-chuva pouco adiantou. Pisei em várias poças de água do local em que estacionei até aqui, e tenho certeza de que é o fim das minhas botas. Gosto deste par, elas combinam com a saia e sobretudo que estou usando hoje.

Falo com o porteiro através do interfone; ele libera a minha entrada. Agradecendo-o, deixo o guarda-chuva no lugar indicado próximo à porta. Ótimo, tenho quatro minutos para pegar o elevador, subir dez andares e fazer a entrega. De onde ficam os elevadores, tenho um vislumbre de alguém entrando em um deles.

— Segure! — grito, pedindo para quem quer que seja.

Por sorte, a pessoa mantém a porta aberta.

Enquanto corro os seis ou sete metros para alcançá-lo, dou uma rápida verificada nas flores, me certificando de que permanecem intactas. Protegi elas com todo o cuidado para que não fossem destruídas com a tempestade.

— Obrigada — suspiro, aliviada ao entrar, e subo o olhar para o meu benfeitor.

Minhas pernas estremecem no momento em que meu cérebro processa a visão: Benjamin, com uma tocante expressão de surpresa, semelhante à minha.

Fico sem reação. Cogito voltar e sair, mas olho para as flores em meus braços. Por um milésimo de segundo, eu realmente não sei o que fazer. Estou petrificada.

Ele estreita os impressionantes olhos azuis, afiados.

Não. Não posso ficar aqui.

Decido recuar. Dou um passo atrás, no entanto, as portas já estão fechando às minhas costas.

Oh, caramba...

Inspirando profundamente, me apresso em girar de frente para o painel. De costas pra ele, aperto o número do andar em que preciso ir.

— Olá, Alice — diz baixo, atrás de mim.

— Oi — sussurro, tentando parecer calma.

Não me viro, mas sinto seu olhar em cada fragmento do meu corpo. A memória tão vívida do que fizemos reacende uma energia quase sufocante. Minhas orelhas esquentam. Meu coração ganha um ritmo descompassado. Retraio o corpo para ficar o mais longe possível da força que emana dele.

Prendo a respiração e fecho os olhos.

O elevador começa a subir rapidamente, não me acalmando em nada.

De repente, um solavanco forte na pequena caixa interrompe o movimento. Isto faz com que eu me desequilibre por um instante. Apoio a mão na parede e seguro o arranjo de flores com mais firmeza. Observo uma luz vermelha se acender no painel e nada acontece por um longo minuto. São os sessenta segundos mais demorados da minha vida.

O elevador dá outro solavanco e o painel se apaga.

Oh, não! Por Deus, não!

Isto não pode estar acontecendo.

Encosto a testa no aço frio, ao lado do painel... até que o sinto. Sua mão atravessa vagarosamente por cima do meu ombro, sem me tocar, e aciona o botão de emergência do interfone ao lado da minha cabeça.

Mesmo de costas para ele, sei que está muito próximo, quase me tocando. O calor de seu corpo pode ser sentido até mesmo através do meu espesso casaco. Cerro os olhos e prendo a respiração de novo. Benjamin está propositalmente inclinado sobre mim. Se eu tivesse a audição um pouco mais apurada, poderia até ouvir sua pulsação.

— Estamos presos no elevador — ele diz ao interfone, numa rouquidão difícil de lidar.

Uma voz estridente responde do outro lado.

— Doutor Benjamin, a energia acabou no quarteirão todo. Agunte aí que já estou verificando o que fazer.

Fecho os olhos com mais afinco, rezando uma pequena prece para que isso acabe logo.

Benjamin não se move nenhum milímetro. É como se estivesse me provocando. Espremo meu corpo contra a parede de aço ainda mais. O calor insuportável começa a me aquecer. Meu casaco não está ajudando em nada. Sua mão continua encostada no painel, e agora, sinto sua respiração no topo de minha cabeça, quente, soprando meu cabelo.

— Você pode se afastar um pouco, por favor? — peço baixo, quase sussurrado.

Ele não se move.

Homem difícil.

— Benjamin, por favor.

Ao meu pedido, ele tira a mão que estava encostada na parede ao lado do meu rosto, mas não move o corpo.

Desvio para o lado esquerdo, sem tocá-lo, deslizando pela parede como uma maria-mole, e me afasto para o canto oposto do espaço. Benjamin se vira, ficando de frente pra mim, e se encosta ao lado do painel. Com os braços cruzados sobre o peito em sua postura arrogante habitual, ele me encara. Sei que está fazendo isso porque posso enxergar pela visão periférica, mas faço questão de não olhá-lo de frente.

— Você está com medo de mim, Alice? — a voz tranquila esconde um suave deboche.

Não respondo. Não sei lidar bem com provocações.

Ele ri baixinho.

— Ah, não quer conversar? — seu tom é um desafio.

Inspirando discreta e profundamente, levanto meus olhos para ele. Sou atingida por uma energia indescritível, desconcertante. Seu rosto sério me fulmina de modo ruim, muito ruim.

— E então? — arqueia a sobrancelha.

A provocação arrogante tenta me desestabilizar, eu sei.

— Não, eu não estou com medo de você — respondo, me forçando a parecer no controle.

— Pois não é o que parece — o homem abre um sorriso predador, que não alcança os olhos... e *droga!*, arrepia minha pele.

Abraço as flores com mais força, encarando-o sem saber como agir. Benjamin está me testando, esta é a verdade. Não posso dar a ele o poder de me desconcertar com sua intimidação. Por alguma razão, é isto o que ele quer.

Suavemente, aliso uma pequena pétala gotejada de chuva, enquanto limpo a garganta.

— Fico feliz que você não tenha precisado do meu seguro. Me fez economizar a taxa de franquia. Obrigada — sorrio calma em minha fachada, tentando transferir a conversa para longe da aura densa, inflamada pela provocação em seu rosto.

— Estou satisfeito por fazê-la economizar, Alice. Sua distração, por outro lado, me custou uma boa grana.

O sorriso bonito de um jeito perigoso permanece inabalável.

Tudo está quente. Não quero ceder ao calor e retirar meu casaco, Benjamin reconheceria que tem certo efeito sobre mim... bem, e tem mesmo. É aquela familiar sensação de pouca ventilação. Desvio de seu olhar e observo minhas botas. Agora que estão secando, grandes manchas aparecem nas pontas.

O homem continua me filmando, eu posso sentir. Tento focar meu pensamento no evento na universidade, para tirar minha concentração dele.

— E estas flores, quem é o grande “sortudo” do dia? Espero que não eu, de novo.

O insulto faz com que eu o encare. Encare mesmo.

— Você não teria esta sorte. Elas são para alguém especial.

Ele pisa um passo à frente.

— E eu não sou especial?

— Não foi o que eu disse — mantenho a linha.

Ele dá outro passo. Meu rosto queima e meu coração se movimenta mais rápido contra as paredes do tórax.

— Então eu *sou* especial?

Sufoco uma respiração e não respondo.

Benjamin guarda no bolso de trás da calça o que parecem ser correspondências e vem mais perto, ficando a poucos palmos de mim.

— Pensei que eu tivesse sido especial pra você, Alice, num estacionamento, há quinze dias — o timbre sedutor sussurrado é quase insuportável.

— Você quer que eu agradeça? — pergunto secamente, na defensiva.

Ele ri um som alto, gostoso de ouvir.

— Foi um desafio?

Respiro fundo, sem nenhuma vontade de manter nesta situação.

— Eu não quero entrar nessa, Benjamin. Desculpa se eu fiz alguma coisa ou te dei uma ideia errada. Por favor, pare com este joguinho.

— Acha que estou jogando? — os olhos claros viajam para minha boca.

Engulo a pouca saliva.

— Sim — digo, honesta — E gostaria que você parasse... e se afastasse também.

— E se eu não quiser parar, ou me afastar? — ele desafia.

Olho no fundo de suas íris.

— Vou pensar que você tem um jeito sádico de se divertir.

As palavras mexem com ele. Seu maxilar se contrai e os olhos ganham intensidade. Intimidante, inclina o rosto para mim, sem pressa, ficando na mesma linha.

— Eu não jogo — ele quase roça os lábios pela minha bochecha e para no canto da minha boca, falando mansamente — Você mexe comigo, Alice. Isto me incomoda muito...

Fecho os olhos e os lábios. Não. Apesar da sensação borbulhante no estômago, eu não posso permitir que se repita.

O som estridente do interfone corta o momento, uma salvação.

— Doutor Benjamin, infelizmente o transformador da rua foi atingido por um raio — a voz do homem recua uma nota — Foi a tempestade. Mas o técnico de manutenção já está aqui para resolver a situação.

A informação me decepciona.

Benjamin afasta a cabeça algumas polegadas e se vira para a origem do som.

— Quanto tempo?

— Será rápido, doutor.

O homem volta sua atenção para mim, com uma mescla de divertimento e desconfiança.

— Primeiro as malditas plantas — a fala é baixa — Depois a batida no meu carro — ele se inclina novamente na direção do meu rosto — E agora um raio, falta de energia e elevador parado — a boca quase me toca, chego a sentir seu hálito quente — Você é um ímã para problemas, não é, Alice?



Capítulo 06

Alice

O modo repleto de luxúria com que Benjamin fala arrasta tremores por minha pele. Expiro, sentindo-me mais fraca.

— Você quer dizer que eu tenho culpa nisso?

As profundezas azuis se tornam sérias.

— O que acha?

Baixo os olhos, desviando-os dos seus.

— Não quero ser um problema pra ninguém, Benjamin, eu só quero seguir em frente e entregar estas flores.

Aperto o buquê contra meu peito. De repente, sinto as flores deslizando para fora dos meus braços. Subo meu olhar para ele.

— Mas o que...? — protesto, assistindo ao buquê ser cuidadosamente encaixado pela haste no vão entre a parede de metal e o corrimão.

Benjamin volta pra minha frente, os dedos longos e frios alisam meu rosto e pegam uma mecha do meu cabelo, colocando-a atrás da orelha.

— O que deveríamos fazer a respeito, doce Alice?

Ignorando o que eu disse, obviamente com um objetivo em mente, já não há nenhuma distância entre nossos corpos.

— Por favor, Benjamin... — na minha cabeça, quero pedir para que ele pare o que quer que esteja tentando fazer. Por algum motivo irracional, não consigo terminar a frase.

Imóvel, observo a aproximação lenta de sua boca. Suas mãos envolvem meu rosto, exigindo-me para si. Impeço a entrada e, como punição, recebo uma suave físgada de seus dentes cravados no meu lábio inferior. A língua aproveita o momento de dor e invade o espaço, alastrando o sabor de menta... tão bom.

Meus pensamentos se nublam.

Eu não deveria. Não está certo.

Num segundo de sobriedade, empurro seu peito, tentando afastá-lo.

— Não... — murmuro.

— Por que não, Alice? — brincando comigo, ele roça seus lábios provocativamente em meu pescoço desta vez, arrepiando a pele, extraindo de meu corpo sinais de traição à razão.

— Não está certo... — esboço sem firmeza.

É assim que me sinto perto deste estranho. Sem firmeza, como agora, instante em que tudo de mim deseja aquela sensação novamente, deseja se sentir viva em suas mãos, mesmo sendo a coisa mais errada do mundo.

Seus lábios voltam lentamente para os meus, provocando cócegas.

— Você não gostou do meu toque, Alice?

Alice, Alice, Alice, ele recita meu nome como o canto enfeitiçado das sereias, querendo que eu deixe de pensar no que é certo.

— Não — ... *se aproxime de mim*.

Era a frase que eu gostaria de dizer.

— Então preciso me esforçar mais, não acha?

— Por que você faz isso?

— Eu não sei — ele responde. *Responde!*

Fecho os olhos, odiando me sentir tão bem.

No meio da névoa, um tranco no elevador me obriga a me agarrar aos seus ombros para me manter em pé.

Ele ri de um jeito rico, grave.

— Isso vai demorar... — a rouquidão em sua voz não esconde a diversão.

— A gente deveria aproveitar para conversar...

— É mesmo? — enterra a cabeça na curva do meu pescoço. Tenho a sensação dele estar cheirando a minha pele.

— Eu nã...

Ele me corta com um “Shh”.

— Você não entende... — insisto.

— Não. Acredite, eu não entendo. Mas isso não me impediu de ter pensado em você todos os dias...

Pela maneira como diz, dá a entender que pensar em mim foi algo que o desagradou.

— Por que você não me procurou?

Droga, que estúpida! Não deveria questionar uma coisa destas. Mostrar a ele o quanto desejei que ele aparecesse na loja para... sei lá para quê. Não entendo como alguém pode simplesmente tratar o outro como um... um...

Parecendo ler meus pensamentos, ele me beija. Um beijo de verdade, profundo, intenso, demonstrando uma porção de coisas que palavras são incapazes de dizer. Katy sempre falou que eu deveria me soltar alguma vez na vida, ver o quanto isso era bom. Eu deveria? Já não sei de mais nada! Tudo o que sinto é a energia atijando meu estômago, provocando vontade de rir, de gritar apenas por gritar.

É quando a razão cortante ressurge em meio à bagunça; ofegante, me afasto e escoro a cabeça contra a parede.

— Você está querendo brincar comigo, Benjamin, eu não sou assim — pressiono de leve seu peito, num pedido para que se afaste.

E ele o faz.

Dá dois passos para trás, encarando-me por alguns segundos. De repente, algo em sua expressão muda. É como se estivesse saindo de (ou entrando em) um feitiço, um transe. O semblante se transforma: olha-me sem aquela malícia debochada; está atordoado, confuso, perdido.

Até mesmo sua linguagem corporal se torna reveladora. Trinca o maxilar, denotando toda a força imposta na mandíbula, e os punhos se fecham. Seu corpo assume uma postura ereta, o olhar a vaguear pelo chão, em busca de algo. A imagem completa é de um homem atormentado, alguém que guarda em si uma grande ferocidade, não contra mim, mas contra o mundo, eu acho.

Um déjà-vu.

Caramba, a cena toca-me a alma.

— Benjamin...?

— Você tem razão. Isso não deveria ter acontecido.

Planto um passo à frente, querendo alcançá-lo – não fisicamente se é possível.

Benjamin se afasta, dando-me as costas. O ímpeto de querer ajudá-lo, querer que ele converse comigo é tão grande, visceral, como nada que eu já senti.

Neste instante, por uma obra do destino, o painel emite um sinal sonoro, dá um tranco mais suave... e o elevador nos coloca de novo em movimento.

Aturdida, encaro suas costas.

— Benjamin...

Não se move ou responde. As portas se abrem. Sou obrigada a apanhar o buquê, antes de olhá-lo uma última vez.

— Adeus... — ainda digo.

Piso fora, mecanicamente, e dou de cara com uma senhora em seus sessenta e poucos anos. Ela olha de mim para o homem dentro do elevador, e de novo pra mim. Até que ouço as portas se fechando, levando-o embora.

Tentando me recompor, sorrio para a senhora, mas não sei o quanto pareço convincente.

Puxo o cartão do buquê, intacto.

— O nome da senhora é Mérice? — pergunto com a voz instável, mantendo o sorriso num esforço.

Ela repara nas flores e seu rosto se ilumina.

— Sim, sou eu! — a mulher dá duas palminhas de felicidade.

— São para a senhora — ofereço com um pouco mais de vida — Eu deveria lhe entregar às duas horas, mas fiquei presa no elevador — me desculpo e entrego a encomenda.

Cheirando as flores, ela pega o cartão.

— São do meu marido! Estamos fazendo aniversário de casamento hoje — a mulher dá uma piscadela cúmplice.

— Parabéns, senhora — tento algum entusiasmo.

Ela me olha, de cima a baixo, avaliando-me.

— Aquele homem fez algum mal a você, querida? — a pergunta é carregada de indiscreta preocupação.

Pisco algumas vezes.

— O quê? A senhora diz aquele homem no elevador? — sinto minha face ruborizar.

Ela faz que sim com um menear.

Sorrio constrangida.

— Oh, não, não.

Aproxima-se mais.

— Sabe o que dizem sobre ele? — cochicha.

Nego, mas sei que ela não estava esperando uma resposta para derramar o mexerico.

— Que ele assassinou a jovem esposa.

A informação atinge minha cabeça como um martelo.

O que essa mulher acabou de falar? Benjamin é um... assassino? Ele ma-matou a esposa?

Um mal estar sufocante me impede de continuar mais tempo aqui.

— E-eu preciso ir — gaguejo, aérea.

Sem nem olhar para a mulher, tato por uma porta ao lado do elevador, onde um aviso indica as escadas.

— São dez andares! — escuto a mulher gritar atrás de mim.

Dez andares não são nada perto desta sensação.



Capítulo 07

Alice

— Hoje você está especialmente mais calada, Ali...

É Pini quem diz, sentada no sofá de Júlia. Estamos jantando em seu apartamento.

O que eu poderia dizer? Que passei o último dia pensando em um homem que possivelmente assassinou a esposa? Uma pessoa rude, que mexeu comigo de um jeito inexplicável? E se o que a mulher disse for verdade? E se o peso que pensei ver nele seja a culpa?

Quem é aquele homem, afinal?

— Estou pensando no evento de amanhã, Pini. Você sabe, haverá pessoas importantes lá, será uma vitrine para nós.

— E você se dará muito bem, não há nada a temer — ela incentiva, naturalmente.

Sorrio, porque, de verdade, é só o que consigo fazer.

— Vocês sabem o quê? Nós deveríamos sair para comemorar o sucesso da Ali — Katy sugere — Não amanhã, claro, mas depois de amanhã, o que acham?

— Por mim, perfeito. Semana que vem vou para a fazenda, vocês sabem... — Júlia beberica o vinho — Fred não poderá vir, vou eu.

— Sua vida está tão entediante, garota — Pini brinca — Ter de estar lá, com todo aquele verde, cachoeiras, piscina, sol, deve ser horrível.

— Sem contar o dono da fazenda, não é? — Katy entra na brincadeira.

Júlia se joga para o encosto do sofá e ri, sem timidez.

— Eu amo aquele lugar, meninas. Amo. Quando abro as janelas aqui de casa, sinto uma falta de respirar o ar fresco de lá, sabe?! — ela suspira.

— Aham, a gente faz uma ideia do tipo de ar fresco que você anda recebendo.



Revirei na cama durante toda a noite tentando dormir, mas nem o mais otimista conseguiria. Tudo o que fiz foi pensar *naquele* olhar. Droga de olhar.

Dei o meu melhor para manter a bola em jogo durante todo o dia, e chegar a este momento: a noite do evento mais importante que nossa empresa já fez.

As pessoas começam a chegar. Mulheres em belos vestidos longos e homens em traje social reúnem-se no salão, assumindo seus lugares às mesas. É um evento de gala. Pensando nisso, me arrumei com bastante cuidado. Estou vestindo um lindo *tailleur* de paletó e saia com corte pouco

acima do joelho, todo preto, ajustado com perfeição ao corpo; sapatos de salto agulha e bico fino preto em verniz; e os cabelos presos em um coque arrumado. Nos olhos, passei delineador, e, nos lábios, batom vermelho.

Dou uma volta pelo salão para verificar alguns detalhes. O som ambiente agradável recepciona os convidados, a iluminação baixa e discreta faz as pessoas se sentirem confortáveis. Enormes cortinas de tecido vermelho, atrás de onde o reitor fará a homenagem, conferem elegância ao palco. Mesas redondas com lugar para dez pessoas estão posicionadas na distância ideal entre uma e outra, com toalhas impecavelmente estendidas sobre elas e louças corretamente postas. Orquídeas brancas em altos e estreitos recipientes de vidro foram colocadas em cada mesa. Ao entorno do salão, mais orquídeas estão estrategicamente posicionadas. O visual completo ficou deslumbrante, tal qual planejamos.

Em um curto espaço de tempo, pouco mais de duzentas pessoas estão sentadas, conversando entre si. Garçons bem alinhados servem champanhe e canapés. O reitor não demora a chegar: um senhor na casa dos sessenta anos, eu imagino; de altura mediana, um pouco acima do peso, não muito. Seu terno de três peças acentua a elegância compatível com a de sua esposa, uma senhora loira bem cuidada, coberta de pérolas e com um bonito vestido esmeralda.

Depois que ele cumprimenta seus convidados, logo se aproxima de mim.

— Alice, querida, este lugar está irreconhecível — pega minhas mãos e as beija, um cavalheiro.

Sorrio abertamente.

— Obrigada pela confiança, senhor.

— Você fez um bom trabalho naquele noivado também. Esteja preparada para organizar o casamento — lança-me uma piscadela.



Estou na cozinha checando os últimos preparativos para o jantar quando Leo me avisa que o reitor fará o pronunciamento no palco. Duas modelos contratadas, trajando vestidos longos pretos, o esperam lá, segurando placas de condecoração que serão entregues ao homenageado.

O reitor se aproxima do microfone.

— Senhoras e senhores, boa noite... — diz, confiante. O som de sua voz sai perfeitamente audível nos alto-falantes.

As pessoas se levantam, respondendo em coro.

Ovacionado, ele continua o discurso, agradecendo a presença dos ilustres convidados. Fala sobre este ser um daqueles momentos que entrarão para a história da instituição, discorre a respeito dos feitos do homenageado, entre eles o sucesso de uma importante pesquisa conduzida em parceria com uma renomada universidade americana, publicada este mês.

Tudo vai para segundo plano em minha mente quando ele convida o tal doutor para o palco, chamando-o pelo nome. Benjamin Schmütz. *Benjamin*.

Sinto um enfraquecer nas pernas em expectativa e, imediatamente, me afasto mais para a escuridão, a espreita de saber se é quem eu estou pensando...

Não pode ser a mesma pessoa...

Suo frio quando constato que sim, *é* o mesmo. Entre todas as pessoas, *é* justamente *ele*.

Da segunda mesa, um elegante Benjamin se levanta e fecha o botão do impecável terno escuro e camisa branca, arrematado por uma gravata fina preta. Seus cabelos castanhos perfeitamente penteados parecem mais claros. O sorriso contido e gelado em seu rosto é algo que eu ainda não tinha visto: é profissional, como uma máscara para a sociedade, e não atinge seus olhos. Claramente, ele não parece confortável por estar aqui.

Aliso as mãos na lateral da saia, tirando um vinco invisível, distraíndo meus batimentos de repente fora de controle. De onde estou, ele não pode me ver. Sou então assolada por um grande dilema: ficar ou sair. Eu deveria sair agora. Se eu for embora, ele nunca saberá que estive aqui. O problema é que a curiosidade em mim não quer permitir. Por mais que eu deseje fugir, não consigo. O máximo que faço é me espreitar para trás de uma coluna, observando-o dirigir-se até o palco, seguido por aplausos calorosos.

Benjamin aperta a mão do reitor de um modo muito formal, e sustenta friamente o sorriso ensaiado, enquanto escuta o senhor fazer mais elogios em reconhecimento ao seu trabalho. Não deixo de notar que as modelos contratadas tornam-se muito sorridentes ao lado do belo homenageado.

Meu coração bate louco dentro do peito, emocionado, quando ele ajusta o microfone à sua altura.

A situação em que fui me meter... Possivelmente ele seja um assassino e aqui estou eu, ansiosa por ouvir sua voz, saber mais dele, um pouquinho que seja.

Benjamin limpa a garganta. O ângulo reto de seu rosto é especialmente embelezado pela luz direcionada a ele. O homem é muito bonito.

— Boa noite — sua voz grave no microfone é um deleite.

As modelos ao seu lado sorriem demasiadamente, por assim dizer.

— Obrigado — ele espera que os aplausos cessem — É um privilégio receber tão relevante homenagem. Agradeço a esta instituição pelo apoio, na figura do ilustríssimo reitor, e ao suporte prestado pelos importantes colegas do departamento de pesquisas.

O reitor, ao seu lado, cochicha alguma coisa que faz com que a expressão de Benjamin se altere sutilmente, desagradado.

— Agradeço também pelo apoio financeiro dos senhores, e ressalto a importância dele para a continuação de todo o trabalho realizado aqui — seu tom não é o mais adorável, porém, não diminui a energia dos presentes em aplaudi-lo mais.

Satisfeito, o reitor sorri e se aproxima do microfone.

— O doutor Benjamin é um homem de poucas palavras, mas suas ações têm trazido grandes conquistas para a área — vira-se para Benjamin — Tenho muito orgulho de você, meu jovem.

Esta última parte, mesmo de longe, mostra-se verdadeira, e consegue arrancar o primeiro sorriso legítimo do homem que até então parecia uma pedra de gelo imaculada.

É a minha deixa para fugir. Volto à cozinha, ansiosa, tremendo, sorrindo por algum motivo

tolerância... e me detestando por estar feliz.

Benjamin

Alice está aqui. Uma energia maior me atrai para a sua presença. Eu a vi assim que coloquei meus pés no lugar, mas que diabos eu deveria fazer?

Nada.

Foi exatamente o que fiz.

Em primeiro lugar, eu nem gostaria de estar nesta porcaria de encenação. Metade dos ilustres homens sentados a me aplaudir nunca fizeram nada efetivo pelo departamento de pesquisa desta universidade. Recursos empecados por laboratórios privados são praticamente a única maneira dos trabalhos prosseguirem. Quando o reitor veio com essa de me homenagear, eu soube que tudo não passava de uma estratégia para sacudir um pouco os bolsos desses demagogos imbecis. Seu argumento para me convencer? A maldita verba para o próximo ano. Minha responsabilidade como coordenador de pesquisas de um departamento inteiro me levou a aceitar, a contragosto.

Ter a mulher aqui acabou por tornar tudo mais suportável.

Não me contive e a persegui com os olhos por todo o seu caminho enquanto ela conferia o trabalho feito, sempre me mantendo à sombra, escondido de seu conhecimento. E quando fui chamado ao palco, através da visão periférica, vi sua surpresa e a forma como recuou para não ficar à vista. Possivelmente ela me odeie. E não posso culpá-la. Mas eu estaria mentindo se negasse o quanto tê-la por perto mexe com a minha mente. Tem sido assim desde que a infeliz cruzou o meu caminho.

Desço do palco, satisfeito pelo reitor manter sua palavra e não estender meu momento ali em cima.

Alice

Aagitada, ando de um lado a outro na cozinha, tentando ajudar, mas estou distraída demais brigando contra a vontade de voltar correndo pra casa. No salão, a refeição está sendo servida. Sabrine coordena a ação com os garçons, o que me possibilita dar uma fugida para a saída de serviço. Preciso de ar fresco. Preciso mesmo. Quando eu poderia esperar que todo o trabalho a que me dediquei durante a semana era para homenagear justamente *ele*?

Sinto-me tensa, uma leve picada faz pressão na têmpora.

Do lado de fora, apoio a mão na parede de tijolinhos e respiro fundo, absorvendo a brisa boa da noite e expirando devagar.

Que peça é essa que o destino tem me pregado?

E então, antes mesmo da voz grossa alcançar minhas costas, eu o sinto. É algo que sou incapaz de explicar, transcende o físico.

— Se escondendo?

Em resposta, meu coração ruge, acelerado; os músculos se contraem; a pele se arrepia inteira, eriçando os pelos.

Benjamin para ao meu lado, descansando as mãos nos bolsos, casualmente.

Encaro o céu, buscando forças.

Percebo-o olhando pra cima também.

— Você não respondeu — fala baixo, suave.

Dou-me imediatamente conta de que sua presença nesta área reservada para o *staff* não pode ser uma coincidência.

— Como você sabia? — sussurro, sem muita energia para discutir.

— Eu soube que estava organizando este evento. Você foi a primeira pessoa que eu vi quando cheguei.

Suspiro.

— Por que você está aqui, Benjamin? — indago, calma.

— Talvez pelo mesmo motivo que você — ele dá de ombros — Fugindo.

Mantenho-me calada.

— Com a diferença de que eu estou fugindo de todas aquelas pessoas, — ele abaixa os olhos para o meu rosto — e você está fugindo de mim, Alice.

Meu estômago revira de uma forma que não consigo catalogar se é boa ou ruim.

Acho que é ruim. Sinto-me fisicamente cansada da carga tensa que me assola quando estou perto dele. Sua imagem assombrada naquele elevador, junto da informação de que ele assassinou a esposa, me manteve acordada pelas últimas noites.

— Eu não quero mais você perto de mim — afirmo baixo, olhando para as estrelas.

— Eu te entendo — sua voz rouca soa sem vitória ou deboche, nada — O problema é que eu não consigo ficar longe quando você está perto.

Que loucura. Sinto a verdade, apesar e contra qualquer outra coisa, eu poderia jurar que ele está sendo sincero. E isso me toca, toca profundamente.

— Por que você age assim? — questiono, fitando seus olhos profundos; não deixo de reparar que agora estão diferentes do que há alguns minutos, naquele palco. Aqui, ele parece real.

— Eu não sei, Alice — ele quebra o contato — Honestamente, não sei.

Mas preciso saber. Preciso entender. Estou atraída por ele. De todas as pessoas, é justo por ele.

— Sempre há um motivo... — em minha voz, há a esperança de que se abra, se revele a mim.

Ele dá de ombros.

— Talvez por eu não ser um cara bom...?— diz em tom desapaixonado, firmando sua frase como um fato.

Mordisco uma parte do lábio, tentando evitar que meu lado emocional ganhe vantagem. Inevitavelmente, falho quando uma lágrima solitária desliza pela bochecha. Encaro o chão, não querendo que ele enxergue o quanto está bagunçando a minha cabeça.

Lentamente, sua mão vem para tocar meu rosto, numa pequena carícia dos nós dos dedos contra minha bochecha.

Não há outra coisa a ser feita, que não me afastar.

— Fique longe de mim, por favor — peço.

Benjamin não diz mais nada.

Somente recua, e atende ao pedido.

Assisto-o sair caminhando com a cabeça baixa. Apesar de tudo, ainda sinto uma vontade insuportável de pedir que ele fique e converse comigo.



Permaneço mais alguns minutos do lado de fora, mas, consciente de minhas obrigações e da importância desta noite para o negócio, retorno à cozinha. As sobremesas já foram servidas e, daqui a pouco, somente o bar estará funcionando. Decoramos uma área improvisada para uma pista de dança com iluminação especial. Estou mentalmente cansada, não gostaria de ficar até o final, entretanto, não posso apenas fugir. Meus potenciais clientes estão naquele salão. Preciso sair e fazer uma aparição como organizadora, esta é a melhor propaganda para a empresa.

Após passar pelo banheiro e molhar a nuca, me ajeito e caminho na direção do salão.

Assim que o reitor me vê, vem ao meu encontro.

— Alice, eu gostaria de te apresentar a algumas pessoas — engata seu braço ao meu.

Passamos pela primeira mesa, onde estão o prefeito, sua esposa e alguns secretários do município.

— Senhores. Esta é a senhorita Alice, responsável pela organização do evento — o reitor me exhibe com entusiasmo.

Uma a uma, as pessoas se levantam e me cumprimentam. Aperto uma porção de mãos, recebo alguns elogios e troco amenidades, até chegar ao último deles: um candidato à câmara municipal no próximo ano. Eu o vi num *outdoor* na avenida onde fica a loja. Moreno, alto e magro, de pele oliva, bastante bonito por sinal. Mais ousado do que seus colegas, ele se aproxima para um beijo no rosto, e em seguida engata algumas observações positivas sobre a comida, a decoração e o ambiente, chegando a um inusitado convite para uma dança mais tarde. Lisonjeada, sorrio e agradeço, mas dissuado a ideia. Hoje eu só consigo desejar que a noite acabe sem demora.

De soslaio, me permito uma olhadela para onde estão os principais membros da universidade, na outra mesa, e sou surpreendida pelo crivo de Benjamin. Ele arqueia uma sobrancelha, inquisidor, olhando de mim para o candidato ao meu lado de um modo muito desconcertante. *Droga...* Por que

isso mexe tanto comigo?

Alheio ao bumbo surdo me contaminando os ouvidos, o reitor nos guia para a mesa em questão. Eu o sigo, a cada passo mais ansiosa por saber como Benjamin me tratará em frente a outras pessoas, numa situação *social*, por assim dizer, em que não há somente nós. Sinto-me bastante apreensiva, na verdade. É a mesma sensação de apresentar um trabalho escolar diante de toda a classe. O medo de que algo dê errado, a expectativa... Curioso isso, a contar que descobri hoje sua profissão.

Os senhores elegantes se levantam, noto que são mais formais do que os políticos. Recebo saudações polidas, porém honestas, sobre a qualidade do evento.

Até chegar a sua vez.

— Benjamin, esta é Alice, a organizadora do evento.

Sorrio amarelo pela forma orgulhosa com que o reitor fala. Benjamin, por outro lado, tem o rosto demasiadamente sério fixado em mim.

— Olá, Alice — mantendo as mãos nos bolsos, ele dirige um olhar tranquilo ao reitor — Alice e eu já nós conhecemos, senhor.

É neste momento que eu rezo, rezo muito, para que o reitor não faça a pergunta... *Por favor, por favor, por favor.*

A surpresa alegre na expressão do homem mais velho acaba com minhas esperanças.

— É mesmo? De onde se conhecem? — sua curiosidade genuína é comovente.

Má sorte. Acho que é isto o que tem acontecido comigo.

Engulo em seco, prevendo as possíveis respostas: “Ela é a incompetente dona da floricultura que me perturbou enviando *coisas* o dia todo, por engano”; “Ah, essa mulher aí bateu no meu carro”; “Nos beijamos num estacionamento qualquer, sem nem bem nos conhecermos, senhor, e isto se repetiu num elevador”.

Quanto mais penso, mais rubra fico.

E o bendito parece se divertir com meu constrangimento. Um sorriso quase imperceptível, mas muito maligno, corta o canto de seus lábios.

— Eu a cumprimentei pelo *belo trabalho*, hoje mais cedo.

E é tudo o que ele diz. Educado, satisfeito ao pegar em flagrante o suspiro de alívio saindo silencioso de meus lábios separados.

— Alice é mesmo muito cuidadosa — o reitor confirma, orgulhoso.

— Muito — expressa, ameno, numa máscara de impassibilidade irritante.

Sua atitude só confirma pra mim o quanto Benjamin gosta de brincar com as pessoas, de testar seus limites.

Um sujeito diz algo e o reitor nos dá as costas por instantes, me deixando com Benjamin frente a frente. Ele sorri, aquela versão de dentes alinhados, que não enrugam as bordas dos olhos. Frio. Calculado.

— Você precisava ver o seu rosto, Alice.

— Não foi engraçado — resmungo, exasperada, querendo a todo o custo que ninguém perceba o quanto ele me tira do sério.

Seu sorriso some. Em troca, recebo um olhar afiado.

— É, não foi — de repente, é como se não estivesse mais falando do que acabou de acontecer.

Observo-o melhor em busca de algo que sinto estar oculto em sua afirmação. Tranquilo, fingindo conversar civilidades aos olhos dos outros, ele retira a mão do bolso e apanha uma taça de champanhe cheia, sobre a mesa. Sem pressa, leva aos lábios, olhos nos meus, e bebe um grande gole.

Fico na expectativa, à espera do que virá.

Ele a coloca de volta no lugar.

— Pelo que percebi, você está disponível para dançar — a acidez da fala surpreende — Espero também ter esta honra, afinal, sou o homenageado, não?

Abro a boca. E a fecho em seguida, não tendo o que dizer.

Ele se inclina para o meu ouvido, dissimulado.

— Seria divertido, não seria, doce Alice?

Um calafrio vem junto à sua provocação.

Fico ereta no lugar.

— Eu estou *trabalhando* — sussurro num tom que busca devolver-lhe a razão.

— Pois então não dance com ninguém — a voz com fingida serenidade não deixa dúvidas sobre a ameaça.

Penso em minha equipe dando um duro danando; se algo acontecer, todo o esforço estará perdido. Eu me odiaria por causar isto. Opto por me calar, salva pelo retorno da atenção que me dirige o reitor. Por sorte, ele continua nosso *tour* para as mesas seguintes.



Distribuí alguns cartões de visita para os presentes, na medida em que a hora seguinte fluía. Tendo a equipe da cozinha dispensada, o entretenimento fica por conta de *bartenders* servindo *drinks* coloridos aos convidados que ainda permanecem no evento. Os mais velhos, cerimoniosos, já se foram. Presentes somente os mais festeiros, que vibram ao som de um DJ sob a supervisão de Leo.

Estou pronta para ir também. Meus pés dormentes dentro dos saltos imploram por descanso. A tensão em meu corpo, originada pelo olhar persistente de Benjamin durante todo o tempo, só acelerou a sensação de cansaço.

Determinada a dar a noite por encerrada, vou em busca de Leo e Sabrina para avisar a eles. Na metade do caminho, meus passos são interrompidos pela súbita aparição de um homem. Tento pedir desculpas e desviar, até perceber que não é um encontro aleatório. O político moreno de pele oliva, parado diante de mim, sorri. Pelo que posso notar, ele está um tantinho mais alegre do que antes. Não o culpo, estes *drinks* coloridos enganam mesmo e sobem à cabeça rápido demais.

— Você me deve uma dança, senhorita. Eu esperei a noite toda— quase grita em meu ouvido, por cima da música.

Sorrio, mas basta uma espiada de canto de olho em Benjamin cruzando os braços sobre o peito, sustentando aquele sorriso arrogante como quem diz “estou curioso por sua resposta”, para não delongar a conversa.

Melhor não arriscar.

— Ainda estou trabalhando — falo um pouco alto para que o político me escute — Mas aquelas lindas moças atrás de você adorariam, aparentemente — sorrio, incentivando-o a olhar na direção em que aponto com o queixo.

As duas modelos permanecem na festa, embora já tenham terminado o trabalho para o qual foram contratadas. Apoiadas no bar improvisado, seus cochichos e risadinhas são todos direcionados a Benjamin, um pouco distante de onde estão. Se o político bonito as chamar para dançar, estará me fazendo um grande favor.

Porcaria... O que estou pensando?

Se Benjamin quiser ficar com qualquer uma delas, não é problema meu, apesar de a ideia doer pra burro...

Sorrindo como um lobo, o político não espera um novo argumento. Gira-se em seus pés incertos e segue até elas.

Ao encontrar Sabrine, digo-lhe minha intenção de ir, e ela apoia de imediato. Seu lado festeiro está se divertindo com o evento. Isso é bom. Fazer algo que gostamos torna as coisas mais fáceis. É o momento de sair o mais discreta possível, por motivos justificáveis. Os convidados a quem queríamos impressionar foram embora ou, a esta altura, já não se lembram mais nem o motivo de estarem reunidos. O importante é que tudo correu bem e todos ficaram satisfeitos.

Contorno a lateral do salão, escondida pelas sombras, e saio para área de serviço onde estacionei. Quando já estou no lado de fora do lugar, tiro os sapatos e caminho descalça pelo piso pavimentando. Meus pés agradecem profundamente. Passei praticamente oito horas em cima destes saltos.

Em frente ao carro, procuro as chaves na bolsa guardada com Sabrine.

E então, sem nem mesmo escutá-lo ou precisar olhar para trás, sei que Benjamin está por perto. Sinto sua energia (o que é impressionante). Procuro as chaves com mais urgência, mas parece que, quando a gente mais precisa, é aí que não encontra.

— Desculpe atrapalhar sua paquera — a voz vem detrás de mim, próxima o suficiente para me arrepiar.

Olho-o por cima do ombro.

— Você não atrapalhou nada, eu estava trabalhando — respondo, tão indiferente quanto a situação permite.

Volto a procurar, sem dar e ele mais um olhar, até que acho. Antes de abrir, no entanto, sou impedida. Benjamin espalma a mão na porta fechada, quase junto a mim. Meu ombro toca seu peito.

— Eu sei que devo ficar longe — diz em tom baixo, perto demais — Mas precisava me despedir.

Sentir sua respiração roçar meu pescoço me faz contrair inteira. Nunca vou achar normal este bumbo barulhento no peito, a secura na garganta, e detesto saber que é *ele*, entre todos, o único a provocar estas reações.

— Por favor, se afaste — tremo, sem voz.

— Alice... — canta meu nome num feitiço, cada vez mais perto.

O toque de seus lábios quentes roça meu maxilar. Encolho os ombros, afastando-o. Mas o quero. Quero tanto e com tanta força, que me dá medo da pessoa que eu sou em sua presença.

Benjamin pega meu queixo, suavemente, e gira meu rosto para si.

Eu me recuso a ceder. Fecho os olhos, numa defesa contra o encanto com que ele tenta me envolver. Se eu não olhar, ele não conseguirá me alcançar.

— Olhe para mim, Alice — pede, sedutor.

Espio-o, apoiado no carro, cabeça tombada de lado, encarando-me fixamente. Tão perto que enxergo novamente a cicatriz em seu lábio. O cheiro de perfume, os olhos escurecidos, o hálito morninho oferecendo-me aquele beijo que repassei centenas de vezes em pensamento, a apenas um inclinar de cabeça de distância. *Que droga!* Tudo nele é para atrair.

Fecho de novo. *Não vou olhar. Não vou olhar. Não vou olhar.*

— Se afaste...

Mesmo tentando evitar, lágrimas de defesa insistem em querer surgir.

— Eu não consigo.

Ignoro o quanto meu coração amou esta frase. Preciso pensar em mim mesma, me proteger.

Inspiro longamente, buscando coragem, e o enfrento.

— Você se afastou das outras vezes — ressoo, infeliz — Certamente, não será difícil agora. Por favor, Benjamin, saia.

Ele me fita com intensidade por alguns instantes. Seguro a onda, firme.

Sem dizer nada, o homem finalmente se afasta.

Entro no carro, apressada, e vou embora sem olhar pra trás.

Dizer que estou cometendo um grande erro ao me apaixonar por ele é desnecessário. Não posso evitar que meu coração sinta, mas posso lutar para que ele não me torne alguém dependente de migalhas do amor alheio. E vou.

Ansiei tanto por sentir algo assim, tão forte, por alguém... E jamais esperava que, quando acontecesse, não seria bom.



Capítulo 08

Alice

Estamos sentadas no nosso canto reservado, no barzinho ao lado da estação de metrô. Este lugar é bem legal e reúne todos os tipos de pessoas, desde os esportistas da cidade, até os *playboys* e roqueiros. Pini costuma dizer que aqui é ótimo para paquerar.

Os garçons já nos conhecem e reservaram uma mesa bem localizada. A noite fria lá fora diverge do calor escaldante aqui dentro. Tiro a jaqueta e a apoio no meu encosto. Júlia é a última a chegar e, pelo rubor em suas bochechas, Frederico foi quem a trouxe.

— Você teve que barganhar seu passe livre desta noite, Ursinha? — Katy provoca, divertida.

— Sabem como é — dá de ombros, rindo boba — Um pouquinho de calor humano para uma noite fria.

Inspiro devagar. Acho que estou começando a sentir inveja dela, e Deus sabe o quanto eu não gostaria de sentir. Não consigo deixar de pensar que é esse tipo de amor que eu sonhei para mim, algo que me faça feliz, não aquele perturbador, que machuca até a alma por parecer errado.

Uma bandeja de *drinks* é posta em cima da mesa.

— Então, Ali, como foi tudo ontem? — Pini pergunta com entusiasmo.

— Foi bem produtivo — sorrio, otimista, mas a fala sai um tanto evasiva.

Não quero contar muito sobre ontem, isto vai abrir uma gaveta com outras lembranças que gostaria de manter longe, pelo menos por hoje.

— Ora, Ali, tem de ser mais do que isso, você estava toda empolgada quando fechou esse evento. Vamos lá, desembucha, o que está havendo? — ela indaga, desconfiada.

Priscila, entre as garotas, é a mais protetora.

E todas me olham, parecendo enxergar através de mim.

— Nada, meninas — dissuado.

— *Alice* — as três pronunciam em uníssono.

Sorvo uma enorme quantidade de ar pelas narinas. Não há nada que eu queira esconder delas, nunca houve.

— É difícil explicar... há um cara.

Ao me ouvirem, elas se ajeitam em seus bancos, ainda mais próximas e atentas.

— O que tem ele? — Pini questiona.

— Bem, nem é nada demais, na verdade — respondo, desviando meus olhos para o copo à minha frente.

— Você é uma mentirosa de merda — Katy constata — Está diferente há dias! Fale pra gente, Ali, o que está acontecendo?

Mordo a bochecha, tentando primeiro entender, para então colocar em palavras.

— Alice... — Júlia incentiva.

Cruzo os dedos das mãos unidas sobre a mesa. E até um gesto tão simples me lembra dele.

— Eu estou apaixonada por um homem que é *estranho*... E aparentemente um assassino... — até para os meus ouvidos isso soa ruim, imagino o que elas devem estar pensando.

— Como é? — as vozes saem juntas outra vez, alarmadas.

— Ali, conte esta história direito — Pini pede.

Subo meu olhar para suas expressões sérias.

— Ok... — por onde começar? — No dia dos namorados, entregamos alguns buquês na casa desse homem por engano. E aí ele foi até a loja, descontente, aliás *bastante* descontente, reclamar — com ênfase no “bastante”, sorrio sem graça.

Elas sinalizam para que eu continue.

— No dia seguinte, eu bati no carro dele — as expressões vão de atentas a surpresas — Um batidinha de leve, no estacionamento do supermercado — explico.

— Você está dizendo que num dia ele foi à sua loja reclamar das flores e, no dia seguinte, você bateu no carro do mesmo cara? — Pini é quem indaga.

Concordo com a cabeça.

— Aquelas coincidências bobas da vida — encolho os ombros — Nesse mesmo dia, fui encontrar ele num café para resolver os detalhes do seguro.

Mantenho os olhos no meu copo, mais envergonhada ainda pelo que fizemos depois.

— E então? — Júlia encoraja.

— Então, no estacionamento do café, a gente meio que ficou... — sussurro.

Caladas, olhos em discreta órbita, elas apenas me observam à espera de mais.

— E depois ele se arrependeu e fugiu — me retraio com a lembrança.

— Se arrependeu e fugiu? Que tipo de cara faz isso? — Katy rebate, confusa.

— Não sei... — eu ainda não descobri que tipo de cara ele é — No dia do temporal, no começo da semana, — gesticulo com a mão — eu o encontrei... *de novo*.

Sem respirar, é como minhas amigas parecem.

— Outro acaso — explico — Mas aí tudo aconteceu, a luz acabou, eu fiquei presa com ele no elevador e... — hesito.

— E? — elas interrogam.

— Nós ficamos... outra vez.

— Eita... — Pini sopra, descansando para trás em seu assento.

Engulo a saliva seca.

— E ele se arrependeu de novo — revelo, derrotada.

— O quê? — Katy quase cospe a bebida em sua boca, antes de engolir depressa — Esse cara tem algum problema! — ela estreita os olhos pra mim — Ele é casado, Ali?

— Não! Quero dizer, não sei — fico momentaneamente surpresa com a possibilidade — Não, não... Acho que não. É aí que entra a parte dele ser um assassino.

— Como assim, Alice? — Júlia, como a advogada que é, tenta conectar os fatos.

— Uma mulher no prédio dele, a pessoa a quem fui entregar as flores, me disse que ele matou a esposa.

— Nossa... — Pini assovia, calando-se quando Michel, o garçom, chega para deixar oito copinhos de tequila.

Honestamente, nenhuma de nós realmente gosta de tequila, mas, ainda assim, sempre pedimos (e no dia seguinte, combinamos de nunca mais beber). Talvez sejamos todas um tanto masoquistas, quem sabe.

Enquanto ele retira os copos da bandeja, nos entreolhamos em espera. Na primeira oportunidade, pego um dos *shots* e engulo num gole só. O líquido desce ardendo. Minhas amigas fazem o mesmo.

— Quer dizer que ele matou a esposa... — Katy reflete sem muita convicção.

— Foi o que a mulher disse — afirmo, enfrentando outro copo.

Viro a segunda dose de uma única vez.

— Mas não acaba aí. *Argh!* — limpo a boca, fazendo uma careta com a queimação — Eu o encontrei de novo... por acaso.

Elas relaxam no estofado, mal acreditando.

— O evento da universidade? Era para homenagear ele.

— Não! — esvaziam.

Caramba, estão ficando boas nisso de falarem ao mesmo tempo.

Bufo.

— Parece que o homem é um doutor importante, um pesquisador, sei lá. O trabalho dele foi premiado até fora do país — elas voltam a se inclinar sobre mim, com suas bocas abertas — O evento todo era uma homenagem *justamente* para ele.

— Isso tudo parece muito... estranho — Pini diz, avaliando criticamente.

— E não é? Quando eu iria imaginar?

— Você falou com ele? — Júlia sonda.

— Ele tentou, me disse algumas coisas, mas eu não deixei ele se aproximar.

Júlia empurra sua dose pra mim. E eu tomo a dela também. Hoje eu me permito ir além. Tudo

para diminuir esta sensação estranha me consumindo.

— E quer saber? Eu não consigo tirar o maldito da cabeça! — o líquido queima — *Argh!*

O silêncio delas é alarmante.

— Eu nunca vi você falar dessa forma sobre ninguém, Ali... — Katy medita — A situação não parece nada boa mesmo.

— Isso não faz sentido — Priscila racionaliza — Se ele fosse um assassino, estaria numa prisão e não recebendo homenagens. Quantos anos esse homem tem, Alice?

— Não sei, Pini. Uns trinta e poucos, eu acho.

— Neste caso, ele precisaria ter reencarnado duas vidas para cumprir pena na prisão e ainda ser um doutor em algum coisa — Júlia acrescenta com um pouco de humor — Essa vizinha pode ser só uma fofoqueira.

— Mas não há nenhuma certeza de que seja mentira — Pini opina.

— Vamos pesquisar o cara no Google — Katy sugere, como se a ideia fosse brilhante — Mas não hoje... Estou sem meu celular — lamenta.

Começamos a rir de seu modo engraçado e da situação toda.

Michel traz mais doses, pelo menos umas três vezes – aliás, eu perdi as contas de quantas já tomei –, e, quando percebo, estou terrivelmente disposta, minha mente gira fora do lugar.

— *Arriba!* — Katy grita, alegre, e erguemos uma dose para o ar.

— *Abajo!* — é a vez de Júlia, abaixamos.

— *Al centro!* — eu grito e levamos a dose em nossas mãos para frente do corpo, esticando os braços.

— *Adentro!* — Pini grita e engolimos de uma vez.

Alguns rapazes tentam se aproximar, Pini espanta todos eles. Esta é a noite das garotas. Música alta ruge aos ouvidos; danço e deixo o som me levar. Depois de um tempo, suada, volto pra mesa, para mais uma rodada de risadas e álcool. Eu nunca bebi ao ponto de perder o controle, entretanto, esta noite é diferente. Eu preciso.

Depois de mais tequilas do que sou capaz de contar (bem, não sou capaz de contar na-di-nha agora, sendo realista), músicas e risadas, finalmente entro num táxi. Estou tão feliz, feliz, feliz, feliz, isso parece uma canção. *Feliz, feliz, feliz.*

— Mo-mo-torista — tento, rindo feito tola — Me leva pra casa. Não! — salto para frente no banco traseiro, atingida por uma ideia repentina — Quero resolver isso de uma vez! Quero sim.

O homem inclina a cabeça, me encarando por cima do ombro, mal humorado.

— Para onde, senhora?

— Ora! Pra casa dele!

Com muito custo para que ele me entenda (e após passar em frente aos mesmos prédios da avenida vazia quatro ou cinco vezes, sem que nenhum deles me parecesse familiar), finalmente ele me deixa em frente ao edifício certo. Pelo menos eu espero que seja. Todos são tão iguais.

Entro trocando as pernas. Com muita dificuldade, me aproximo do porteiro.

— Eu vim conversar — dou um piscadela cúmplice para o funcionário — Só conversar, hein — rio da piada — Com o homem lá de cima — aponto o dedo discretamente para o teto.

— Boa noite, senhora. Com quem exatamente a senhorita gostaria de falar? — o som é profissionalmente relutante.

— Com o doutoor — a palavra enrola na minha língua de um jeito gostoso — Eu preciso falar com ele, tenho que entender tudo isso — chego mais perto e conto o segredo baixinho — Moço, eu acho que tô gostando dele.

O homem me olha, desgostoso.

— Desculpe, eu não sei se posso incomodar alguém a esta hora. Já são três da manhã, senhora — fala, impaciente, à espera que eu desista. Não recuo. Ele bufá — Ok. Qual é o nome o morador?

— O nome dele é Be-ben-jaaaa-min.

Ao escutar, o sujeito estreita os olhos e me observa atentamente. Sinto que não vai me ajudar.

— Pooor favor, moço.

Assisto-o imóvel, até que finalmente pega um telefone. E aguarda por bastante tempo com o aparelho no ouvido.

— Doutor Benjamin, desculpe interrompê-lo a esta hora, mas aqui na recepção está a senhora — ele tampa o bocal do telefone e olha pra mim — Qual é o seu nome? — cochicha.

— Sou Alice. Nãooo aquela do País das Maravilhas — faço um sinal de negativo com o dedo — Longeee disso — solto um riso desengonçado e chacoalho a mão.

— O nome dela é Alice, senhor — escuta por um tempo — Eu não acho que ela conseguiria sozinha — me olha — Ela parece um pouco — ele hesita — alterada.

— Alterada? — grito, assustada.

O porteiro me ignora.

— Sim, senhor, perfeitamente — ele desliga.

Coloco as mãos nos quadris.

— Moço, eu não estou alterada. Eu posso fazer o número quatro com as minhas pernas, você quer ver? — pergunto de maneira lenta.

— Senhora, não faça isso — ele tenta me parar.

Afasto-me dele para junto de uns sofás e começo a me esforçar para levantar uma perna e cruzar com a outra.

— Por favor, pare... — o porteiro, apressado, dá a volta no balcão, vindo até mim.

Um pouco tarde.

— *Oooops* — emito um gemidinho quando me desequilibro e caio espatifada no chão.

Minha cabeça bate em alguma coisa dura. Dói pra caramba.

— Eu tô bem! Eu tô bem — rio, lutando para levantar e falar ao mesmo tempo.

O *tlim* do elevador apita.

— Minha nossa... — ele lamenta.

— Pode deixar que eu cuido dela — um timbre forte atrás de nós ecoa no saguão.

O porteiro se afasta de meu campo de visão. Encontro Benjamin, parado, olhando de cima, com os braços cruzados sobre o peito. Lindo, vestindo calça de moletom e camiseta justa nos braços, todo de preto, descalço com bonitos pés tocando diretamente o piso. Seu rosto é uma carranca que dá medo, mas com o cabelo bagunçado ele fica tão atraente...

Aproxima-se e me levanta do chão. Sua atenção se concentra no meu rosto, avaliando alguma coisa.

— Você está sangrando — desgosto e preocupação, acho que percebo isso nele.

Levo a mão à testa e toco no líquido quentinho perto da sobrancelha.

— Não é nada. Eu só tropecei em alguma coisa... ou nas minhas pernas — sinalizo, engraçada.

— Ela bateu na quina da mesinha, senhor, eu tentei impedir... — o porteiro procura explicar.

— Tudo bem, André — diz, seco — Vamos lá pra cima, Alice — sua voz contém uma calma que não parece verdadeira.

Benjamin envolve minha cintura e me leva para o elevador.

— Esse elevador é bom — aspiro quando entramos — Mas eu não posso ficar sozinha nele com você. Eu não vim fazer sexo. E eu não posso fazer sexo.

Ele ri, sem humor, e sem me soltar.

— Ah, é? E por que não pode?

— Por que você não gosta de mim.

Nenhum som.

— Quer saber? Você não é um cara bom. Eu não deveria estar aqui. Vou pra casa — faço com a mão para apertar o botão, no entanto, ele segura meu pulso.

— Você veio e vai ficar — as palavras são firmes.

— “Você veio e vai ficar” — imito — Só porque você beija bem... bem mesmo, acha que pode fazer tudo, né?

Ele ri e me aperta mais contra seu corpo.

— Que bom que você aprecia, Alice — seu tom é o arrogante de sempre — Agora me diga, onde você estava?

— Na noite das garotas — respondo, orgulhosa.

— Você sempre bebe assim? — é uma crítica.

— Não. Eu estava muito tensa e precisava relaxar.

— Você precisava relaxar por causa do evento de ontem?

— Não, não — nego, sacudindo o dedo — Por causa de você — olho pra ele.

Se eu não estivesse tão bêbada, diria que a informação o afeta.

— Vem, vamos — saímos do elevador e entramos num apartamento escuro.

De um jeito surpreendente, ele me levanta no colo e começa a caminhar.

Tão bonito, bonito, bonito.

— Você é mesmo um assassino?

Benjamin para.

— Quem te disse isso? — a voz não é rude, pelo contrário, parece humorada.

— A mulher.

Ele não responde. Volta a caminhar e me leva para um quarto iluminado somente pela luz da lua atravessando a janela. Com delicadeza, meu corpo é deitado sobre uma cama macia.

— Durma um pouco — sussurra.

— Por que você não gosta de mim, Benjamin? — pergunto, excessivamente cansada.

— Eu gosto.

Benjamin

Encosto-me contra o batente da porta e tomo um longo tempo apenas observando o corpo adormecido em cima da cama no meu quarto escuro. Como se viesse atraída pelo meu maldito pensamento, aqui está Alice, roncando baixo, debruçada sobre seu estômago, espalhada confortavelmente, finalmente dormindo depois de todo o espetáculo em meu banheiro há menos de meia hora.

Com certeza, a mulher não tem uma boa relação com o álcool.

E possivelmente eu tenha parte nisso.

Ouvir de sua boca que estava precisando relaxar por minha causa acende o desgraçado sentimento de culpa. Assim como sua saída praticamente fugindo de mim na última noite. Não posso ter isso. É um erro permitir que a mulher se aproxime. O problema é que, quanto mais eu tento evitar, mais eu me sinto magnetizado por ela.

A infeliz tem algo especial em si.

Negar é inútil.

Se não houvesse tantas lembranças, e tanta raiva, ou uma cama de pregos...



Capítulo 09

Alice

Minha nossa, o que aconteceu com a minha cabeça? Por que não consigo abrir os olhos e estou com esta terrível sensação de enjoo e tontura?

Tequilas!

Droga. Por que eu bebi tanto?

Exprimo um gemido.

Não consigo firmar meus pensamentos, e nem lembrar muita coisa sobre a noite. Eu me lembro das meninas, de falar de Benjamin, das bebidas e depois de... conversar com Benjamin?

Oh, não! Não, não, não. Eu não fiz isso. Por favor, que seja um sonho, por favor! Por favor!

Com muito esforço, abro os olhos para um quarto amplo, todo branco. Grandes janelas permitem a entrada de luz natural. Estou numa cama enorme e macia, com um cheiro divino de sabão e... *esse perfume...*

Nãooo.

Extraíndo toda a força de vontade que possuo, levanto a cabeça e começo a me mexer. Preciso ir embora. Viro-me, vagarosa, na posição de engatinhar. É quando percebo que estou usando uma grande camiseta branca que não é minha, calcinha, e nada mais.

— Santo Deus! Eu e ele...? Nós...?

Oh, minha nossa!

— Nós não fizemos nada, Alice — sobressaltada, olho na direção de onde vem a voz.

Benjamin, de cabelos úmidos, escora-se contra a porta, assistindo ao meu constrangimento com diversão. Nenhuma novidade.

Paralisia e vergonha resumem minha situação.

— Sua roupa está na minha máquina de lavar, porque você vomitou nela.

— Oh — gemo, patética, atingida por um flash dele me levando ao banheiro e eu esparramada no vaso, colocando tudo pra fora.

Com dificuldade, me sento na cama.

— Desculpa vir até aqui. Eu...

—... bebeu demais? — ele termina a frase, entoando reprimenda (ou decepção, não sei).

— Algo assim — reconheço.

— Você sabe o quão perigoso é ficar naquele estado? Tem noção de que qualquer um poderia te fazer mal, vulnerável como estava?

— Como se você se importasse... — resmungo em tom de voz inaudível, apesar de mordaz, motivada pelo constrangimento da situação.

E mordo a língua em seguida, porque, por mais que ele seja a razão de eu ter exagerado, a culpa é só minha.

Tapo o rosto.

— Desculpe — gemo entre os dedos.

— *Tsc, tsc*. Vou considerar que é sua ressaca falando por você, doce Alice — devolve, afiado.

Eu me detesto neste momento.

Apoiada na borda da cama, me coloco em pé. As pernas estão bambas, instáveis. Quase tombaria de volta, se ele não se aproximasse rápido para me apoiar.

— Sente-se e beba a garrafa de água que deixei ao lado da cama. Depois vou te ajudar a ir ao banheiro, você precisa de um banho.

Em silêncio, faço o que ele tão *delicadamente* sugere. Nem tenho condição de fazer diferente. Tomo a água gelada em grandes goles. Não esperava estar com tanta sede.

Tão dignamente quanto é possível, vou caminhando sem ajuda até o banheiro. Benjamin me segue, para diante da porta e escora-se, sem fazer menção de sair.

— Você vai ficar aí olhando? — questiono, desajeitada.

Ele enruga o lábio para o lado, num beicinho avaliativo, debochado.

— Eu gostaria — demorando-se um pouco, provocador, ele então se desgruda do batente — Mas não quero deixar você mais vermelha do que já está. Vou preparar nosso café.

E com estas palavras, se afasta.

Encaro o espelho. Além da palidez quase cadavérica, um curativo colocado sobre a minha sobrelha chama atenção.

— O que foi que eu fiz?

Lembro vagamente do tombo.

Entro no chuveiro, descontente comigo mesma. Uma ducha quente e extravagante sai de um moderno chuveiro. Reparando melhor, o banheiro parece de revista de decoração. Tudo asséptico e em ordem. Depois de usar seus produtos de higiene e ficar cheirando ao shampoo e sabonete dele, me enrolo em uma gigante e macia toalha branca. O curativo descolou do rosto e agora posso ver um pequeno corte ainda em carne viva. Dou uma fuçada nas gavetas, encontro a caixa com mais curativos e coloco sobre o lugar. Aproveito para escovar os dentes com o dedo e um pouco de creme dental, e usar seu enxaguante bucal.

Estou quase digna. Quase.

Seco os cabelos com a toalha e os penteio para trás. Agora, só preciso de minha lingerie e roupa. A calcinha está aqui, mas o sutiã não. Eu deveria usar novamente a camiseta dele? Melhor

não. Não quero que ele tenha uma impressão errada (ou mais errada do que já deve ter de mim no momento). Mantenho a toalha enrolada no corpo e vou atrás de Benjamin.

Antes de sair do quarto, tato minha bolsa atrás do celular. Preciso saber que horas são. O aparelho informa que já é perto do meio-dia. Minha nossa! Dormi por todo esse tempo?

Deixo o celular ao lado da cama e saio.

A decoração do apartamento é de extremo bom gosto. Parece ter sido decorado por algum especialista... ou teria sido a esposa dele? Será que eles moravam aqui?

Não gosto de pensar nele com outra mulher, ainda mais uma esposa. E permanecem todos estes pensamentos sobre ele ter matado ela. Isso não parece possível. Alguém que coloca curativo no machucado de outra pessoa, enquanto ela está praticamente inconsciente de tão bêbada, seria capaz de matar a própria esposa?

Eu sinceramente não sei a resposta para isso.

A cozinha é... bem, a cozinha é a própria imagem do homem. Eletrodomésticos de aço inox embutidos em grandes armários negros, bancadas e uma ilha de mármore escuro tornam o ambiente masculino, hostil e... atraente.

Benjamin está de costas, trajando jeans e camiseta, pra *vari*ar na cor preta. O que esse homem tem contra outras cores, afinal? Se bem que a camiseta que eu estava usando até poucos minutos era branca.

Percebendo minha presença, ele se gira, sustentando um sorriso bonito... que morre em seu rosto de imediato quando me vê por inteira.

— Eu acho melhor você colocar uma roupa, Alice — o som grave, rouco, soa como um aviso — Não sou capaz de me concentrar sabendo que não há nada embaixo dessa toalha.

Mordo o lábio, sentindo-me repentinamente empoderada, feminina, embora não devesse.

— E se eu não quiser? — não sei de onde vem o atrevimento, só sei que meu corpo se aquece sob seu olhar de um jeito renovado.

A protuberância em sua garganta se movimenta, subindo e descendo. O olhar escurece e as feições se tornam mais duras.

— Vou entender que você quer tanto quanto eu — seu rosnado baixo alcança meu corpo com uma energia pura, gostosa de sentir.

E ao vê-lo assim, me desejando tanto quanto eu o desejo, a razão me chama para a realidade. Por que estou fazendo isso? Para, no instante seguinte, me deparar com seu arrependimento e me magoar mais? É assim que eu quero terminar? Com vergonha e culpa, sofrendo por alguém que não me quer?

Recuo meu olhar para o piso.

— Desculpe, e-eu nem sei por que estou dizendo estas coisas...

— Pare de se desculpar tanto!

Sua rudeza extrai uma incomum necessidade de confronto dentro de mim. Quem ele é para me julgar?

— Talvez eu devesse esperar que você se arrependa primeiro? Porque nós dois sabemos que isto acontecerá — nervosamente, prendo o aperto da tolha em mim.

Ele se cala, talvez de surpresa.

— Vir aqui foi um erro, desculpe — me dou conta de que acabei de falar — Desculpe por pedir desculpas... droga. Acho melhor eu ir — a voz falha, traiçoeira — Onde estão minhas roupas?

Não espero para saber. Contra a vontade avassaladora de ficar, viro-me para... sei lá para quê. Procurar eu mesma minhas roupas; vestir alguma sua; não sei... No piscar de olhos seguinte, sou surpreendida pelos braços fortes me puxando pela cintura. Minhas costas batem, pressionadas contra seu peito firme.

Uma emoção surpreendente injeta adrenalina em meu corpo.

Ele afunda seu rosto em meus cabelos.

— Fica — ouço o apelo de alguém que parece lutar intensamente contra si mesmo.

Por que ele age desse jeito? Pra quê tanta culpa?

— Não dá pra mim... simplesmente não dá — murmuro — Eu não quero ser motivo de arrependimento de ninguém. Isso que você faz... — cerro meus olhos, lembrando-me do remorso estampado em seu rosto — Não dá...

— Você é a única que pode se arrepender aqui, não vê?

— O que eu vejo é sua tentativa de bagunçar minha cabeça, Benjamin — e o pior é que estou gostando do homem, sem precedentes.

Ele me gira para enfrentá-lo.

— Fique, Alice — suas íris em mim expandem-se, fascinantes — Fique comigo.

— E-e-eu... Você...

Eu o quero. Ele sabe que sim. E sinto que ele também me quer.

Quando sua boca reivindica a minha, eu não me oponho. Sou fraca demais. Acato porque meus instintos desejam Benjamin mais do que tudo, acima de todos os alertas soando um protesto na minha mente. Atendendo à necessidade latente do meu corpo, enlaço os braços em seu pescoço e mergulho de cabeça no beijo, tomando com a mesma fome o que ele tão selvagememente me oferece. Benjamin se aproveita desta vulnerabilidade, me suspende do chão, as mãos cravadas nas minhas coxas. Minhas pernas ganham vida própria e se agarram à sua cintura. Sinto-o caminhando comigo pela casa, sem nunca quebrar o beijo.

Voltamos para o quarto, o que eu descubro ao ser derrubada na cama.

Com um puxão, a toalha é arrancada de mim.

— Eu te desejo, Alice, você não consegue sentir? — a voz é crua, frustrada e irritada — Te desejo tanto, que, *porra!*, não paro de pensar em você.

Assisto-o arrancar a camiseta por cima da cabeça e a jogar longe, com fúria. Seu peito sobe e desce em respirações aceleradas. É a primeira vez que tenho a visão de seu corpo, músculos trincados terminam em um grande V para o cóis da calça. Benjamin é lindo.

— Só o que eu tenho, desde que te conheci, é essa maldita necessidade de estar perto.

A calça é a próxima a ser retirada para fora de seu corpo, revelando nenhuma outra peça embaixo dela. Ele a chuta para longe, olhos em mim, profundos, intensos, irritados. Seu membro salta livre, tão agressivo, imponente e duro quanto as feições de seu rosto.

— Sua vontade de se proteger de mim te impede de perceber o que está fazendo comigo, menina.

— E-eu... — que loucura! Pareço prestes a ter uma convulsão.

Como um animal preparando-se para se alimentar da presa que caçou, *lentamente* (contrariando a ferocidade impaciente em suas feições), Benjamin vem encobrendo meu corpo, afastando minhas pernas com seus joelhos, e se encaixando. Quando me dou conta, ele está todo sobre mim, sou tomada em sua boca com paixão e furor. Apoiado em seus cotovelos, seu corpo treme inteiro enquanto a cabeça mergulha em mim.

A perspectiva do que vai acontecer, como um fato, sem mais fugas, cria um desejo inédito queimando a partir do meu ventre. Calor e mais calor vindo de todos os lados.

Gemo em sua boca.

E me abro para ele. Volto a enlaçar sua cintura com minhas pernas.

— Ah, Alice... — grunhe em minha boca — O que você está fazendo comigo?

Opto por não responder, mesmo que tenha sido retórico. Meu corpo quer tudo, o colapso, o ardor, a libertação. Tenho medo de que palavras possam quebrar o momento e afugentar tudo isso.

Ele afasta a cabeça para me enfrentar, talvez para ver em mim a confirmação de que é isto o que eu também quero.

E Deus sabe o quanto.

Inebriada, toco seu rosto, deixando meus dedos sentirem os contornos masculinos da sua face. Acho que esse é o momento mais íntimo que já dividimos.

— Por favor... — *não fuja*, é isso o que gostaria de dizer.

— Não, menina.

Esta é, talvez, sua maneira de dizer que ficará.

O contato de sua boca em meu seio rijo já não me permite pensar. Fecho os olhos e me entrego ao momento em que, pela primeira vez na vida, sinto a paixão como algo palpável. Das poucas bocas e os corpos, nada nunca chegou perto deste sentimento, tomando fragmento por fragmento até que não resta nada além da ânsia por este homem.

Quanto ele me penetra em todo o seu tamanho, dor e desejo se fundem na combinação mais poderosa de todas. Exploramo-nos numa descoberta inquietante. Ele é lindo. Seu corpo representa a imponente beleza masculina talhada em músculos. Arqueio em suas mãos. Sou levada para aquele lugar, dentro de mim, onde só há glória, onde quebro e sou reconstruída, a partir da base da coluna. Com o ápice, vêm lágrimas de descoberta, porque nunca antes foi assim.

Ao rolar de seu corpo exausto para o meu lado, eu tenho uma única certeza: nós fizemos amor. Pode não ser desta forma que Benjamin nomeie, mas para mim é. Eu esperei por esta sensação a

minha vida toda.

Contemplo o relaxamento do corpo com satisfação. As emoções vão gradativamente se apaziguando.

Ninguém diz nada.

Os minutos passam.

Ninguém diz nada por tempo demais.

E então aquele sentimento sorrateiro vem infiltrar-se em meio aos pensamentos.

“E se...?”.

A dúvida é um comichão, consumindo toda a atenção para si. Ela é impiedosa e não poupa ou escolhe instante oportuno. Começa pequenininha, inocente, e vai se alimentando, ganhando tamanho, até se transformar em algo impossível de ignorar.

Conduzida por ela, escoro-me no cotovelo para ver a face do amante ao meu lado.

O que encontro é... não sei dizer.

Não há contentamento, tampouco aversão. O que isto significa? Que ele está maquiando suas emoções? Ou que não foi nada significativamente capaz de botar uma expressão melhor em seu semblante sempre tão impassível?

Pisco algumas vezes, contendo o incômodo se instaurando. Se eu fechar os olhos, ainda consigo ver sua expressão de assombro da última vez. A dor, a culpa... Não quero ter de enfrentar aquilo de novo.

Rolo para o lado, apanho o lençol no chão, enrolo-me nele da maneira que posso e me levanto.

— Eu preciso ir — digo, baixo.

— O quê? — questiona em um tom surpresa, saindo de uma bolha.

— Estou atrasada. Onde deixou minhas roupas? — faço um esforço para me manter equilibrada.

Benjamin se inclina na cama, me sondando de frente, surpreso e desconfiado.

— Por quê? — pergunta com aparente calma.

— Por favor, tenho um compromisso e preciso ir — insisto.

Ele bufa.

— Engraçado, não me parece que você estava preocupada com algum compromisso, cerca de meia hora atrás...

Argh!

— Eu lembrei agora.

— Alguém já te disse que você mente muito mal?

Sua tentativa de me deixar mais desconfortável do que estou mexe em meu controle.

— Olhe, me desculpe, mas pense o que quiser, Benjamin. Por favor, só me fale onde estão as roupas e eu mesma pego.

Penso ouvi-lo resmungar algo como “Inacreditável”. E então também se levanta.

— Como você quiser, Alice — rosna, desagradado.

Nu, ele guia o caminho, eu o sigo silenciosamente até a estreita lavanderia atrás da cozinha.

Com pressa, assistida de perto pela carranca em seu rosto, coloco a calça, sem nada por baixo, o sutiã e a regata. Pego a jaqueta, mas não a visto. Assim que tenho minhas roupas, sem qualquer justificativa, apresso-me para longe. Ele permanece ali por alguns segundos, encarando o nada, talvez racionalizando os fatos. A porta de entrada fica a poucos metros de distância de sua ilha. Benjamin retorna a tempo de me ver abrindo-a.

— Adeus — sibilo de costas, entrecortada, sem energia.

Eu sei que é horrível o que acabei de fazer, mas também sei que, em mais alguns minutos, seria ele a tomar a iniciativa de me afastar.



Capítulo 10

Alice

Pela segunda vez em um curto espaço de tempo, estou descendo pelas escadarias deste prédio. A diferença é que agora são vinte andares. Ainda assim, preferi não arriscar esperar o elevador e ter de confrontar aquele homem. Na metade do caminho, me sento nos degraus. Exausta. Minha energia emocional está esgotada. Decido terminar o caminho de elevador. Saio do prédio sem nem olhar para os lados. Meu ritmo lento e desligado me leva três quarteirões à frente.

Finalmente, paro para tomar um táxi... e só dentro do carro me dou conta do erro: estou sem a bolsa. Eu saí tão impensadamente da casa dele, que deixei tudo meu lá. Minha bolsa, chaves de casa, meu celular. O que vou fazer agora?

Peço para o taxista me deixar na casa de Katy. Não tenho certeza se ela vai estar lá, mas tenho que tentar.



Subo para seu apartamento e toco a campainha. Ela abre a porta, sorrindo, acolhedora. Contudo, quando percebe meu estado e minhas roupas de ontem, logo me puxa pra dentro.

— Alice?

— Oi, Katy... — encolho os ombros, envergonhada — Eu preciso de dinheiro emprestado para pagar o táxi...

Recebo seu olhar num escrutínio rápido, desconfiado.

— O que aconteceu com você?

— Longa história — suspiro, cansada.



Depois de descer e acertar minha corrida, Katy se acomoda comigo na cozinha, enquanto ferve uma chaleira de água.

— Fui para a casa dele ontem à noite... e hoje nós... você sabe — conto, distante, observando os traços imperfeitos da pedra de mármore claro revestindo a superfície — E desta vez *eu* fugi.

Ela me observa em silêncio, pés cruzados, esperando o ponto certo de ebulição da água.

— Eu fiquei com medo e saí correndo da casa dele, Katy. Na hora, nem pensei direito... Quero dizer, ele sempre se arrepende, então... — baixo a cabeça, apoiando-a nas mãos — Senti medo de se repetir e optei por não passar por aquela situação de novo.

— Nem dá pra te julgar... — diz, baixo.

— Acabei saindo sem nada — lamento — Nem as chaves de casa eu tenho.

— Pelo menos isto te trouxe pra cá, Ali — sorri com graça — Veja pelo lado bom, não está sozinha agora. Você sempre diz que desabar é o melhor remédio.

— Nem acredito que isto esteja acontecendo comigo — suspiro, esfregando o rosto com as mãos — Eu não quero me envolver neste tipo de relação, sabe? Eu preciso ficar com alguém que queira isso também.

— Você está gostando do cara, não é? — indaga.

— Sim, mas é um erro — assumo sem vitória.

Noto um beicinho enrugado seus lábios, surpresa.

— Bem... eu nunca imaginei esta frase saindo da sua boca, amiga.

— Não sei o que fazer, Katy. Eu pensei que quando encontrasse alguém que me fizesse sentir... sei lá, as coisas seriam diferentes.

Ela retira duas xícaras do armário, coloca os sachês de chá e derrama a água fervente em cima.

— Tudo se resolverá. O primeiro passo é recuperar suas coisas — fala, confiante, entregando-me a bebida.

Eu sigo para sala e lhe assisto pegar seu celular. Após apertar alguns botões, ela tem alguém na linha.

— Oi, Ted, sou eu, Katarina. Está disponível para uma corrida agora? — afasta o telefone da boca e cochicha pra mim — Ele é meu motoboy de confiança.

E só então eu entendo sua ideia. Quase suspiro, aliviada. A garota pensa em tudo, sempre foi assim.

— Você terá o endereço em um minuto no seu celular. Obrigada, garoto, te devo uma — sorri e desliga.

Ela volta para perto de mim e me entrega seu aparelho.

— Digite o endereço dele, Ali. Vou mandar por mensagem e teremos suas coisas de volta.

Digito e ela envia.

Katy se acomoda comigo no sofá. Sento-me sobre minhas pernas e sorvo a bebida. Estou uma bagunça. O chá quente reconforta o estômago revirado.

— Você não imagina a ressaca em que eu acordei hoje — ela conta, numa óbvia tentativa de me distrair.

— Nem me fale — contorço-me com a memória de como acordei.

— Agora, me diga o que é este curativo no seu rosto. Por acaso não foi...?

Tenho de rir, tocando no ferimento.

— Não. De jeito nenhum. Isso foi só o começo do meu erro. Tentei convencer o porteiro do prédio dele de que eu não estava bêbada — encolho-me alguns centímetros, martirizada.

Dois segundos. Este é o tempo que Katy se segura antes de soltar uma risada alta que quebra o

silêncio da sala.

— Eu nunca te imaginei numa cena assim, Ali!

— Muito menos eu, Katy... Muito menos eu — suspiro profundamente.

Katarina descansa a cabeça no encosto do sofá, o sorriso engraçado ainda em seu rosto. Fico feliz por ser a única com este sentimento de vergonha profunda no dia de hoje.

Piscando, sua expressão muda, como se algum novo pensamento assumisse sua cabeça.

— Ah! Eu estava quase me esquecendo. Amanhã é o dia de irmos ao centro comunitário. Confirmei com Dominic um pouco antes de você chegar.

Dominic é o responsável pelo centro comunitário, que serve alimentos aos moradores de rua e pessoas mais necessitadas. Júlia nos apresentou a ele há uns meses e, desde então, nós vamos lá ajudar com a comida sempre que podemos. Além disso, Júlia presta consultoria jurídica gratuitamente uma vez por mês aos que precisam no espaço.

No mês passado, Pini elaborou uma campanha de divulgação do trabalho do centro nas mídias sociais para atrair mais voluntários. Katy está angariando em sua carteira de clientes investidores para patrocinar financeiramente o projeto. E eu vou preparar um evento para estes patrocinadores.

— Dominic é um gato, não é? — suspira, sonhadora.

— Sim, ele é — confirmo — E eu gosto de ir lá, me faz bem.

Ela concorda com a cabeça.

— A mim também.

O celular dela toca. Katy me olha de um jeito cúmplice, antes de atender. Ansiosa, me junto a ela no outro sofá.

— Oi, Ted — diz, receptiva, porém logo sua expressão muda — Certo... Aham... entendi. De qualquer forma, obrigada — desliga.

— O quê? O que foi que ele disse?

Minha amiga me olha mordendo um sorriso hesitante.

— Benjamin não entregou suas coisas. E mandou dizer que se você as quer de volta... que vá pessoalmente buscar.

Nem sei o que pensar.

— E agora? — murmuro, aérea.

— Agora você precisa ir lá, Ali. Eu posso ir junto, se quiser — apesar do leve humor, posso sentir sua preocupação também.

Meneio a cabeça, pensando no que fazer.

— Eu acho que ele só quer zombar, sabe?

— Sei... Do tipo que não aceita o papel de ser rejeitado — brinca.

Mordo um cantinho da unha do dedo polegar. Respiro fundo, estufo o peito e me encho de coragem. *Por que aquele homem tem de ser tão complicado?*

— Vou voltar lá e resolver as coisas.

— Muito bem, garota.



Com mais dinheiro emprestado para o táxi, volto ao prédio. Minha estratégia é bem simples: esperar ele entregar tudo e sair, sem discussão ou drama. Caminho até o saguão, já antecipando o constrangimento, no entanto, para meu completo alívio, há uma funcionária mulher trabalhando na portaria hoje.

— Oi — me aproximo, timidamente.

— Olá, senhora — ela parece amigável, isto é bom.

— Eu vim buscar uma encomenda. Você poderia, por favor, avisar ao doutor Benjamin, da cobertura, que Alice está aqui?

— Claro, um momento.

Enquanto ela pega o interfone, me apresso em dizer:

— Ah... Se-se você puder pedir que ele desça, estou com um pouquinho de pressa, sabe como é... — sustento um sorriso amarelo.

Ela não diz nada, mas sua expressão mal disfarçada de “vai sonhando” revela o quanto ela conhece o homem.

— Senhor Benjamin, a senhorita Alice está aqui para retirar uma encomenda... —escuta alguma coisa, atenta — Ela não pode subir, senhor... — então enrubesce gradualmente — Disse que está com um pouco de pressa.

Alguma coisa que Benjamin diz faz com que a moça se contraia no lugar.

— Perfeitamente, senhor.

Ela desliga o telefone e ajeita um fio de cabelo imaginariamente fora do lugar para detrás da orelha.

— Senhora... — limpa a garganta, constrangida.

Mordo o canto da unha.

— Sim, o que foi que ele disse? — pergunto numa mistura de ansiedade e medo.

— Com todo o respeito, ele pediu para transmitir nas exatas palavras que... — hesita, compadecida — *Dane-se a sua pressa.*

Oh, Deus...

O homem está tornando tudo humilhante.

Balanço uma vez a cabeça, afirmando que entendi.

— Ok... — inspiro profundamente. Limpo as mãos nas laterais de minhas pernas — Se eu não voltar em cinco minutos, chame a polícia — rio, nervosa — Brincadeira!

Ela sorri, pela primeira vez demonstrando um pouco de simpatia por mim, ou pena.

Pego o elevador, que hoje parece incrivelmente rápido; nem tenho tempo para pensar no que

falar. Dou uma batida na grande porta, esperando ver Benjamin irritado. Em vez disso, uma versão um pouco mais nova e quase semelhante a ele, exceto pelo cabelo mais claro, me recebe com um largo sorriso.

— Olá — ele diz.

— O-oi — engasgo, surpresa, recuando um passo.

Ele afasta o corpo para o lado, me permitindo passagem. Não me movo.

O homem percebe meu embaraço e estende a mão.

— Eu sou Peter, irmão do Ben — seu sorriso, apesar de sacana, é bom, parece acolhedor e me tranquiliza um pouco.

Aperto a mão.

— Sou Alice — sorrio, nervosa — Eu deixei, hã, ontem eu... hoje eu... — nem uma única frase coerente consegue sair da minha boca.

— Entre — ele mantém a simpatia.

— Não, eu, eu — estou tão nervosa — Obri-obrigada, mas... eu só, só, é... vim buscar... a minha...

— Entre logo, Alice! — a voz grave de Benjamin ordena de algum lugar lá dentro.

Como uma menina obediente, surpreendendo a mim mesma, dou um passo para dentro. Seu irmão me olha com mais curiosidade, o sorriso divertido em seus lábios aumenta.

Benjamin está próximo à cozinha, segurando com as duas mãos uma garrafa grande de água. Vestido de regata, bermuda e tênis de corrida – pretos, para variar. Discretamente, analiso-o a partir de seus pés, subindo meus olhos por seu corpo firme. Grandes veias destacam-se na superfície da pele, como se ele tivesse acabado de se exercitar. O brilho de suor se espalha por todo o braço e pela parte visível do peito. A visão é linda. E faz todo sentido. Alguém com este corpo só pode se exercitar mesmo.

De imediato, seu sorriso debochado e olhar vitorioso me desestimulam.

O irmão olha de mim para Benjamin, divertindo-se com a situação.

— Oi, Benjamin... Eu vim buscar a... — não pronuncio a palavra, desconcertada, olhando para qualquer lugar menos pra ele — Você poderia, por favor, pegá-la para mim? — peço, educada.

— Vá e pegue você — desafia — Está onde deixou.

Olho-o quase implorando por compaixão.

Ele não cede.

Mudo minha atenção para seu irmão, com um pedido velado de ajuda. Peter praticamente me diz que estou sozinha nesta. Sorrindo, o irmão mantém seu olhar entre nós, esperando o próximo capítulo da novela mexicana.

— Desculpe dizer, mas você está se comportando como um... um... grosso, Benjamin — digo baixo, cutucando a cotícula de meu dedo.

Ele ri, alto, triunfante, de um jeito bonito, adorando me ver neste estado.

— Não é o que eu sou, afinal, Alice?

Espero mais um minuto, na esperança de que ele vá se mover do lugar e trazer a bolsa. Ao contrário, só o que ele faz é arquear a sobrancelha, irredutível. Solto uma lufada forte de ar, um bufo, e desisto. Vou eu mesma buscar minhas coisas, antes que eu mude de ideia e saia correndo por onde entrei.

Ando pelo longo corredor e entro no quarto. Minha bolsa está no mesmo lugar. Vou até ela e depois ao lado da cama, para pegar o celular sobre o móvel. Num instante, ouço o *click* da porta sendo trancada. Olho rapidamente para trás, para Benjamin, encostado contra a parede, me encarando como um predador, satisfeito por eu estar em seu habitat.

— Você conseguiu chegar em seu compromisso *urgente* a tempo? — pergunta, irônico.

Mordo o interior da bochecha e desvio meus olhos dele.

— Não — respondo, contida.

— É claro que não — zomba, para então assumir um tom sério — Tenho me decepcionado com você, Alice. Parecia ser tão responsável, mas tem cometido imprudências bem juvenis. Sair sem documentos, dinheiro e celular, numa cidade como esta, não é nada inteligente.

Espio-o por um instante, tentando entender o que ele está fazendo aqui.

— Você age como se isso te importasse — digo, calma — Quando nós dois sabemos que não é bem assim.

A aproximação assemelha-se a um leão. Por reflexo, dou alguns passos para trás, e num piscar de olhos ele me tem encurralada. Seus braços, de cada lado da minha cabeça, descansam na parede, me cercando.

— O que você sabe, Alice? Conte pra mim o que você acha que sabe? — rosna entredentes, encarando diretamente meus olhos, seu rosto a centímetros do meu.

Vou pela franqueza.

— Sei o que sinto.

Sem tirar os olhos dos meus, o homem pega minha mão com força e puxa para tocar seu peito batendo forte sob o tecido.

— Então você sente isso? — sua respiração está acelerada, feroz — Toque e veja como você mexe comigo. Você me irrita, me perturba, me faz pensar em... em coisas que não quero ter de pensar.

— Pare — peço, trêmula, sobrecarregada — Eu entendo que você não...

Ele me interrompe, largando minha mão.

— Oh, claro, a doce e compreensiva Alice me entende — seu tom contém uma nota ácida — Você se deitou comigo aqui, na minha cama, e depois correu como uma covarde, me dando o que presume ser o troco pelos nossos encontros anteriores, e acha que me entende.

O riso que corta sua boca é aquele frio, sem vida.

— Você não sabe de nada, menina — bufa.

Soa como se eu fosse uma tola.

— Eu acho que não entendo mesmo... Não entendo como alguém pode se sentir culpado por algo que, para o outro é... *único* — desvio meu olhar — Esse tipo de jogo eu realmente não entendo.

Benjamin me olha de uma maneira intensa, profunda, querendo enxergar algo dentro de mim.

— Eu já te falei uma vez, Alice, eu não jogo. Se sua atitude de hoje foi uma retaliação, tenha em mente que não estou medindo forças com você — rosna cada palavra.

E para de falar, tomando uma respiração bem profunda, atrás de paciência, frustrado.

— *Diabos, mulher!*, estou tão puto pela forma como deixou a minha casa.

Fecho os olhos, incapaz de lidar com esta atmosfera por mais tempo.

— Eu realmente preciso ir — sussurro.

— Vai correr de novo? — sopra em meu rosto — Abra os olhos — ordena.

Não faço.

Ele encosta os lábios nos meus.

— Olhe para mim, Alice.

Surpreendendo-me, sinto sua língua deslizar por meus lábios comprimidos.

Então abro e encaro os olhos azuis penetrantes. Minha respiração fica presa no peito ante a imagem.

— Pare de pensar e comece a sentir — determina.

E quando penso que irá me beijar, ele se afasta.

Sinto como se todo o ar do quarto, de repente, fosse tragado para um buraco negro, tornando-se escasso.

Aliso minha roupa, reordeno os sentidos e começo a me mexer. Tremendo, pego minhas coisas e passo pela porta (onde ele me aguarda de cabeça baixa). Desviando de seu corpo num esforço para não tocá-lo, saio para o corredor... E sem que eu consiga antecipar seu movimento, sou pressionada contra outra parede. Benjamin me beija — longo, quente, explosivo. Eu não deveria, mas correspondo com a mesma urgência; já não me sinto dona de mim quando o assunto é ele.

Deixando-me ofegante, ele se afasta alguns centímetros e me encara, sério.

— Certifique-se de que sua carteira ainda está na bolsa. Além de assassino, posso também ser um ladrão — um sorriso enigmático brinca no canto de seus lábios.

Meus batimentos cardíacos já acelerados chegam ao nível máximo. Inclino a cabeça meio de lado, involuntariamente, e o analiso com cuidado. Ele sabe que eu sei? Ele assumiu que é assassino ou está fazendo uma piada comigo?

Busco no meu cérebro petrificado algo espirituoso em resposta.

— Com um apartamento como este, você só me roubaria se fosse um daqueles ricos cleptomaníacos.

Ele ri alto, bonito, e eu acabo rindo (de nervoso), e continuo meu caminho para a sala.

— Ah, aí estão vocês — seu irmão diz, parecendo bem-humorado, segurando dois copos com algo semelhante a suco de laranja.

— Foi um prazer te conhecer, Peter — digo envergonhada, indo para a porta de saída.

— Espere, Alice — ele me interrompe, oferecendo um copo para mim.

— Oh, não, obrigada, eu preciso mesmo ir — sorrio, cordial.

— Só um minuto, eu gostaria de fazer um convite.

Desconfiada, olho entre ele e Benjamin, que aparentemente não gosta muito do que quer que seu irmão tenha a dizer, como se já soubesse.

— Sabe o que é, Alice, minha irmã, Gabrielle, está fazendo aniversário esta noite — seu olhar não sai de mim, ignorando deliberadamente Benjamin — Ela tem passado por uma fase um tanto difícil ultimamente — ele inclina a cabeça mais perto, dizendo em voz baixa — Divórcio ruim, coitadinha, está até com depressão.

— Poxa... — emito, sem poder evitar.

Ele meneia a cabeça, em confirmação do que diz.

— Ela precisa de distração e não conhece quase ninguém na cidade. Todo o apoio é bem-vindo. Por isso eu gostaria que você fosse jantar com a gente — seus ombros se encolhem — Eu tenho pena dela. Gabrielle está precisando muito de uma amiga.

— Peter... — Benjamin avisa, posso sentir sua impaciência mesmo de longe.

O sujeito ignora e se concentra em mim. Aperto minha bolsa entre as mãos.

— E-eu não sei... Eu poderia chamá-la para um café, Peter, amanhã talvez — *mas aniversário é tão pessoal*, penso, porém não complemento.

— Este é o problema, Gabrielle não quer sair de casa. Levou muito esforço para convencermos sobre esta noite.

— Ela gostaria mesmo de passar a noite de aniversário com uma estranha? — indago, um tanto desconfiada.

— Minha irmã *precisa* disso, Alice — afirma com convicção.

— Peter — Benjamin repete mais alto, repreendendo o irmão.

A versão mais nova dele nem sequer pisca, totalmente atento a mim. Eu não sei se isto é algum tipo de armadilha, ou se ele realmente está falando sério. É difícil dizer.

— Isto é sério? — decido perguntar.

— Absolutamente — ele responde.

Respiro fundo.

— Tudo bem, então. Informe o lugar e o horário e eu vou sim, Peter.

Benjamim suspira ruidosamente.

— Eu busco você às oito, Alice — e declara sem humor.

— Não é necessário, Benjamin, eu posso ir sozinha, obrigada — nego gentil, querendo sair

logo daqui.

— Às oito. Esteja pronta — repete, não considerando uma palavra do que eu disse.

Por sua fala tenho a impressão de que ele não quer ser contrariado. Eu já fiz tanta besteira desde o primeiro copo de tequila na última noite, que opto por não estender a discussão. Só quero ir para a casa e pensar no tamanho da bagunça em que estou me metendo.

— Que situação... — cochicho, abraçada a bolsa, pronta para sair.

— O que? — Benjamin questiona com certo humor, antes que eu abra a porta.

— Você tem *razão*, eu disse. Às oito é um bom horário.



Capítulo 11

Alice

Estou na minha casa, andando de um lado para o outro, ansiosa. Em menos de dez minutos, Benjamin virá me buscar. Fiquei surpresa por ele conhecer meu endereço, mas é claro que na ficha da seguradora constavam meus dados, eu só não sabia que ele havia salvo a informação.

Liguei para Katy, tranquilizando-a sobre o dia, e contei a respeito do convite. Não tratei com alarde, pois não quero enfatizar ou criar expectativa em algo que será apenas uma saída corriqueira, para ajudar alguém que precisa de uma amiga. E, ainda assim, mesmo tendo isto em mente, arrumei-me com um entusiasmo que há algum tempo eu não sentia. Eu sei que não é um encontro, mas nós nunca saímos juntos, com exceção daquele dia desastroso na cafeteria, e aquilo não conta. Talvez caprichar um pouco no visual não vá fazer nenhum mal.

Escovei os cabelos e os deixei soltos e ondulados. Nos olhos, delineador e rímel, e na boca o vermelho vinho. Escolhi um vestido preto, para combinar com Benjamin – é a sua cor preferida, pelo jeito –, sutilmente ajustado ao corpo, com mangas longas e saia na linha dos joelhos. O efeito bonito da roupa fica por conta do brilho e do decote nas costas, mas nada excessivo. Um brinco discreto arremata o visual.

Meu coração está acelerado como o de uma adolescente.

Pontualmente às oito horas, Benjamin toca o interfone. Desço, sem convidá-lo para entrar. Pode não ser muito educado, no entanto, eu ainda não sei exatamente o que está havendo entre nós. Não agi com nenhuma prudência até aqui, preservar-me um pouquinho que seja é meu dever.

Avisto-o parado no saguão, de costas, as mãos descansam nos bolsos, usando jeans e camisa ajustada ao corpo, todo de preto, muito bonito. Ele se vira para mim lentamente, sustentando um sorriso de canto. A sensação de seus olhos me avaliando dos pés à cabeça é intimidante e excitante. Ainda não estabelecemos contato visual, mas tremores percorrem meu corpo em antecipação.

De repente, o sorriso vai esvaindo, o lábio contrai e o cenho franze.

— Oi... — sibilo, sorrindo, com inesperada timidez.

Seu olhar me percorre novamente.

Permaneço olhando-o à espera de um sorriso, uma frase ou brincadeira, mas nada acontece.

— Há algo errado? — me obrigo a querer saber, confusa.

Seu olhar encontra o meu.

Ele inspira profundamente.

— Você está muito bonita — diz simplesmente, e não em tom de que este fato seja algo bom.

Quente e frio. É disso que estou falando. Pode ser coisa da minha cabeça, mas por que as reações deste homem sempre são o oposto do que espero? É tão desanimador saber que a outra pessoa, aquela que entra no lugar mais sagrado de seu coração, não está na mesma sintonia.

Olho para o elevador parado no térreo, cogitando voltar para casa, e tomo uma decisão.

— Acho que isso não foi uma boa ideia... — surpreendo com minha serenidade, apesar das circunstâncias.

Dou-lhe as costas. Por mais que este sentimento inquietante surgido no meu coração seja algo que sempre desejei sentir por alguém, não é desta forma que eu gostaria de ser tratada. Se o amor for algo que te põe pra baixo, então, tenho certeza, *não* é amor.

Não o tipo de amor com que sonhei minha vida inteira.

O toque de sua mão envolvendo meu braço num contato suave, mas firme, intercepta meu passo.

— Me desculpe, Alice. *Droga!*, me desculpe. Eu não quis dizer desse jeito. Você está perfeita — a voz grave torna-se resignada — Tão bonita que me faz querer te guardar dos olhos de qualquer outra pessoa... E... Eu não sei o que está havendo comigo.

Mexe com meu interior, mexe *muito*. Faz um fôlego gelado cruzar a boca do estômago, como quando estamos em uma montanha-russa. Isso é bom? Meu coração diz que não.

— Essas suas oscilações; o quente e frio — sacudo a cabeça — Acho melhor a gente não...

Ele aproxima o rosto dos meus cabelos e aspira profundamente perto do topo da cabeça, parecendo cansado, talvez de si mesmo.

— Eu sou um imbecil... Mas isso você já percebeu, não é? — a autodepreciação em sua voz é algo triste de se ouvir — Me desculpe, menina. Por favor, venha comigo. Não me deixe estragar esta noite também — comprime os lábios contra meus fios.

Expiro devagar pelas narinas, voltando a ficar de frente pra ele. E algo ali, nas profundezas das íris de cor mais única que já vi, me diz que ele está tentando. Eu sinto que sim, contra o que quer que habite sua alma, ele está lutando. Então é nisso que me agarro.

— Tudo bem... — desconsidero o nó na garganta — Vamos lá.



Durante a viagem de carro, mal conversamos. Passo o tempo todo olhando pra fora, com a mente desligada, evitando raciocinar acerca de tudo isso. Penso na opinião que dariam minhas amigas: Pini me aconselharia a pular fora desta situação de uma vez; Katarina diria para eu me divertir e depois pular fora... e a nova Júlia pós-Frederico me diria que o amor é algo pelo que se vale lutar. É nisso que eu acredito. Será que estou depositando minhas perspectivas na pessoa certa?

Ao chegarmos no local, Benjamin desce e abre a porta para mim. Num gesto cavalheiro, oferece-me a mão e me ajuda a sair.

Dentro do lugar, ao contrário de um restaurante do tipo tradicional, me deparo com um ambiente mais descontraído. De um lado, em um espaço de baixa iluminação, mesas de sinuca são dispostas próximas umas às outras. No outro, o bar com algumas pessoas sentadas no balcão oferece

um aspecto intimista. Benjamin me guia, ainda segurando minha mão, para a área dos fundos, onde estão as mesas.

Logo avisto Peter e mais três pessoas já sentadas.

Vagueio meu olhar pelo grupo e tenho a impressão de que a irmã dele ainda não está aqui. Uma loira deslumbrante ri, divertindo-se por algo que o irmão de Benjamin diz ao seu lado. À sua frente há dois homens, de traços semelhantes, no mesmo clima descontraído. Quando percebem Benjamin, todos se levantam.

Benjamin os cumprimenta com familiaridade.

Timidamente, me coloco à vista.

— Alice, querida! — Peter age como se me conhecesse de longa data — Você está muito bonita — beija o meu o rosto — Deixe eu te apresentar Gabrielle, minha irmã.

A irmã, dona de bochechas coradas, olhos vivos e um baita sorriso, me arranca dos braços dele para um abraço caloroso.

— Finalmente, *a* Alice!

Sorrio, achando graça de seu entusiasmo.

— É um prazer, Gabrielle. Feliz aniversário.

— Obrigada — dá uma piscadela — Estou muito feliz que pôde vir.

— Eu também estou feliz por estar aqui — devolvo com sinceridade.

A mulher não se parece com alguém depressivo. Cheira mais a exagero de Peter. Agora tenho a ligeira sensação de que ele armou a situação.

Sento diante de Gabrielle, com Benjamin ao meu lado e Peter em sua frente. Os dois rapazes, primos de Benjamim, ficam ao lado deles. Pelo que percebo, a razão do encontro é mais sobre o retorno de Gabrielle ao país do que seu aniversário.

Antes do jantar, saborosos *drinks* de frutas são servidos. Quase agradeço. Tomo a metade de uma única vez, buscando relaxar, minimamente que seja. Estou um tanto tensa, afinal, sou a amiga que Benjamin trouxe para o aniversário da irmã, mas a bebida e a postura receptiva de Gabrielle quebram o gelo de forma positiva.

Ela é produtora de moda, e sim, de fato se divorciou há alguns meses.

— Você parece bem com isto — lanço um olhar a Peter, ao observar.

O homem sorri disfarçadamente.

Eu sabia!

Ele estava mentindo!

— Foi a melhor decisão da minha vida — ela sorri sem ênfase — Demorei tempo demais...

Noto-a com um pouco mais de atenção. Apesar da aura leve e da segurança na resposta, há algo nela que parece... talvez, amadurecido pela vida. Nem sei bem por que senti isso, na verdade.

— Que bom que você está feliz — constato, honesta.

Benjamin e os homens engatam um papo entre eles, e Gabrielle e eu passamos a ter nossa própria conversa. Sou metralhada por diversas pequenas indagações a meu respeito. Percebo que este é, provavelmente, seu jeito de especular, querendo me conhecer e talvez proteger seu irmão. Eu gosto disso. Gosto de como ela consegue ser gentil mesmo assim.

Pouso o copo sobre a mesa e descanso a mão ao lado.

— Tenho uma floricultura, é pequena, na verdade — explico, quando questiona o que eu faço — Sempre gostei muito de flores — sinto necessidade de explicar.

— Ah, isso é legal. Eu também gosto de flores. Quando era criança, minha avó tinha uma cerejeira no quintal, aquela árvore era a mais bonita que eu já vi na vida — diz com autenticidade — Os meses em que florescia eram um grande evento para todos.

— Cerejeiras são realmente lindas — comento, confortável com o assunto — Na casa dos meus pais há um pé bem grande, está lá desde antes mesmo de eu nascer. Debaixo dela era meu local preferido no quintal.

— Debaixo da árvore de minha avó também, mas provavelmente por outros motivos — brinca, em tom de malícia bem-humorada.

Gabrielle me lembra a Pini pelo sorriso verdadeiro e animação. Gostei dela.

De repente, o pensamento entra em segundo plano quando sinto o toque da mão de Benjamin ao lado da minha, acariciando meus dedos em movimentos suaves, distraídos. Um contato gentil, sem intenção, vagando ao entorno do meu anel. Espio seu perfil, concentrado na conversa com os homens de sua família. Benjamin está me fazendo carinho sem perceber! Meu coração tolo acelera, vigoroso.

Prendo a respiração, temendo que um simples movimento meu o faça perceber e parar. Veja a que ponto cheguei...

Um grasnado esquisito vindo de Gabrielle me chama. Subo o olhar para ela e me deparo com seu sorriso bonito de canto de lábios, observando a cena, pouco escondendo a satisfação. Mantenho a mão onde está e tento relaxar e me concentrar em conversar com ela. Não posso fazer disto um grande evento. Logo ele vai perceber o que está fazendo e dar um jeito de se afastar. Ele sempre se afasta.

Por Deus, estou permitindo que este homem bagunce a minha cabeça. Mesmo quando tudo o que ele faz é não fazer nada.

Gabrielle limpa a garganta.

— E então, Alice, há quanto tempo você e meu irmão estão juntos? — a questão numa nota um pouco mais alta do que estávamos conversando me pega desprevenida. Percebo sua clara intenção de chamar a atenção do irmão.

Ele não se move de sua posição, mas noto seu corpo enrijecer discretamente.

Fico, por um momento, sem saber como agir.

— Oh, nã-não — gaguejo, desajeitada — Nós não estamos juntos — balanço a cabeça, negando — A gente só, você sabe... — não encontro palavras, e a danada sorri ainda mais, em incentivo — A gente mal se conhece, praticamente nem amigos somos — relato a verdade, sem graça.

A mão, que antes me fazia carinhos despretensiosos, descansa por completo sobre a minha e se entrelaça nos meus dedos, possessivamente, mantendo a união. É como se me desmentisse com o gesto. Sem se virar, sem se mover ou deixar de prestar atenção aos primos. Benjamin não dá uma única manifestação em nossa direção. Mas seu domínio se estabelece.

Nós duas percebemos.

Pelo brilho maléfico em sua expressão, Gabrielle parece determinada a não deixar quieto.

— Bem, já que você está solteira, podemos pedir umas bebidas lá no bar, depois do jantar, o que acha? Ouvi dizer que este lugar é muito bem frequentado — seu entusiasmo malicioso assusta.

Não contente, ela se inclina para mais perto de mim (e aos ouvidos do homem).

— Se reparar bem, há algumas boas opções logo ali, à sua esquerda — cochicha indiscretamente, apontando com o queixo para um canto qualquer ao nosso lado.

Mentindo, obviamente. Vejo a diversão de provocar o irmão estampada em seu rosto. Garota terrível!

Para não rir, mordo a bochecha bem forte.

Gabrielle se parece também com Katarina.

Benjamin não se move, entretanto, segura um pouco mais forte minha mão, dando mais munição à armadora.

— Sabe... — ela delibera — É sempre bom olhar mais de perto antes de agir, esta luz às vezes engana. Vamos ao banheiro?

— E-eu... — me atrapalho, diante do ar zombeteiro dela.

E ele finalmente se vira para a mulher.

— Já podemos pedir o jantar, não acham? — pergunta, impassível, apesar de se dirigir a todos na mesa.

Peter e os primos concordam, dizendo amenidades sobre a comida daqui e coisas assim, mas Benjamin fita sua irmã demasiadamente sério.

— Está tudo certo, Ben? — ela indaga docemente — Você parece pálido. Aposto que bebeu este uísque sem nada no estômago — aponta para a bebida que ele tem em sua frente, simulando preocupação.

— Muito engraçada — ele rosna sem humor.

Então seus olhos finalmente caem sobre mim. Engulo em seco, atingida pela vibração ferina vinda dele. Benjamin se aproxima da minha bochecha, simulando o movimento de um beijo no rosto, mas para perto do ouvido.

— “Nem amigos somos”? *Tsc, tsc*, você me magoa assim — sussurra, encostando o lábio sutilmente contra a minha pele.

Os pelos do meu braço se eriçam. Ele se afasta, para checar minha reação, e volta ao pé do meu ouvido.

— Espero que não caia na conversa de minha irmã, doce Alice. Tenho um sério problema para

controlar meu temperamento, lembra? — debocha.

Estas foram as *minhas* palavras, na manhã em que bati no seu carro. Ele acabou de jogar o que eu disse em meu colo!

Em minha defesa, não falo nada.

Espreito Gabrielle, que sorri triunfante. A mulher é uma espécie de cupido, numa versão maquiavélica. Minhas amigas vão amar esta garota.



O jantar chega e a conversa ganha domínio familiar. Descubro que os pais de Benjamin já são falecidos. Gabrielle morou alguns anos fora do país, com seu ex-marido (de quem ela não fala muito, e seus irmãos parecem protegê-la deste assunto). Sem dúvidas, há um elo muito forte de carinho entre eles. É bonito ver uma família tão próxima. Isso me traz saudade dos meus pais, irmãos e sobrinhos.

Depois que os pratos são retirados e todos estão satisfeitos, Peter convida os homens para uma rodada de sinuca. Benjamin avalia a sugestão, relutante. Gabrielle sorri angelical, adorando atormentar o irmão.

— Vá lá, Ben. Alice e eu precisamos mesmo ir ao banheiro — seu modo de falar é tão doce que me faz rir... e provoca um rosnado desagradado no irmão — Ou você não quer deixar sua amiga comigo? Se você quiser, pode ir ao banheiro feminino com a gente, só não sei se é permitido — ela sustenta seu olhar furioso sem nenhum vestígio de medo.

— Vamos lá, Ben — os amigos chamam.

Ele se inclina para mim novamente, dando a impressão de que me beijará o rosto em despedida.

— Não vá na onda dela — seu sussurro é uma advertência sem polidez.

Contrariado, acompanha os homens para a parte da frente do restaurante. Meu olhar viaja junto, notando seu bumbum durinho embaixo do jeans e a maneira como algumas mulheres lhe lançam olhares furtivos. Benjamin é um homem impressionante exteriormente, mas eu não sei, há algo em seu comportamento que esconde uma escuridão muito perigosa... Novamente, retorna a memória das palavras de sua vizinha sobre ele ter assassinado a esposa.

Gabrielle limpa a garganta, chamando-me a atenção.

— Vamos ao banheiro, Alice? — avalia meu semblante, desconfiada.

— C-claro...

Levanta-se, elegante em seus saltos.

— Só para dar algo para ocupar a mente de meu irmão... — dá de ombros, sem nenhuma vergonha de ser uma armadora.

Não consigo não achar graça, enquanto a sigo.

— Você é meio terrível... — observo.

A loira exuberante apanha minha mão e entramos no lugar amplo repleto de espelhos. Ao contrário do que a maioria das mulheres à nossa volta faz, olhando-se, retocando-se, arrumando-se

diante de seu reflexo, a loira não dá a mínima para sua imagem. Ela se escora contra a pia, de costas para o espelho, e me observa.

— Você gosta dele, não é?

Não desvio de seus olhos, porém vacilo, não tendo certeza do que responder.

— Honestamente? — murmuro.

Ela acena um “Vá em frente”.

Expiro, esvaindo meu peito. O modo gentil como me observa derruba qualquer barreira entre nós. Por uma estranha razão, esta desconhecida tem algo em si que me faz querer me abrir, contar a ela a confusão de tudo isso.

— Não sei ao certo. Eu gosto, mas... Mas sinto que isto é um erro, sabe...

— Acredite em mim, Alice, eu sei bem como meu irmão pode ser um grande chute na bunda às vezes... Porém ele é um bom cara, e acho que sente alguma coisa por você.

— Eu acho que não...

Ela sorri.

— Ah, eu tenho certeza que sim. Sua presença esta noite significa muito para ele. Para todos nós. Benjamin não sai com uma mulher desde que... desde... — ela hesita.

— Desde...? — incentivo, curiosa, aliás, *muito* curiosa por achar que há alguma relação com a história sobre ele ter assassinado a esposa — Isto tem a ver com a mulher dele? — antes que meu cérebro coordene, a questão sai de minha boca.

Assisto aos seus lindos olhos azuis, iguais aos do irmão, se estreitarem, suspeitos, procurando alguma coisa em mim.

— O que você sabe sobre ela?

Mordo o lábio, entrelaçando os dedos nervosamente.

— A vizinha dele me contou algo...

— Sobre?

Respiro fundo, isto não tem jeito fácil de ser dito.

— Ele ter matado a esposa.

Seus olhos se arregalam em órbitas e os lábios se separam formando um pequeno “oh”. O segundo seguinte é apenas um longo e desconfortável silêncio. Começo a me arrepender e estou prestes a me desculpar pela intromissão tão invasiva... Até que uma sonora gargalhada, saindo dela, me confunde.

— Deus do céu! — seus olhos chegam a marejar com a risada.

Sem entender, percebo-me enrubescer, me sentindo como uma tola, mesmo que eu ainda não saiba exatamente o porquê.

— Desculpe, Alice, eu só... Você... — ela mal consegue falar.

Pacientemente (em meu exterior), espero que a mulher se recomponha. Ela toma algumas

respirações profundas.

— Sinto muito, me desculpe por rir. É que foi realmente engraçado. Você tinha de ver seu rosto — com outra grande respiração, ela continua — Não, Ben jamais seria capaz de uma coisa destas.

— Mas então?

— Ele inventou a história.

Levanto as sobrancelhas, completamente em branco.

Ela sorri.

— Quando ele se mudou pra lá, as mulheres ficaram sabendo do solteiro gato morando na cobertura e começaram a se lançar aos montes em sua porta, com as desculpas mais ridículas. Então Ben, com seu senso de humor negro, tratou de inventar esta história. Ele disse ao porteiro que tinha matado a esposa e... *voilà!* O prédio todo ficou sabendo e o festival de vizinhas prestativas acabou.

Meu santíssimo, sinto a própria vida sendo renovada em mim.

— Ah... — exprimo com evidente alívio e vergonha.

Uma rápida olhada para o espelho e me enxergo corada.

— Um ogro, né... — ela brinca.

— Gabrielle, será que eu posso perguntar mais uma coisa? — peço, sem jeito.

— Sim.

— Ele tem uma esposa?

Suspira.

— Não. Meu irmão é realmente viúvo.

— Hum... — resmungo, desviando meus olhos dos seus — Eu posso perguntar como ela morreu? — em meu interior, estou tentando obter qualquer informação sobre aquele homem que justifique seu jeito de ser.

— A infeliz sofreu um acidente de carro — percebo que este assunto desperta nela algum tipo de mágoa que não faz questão de omitir.

Eu quero questionar tantas coisas e, ao mesmo tempo, não quero enchê-la de perguntas.

— Por que você se refere a ela deste jeito? — não me contenho.

Gabrielle se cala, e então se gira para a pia, fitando-me através do espelho.

— Olhe, esta história não é minha para contar...

— Eu preciso entender — interrompo, num pedido franco.

Gabrielle me encara. Encara de verdade, procurando algo em mim.

Amue, num longo suspiro.

— Aquela mulher o magoou muito... Se ela não tivesse morrido, eu mesma acertaria sua cabeça.

Comprimo os lábios, absorvendo a informação.

— Então ele é assim por... — *causa dela*. Mas nem mesmo consigo dizer.

— Acho que o Ben evita enfrentar a realidade. Preferiu se tornar recluso nesse luto eterno, afastando as pessoas, evitando o assunto, usando o maldito preto... — balança a cabeça — Deus, isto tudo é tão frustrante...

O enjoo consumindo meu interior e reverberando na boca me impede de falar qualquer coisa.

Diante dos meus olhos, assisto à possibilidade de que um dia as coisas mudem entre nós sendo puxada como um tapete debaixo dos meus pés. Benjamin está de luto porque ainda ama a esposa, claro como o dia. De que outro jeito justificaria a culpa quando estamos juntos, e todo aquele preto. Só um homem que ainda ama, agiria assim.

Talvez percebendo minha conclusão, ela volta a ficar de frente pra mim.

— Meu irmão gosta de você — apanha minha mão — Eu vi no modo como te olha. Sei que Ben pode ser uma pessoa difícil (e bota difícil nisso), mas trazer você aqui é um grande passo... Não desista, ao contrário, acredite que você está no caminho certo.

Quando me dou conta, estou abraçando a mulher, em busca de consolo ou esperança.

— Mais uma coisa — ela diz sem me soltar — Peter não mentiu em tudo: voltei para a cidade e não tenho nenhuma amiga aqui. Preciso de você, com ou sem o Ben — brinca, sorrindo verdadeiramente.

E eu quero ser sua amiga. Quero mesmo, independente do que aconteça entre seu irmão e eu.

— Você tem uma amiga em mim, Gabrielle... — afirmo, sincera — E Peter é um espertinho armador.

Permanecemos no banheiro mais alguns minutos, falando sobre banalidades. Assim que colocamos os pés para fora, pego Benjamin me vigiando à distância. Mantenho minha expressão neutra, como se nada tivesse mudado, e sigo Gabrielle para o bar, em frente à mesa de sinuca onde eles estão. Não deixo de perceber um grupo de mulheres cobiçando Benjamin descaradamente. Ele, por outro lado, parece não notar.

— Que tal fritarmos um pouco a cabeça dura dele? — Gabrielle cochicha no meu ouvido.

Encaro-a, pronta para pedir que ela não faça nenhuma coisa mirabolante que tenha em mente, mas não consigo reagir a tempo. A loira levanta um copo na direção de dois homens bonitos, incitando o flerte. Eles não esperam por uma segunda dica para se moverem.

— Relaxe, Alice. Às vezes, precisamos dar uma forcinha ao destino — sorri, negligente.

— Não sei se é uma boa ideia, Gabrielle, seu irmão não vai gostar.

— Assim eu espero — pisca, divertida.

Os dois homens bem-afeiçoados se aproximam.

— Oi — ela graceja em timbre sedutor — Sou Gabrielle e esta é a minha amiga, Alice.

Só tenho tempo de assistir ao mais alto cumprimentar ela com um beijo no rosto, antes de Benjamin estar ao meu lado. Sua presença se impõe. Ele é um homem que chama a atenção, onde estiver.

— Precisamos ir, já está tarde — informa, áspero, sem dirigir uma única palavra a qualquer

um deles.

A irmã o olha numa expressão imaculada.

— Se você tem algum compromisso logo cedo não se preocupe, Ben, pode ir. Eu levo Alice pra casa — seu jeito doce quase engana.

— Vai sonhando — responde, sem humor — Está pronta para ir, Alice?

Abro a boca para um protesto, contudo, calo-me ante seu olhar penetrante. Quase nem me despeço direito de Gabrielle. Anoto rapidamente meu número no celular dela e nos abraçamos, antes do impaciente Benjamin nos levar para fora.



Capítulo 12

Alice

Benjamin dirige em silêncio. Seu rosto é uma máscara calma, apesar do aperto de seus dedos contra o volante. Desde que saímos do restaurante, ele não me disse qualquer coisa. Deve estar chateado. Gabrielle não pensou muito no que aconteceria depois de sua brincadeira. Ela tem fé em seu irmão, mas eu? Nenhuma.

Ele estaciona em frente à minha casa e desliga o motor. Toco na maçaneta para abrir e sair.

— Adeus, Benjamin — resmungo, sobrecarregada com a tensão no interior do carro.

— Você não vai me convidar para entrar, Alice? — sua voz é rouca daquele jeito profundo, atraente, a que já estou familiarizada.

Observo o músculo de sua face contraído, os olhos perigosamente escurecidos.

Prudência nunca é demais.

— Acho melhor não — sibilo sem convicção.

— Está com medo de mim?

— Não. Eu só estou tentando fazer o que é certo... — embora queira dizer isto, há menos determinação em minha voz do que deveria.

O homem me avalia num escrutínio calculado, e, lentamente, vem se aproximando, centímetro a centímetro, deixando expressa sua intenção.

Um erro. Mas não impeço, e pela razão mais egoísta: por querer, só por hoje, intensamente, todas as reações ímpares que se manifestam dentro de mim quando estamos juntos. Com ele tem sido assim. Com ele, meu ser muda, se torna vivo, sensível, alerta.

Imóvel, fecho os olhos e recebo seus lábios nos meus, no começo calmo, explorando, testando, despertando. Benjamin tem consciência do que faz. E quando sabe que atingiu um lugarzinho em meu interior que clama por mais, o beijo ganha sobriedade, determinado a dissuadir minha negação.

Eu me sinto uma tola.

Nunca pensei que o amor pudesse ter um lado ruim. Todavia, tem. Eu estou apaixonada por ele e mal o conheço, não sei o que sente, ou pensa, quem realmente é... Como fui me meter nisso? Benjamin me apresentou a um lado abaixo da superfície. Incerto. Ansioso. Onde nada permanece no lugar...

E era o que eu gostaria de conhecer. Mas a que preço?

— Por favor, pare... — afasto-me para tomar fôlego e empurrar a névoa tentando levar meu

controle.

Ele esfrega o rosto, exasperado, recostando de volta em seu banco.

Ninguém diz nada por alguns instantes, até que sua voz grave corta o silêncio.

— Isso não é como eu gostaria também — há derrota na admissão.

A razão me manda sair deste carro sem olhar para trás, mas preciso saber, preciso entender.

— Me diga, honestamente, pra você o que estamos fazendo, Benjamin?

O músculo em sua face ressalta.

— Eu não sei. Só sei que quero você, quero desde que me mandou aquelas *plantas* estúpidas — olha-me.

— Eram flores... — lembro, sem ênfase.

Ele emite um bufo, do tipo “tanto faz”.

— E o que *você* quer de mim? — me foca com intensidade.

— E-eu? — a pergunta sendo jogada tão diretamente me atrapalha, por sorte, aparentemente é retórica, já que ele continua a falar.

— Uma declaração? Uma admissão de que não consigo parar de pensar em você e em tudo o que tem feito comigo? É isso o que quer, Alice? — soa como alguém irritado com si mesmo por supostamente se permitir uma fraqueza.

Oh Deus...

— N-não. E só gostaria... — mudo meu olhar agitado para minhas mãos unidas, sem saber explicar em palavras a maneira como eu realmente gostaria que as coisas fossem, após ouvir tamanha revelação de sua boca — Que fosse diferente... — é tudo o que tenho capacidade de dizer.

— E ainda assim, estamos aqui, não estamos? Você não faz a menor ideia do quanto essa situação é ferrada pra mim...

— Então me fale, converse comigo...

Ele respira fundo, exasperado.

— Por que você não pode simplesmente deixar ir? Por que apenas não curtimos o momento e deixamos essa... — gesticula — Essa coisa entre nós rolar...? Eu quero estar aqui com você, Alice. Contra tudo de mim, eu simplesmente quero, entenda isso.

Não tenho força de vontade suficiente para impedir meu coração de descompassar diante do que diz... Eu desejo estar com ele deste mesmo jeito. De maneira que nunca desejei com nenhum outro. Tudo sempre foi tão fácil, tão certo, e com ele é completamente o oposto, e ainda assim eu o quero.

E indo contra o alarme forte gritando na minha cabeça, eu simplesmente cedo e o convido para subir.



Benjamin está em pé, na minha sala, deixando-a com uma aparência muito menor. Tudo o que faz é me encarar daquele modo desconcertante. Desvio de seus olhos e ando para a cozinha, na

intenção de pegar qualquer coisa que tire a secura da minha boca. Ele me segue. Retiro da geladeira uma garrafa de água. Apanho um copo no armário e o encho. Meus movimentos são barulhentos, nervosos.

— Quer? — ofereço o copo.

Engulo em seco quando ele segura meu pulso, gentilmente, e retira o copo da minha mão, colocando-o sobre o balcão. O olhar em seu rosto é algo cru, carregado de densidade.

— Não resista a mim, Alice — diz em tom grave, meticulosamente calmo — Pare de pensar tanto, eu já te disse isso antes.

Arrepios eriçam minha pele inteira.

— Como se fosse fácil... — resmungo baixinho.

Penso que ele não ouviu, mas suas narinas dilatando-se avisam que sim.

— Você não vai me mostrar sua casa? — numa escolha meditada, opta por ignorar.

Estudo o seu semblante. Penso nas possibilidades de tê-lo enraizando esse seu perfume pelos lugares sagrados para mim.

— Não — respondo por instinto.

Ele ri, de um jeito gostoso, que reverbera pela cozinha.

— Isso não foi educado.

Benjamin

Ela me olha como um maldito cordeiro em sacrifício. Curiosidade, desejo, apreensão, tudo está estampado no rosto da mulher. Eu me detesto por ser o causador. Tão linda. Alice é tão linda. Seus cabelos ondulados balançam pelas costas quando se movimenta. Apesar de baixinha, seu corpo sustenta todas as curvas com maestria. Os olhos, em tom castanhos expressivos, transparecem suas emoções. Tudo o que vejo é uma menina, curiosa, temerosa, mas ansiando por me receber em sua vida certa.

Aposto um braço que ninguém nunca a magoou.

Ela não sabe o que é ter seu coração rasgado, o que é ser humilhado por alguém a quem se amou com tanta cegueira.

Alice vive no seu maldito País das Maravilhas Floridas. Quanta ironia.

E aqui estou eu, contra tudo o que deveria, em sua casa, desejando quebrar a barreira que ela, tão inteligente, vem tentando construir. Só consigo olhar pra essa mulher e querer, com toda a força, sentir a dor ir embora, como só ela conseguiu fazer.

Mergulhar em seu corpo foi o equivalente a lavar minha própria alma, num banho que ansiei por longos anos. Ela é fresca, pura, límpida. Nossos corpos encaixaram-se, parecendo algo que foi

trabalhado para ser assim. E não consigo deixá-la ir. Estou me comportando como um imbecil, mas não consigo.

Aliso o polegar sobre a veia pulsando em seu braço, quente, acelerada.

— Alguém tão gentil como você não pode fazer uma desfeita destas a um convidado, doce Alice — sim, doce como pêssegos maduros, a infeliz — Tenho certeza de que é uma anfitriã melhor do que isto.

Ela meneia a cabeça, desconfiada.

— Hã... Tudo bem — novamente, assisto ao movimento de sua garganta engolindo a saliva, o que a deixa vulnerável e linda — Aqui é a cozinha, ali a sala, o corredor e os quartos — diz, sem sair do lugar, apontando com a cabeça para os ambientes atrás de mim.

Tenho de rir.

E o faço.

Solto uma gargalhada involuntária. Acho que somente ela me fez rir, em alguns anos.

— *Tsc, tsc...* eu sou um homem visual, menina. Preciso ver eu mesmo.

Seus ombros se encolhem.

Ela sacode de leve o braço sob meu domínio e eu a solto. Atrás dela, tendo uma boa visão de seu corpo delicioso, seguimos para a sala.

— Aqui é a sala — então aponta com o braço para a direita — Lá o corredor e os quartos.

Tiro um minuto para olhar em torno do lugar. Sua sala é organizada: tem almofadas coloridas, cortinas em tom vibrante e uma estante decorada com uma porção de enfeites. Atraído por uma parede, me aproximo para ver de perto todas as dezenas de retratos emoldurados. Um, em especial, me chama a atenção: ela numa versão mais nova, trajando pijama, ao lado de uma mulher mais velha de traços semelhantes aos seus e um homem de meia idade. O sorriso em seu rosto, tão aberto, tão feliz, me surpreende.

— São meus pais — diz ao meu lado — Eu acho que tinha uns dezoito anos aí...

Um pensamento me ocorre.

— E quantos anos você tem hoje?

Ela enruga os lábios num beicinho descontente.

— Isso não foi nada sutil...

Rio.

— Eu não sou sutil, Alice. Achei que você já tivesse percebido — arqueio a sobrancelha, à espera da resposta.

Seu peito se estufa.

— Vinte e seis.

Bem, parece até menos.

— Eles moram na cidade?

— Moram, mas no momento estão numa viagem bem longa. Ambos se aposentaram recentemente e viajar o mundo era o sonho deles.

Admiro pessoas que vão atrás de realizar seus sonhos. Fui assim. Numa época em que eu *tinha* com o que sonhar.

Volto a observar os retratos. Para cada foto, ela me explica quem são: seus irmãos, sobrinhos, cunhadas. Alice está sempre sorrindo, exalando felicidade através de seus olhos.

— Elas aparecem bastante — aponto para uma das tantas onde ela e mais três mulheres estão juntas (nesta, cobertas de tinta, encarando a câmera com alegria).

— Estas são Júlia, Katarina e Priscila. São minhas irmãs... não de sangue, mas somos melhores amigas desde que éramos crianças, sabe? — aponta para a foto — Neste dia aí, Pini (a Priscila) — explica — tinha se mudado para este lugar. A primeira de nós a sair de casa. Era um quartinho pequeno, cheirava a queijo e molho de tomate, por ser em cima de uma pizzeria — suspira — Mas minha amiga estava tão feliz por... bem, não vem ao caso. Enfim, foi um dia feliz pra ela, e consequentemente para a gente também.

Preciso observá-la melhor. Alice nutre um sentimento profundo por elas, algo de fato impressionante.

— Fico feliz que tenha boas amigas — é o que consigo dizer, porque é verdade.

Ela permanece olhando a foto, saudosa.

Limpo a garganta.

— E então, onde é seu quarto?

— O quê? — se alarma.

Gosto disto.

— Bem, você conheceu o meu, acho justo conhecer o seu também...

— P-por quê? — vacila.

Porque quero fazer exatamente o que fantasiei desde que botei meus olhos em você neste vestido, menina. O pensamento vem automático.

— Gostaria de saber onde você dorme, por curiosidade — sorrio, com falsa inocência.

— Sei bem o que quer... — ela resmunga.

Alice é engraçada. Muito até. Ela tem estes momentos em que diz exatamente o que pensa, mas em tom tão baixinho, parecendo achar que ninguém mais pode ouvir. Uma graça.

— E então? — pressiono, com humor.

Pela visão periférica, sem tirar meus olhos de seu rosto, vejo o tamborilar musical que seus dedos fazem na palma da mão, talvez um modo de deliberar.

Ela bufa.

— Por aqui... — sai caminhando como quem vai para a força.

O lugar é como eu imaginava. A cama arrumada com zelo, decorada por travesseiros e almofadas em tons alegres (mas que surpreendentemente se harmonizam), uma penteadeira talhada,

tudo revela exatamente sua personalidade romântica. No momento, prefiro não analisar muito.

Enquanto observo, escorado à porta, ela se encontra ao centro, próxima à cama, sem saber bem como agir. A cor em sua bochecha manifesta seus pensamentos, na mesma sintonia que os meus.

Então eu me aproximo, pairando por trás de seu corpo, aspirando o cheiro enfeitado de seus cabelos.

— Você mexe muito comigo, Alice — a rouquidão em minha voz entrega meu estado — Eu não consigo parar de pensar em você.

Ela estremece.

Afasto seu cabelo para o lado, liberando a curva do pescoço para minha apreciação. Inclino-me e sorvo sua pele, encostando meu nariz contra o local quente e sentindo o frescor que emana dela.

— Será que tem alguma noção de como é frustrante te querer tanto?

— Ben-Benjamin... — ofega.

— Será que você imagina o que é dormir e acordar com a sua imagem na cabeça, doce?

Subo uma trilha até encontrar o ponto mais sensível, atrás de sua orelha. Sopro ali, apenas pelo prazer de vê-la se arrepiar.

E ela amolece e se contorce num arrepio lindo.

— Eu gostaria de tirar este vestido de seu corpo. Quis isto desde que a vi esta noite. Será que você me permite, Alice? Você me permite deslizar este zíper — corro meus dedos por suas costas nuas no decote da peça, a vontade de fazer isto me matou durante as últimas horas — e tirá-lo de você?

— E-eu... Benj... Acho... — não diz nada com nada.

— Permite? — roço os lábios contra o topo de suas costas.

— Sim — e há tanto desejo em sua fala que, se antes eu estava duro, agora chega a ser doloroso.

E eu o faço. Dispo-a. Porque, se tem algo de que me lamentei desde o momento em que ela deixou a minha casa correndo daquele jeito, foi de não ter contemplado seu corpo como deveria. Não ter feito um raio-X dele como minha mente cobiçou. A ânsia de estar dentro dela, depois de tantos anos sem nada em minha vida, e principalmente por ser justamente *ela*, não me permitiu desfrutar como desejei.

Mas não cometerei o mesmo erro. Não esta noite.

A peça de roupa cai aos seus pés, e em minha frente está Alice, de lingerie e sapatos de salto. A visão é para quebrar o autocontrole de qualquer um.

Viro-a de frente para mim.

Seus lábios estão separados, o ar passa por ele em fragmentos, dando a impressão de que a mulher está fazendo um exercício de respiração para administrar seu estado.

Linda. Linda. Linda. Maldição!

Beijo-a. Beijo com vontade, e mais do que isto: necessidade.

Afasto o mundo e suas merdas para um lugar distante e me concentro em viver aqui, o momento com ela. Do modo como tem de ser: atento a toda e cada parte desta mulher. Sorvendo, recebendo sua entrega. Porque é ela. É Alice. Deitada nesta cama, nua para mim. É ela quem tem me feito pensar em coisas das quais eu não posso fugir.

Quando grita meu nome baixinho, eu sei que ela é minha. Seu desejo me pertence.

E ao tentar escapar para dentro de si, eu a obrigo a não me manter do lado de fora.

— Olhe pra mim — exijo.

Pálpebras pesadas, ela tenta, mas o ardor a impede.

— Abra seus olhos e me olhe, Alice — eu preciso disto.

Ela geme alto, e, lutando por forças, me fita. A cena de sua excitação ficará para sempre em minha memória. Sou apossado de um desejo possessivo de marcá-la como minha. De fazê-la nunca mais olhar para outro homem da maneira como me encara agora. E então, a lembrança de sua brincadeira com minha irmã naquele bar me atinge mais, o ar ganancioso que aquele sujeito mantinha sobre ela. Não. Nunca mais. Alice não pode ser de mais ninguém.

— Quando pensar em conversar ou paquerar com outro cara novamente, você vai lembrar de mim, Alice — determino, como uma maldição sendo lançada — Você vai lembrar da sensação de quando estou dentro de você — saio, somente para me arremeter novamente dentro dela — Você vai lembrar de como se sente comigo — fricciono seu ponto sensível — E do quanto nossos corpos são perfeitos assim, juntos. Nunca haverá outro, Alice.

Cerro o aperto de minha mandíbula até tê-la desmanchando-se e gritando meu nome. Somente então, me liberto também.

E no auge do momento... ela diz aquilo.

— E-eu te amo!

“Eu te amo”.

Eu te amo.

Li esta frase cerca de dez vezes, numa única página. E em tantas páginas depois. A maldita frase, dita tão levianamente entre eles, entre nós, agora é replicada nos lábios da doce e inocente Alice.

Assisto ao momento em que ela adormece profundamente, não demora a acontecer. Seu corpo exausto rola para o lado, numa bola.

Sento-me na cama e olho para mim mesmo, ainda parcialmente vestido.

Tomei promessas dela e não dei nada em troca. Não posso dar nada, não tenho o que dar. E não consigo deixá-la ir. Sou um egoísta. Um imbecil egoísta. Alice merece mais do que isto, merece estas malditas baboseiras em que acredita. Há caras por aí que ficariam felizes em agradá-la. Eu já fui um cara assim. Eu já fui o cara que dá flores, jantares e o coração numa bandeja. O que eu recebi em troca? Traição em seu modo mais vil.

Eu havia estabelecido em minha mente que me afastaria da menina. Inúmeras vezes, repeti para mim o quanto é errado deixá-la se aproximar. Ela é boa, gentil, preserva o coração intacto. Não

merece alguém como eu, bagunçando sua cabeça. E estava determinado a cumprir isso.

Então ela apareceu, bêbada, falante como um grilo, vulnerável, corajosa.

Tudo poderia ser diferente. Mas não é.

Infelizmente para ela, sou consciente de algo que Alice ainda não descobriu sobre a vida: o amor é uma ilusão. Alguém irá mostrar a ela, inevitavelmente, mas não quero ser esta pessoa. Não posso ser o cara que destruirá as fantasias nutridas por Alice. Não quero ser eu a lhe mostrar que o mundo não é feito de flores, como sua vida. O mundo é feio, de pessoas traiçoeiras, que fatalmente vão quebrar seu peito.

Afastar-me dela é o melhor. Eu sei disso. No fundo, ela sabe disso.

É minha obrigação tomar uma atitude. Só *tentar* não tem sido o suficiente. Eu tenho de *fazer*.



Capítulo 13

Alice

Acordo no meio da noite. Ele se foi. Não preciso abrir os olhos ou buscá-lo pela casa para confirmar. Sinto sua ausência. Por *curiosidade* (prefiro definir assim a considerar um masoquismo), verifico o horário no celular. Falta pouco para as duas da manhã. Significa que ele foi embora logo depois de eu adormecer.

Pisco, evitando dar vez ao ardor na garganta.

Eu deveria ter esperado.

Enrolo-me num casaco e vou para a sala, talvez querendo evitar o perfume entranhado nos lençóis. Levo comigo o celular. Ligo o som baixinho e me sento no sofá, no escuro. Involuntariamente, me vejo girando o telefone entre os dedos, esperando algo que, no fundo, temo que não virá.

Recebo uma mensagem, e com ela vem a esperança.

Um engano.

Não é ele.

✉ **Remetente:** Número Desconhecido

Mensagem: “Muito feliz por te conhecer, Alice! Podemos marcar um café esta semana?
Beijos. Gabi”.

Salvo seu número no meu telefone. Está muito tarde para responder, mas farei isso amanhã, com certeza. Gostei muito dela, independente de Benjamin.

Sem sono, puxo a manta do sofá, me embolo um pouco mais e penso. Eu disse a ele o que sinto. Disse que o amo. Sempre acreditei que, quando chegasse o momento, seria especial e haveria um sabor melhor do que este gosto amargo na boca.

Ele ainda está preso à falecida esposa, não dá para lutar contra algo assim.



É início de noite quando encontro as meninas no centro comunitário de Dominic. Coloco um sorriso no rosto e dou o meu melhor para que elas não percebam que estou tendo um dia ruim. Não quero ter de expressar em voz alta a porcaria como me sinto. Benjamin não deu sinal de vida, nem dará. Gabrielle por outro lado, respondeu à mensagem que lhe mandei, marcamos um café para

amanhã. Eu me comprometi, comigo mesma, a ser pra ela uma amiga, e é o que farei. Além de que as meninas vão gostar muito dela, tenho essa intuição.

Ajudo com os alimentos na cozinha e em seguida vou para o refeitório. Sento-me em uma das mesas com alguns frequentadores e busco conversar um pouco. Estas pessoas têm muito a dizer e gostam de serem escutadas... Pena eu não ser uma boa ouvinte hoje, estou um tanto aérea.

Uma senhora, na casa dos cinquenta anos, toma o lugar em minha frente, trazendo consigo sua refeição. Em alguns minutos, tenho pacientemente ela me contando a história de sua vida. O homem com quem foi casada durante vinte anos a abandonou, cheia de dívidas, no momento em que ela teve um câncer e mais precisava dele. O abandono somatizou ainda mais na doença. Não dá para entender como funciona o cérebro de algumas pessoas, esta incapacidade de amar, de fugir... de não ligar de volta. Estou quase abraçando a mulher e sugerindo a criação de um grupo de autoajuda do tipo “Alguns Homens Não Prestam”. Sorrio mentalmente com meu nível de humor do dia. Eu não sou e não quero ser uma pessoa ressentida.

Pini se senta ao meu lado. Silenciosa, escuta atentamente o final da conversa. Ela sorri com compaixão para a mulher. Se depender da Pini, o nome do clube será “Homens Definitivamente Não Prestam”.

A senhora se levanta e vai em busca da sobremesa. Pini envolve o braço por cima do meu ombro e beija meu rosto.

— Eu notei você esta noite. O que está acontecendo, Ali? — pergunta baixinho, no tom de voz carinhoso que ela só usa com a gente. Poucas pessoas conhecem este seu lado amoroso.

Meneio a cabeça querendo dizer que nada; a ardência na garganta, no entanto, me impede de abrir a boca. Se eu começar a contar, acabarei chorando, e não derrubei nenhuma lágrima até agora, estou orgulhosa de mim.

— Estou bem, Pini — encaro seus olhos — É sério — sorrio sem muito ânimo, apesar do esforço.

— Você sabe que eu estou aqui para o que precisar, não sabe?

— Sei, e eu te amo por isso — dou um beijo em seu rosto e trato de desvirtuar o assunto.

Acho que preciso ir pra casa. Estou um pouco mais pra baixo do que eu gostaria.

Despeço-me das meninas, alegando uma dor de cabeça sem importância. Somos uma família e a preocupação é comum entre nós. Mas hoje eu só quero estar em casa. No caminho para a saída, me despeço de Dominic, combinando de voltar na próxima semana. O evento para angariar patrocinadores será em breve.

Já em casa, deito no sofá, sem me alimentar, e fico assim por horas, refletindo sobre o silêncio dele, inevitavelmente.

Eu poderia ligar, ir atrás e pedir uma explicação. Sim, poderia, mas não é justo comigo. Em sua casa, Benjamin disse que a vontade de me proteger me impedia de perceber o que eu estava fazendo com ele. Na verdade, meu instinto estava certo, o resultado chegou para ambos. No final, quem está magoando quem?

“Pare de pensar e comece a sentir, Alice”... Conselho de merda o dele.



Capítulo 14

Alice

Enquanto espero Gabrielle na cafeteria onde marcamos de nos encontrar, me ressinto por ter sido tão distraída na reunião com o cliente do evento desta semana. Ele nos conheceu no noivado da filha do reitor. Sabrine, respondendo às dúvidas prontamente, me salvou de passar uma grande vergonha. Isto não vai mais acontecer. Não posso permitir que minha vida pessoal interfira nos negócios da empresa. É errado. Eu poderia culpar a ausência de sono, mas culpo apenas a minha tolice de ainda pensar em alguém que não está nem aí.

Aliso a cintura do meu vestido cor vinho, tirando um fio quase imperceptível branco, do blazer, quando ela chega. Muito bonita... não: surpreendentemente bonita. Cabelos platinados esvoaçantes, uma calça escura justa ao corpo, botas de cano longo até as coxas grossas e uma blusa creme modelo poncho por cima. Seu sorriso é tão belo quanto o do irmão. Isso dói um pouquinho.

Engulo tudo e a cumprimento com um abraço bem apertado.

— Alice!

— Oi, Gabi — chamo-a pelo apelido com que respondeu as mensagens — Tudo bem?

— Tudo bem, e você, como está? — sorri — Tô feliz por nos encontrarmos de novo. Você já conhecia este lugar? — olha em volta para a cafeteria cheia, talvez em função do frio lá fora.

— Já, sim, minhas amigas e eu costumávamos nos encontrar aqui na época da faculdade, por isso vim um pouquinho mais cedo — encolho os ombros, sorrindo — pegar um lugar ou ficaríamos em pé.

Seus olhos, daquele tom de oceano numa praia paradisíaca, percorrem meu rosto e estreitam-se.

— Você não respondeu...

Levanto a sobrancelha, confusa.

— Sobre como está... — lembra-me da questão.

Engulo o desconforto.

— Estou bem também, graças a Deus. Você sabe, correndo com aquele evento de que te falei.

— Do golfe?

É legal da parte dela lembrar, mostra que prestou atenção ao que eu disse.

— Sim, sim. Será em alguns dias.

Ela tira o cachecol, ainda me estudando.

— Estas olheiras...? Tem a ver com meu...?

Não há especulação, apenas um interesse genuíno.

— Oh, não, é só um pouco de preocupação para que tudo dê certo — balanço a cabeça, negando — Você sabe, estamos começando agora nisso de organização e tal...

— Alice, sei que a gente ainda não se conhece muito bem, e desculpe me intrometer, mas você parece diferente desde o jantar. Se me permite dizer, há algo de errado, eu vejo isso. Você pode confiar em mim. Se ele fez alguma coisa, pode me contar.

Sua preocupação me faz sorrir.

— Você se parece com minhas amigas.

Ela sorri também, abertamente.

— Deve ser porque eu me preocupo com você. Eu te disse, tenho um sexto sentido para as pessoas, lembra? — pisca, esperta.

— Lembro sim... Vocês irão se dar bem.

Evito o *assunto* e entro numa conversa mais leve. O encontro passa de uma forma boa, falamos sobre coisas de mulher, conto do evento que estamos organizando e ela fala de seus trabalhos. Sinto-me à vontade em sua presença. Acho que seu sexto sentido a avisou para não tocar no nome do irmão. Saio gostando ainda mais de Gabrielle.

Volto pra casa, deito no sofá e deixo que a terceira noite me leve para o marasmo. Assim como nos dias anteriores, a ideia de procurá-lo vem como um mosquito zunindo em meus ouvidos, atormentando-me. Eu poderia ligar pra ele e perguntar o que está acontecendo. Neste caso, mais uma vez, eu estaria indo atrás de uma dose homeopática de rejeição após algum possível momento de prazer.

Benjamin

Debruço a cabeça contra o bar de canto em meu apartamento. Despejei algumas doses de uísque, mas nem elas amenizam a inquietação martelando o peito. Deus, eu queria não sentir tanta raiva. Queria que eles não tivessem contaminado a minha alma, como fizeram. Queria ser para aquela menina o que ela merece.

Pensar em Alice até a exaustão é só o que tenho feito. Estacionei em frente à sua casa todas as noites, desejando entrar e simplesmente vê-la. Não tive coragem; sei que estaria comete outro erro.

Por que eu me transformei nesta pessoa?

Quando foi que eu perdi a fé?

A resposta é tão óbvia quanto a pergunta.

Se eu fechar a porra dos olhos, posso reviver e sentir tudo aquilo outra vez e ver o quanto fui um estúpido tolo.



— Você não acha que deveria colocar mais alguns casacos? — sugiro ao assistir Vivi arrumar suas malas — A temperatura beira dez graus no Sul nesta época.

Sorrindo, vibrante como sempre, minha esposa fecha o zíper.

— Acho que um é o suficiente, será apenas um fim de semana, meu bem... — coloca a mala no chão e vem até mim, acomodando-se no meu colo — Sentirei sua falta, você sabe, não é? — diz em tom sedutor.

— Também sentirei a sua — afasto seu cabelo para o lado e beijo-lhe o ombro — Sempre passamos essa data juntos, vai ser estranho ficar sozinho.

— Eu detestei também, mas você sabe como são esses congressos, marcam nos piores dias — encosta sua testa contra a minha — Poderíamos comemorar antecipado — esfrega-se, manhosa, no meu colo — Agora, por exemplo. O que acha, meu bem?

Duro. Sempre foi assim. Meu desejo por ela nunca diminuiu. Estamos juntos desde a faculdade e a paixão não mudou.

Apesar do pedido de meu corpo, tenho de lembrá-la de que não podemos. Não pelas próximas duas ou três horas.

— É o que eu mais desejo, minha querida esposa — brinco, roçando-lhe suavemente os seios, numa provocação por cima da roupa, do jeito que a entumece sob o toque — Temos companhia para o jantar.

Emite um suspiro longo, seguido de um beicinho.

— Eu adoro o Ismael, mas por que convidamos ele pra jantar justamente hoje?

Rio, alto.

— Acho que ele meio que se convidou, na verdade.

Ismael é, o que se pode dizer, nosso melhor amigo. Nos formamos os três na mesma classe. Planejamos nossas carreiras entre pesquisas biológicas e lecionar juntos. Ele é figura presente em nossa vida, um bom cara. Gosto dele. Vivi também. Em nosso casamento, ele foi o padrinho.

E por falar no sujeito, a campainha anuncia sua chegada.

Lançando uma última provocação contra meu autocontrole, Vivi, relutante, sai do meu colo. Puxa-me pela mão, convidando a me levantar da poltrona em nosso quarto. No topo das escadas, ela se coloca em minha frente.

— Você tinha mesmo de comprar uma casa tão grande, meu bem? — aperta meu queixo para um último beijo.

Abraço sua cintura.

— Devo lembrá-la, querida esposa, que foi você quem escolheu — rio, sugando seus lábios.

— É por isto que eu te amo.

Olho-a com seriedade.

— Eu também te amo, Vivi. Muito.

A campainha soa outra vez.

— Pelo jeito ele está apressado... — brinca.

Abro a porta e recebo dele um abraço.

— Ei, cara, e aí?

— Veja bem esta belezinha — entrega-me uma garrafa de Maldonado 99.

— Boa safra — confiro o rótulo — Eu me pergunto onde encontrou.

Convencido, ele caminha pela sala, até Vivi.

— Segredo, meu caro doutor Benjamin. Há coisas que um homem não pode revelar.

Meneio a cabeça, tendo de rir.

— Imbecil — fecho a porta.

Vivi o recebe da mesma maneira calorosa de sempre. Minha esposa tem isso em si, uma mulher carinhosa, leal aos amigos. É difícil entender a falta de compatibilidade entre ela e Gabrielle.

— O cheiro está divino — ele aspira o ar.

— Dona Inês caprichou — digo, enquanto abro a garrafa e sirvo nós três.

— Acho que é seu modo de dizer que sentirá minha falta este fim de semana — Vivi ironiza.

Ela desconfia que nossa empregada não vai muito com a sua cara. O que, é claro, é uma brincadeira. Todos gostam da alegria de Vivi.

— Aqui — entrego a Ismael o vinho.

— Obrigado, cara. E a tese, algum avanço?

Absorvo uma generosa quantidade do líquido saboroso. Minha esposa escora-se contra meu ombro. Enlaço sua cintura.

— Apresentarei a primeira parte no próximo mês.

— Você tem se dedicado a ela por quase um ano. Estou orgulhosa, meu bem — ela vibra, beijando-me o rosto.

— E você, como vai o projeto com o laboratório? — pergunto ao meu amigo.

— Na próxima semana, concluirei as análises do material. Eles queriam uma reunião amanhã, mas vou... — ele deixa de falar e leva a bebida aos lábios — Terei de ir para o campus norte, assessorar alguns alunos.

— Você, fazendo isso? Veja que novidade — provoco.

— Às vezes é necessário agradá-los um pouco. Nem todos os professores são queridos quanto você, meu caro Ben — rindo, ele termina a bebida.

Vivi muda o assunto para algo mais frívolo. Ela sempre reclama que nossos encontros acabam em conversas sobre trabalho. Eu mentiria se dissesse que ficar três dias longe dela é algo que me agrada.



Preciso parar de lembrar, para controlar a ânsia de vômito por saber o quanto eles me fizeram de idiota.

Como alguém que só tem raiva em si pode amar de novo? Ou pior: ser amado?

Alice

A quinta-feira se arrasta do mesmo modo zumbi. Passo numa farmácia e me abasteco de analgésicos. A dor de cabeça é a única que não se esquece de dar sinal. Gostaria que aquele homem fosse persistente como ela (e rio da piada amarga).

Meu celular toca. Esperança ilumina a minha mente e me pego correndo para pegar o aparelho...

Não é ele. Vou parar de me machucar assim. Tenho de parar.

— Oi, Ali! — é a Pini.

— Oi, Pini, tudo bem? — me forço a manter um tom saudável.

— Comigo sim, e com você, gatinha?

— Estou bem...

— Alice — pronuncia em tom de desconfiança.

Lágrimas não derramadas salpicam meus olhos.

— Não me sinto nada bem, Pini. Na verdade, estou me sentindo uma porcaria — a garganta queima, embargando a fala.

— Tô passando aí. Vou levar uma pizza — informa, sem me dar chance de recusar.

— Não precisa, não se preoc...

— Em meia hora eu chego. Beijo.

Desliga.

Vinte e nove minutos depois, Pini está na minha porta, com uma caixa de pizza e seis cervejas. Ela me analisa de cima a baixo.

— Você não parece nada bem, Alice, nada bem — recrimina com um longo suspiro e entra.

— Eu sei.

Sentamos no chão da sala.

Faz pelo menos quatro dias que eu não como nada substancial. Mantive-me com um monte de café e mais nada. A pizza, apesar de cheirar divinamente deliciosa, não atrai meu estômago. Opto pela cerveja, coisa em que também não posso exagerar, pois tenho o evento amanhã.

— E então, gata, o que está acontecendo? — pergunta, servindo-se de uma fatia.

— Eu dormi com aquele homem... — revelo, sem energia — Ele esteve aqui em casa.

— O que matou a esposa? — questiona, astuta.

— Ele não matou... Mas é viúvo.

— *Ele* te disse que não?

Meneio a cabeça.

— Não. A irmã dele.

— Você a conheceu?

— Eu fui num restaurante no domingo, com Benjamin, para o aniversário da Gabrielle, este é o nome dela — explico — Você vai gostar da mulher. Estava pensando em convidar ela pra sair com a gente.

— Legal... E por que você está com essa cara? Não foi bom?

Posso sentir de longe o cheiro de sua preocupação mal mascarada pelo falso tom de despretensão. Conheço minha amiga de olhos fechados.

— Foi perfeito — sentada no chão, joga a cabeça para trás, descansando no sofá.

— Mas? — continua, distraidamente *objetiva*.

— Ele foi embora logo depois, sem avisar, e não deu sinal de vida desde então... de novo.

Ela engole um pouco da cerveja.

— Pode haver um motivo pra isso, não pode?

— Nenhum relevante. Ontem encontrei a irmã dele para um café. Se ele estivesse morto, num hospital ou numa viagem, acho que ela diria.

— Então você se tornou amiga da irmã dele?

— Sim, ela me lembra muito de você...

— Se te convidou para o aniversário dela, é um bom sinal, não?

— Ele não me convidou, por assim dizer. Ele meio que foi obrigado a me levar — esta última parte me envergonha.

Sinto seus olhos em mim.

— Bem, esse cara me parece um idiota — beberica a cerveja.

Não comento. Tenho a mesma opinião.

Priscila puxa uma fatia de pizza da caixa, esticando o queixo derretido ao limite. Seu vigor em comer até surpreende. Ela nunca ficaria nesta situação por homem nenhum. Minha amiga é uma pessoa forte.

— O que acha de convidar essa Gabrielle pra sair com a gente...? Poderíamos fazer alguma coisa no sábado — é a sua tentativa de me fazer reagir.

— Não sei, Pini — suspiro — Estou meio sem ânimo para sair.

Ela bufa.

— Ai, Alice, fala sério. Eu não preciso te dizer o óbvio, não é? Você quer uma lista sobre os motivos pelos quais deve se valorizar? Por tudo o que me disse, esse Benjamin não parece ser alguém que justifique você estar assim — joga logo, com sua honestidade tão característica.

Eu gostaria de ser racional igual a ela. No fundo, Pini está certa, mas não é como se houvesse um botão que eu possa apertar e simplesmente sumir com os meus sentimentos.

— Eu quero não pensar nele, Pini! — engulo a vontade insuportável de chorar — Não é fácil, tudo o que eu faço é lembrar o dia inteiro... Nem dormir mais eu consigo.

— Gatinha... — ela suspira, resignada. Apoia a cabeça no sofá e se vira para me encarar — Esse cara vive indo e vindo. Eu sei o quanto você é boa e confia nas pessoas, mas nem todo mundo tem consciência de certo e errado. Tem gente que gosta de brincar com os sentimentos dos outros, e não há nada que você possa fazer sobre isso, se este for o caso dele — seu jeito protetor piora minha luta contra as lágrimas.

— Por que você está falando isso, Pini? Alguém já te magoou? Você pode se abrir comigo...

Noto seu desconforto. É célere, mas noto.

— Não é sobre mim, Ali. Eu não gosto desses rolos emocionais, você sabe. E também não quero me meter na sua vida, mas, em minha opinião, ele não merece outra chance se for pra te deixar assim. Você é incrível de tantas maneiras, quem está perdendo é ele.

Os olhos já não suportam mais criar barreira para as lágrimas...

— Eu sei que você tem razão, Pini.

Só preciso descobrir como me livrar de tudo isso.



Capítulo 15

Benjamin

— É meio cedo para uma visita, não?

— Se a pessoa ainda não dormiu, conta? — dou de ombros, irônico.

Recebo seu olhar desagradado, de cima a baixo. Bufando, afasta-se, me oferecendo passagem.

— Eu já te disse que precisa começar a levar a sério os benefícios do sono, Benjamin. O tempo não está te deixando mais novo.

Rio, sem muita vontade.

— Obrigado por essa, meu ego agradece.

— Seu ego? — ela sorri, maliciosa, espalhando os traços da idade por seu rosto — Nunca conheci ninguém com esse seu exagero de *humildade*, querido.

Violeta (é assim que quer que as pessoas a chamem, embora eu seja um dos poucos a conhecer seu nome real) deve estar na casa dos cinquenta e tantos, mas quem ousaria dizer? Não eu.

Apertando o cordão do tecido que cobre todo seu corpo, a mulher indica o caminho até a cozinha. Uma mesa com capacidade para mais de vinte pessoas revela que esta é uma casa *cheia*, por assim dizer. Olho em volta do lugar, vestígios da movimentação noturna ainda estão presentes.

Ela se escora contra a cafeteira, após abastecer com o pó.

Sento-me na cadeira mais próxima.

Nenhum de nós diz nada pelo tempo em que a máquina processa o café. Violeta abastece duas xícaras e se senta comigo.

— Vi sua foto no jornal esta semana... — diz, casual.

Sorvo um pouco da bebida quente, sem açúcar. Amarga como eu.

— E aposto que recortou a matéria e guardou no seu álbum — provoco.

Ela meneia a cabeça, sem negar.

— Gosto de ter um amigo inteligente. Esses imbecis que vem aqui mal sabem somar dois e dois.

— E nem precisam, não é? — brinco — Basta que tenham uma carteira cheia.

Orgulhosa, ela acena um gesto desdenhoso com as mãos.

— Amor custa caro, Benjamin... — para de falar quando um rangido no piso de madeira anuncia passos se aproximando.

Uma garota, de menos de vinte anos de idade (eu apostaria nisto), vestindo uma camiseta de tamanho suficiente apenas para cobrir sua parte mais íntima. O tecido fino revela seu corpo de seios pequenos e cintura magra. Encolhida e sonolenta, ela se arrasta para a cozinha.

Assim que seus olhos me encontram, ela parece despertar. Ajeita a coluna e sorri, provocante demais para alguém de sua idade.

A mulher ao meu lado bufa, divertida.

— Nem perca seu tempo, garota. Este bom pedaço só vem aqui para me dar prejuízo.

Mantenho-me sério. Detesto a cobiça que algumas mulheres não fazem questão de esconder. E, maldição, a imagem de Alice volta à minha mente, por ser justamente o oposto. *Deus tenha piedade!* Já está ficando cansativo.

Pegando uma garrafa de água na geladeira, a menina demonstra intenção de sentar-se com a gente, mas Violeta se adianta em espantá-la.

— Estou tratando de um assunto importante aqui, Iná. Volte lá pra cima e durma. Clientes não gostam de garotas de pele feia — parece rude ouvindo assim, mas sei que a mulher as trata como filhas.

Contrariada, ela marcha para fora, não sem me lançar um olhar insinuante.

Sozinhos de novo, pouso a xícara de café sobre a mesa.

— Pegando crianças para criar, Violeta?

— Pff... Essa aí só tem cara. Tá com vinte e três. Já chegou com mais experiência do que a mais velha das daqui.

A mulher larga a xícara também.

— Você não veio para averiguar meu portfólio, Benjamin. Nós dois sabemos que nenhuma de minhas garotas nunca te interessou. Diga, por que me tirou da cama tão cedo?

Nem eu sei.

Passei a noite dirigindo. Dei tantas voltas no quarteirão daquela mulher que meu carro já estava se guiando sem mim. Para não bater em sua porta às seis da manhã, vim parar aqui.

— Sei lá... Talvez porque você é minha única amiga — zombo, cansado.

Ela faz um beicinho.

— Isto é tão decadente.

Esfrego o rosto.

— Acho que estou ficando louco...

— Mais do que já ficou? — sei a que se refere.

— Não sou capaz de dizer.

A mulher emite um longo suspiro.

— Não, nada se compara ao seu estado quando te conheci. Você parecia... quebrado — avalia meu semblante — Hoje só parece perdido.

Quebrado. Não sei se foi assim que me senti na época. Furioso? Decepcionado e furioso? Talvez.

Foi um período tão ferrado, nem me lembro direito como essa... essa *amizade* estranha com uma cafetina surgiu. Acho que foi o único lugar aberto que não me expulsou por beber até a morte, e aturou minha exibição de raiva contra todos aqueles que me dignavam um olhar condescendente.

Os conselhos desta mulher durante meses me colocaram algum juízo. O suficiente para voltar a pensar com racionalidade. Violeta me ajudou. Conversar com ela me ajudou. É a única pessoa que obtém de mim mais do que resmungos e meias palavras.

— Há uma mulher... — confesso.

Ela sorri, com ar de graça.

— Eu sabia que havia, no momento em que abri aquela porta. E o que te faz estar aqui com uma velha sem maquiagem, em vez de desfrutando de um bom corpo quente a esta hora?

— Quem te disse que ela também não é velha? — ainda consigo encontrar algum humor — Não que você seja, é claro.

— É esse seu olhar culpado que me diz.

Diabos.

— É complicado...

A mulher bufá alto.

— Tenha misericórdia! Complicado é ser uma senhora respeitável quando se é dona de um puteiro, meu querido. O que ela tem de errado? É casada? É freira?

— Você não entende.

— Como um cara bonito, rico e jovem consegue se afundar numa solidão sem sentido? É, tem razão.

Por que diabos eu vim aqui?

— Ela é inocente — é a única explicação que consigo dar.

A mulher estreita os olhos, quase fechando-os ao entorno de algumas rugas.

— Uma virgem? Perfeito! — troça — Pff... *ninguém* é inocente.

— *Ela* é... Acredita em romance, amor, essas besteiras todas.

Violeta me encara como quem olha para um alienígena (se é que alguém já olhou para um).

— E o que há de errado em ser romântica? Eu sou romântica!

— Ela é um tipo *diferente* de romântica (diferente de você) — esclareço — A infeliz tem aquele jeito de olhar como quem quer tudo. Flores, casamento, bebês... Todas essas idiotices que alguém, um dia, fez acreditar serem um ideal de vida.

— E são!

— Não para mim.

— Pois deveriam ser. Olhe para mim, Benjamin. Olhe bem. Você acha que sou feliz sozinha? É

claro que não, garoto estúpido! Eu me arrependo de muitas coisas, mas a maior delas é de desperdiçar meu tempo, de chegar a esta altura da vida e não ter ninguém junto de mim. Todos nós precisamos de alguém. Não se engane pensando que você é diferente.

Eu deveria ter parado na porta de Gabrielle, acho que até mesmo minha insuportável irmã seria melhor do que isso.

— Eu preciso ir.

— Isso mesmo, fuja e espere que outro faça a menina feliz... — nega com a cabeça — Não dá pra entender como uma pessoa tão inteligente pode ser tão burra... ah, dá sim! — sacode a mão no ar — *Homens*: é da natureza de vocês.

E a mulher ainda não sabe por que está sozinha até agora.

Seguro o riso.

Fico somente mais uma xícara de café.

Só por hoje, consegui não dar um passo errado em direção de Alice. Isso é bom.

Alice

É sábado. Aceitei a sugestão de Pini para sair com as meninas, e aproveitei pra convidar a Gabi. Não quero estragar a noite, então estou lutando fortemente contra a vontade de voltar pra casa. Amanhã, completarei uma semana sem notícias do homem, mas eu prometo que vou parar de ficar contando no calendário. Isto não me faz nenhum bem.

Como eu já sabia, as meninas amaram Gabrielle e ela está realmente se divertindo. Porém, eu percebo que, volta e meia, me observa com mais atenção. Nestes momentos, tento com mais força demonstrar uma alegria que não sinto.

Quer saber? Eu deveria relaxar, não é difícil, só preciso parar de me martirizar.

Júlia diz que Frederico virá buscá-la mais tarde e oferece carona. A informação me confere certa liberdade de poder recorrer a boas e poderosas tequilas, embora eu tenha jurado a mim mesma que nunca mais colocaria um mililitro da bebida na boca. Bem, se eu tiver de escolher entre o esquecimento com direito à ressaca e este aperto no peito, fico com a ressaca.

Outro aspecto positivo da carona é que não correrei o risco de acabar embriagada batendo à porta de alguém que não me quer.

Doses são entregues, várias. As primeiras descem rasgando; as demais, mal sinto.

Benjamin

Fecho o notebook com mais força. Não adianta, não consigo me concentrar em nada. Como merda, é assim que me sinto. Pouso os óculos de qualquer jeito em cima da mesa, desistindo de tentar continuar escrevendo.

Já corri duas horas na esteira, levantei todos os pesos disponíveis na academia, tentei trabalhar, e nada. Tudo o que tenho feito é driblar a vontade de me guiar para a casa dela e, desta vez, apertar a campainha. Virou um tipo de obsessão.

Para acrescentar elementos à situação desgraçada, tenho de aguentar Gabrielle e suas ligações me lembrando do quão gentil, linda e interessante Alice é... e como sou um estúpido por me afastar dela. Minha irmã não colabora.

Por falar nela, outra de suas ligações acende a tela de meu celular.

Cogito não atender. Ela bem que merece por me atormentar deliberadamente. Confiro a hora e opto por responder. Gabi não costuma ligar este horário, o motivo pode ser importante.

— Se você estiver ligando para me... — vou logo dizendo e paro ao escutar a música alta atrás dela.

— Ben? — grita.

— Onde você está?

— O quê? Diga alto! — volta a berrar como uma surda.

— Onde você está, Gabrielle? — elevo meu tom.

— Ah! Estou numa balada, Ben. Você não merece, mas vou te dizer: Alice está aqui também, venha para cá!

Somente por ouvir o nome da mulher, sinto algo descabido revirar meu estômago. A ansiedade desconfortável é novidade. Estou velho demais para lidar com algo do tipo a esta altura do campeonato.

— Esqueça... — grunho.

— Olhe, seja lá o que você respondeu, eu não ouvi, e não me importo! — grita — No papel de sua irmã (e por querer o seu bem), estou te dando esta informação. Vou passar por mensagem o endereço. Você faz o que desejar!

E desliga, deixando-me com o som de encerramento pendurado na orelha.

Encaro o aparelho, ainda processando os fatos, e recebo o aviso de sua mensagem.

Diabos!

Alice

Um rapaz aparentemente interessante chega perto de mim, depois de me encarar por algum tempo à distância. Sua presença me faz pensar que talvez eu devesse ter uma noite sem sentido com

um total desconhecido. Isso poderia me ajudar. Nunca fiz, contudo, é como dizem: sempre há a primeira vez.

— Oi, estranho — respondo quando ele se inclina para beijar o meu rosto. Tenho de me concentrar em não ver dois dele, tal é o meu estado.

Minha fala está afetada, a língua parece colada ao céu da boca.

Ele ri, achando graça. O homem é bem bonito de perto.

— *Quando você pensar em conversar ou paquerar com outro cara novamente, você vai lembrar de mim* — uma voz grossa, rouca, ameaça.

É a voz de Benjamin! Alarmada, olho para todos os lados e para trás, procurando pelo dono, assustada e entusiasmada.

— O que foi? — o estranho questiona, achando graça.

— Você ouviu isso? — olho de volta para o moço — Você viu ele? — pergunto, desconexa.

O homem balança a cabeça, com uma expressão confusa.

— *Vai lembrar de mim* — a voz repete.

— Oh, meu Deus, ele está aqui! Você está vendo ele?

Minha futura paquera enrugou o cenho.

— Você está bêbada — constata, com aparente desgosto.

E assim, a chance de ter uma primeira vez com um estranho vai embora.

Eu estou ficando louca ouvindo a voz de Benjamin?! O que aquele homem fez com a minha cabeça?

O pavor me deixa um tanto sóbria, e enojada por pensar nele quando eu deveria tentar esquecê-lo.

Preciso sair daqui.

A primeira que vejo é Katy, na pista, dançando com um cara bonitão. Ela inclina o rosto para me ouvir, então grito por cima da música para que me escute.

— Eu estou indo embora, Katy. Vou pegar um táxi.

— Espere, eu levo você — grita de volta.

Faço um sinal de não com o dedo.

— Estou bem, não se preocupe, fique aqui — pisco pra ela de modo cúmplice, apontando seu acompanhante de dança — Avise a Júlia por mim.

Ela entende o recado.

— Você vai almoçar na casa dela amanhã, não é?

— Vou — grito.

Dou um beijo nela e saio para o ar frio. Pego um táxi e volto pra casa.

Eu vou tirar ele da cabeça.

Benjamin

Indo contra o que a razão manda, pego-me estacionando em frente à famosa balada. Odeio lugares assim. E mal me compreendo também. Evitei ir atrás dela durante dias, para no fim vir até aqui? Diabos, devo estar louco.

O som alto e a iluminação pulsante me inibem num primeiro momento. Sem pensar direito, caminho para dentro. Olho em volta por alguns instantes e nada de Gabrielle ou Alice. Vou me enfiando entre as pessoas, desviando dos casais se pegando pelos cantos (desejando com fervor que Alice não esteja numa situação assim), até que eu avisto minha irmã. Seu cabelo claro é um destaque.

De longe, observo as pessoas com ela. Três outras mulheres, nenhuma delas Alice. Mas são as mesmas das fotos em sua parede. Tomado de apreensão, caminho rapidamente até as garotas, cada segundo com mais temor de que a menina tenha caído na lábia de algum destes babacas que vêm a lugares assim somente para pegar mulheres.

Minha irmã me enxerga.

— Ben!

Paro ao seu lado, não olhando para nenhuma delas; meu foco está em Gabrielle.

— Onde está a Alice? — corro o olhar pelo lugar, inquieto.

Percebo o momento em que as mulheres param de conversar e me encaram, a princípio com curiosidade, e então em sincronia deixam seus copos sobre a mesa. Não gosto nada do que pego em suas expressões.

Uma delas, a loira, inclina seu rosto meio de lado, observando-me dos pés à cabeça, não fazendo questão de esconder a animosidade.

— Olhe, bonitão, a última vez que eu a vi, ela estava conversando com um cara quente como o inferno que não tirou os olhos dela a noite toda... Você também viu, Katy?

Uma morena ao seu lado emite um maldito sorriso malicioso.

— E tinha como não ver, Pini? Um cara daqueles?— ambas riem, orgulhosas.

A informação aperta minhas entranhas.

Tudo o que consigo pensar é que não posso permitir um imbecil qualquer colocando as mãos sobre ela e se aproveitando de sua ingenuidade, nem que eu tenha de revirar este lugar e brigar com cada cara aqui. É incoerente, errado, o que for... eu simplesmente não posso aceitar a ideia de Alice com outro.

Dou um passo pronto para procurá-la, mas a tal Pini me impede, colocando-se à minha frente.

— Nem adianta procurá-la.

Algo em seu tom me faz semicerrar os olhos e avaliá-las (todas elas) melhor. Assim como minha desleal irmã, elas parecem estar apenas testando minha reação.

— Cadê ela?

— Alice deu um fora no cara e pegou um táxi para casa — a loira exprime com um misto de desgosto e irritação — Ela está muito chateada por causa de um bastardo covarde que não sabe o que quer da vida — seus enormes olhos de cor indefinida me fuzilam — Espero que você se manque, Benjamin, e pare de brincar com a garota.

De tudo o que ela diz, só consigo me concentrar na parte em que Alice foi para casa sem ninguém. É quando sou capaz de respirar, desde que coloquei meus pés aqui. Óbvio que captei sua antipatia por mim, e mesmo que não tivesse, teria visto nos olhos dela, de suas amigas e até mesmo de minha irmã.

No fundo, fico feliz por Alice ter pessoas que a protegem.

— Você parecia mais simpática na foto — acuso, impassível, então me viro para minha agradável irmã — Se quiser uma carona, venha comigo — e saio sem esperar para assistir a despedida entre elas.

A situação está me deixando maluco. Poupar Alice de um coração quebrado tem surtido um efeito contrário.

Eu não posso fazer isso com ela.

Não a encontrar aqui talvez seja uma mensagem do universo para que eu me mantenha longe. O mesmo universo que jogou a menina no meu caminho mais vezes do que consigo lembrar.



— Você é inacreditável.

Ela diz, cruzando os braços por cima do cinto de segurança.

Finjo não ouvir, para o meu próprio bem. Ter uma irmã mais nova intrometendo-se em minha vida não é exatamente o que gostaria para o momento.

— Quando o destino finalmente coloca alguém legal na sua frente, o que você faz? Desperdiça a oportunidade ferrando tudo.

Aperto o volante entre os dedos. Maldita hora em que ofereci esta carona.

— Eu não me lembro de ter pedido sua opinião quanto a este ou qualquer outro assunto, Gabrielle — apesar do tom tranquilo, eu espero que ela entenda o recado e se cale.

— Você nunca pede, Ben. Prefere se trancar em si mesmo e colocar todos nós do lado de fora — acusa.

Bom Deus, de novo não.

— Há coisas que não se pode escolher, irmãzinha — cuspo, ácido.

Ela se acomoda no banco, girando-se de lado para me olhar.

— Nesta situação, você pode, sim — sinto a maldita esperança em seu argumento — Alice é uma menina do bem, tem um bom coração, está correndo atrás dos seus sonhos. Por que você não pode se permitir viver algo legal com ela?

— Ora! Porque eu não sei se é isso o que quero — a severidade é algo que escapa sem

intenção.

Ela bufa, contrariada, e volta à sua posição inicial.

— Eu sei o que quer... *permanecer um solitário amargurado* — esta última parte é um resmungo descontente.

Virando à esquerda para pegar a avenida de sua casa, opto por mudar de assunto.

— E quanto a você, como tem levado?

Minha irmã suspira, resignada, ou cansada.

— Estou levando. Tomei a decisão de seguir em frente e é isso o que estou fazendo... Você deveria tentar também.

Alice

Nada como exagerar na bebida para ter uma bela dor de cabeça no dia seguinte. Entro no apartamento de Júlia arrastando as pernas; até os menores movimentos pioram tudo. A torcida é que as duas aspirinas façam efeito logo.

— Alice! — Bianca (esposa do meu primo e irmã de Frederico) cumprimenta ao me enxergar.

A última vez que a vi foi na semana de seu casamento.

— Bia! — dou um abraço — Que saudade de vocês.

— Eu sei! Eu também! Estávamos ansiosos para vir pra cá logo — ela sorri, entusiasmada.

Ivan se aproxima dela e me apanha para um abraço.

— Ei, prima.

— Bom ver vocês dois — revelo, honestamente feliz.

— Bom ver você também — diz.

Ao entrar na cozinha, vejo Frederico e Gustavo, seu amigo, conversando animadamente.

— Olá, se não é a minha parceira de casamento! — Gustavo brinca.

Ele eu fomos padrinhos no casamento de meu primo. Eu era madrinha de Ivan e ele padrinho da Bia.

— Oi! — dou um beijo em seu rosto — Você parece bem, parceiro.

— Sabe como é, um pouco de treino aqui, um pouco de genética ali — diz convencido, brincalhão.

— E, claro, aquela dose de modéstia — faço graça.

Aproximo-me para cumprimentar o outro homem.

— Olá, Alice — Frederico me dá um beijo no rosto — Tudo bem?— por seu tom condescendente, imagino que ele faça uma *vaga* ideia.

— Poderia estar melhor — reviro os olhos com a lembrança de como acordei de ressaca esta manhã (e o simples ato lança mais dor às têmporas)

É legal ver Frederico não se incomodando com o fato da Júlia sair com a gente nas nossas noites só de mulheres. Apesar do ciúme de ambos, eles evoluíram muito nesses últimos meses. Mas algo não muda: ainda são malucos um pelo outro e, sinceramente, não poderiam combinar melhor.

Júlia aparece.

— Oi, gatinha — me beija o rosto — Como você está?

— De ressaca — respondo, sorrindo.

— Então você precisa da minha mistura cura-ressaca. As garotas estão tomando lá na varanda — ela dá uma piscadinha divertida.

Despeço-me dos rapazes e vou com ela.

Passando pela porta de vidro, encontro-as tomando sol, enroladas em cobertores e deitadas na larga espreguiçadeira. O dia está tão frio que qualquer raio solar já faz maravilhas.

Beijo o rosto de cada uma.

— E aí, mais alguém trouxe uma tonelada de tijolos sobre a cabeça? — lastimo enquanto puxo uma manta de lã para pôr em cima das pernas.

— Ali, você não tomou nem a metade do meu prejuízo — Pini reclama — Eu ainda estou procurando a placa do caminhão que atingiu minha cabeça — e abre um de seus sorrisos genuínos.

— Isso me deixa um pouco mais conformada. Acho que já não tenho mais idade para estas saídas.

Noto seus entreolhares engraçados.

— Há algo errado?

Katy se ajeita na cadeira.

— Ontem à noite, Ali, depois que você foi pra casa... — ela começa, um pouco hesitante.

— Sim — olho-a, paciente.

— ... nós conhecemos o Benjamin.

A informação leva uma batida mais acelerada ao coração. Dói, eu acho, não sei bem dizer.

— Conheceram? — sussurro.

As meninas se ajeitam em seus lugares, virando-se pra mim.

— Ele apareceu lá, *tecnicamente* para buscar a Gabi — Pini diz, com ênfase no tecnicamente.

Bem, parece razoável que tenha ido a buscar a irmã.

— Na verdade, ele estava procurando por você — ela afirma.

— Co-como você sabe?

— A Gabi confessou que ligou pra ele avisando onde estávamos. Como você foi embora sem

ela perceber, o plano melou.

Gabrielle. Como eu não suspeitei que ela faria isso?

— Se quer saber, foi interessante — Katy se vangloria.

— O que vocês fizeram? — o medo da resposta está presente em minha voz.

— Bem, — é Júlia quem começa — a gente voltou para a mesa e, de repente, ele apareceu perguntando de você...

— Aliás, o cara é um gato — Katy observa, prestativa, fincando um pouquinho mais o punhal.

— ... e a Pini...

Olho para Priscila.

— O que você fez, Pini? — minha voz não é mais do que um ruído em pânico.

Ela me encara profundamente.

— Pedi que ele parasse de se comportar como um imbecil com você, Ali. Desculpe por me meter, gatinha, mas ele precisava se tocar.

Não sei o que dizer, todavia, consigo entender: por elas, eu faria o mesmo.

— Em uma coisa todas nós concordamos, Ali... — Júlia reflete.

— No quê?

— Ele gosta de você — há tanta certeza em sua fala.

Se ela soubesse da história completa, da razão para todo aquele preto que ele usa... enfim.

— Não, Jú, ele não gosta.

— Alice — Júlia se agacha na minha frente — Uma vez, você me disse que sabe reconhecer um homem apaixonado quando vê um. Hoje eu te digo a mesma coisa. O cara está apaixonado por você.

Não falo nada. Nem sei ao certo o que dizer. Tudo o que eu gostaria é que isso fosse realmente verdade, no entanto, eu não quero me agarrar a um monte de esperanças vazias.

Um pouco depois do almoço, recebo uma mensagem de Gabi.

✉ **Remetente:** Gabrielle

Mensagem: “Oi Ali, como você está? As meninas me disseram que estariam com você hoje... e acho que já sabe o que eu fiz, não é? Por favor, me desculpe por interferir e tentar forçar um encontro entre você e o Ben. Eu sei que você não está muito bem e eu só queria te ver feliz. Ele também não está legal, mas eu decidi abandonar a causa do meu irmão. Eu gosto e me preocupo com você. Será que consegue me perdoar? Ainda somos amigas? ”.

Sorrio ao ler a mensagem, sei que sua intenção era boa. Acho que bancar o cúpido é mal de família.

Digito uma resposta.

✉ **Destinatário:** Gabrielle

Mensagem: “Sim, ainda somos amigas. Não tem mais volta, você não se livrará de mim tão fácil ♥. Só, por favor, promete que você vai mirar esta sua flecha de cupido para outro lugar?”.

A resposta vem imediatamente.

✉ **Remetente:** Gabrielle

Mensagem: “Fechado! Acabei de redirecionar minhas flechas ♥ Fico feliz por não poder me livrar de você (torci por isso). Saiba que estou aqui para o que precisar”.

Em casa, desligo tudo, fecho as cortinas, deito, me cubro e tento, com todas as energias, simplesmente dormir. Tenho estado tempo demais acordada. Isso não ajudou em nada, nem mesmo em fazer as horas passarem depressa, para que eu possa... esquecer.



Capítulo 16

Alice

A campainha toca. Assustada pelo barulho cortando o silêncio, tateio no escuro atrás do celular. Desligado. Leva o tempo de religá-lo até poder ver a hora. Três e meia da manhã. Mas quem estaria aqui tão tarde? Ainda deitada, permaneço imóvel, esperando pra ter certeza de que ouvi mesmo e não foi ilusão auditiva causada pela insônia. Um segundo toque me dá a certeza.

Bem, as meninas ligariam antes. Minha família também...

Pé por pé, descalça, vou até a porta e coloco o olho no buraco mágico, o mais silenciosa que posso.

Me afasto ligeiro.

Não pode ser.

Volto a espiar.

E me afastar.

Seguro o peito, como se fazendo isto eu pudesse acalmar o movimento disparado que, de repente, se apropriou dos meus batimentos.

Benjamin.

Aqui.

Verifico meu estado. Estou usando o pijama mais velho de todos (tenho ele desde os vinte anos), que também é o mais confortável. Meu cabelo, por sorte, lavei hoje, mas não está lá aquelas coisas.

Mordo a unha. Largo de morder. Mordo de novo.

Será que estou sonhando?

Faço um retorno lento até o olho mágico, e tenho certeza de que ele está mesmo aqui. Destranco a porta; a impressão é que não sou eu abrindo. Os movimentos letárgicos de meus dedos não parecem meus. Engulo em seco.

Ao abrir, me deparo com uma versão *diferente* dele. *Alguém* diferente. Preciso olhá-lo por inteiro para assimilar, compreender. Seus olhos, aqueles vivos, de uma tonalidade única, parecem... vazios. Há tanta dor, perturbação, confusão, que dói em mim.

Abro a boca... e me calo.

Ninguém diz nada.

Por que ele sofre tanto? O que, de tão forte, atingiu sua alma e trouxe este tipo de dor ao seu

coração?

A garganta embargando não me permite nem sequer engolir a saliva.

Por uma questão de instinto – humanidade, eu acho –, me vejo dizendo a única coisa em que consigo pensar. Ou a única coisa que sinto que *ele* precisa, a partir das olheiras circundando seus olhos (e também os meus).

— Você quer dormir um pouco, comigo?

Porque é disto que ele visivelmente necessita. Dormir para obter um mínimo de paz para o coração, para a alma, não sei bem.

— Alice... — ele grunhe meu nome de forma sagrada. Como quem guardou essa palavra em sua boca por muito tempo.

Sem pensar no que estou fazendo, toco sua mão, convidando-o a entrar. Fecho a porta e o levo comigo para o quarto. Ele não diz qualquer coisa, eu tampouco. Ambos sabemos que, por esta noite, precisamos apenas do silêncio. Sua dor dói em mim, se acumula com a minha, e nos sobrecarrega.

Diante da cama, ficamos em pé, um de frente para o outro.

Faço então o que, outra vez, meu instinto me pede. Em um passo, corto a distância e descanso a bochecha em seu peito. Apenas isto. O barulho ali dentro é uma verdadeira tormenta. *Ele* é um homem atormentado. Seu corpo inteiro tão tenso, apenas o coração chocando-se contra o peito, revoltado como um touro preso, comovente.

Demora alguns segundos até que, emitindo uma expiração profunda, parecendo vir do local mais vazio de dentro de si, ele envolve seus braços ao meu entorno, apertando-me igual faria a um bem precioso, e derruba o rosto contra minha cabeça.

Palavras são desnecessárias.

Não sei por quanto tempo permanecemos assim, cada um perdido em seu próprio mundo. Na minha mente, turbilhões de pensamentos vão e vem. O que predomina é uma tristeza profunda por saber que nunca poderei tirar isto dele. E nunca poderei tirar ele de mim.

Inspiro devagar e me separo de seu corpo.

Vou até o lado intacto de minha cama e retiro todas as almofadas e travesseiros, deixando apenas um. Afasto o edredom o suficiente para que ele possa se deitar sobre os lençóis.

— Deite. Você precisa... Eu também preciso...

Eu gostaria de poder dizer mais do que isto. Pedir que o homem fique aqui para sempre e nunca mais vá embora... Mas acabei de descobrir algo sobre Benjamin que me apresenta a uma nova e dura realidade: ele não pode encontrar outra pessoa em sua vida antes de encontrar a si mesmo. E hoje sei, este homem está perdido dentro de si.

A realidade dói tanto.

Benjamin

Encaro o teto escuro de seu quarto, fantasiando sobre como as coisas seriam se o passado fosse diferente. Se eu fosse alguém livre para abraçá-la, mergulhar em seu cheiro e não pensar em mais nada. Deus, eu estou tão cansado. Tão *malditamente* cansado. Exausto de lutar contra os fantasmas da minha vida. De lutar contra o sentimento de querer tão forte estar perto desta mulher quando minha alma está tão contaminada.

— Só tenho raiva dentro de mim...



Avalio o número desconhecido chamando em meu celular. O código de área é do litoral. Ninguém que eu conheço está por lá, a menos, é claro, que Peter tenha resolvido levar a sério a ideia de fazer aulas de surf. Quando ouvi o toque, cheguei a pensar que pudesse ser a Vivi; ela deve estar chegando a qualquer momento, para o meu completo alívio. Passar o dia dos namorados sem ela foi uma porcaria.

Clico no botão e atendo.

— Alô?

— Benjamin? — a voz não me é estranha.

— Sim, quem é?

— Sou eu, a Sônia, mãe do Ismael.

Ela me ligando?

— Oi, Sônia, como está?

Faz-se um silêncio estranho.

— Sônia?

— *Eu preciso que venha ao litoral, Benjamin... Ao Arraial das Pedras — percebo sua voz sumindo, embargada.*

E me alarmo.

— *Aconteceu alguma coisa? Você está bem? O Ismael está bem?*

Ela suspira, inspira e não diz nada.

— *Sônia, o Ismael está bem? — repito.*

— *Ele está na UTI.*

Oh, caralho!

— *Co-como? O que aconteceu?*

— *Um acidente de carro... Foi há quatro horas, eu cheguei aqui não faz muito tempo.*

É um engano. Só pode ser.

— *Mas ele está no campus norte da universidade, Sônia, não no litoral...*

Mais silêncio.

— *Eles vieram passar o fim de semana aqui.*

— *Eles?*

— *É-é por isto que estou te ligando... Preciso que você venha também...*

Um vento frio, gelado mesmo, atravessa a ampla janela aberta da enorme casa. Ele entra levantando a cortina e cruza minha espinha.

— *Si-sim, claro. Eu vou sim. A Vivi está chegando a qualquer minuto e nós iremos sim.*

— *Ela está aqui...*

— *No hospital? A senhora ligou e ela foi aí? — é a cara de minha esposa, largar tudo e ir em socorro de nosso amigo.*

— *Sua esposa está no IML, Benjamin. Eu lamento muito, muito, ter de dizer isto, mas ela faleceu — ela desaba — Senhor! Eu pedi tanto para que eles parassem! Pedi tanto! Tanto!*

Pediu que parassem.

— *Eles estavam juntos na praia? — esta não é a minha voz, não sou eu falando, não é a minha vida desmoronando como um castelo de areia...*

— *Sim, eu lamento muito! Conversei tanto com ele, e com ela também... — a mulher exprime um gemido choroso.*

— *Há quanto tempo? — o timbre morto nem mesmo é familiar ao meu ouvido.*

— *Muitos anos.*

Derrubo o telefone tal qual eu faria com uma tocha de fogo queimando minha mão.

E caio de joelhos no chão.

Este grito doente arrebatando meu peito não é meu.

— *Eu sinto muito... — Alice sussurra em meio ao choro baixo. É somente quando me dou conta de que deixei as memórias, desta vez, serem ditas em voz alta.*

— *Não há mais nada além da raiva.*

Alice

Eu imaginava a dor. Sabia de sua existência, mas não fazia ideia de que poderia ser tão profunda. Sua dor vem da traição. Da deslealdade daqueles em que confiava. Quem poderia se tornar indiferente a isso? *Ele* não. Sua *alma* não.

Hoje sei que Benjamin jamais será meu. O homem pertence a eles. Já determinou sua vida: ao ter uma opção, escolheu a raiva. A constatação me fere, me mostra um lado do ser humano que eu ignorava existir.

Dói. Dói tanto e tão fundo, que só consigo respirar, enxotando as lágrimas.

— Por favor, vamos apenas dormir. Eu preciso muito disto — sussurro na escuridão, não pronunciando em voz alta que talvez ele precise ainda mais do que eu.

Benjamin joga o braço por sobre os olhos e esvazia o peito num suspiro exausto. Na penumbra, reconheço o vulto do movimento. Eu gostaria de poder fazer mais por ele. Com toda a minha força. A realização de saber que não sou capaz é indizível.

Aconchego-me contra seu peito. Ele envolve seu braço sobre mim e ficamos assim, em silêncio, tendo nossas respirações compassadas como o único som que é possível escutar.

Um minuto, dez minutos, uma hora, cinco horas. Não sei quanto tempo leva, mas o sono vem nos buscar inevitavelmente, em sintonia.

Benjamin

Sento na borda da cama, cabeça baixa, encarando minhas mãos em silêncio, absorvendo a sensação de paz que consome meu interior. É momentânea, eu sei, mas estar com ela me fez bem. Usá-la para obter esta sensação é que é um erro. Olho para seu rosto adormecido, banhado pela luz da manhã, e registro bem a imagem na memória. Será a última vez. Uma despedida.

Aliso sua bochecha morna, marcada pelo caminho de lágrimas, sorvendo com cuidado a sensação sob meus dedos.

Neste momento, ela toca a minha mão por cima da sua, revelando que também está acordada.

— Você não precisa mais fugir... — diz, tão resignada que surpreende.

É como se já soubesse.

Quando seus olhos se abrem e focalizam os meus, vejo uma nova Alice se formando dentro dela. Uma mais amadurecida, mais realista sobre a vida. Justamente o que eu *não* gostaria que acontecesse. A ingenuidade no olhar apaixonado se foi.

— Sinto muito... — é o que consigo dizer.

— Sei que sim — responde sem julgamento ou ironia, apenas a doce franqueza.

— Eu gostaria de ser diferente. Você merece que seja diferente — deslizo o toque por seu rosto, suavemente, absorvendo a textura e memorizando.

— Você também merece, e eu espero que consiga... — ela morde um tremor no lábio inferior — Não por mim, ou por qualquer outra pessoa, mas por você.

Ouvir o som de desistência, porra, me incomoda mais do qualquer outra coisa. Contudo, Alice é inteligente. Sabe o que deve ser feito. É melhor assim.

Num último gesto egoísta, atendendo ao pedido do local mais inabitado dentro de mim, inclino-me em sua direção e roço meus lábios sobre os seus, respirando o ar que sai de suas narinas. Uma lágrima, minha ou dela, não sei bem, infiltra o sabor salgado entre nós.

— Eu te amo. Gostaria que soubesse... — ela murmura, somente como um fato — Adeus, Benjamin.

A despedida queima meu peito



Capítulo 17

Alice

Três semanas desde que eu o vi pela última vez.

Toquei minha vida da maneira mais corajosa que consegui, sem nunca dar vazão à dor cortante que me envolveu em seus braços. Não está sendo fácil. Trabalhei em modo automático, deixei de sair com as meninas... Bem, sendo honesta: elas vieram, todas, até mesmo Gabrielle. Pini me passou uma boa aula sobre amor-próprio (e me obrigou a ir à academia com ela), que ouvi calada, pois acho que isso está me faltando mesmo. Gostaria de ter sua força interna.

Se eu dissesse que estou melhorando a cada novo dia, seria a maior das mentiras. Doeu e dói. Penso em como ele deve estar, me pego repassando mentalmente todos os momentos que passamos juntos. Benjamin nunca foi meu, e não, ele não fez de propósito ou no intuito de me magoar. Benjamin desaprendeu a amar, esta é verdade. Fraquejei algumas vezes imaginando o que eu poderia fazer para ajudá-lo, e é em instantes assim que entro numa poça onde nada tem cor, sabor ou cheiro.

Considerando a necessidade de colocar o pé no freio, uma ideia muito forte vem rondando a minha cabeça. Faz quase um ano que não vejo meus pais. Há meses não tiro férias. Estou cogitando, sinceramente, ir ao encontro deles e passar algum tempo longe.

Antes, porém, há coisas que preciso resolver.

Uma delas tem a ver com a decisão que tomei no trabalho e estou prestes a revelar.

Sabrine entra no pequeno escritório. Seu avental da floricultura é retirado, antes de ela se sentar. É o final de nosso expediente. Eu disse que precisávamos conversar. Ela tem sido uma grande amiga, me ajudado de maneira espetacular. Cobriu minhas desatenções e se dedica muito ao nosso novo negócio. Não há nada mais justo do que o convite que pretendo lhe fazer.

— Você parece mais animada hoje... — constata, avaliando-me como uma amiga faria.

— Tenho levado, Sa... Na verdade, estou pensando em fazer uma viagem...

— Isso é ótimo! Você precisa, Alice, espairecer um pouco, se renovar. Vai te fazer bem — seu apoio tão característico só me traz mais segurança sobre a decisão.

— Antes, eu gostaria de deixar algumas coisas organizadas por aqui — limpo a garganta — Quero te fazer um convite, Sabrine...

Sorrindo curiosa, ela inclina o rosto meio de lado.

— O que acha de se tornar minha sócia?

A cor some de sua face.

Mordo um sorriso (talvez o primeiro em algumas semanas).

— Sócia?

— Aham...

Piscadas rápidas balançam seus cílios, surpresa.

— Poderíamos expandir o negócio de organização de eventos, pensei em deixar de terceirizar alguns serviços e fazermos nós mesmas... Enfim — toco sua mão por cima da mesa — Sendo honesta, Sa, agora eu estou sem muita cabeça para pensar em tudo o que podemos fazer, mas quando eu voltar, prometo que virei melhor, com um planejamento mais elaborado. O mais importante é saber se você aceita entrar nessa comigo.

— Oh, Alice! E-eu nem sei o que dizer! — ela leva a mão à boca, abafando a emoção.

— Sim? — encolho os ombros, numa careta de expectativa.

— É claro!

Abraço-a e agradeço por ser uma boa amiga em todos esses anos.

Mudanças são boas – algumas delas.



Outra das coisas que eu pretendo deixar resolvida é meu compromisso com Dominic e o evento para angariar mais patrocinadores. Tudo está confirmado, tão logo eu retorne, faremos. Hoje trouxemos Gabi com a gente ao Centro Comunitário, é sua primeira vez. Viemos as cinco no meu carro. Elas apoiaram minha decisão de viajar (acho até que a ideia surgiu de uma delas, se não de Pini).

Gabrielle, é claro, fica fascinada com a estrutura que Dominic mantém aqui e com tudo o que contamos sobre o trabalho desenvolvido por ele. Esta noite não há muitos voluntários, então o volume de serviço na cozinha é um pouco maior, mas o clima de descontração é o mesmo. Simone, coordenadora da preparação dos alimentos, distribui nossas tarefas. Júlia e eu vamos para o corte de legumes. É quase uma terapia. Enquanto trabalhamos, todos conversam animadamente.

De longe, espio Gabi batendo papo com uma jovem. Sua simplicidade a torna ainda mais bonita. Bem, quem não é bonito naquela família, não é?! Ela parece feliz por estar aqui... Tenho a sensação de que o Centro acabou de ganhar mais uma voluntária frequente.

Trabalhamos duro, servimos os alimentos e passamos algumas horas agradáveis circulando e conversando com os frequentadores. Vir aqui hoje é o que eu precisava para me sentir melhor. Todos têm problemas na vida, este lugar é uma prova disto; alguns são de ordem financeira, outros de saúde, outros emocionais... E há aqueles com feridas na alma... como Benjamin (inevitável: a cada dois pensamentos, um é dele. Não vejo a hora desta fase passar).

Ao final da noite, quando o lugar volta a esvaziar, Dominic se aproxima.

— Ei, Alice — me beija o rosto, de seu modo sério — Foi tudo tão corrido que nem nos falamos direito. Você parece muito bem esta noite — o homem é bacana demais para dizer que, semana passada, eu parecia um zumbi.

Aliás, Dominic é um cara impressionante. Não somente por fora, mas principalmente em seu interior. Sério, sem desvios mesmo com todas as mulheres que claramente vêm até aqui apenas para

tentar chamar sua atenção. O tipo de pessoa que você quer em sua vida.

— Este lugar tem o poder de me deixar bem, sabe? — digo francamente.

— Obrigado pelo que você e Katarina estão fazendo, e por trazer mais uma voluntária hoje.

— Ah é, acho que nem te apresentamos ela direito — procuro Gabi com o olhar, mas ela já está caminhando para fora, conversando entusiasmada com as meninas.

— Acho que ela gostou daqui — observa, com humor.

Começamos a caminhar para a saída também, juntos.

— Por falar nisso, eu tenho uma novidade muito boa — diz, parecendo orgulhoso — Com a divulgação que a Priscila fez do centro nas redes sociais, o número de pessoas que curtiu o trabalho chamou atenção de uma empresa grande de refrigerantes...

— E? — faço um sinal com as mãos abertas, na expectativa.

Ele sorri, aquele tipo de sorriso que te faz parar por alguns segundos somente para contemplar a beleza do ato em si.

— Eles entraram em contato.

— E o que eles queriam, Dominic? — estou rindo também, ansiosa.

A expressão de suspense mostra um lado brincalhão dele que é meio raro de se ver.

— Eles vão desenvolver um programa de empregabilidade voltado para os frequentadores daqui. Abrirão trinta vagas e darão todo o treinamento — sua satisfação é tamanha que reflete um brilho fascinante em seus olhos acinzentados.

— Que maravilha! — sem pensar direito, o puxo para um abraço bem forte. Aperto todos os músculos dele num grande abraço de urso — Parabéns, Dominic!

Emitindo uma risada alta, gostosa e sem jeito, ele me abraça de volta.

— Ei, vocês dois! — Pini nos chama. Eu nem tinha percebido que já estamos do lado de fora — Vamos, gente, não se excedam!

Afasto-me um pouco dele, surpresa com o que penso ser um toque de malícia no chamado de minha amiga. Procuro-as com o olhar e noto que Pini, Katy e Júlia nos observam de uma maneira esquisita. Qual é o problema delas?

Vindo do meu lado esquerdo, Gabi surge à minha frente.

— Eu tenho que ir, Ali — diz, com um humor diferente de alguns minutos antes.

Tiro os olhos estreitados de Pini e a encaro.

— Você está de carona comigo, lembra?

— Desculpe, Peter disse que viria sozinho — sussurra, chegando mais perto da minha bochecha para um beijo.

Levanto as sobrancelhas, sem entender num primeiro momento. A mulher se afasta parecendo constrangida e inclina a cabeça para o lado. Sigo a direção de seus olhos e... o encontro.

Benjamin.

Ao lado de Peter.

Parados junto a uma grande SUV preta, Peter acena alegremente. Seu irmão mantém as mãos nos bolsos, o corpo contraído numa postura rígida, os lábios presos em uma linha fina. Algo que o mais novo diz faz com que ele resmungue, sem humor. Pelo sorriso sacana de Peter, imagino que seja uma provocação.

Meu coração dispara. As pernas amolecem. Se não fosse pela minha mão apoiada no ombro de Dominic, eu provavelmente cambalaria.

O que eu faço? Finjo que não o conheço? Viro as costas e caminho para onde as meninas me observam em expectativa? Nosso último encontro não foi de brigas ou algo assim. Foi um encerramento. Eu sou adulta, ignorar sua presença não é certo. Ele não merece, seus irmãos também não.

Tomando uma decisão, viro-me para Dominic.

— Eu tô muito feliz mesmo! Parabéns, Dominic — beijo seu rosto — Se puder esta semana, vamos marcar um almoço para falarmos sobre o evento, o que acha?

Parecendo compreender algo no ar, Dominic sorri, gentil.

— Eu ligo pra você, Alice.

Faço um sinal com a mão para as meninas, tipo “esperem um pouquinho que já vou”.

Caminho até eles contando os passos – um, dois, três, quatro –, quase reaprendendo a andar. Respirações curtas são emitidas com a maior discrição. Benjamin não merece ser ignorado. De sua forma torta, ele foi honesto comigo.

Ao me aproximar deles, na noite estrelada, me dirijo primeiro ao irmão.

— Oi, Peter.

— Alice, querida! — o danado me cumprimenta como um velho amigo saudoso.

— Tudo bem? — respondo.

— Ah, sim, não poderia estar melhor — seu olhar viaja para as meninas, divertido — Não vai me apresentar às suas amigas, cunhada?

Perco a cor, a brincadeira inocente faz tudo doer dentro de mim.

Benjamin rosna.

Gabi enfia um soco no braço do irmão, enganosamente descontraída.

— Venha, Peter. Vou te apresentar — antes de sair, a irmã dos homens me olha daquele jeito constrangido, como quem diz “Me desculpe por isso”.

Respiro fundo. Benjamin também.

Não olho diretamente seu rosto. Não consigo.

— Oi... — minha voz some, traindo o turbilhão de emoções dentro de mim.

— Oi, Alice... — o som grave arrepia os pelos dos meus braços, ou talvez seja o repentino vento frio.

Meu Deus! Eu o amo! Amo tanto, tanto, tanto, que tenho vontade de chorar.

Abraço meu corpo, desajeitada.

— Você... — falamos os dois juntos. E nos calamos.

Espero para saber o que tem a dizer, ainda de cabeça baixa.

Ele hesita também. Mas então diz.

— Você e aquele cara...? — a pergunta vem calma, como o mar gelado, enganoso.

Somente então tomo coragem de tirar os olhos de meu pé girando em círculos para enfrentá-lo, confusa.

Seu rosto, como sempre, é uma máscara impassível. Apesar de desconfortável em minha presença, a vibração saindo dos olhos claros é reveladora. Acompanho a direção de seus olhos e encontro Dominic entrando de volta no galpão.

— O que tem ele? — faço a pergunta apenas para constrangê-lo, numa necessidade egoísta, apesar de tudo.

O som descontente em forma de um grasnado me causa uma dose de vitória, do tipo mais distorcido.

— Vi vocês dois abraçados — acusa, plácido.

Eu poderia responder. Poderia me virar e sair andando. Ou simplesmente deixar a questão em suspenso, pois, afinal, que direito ele pensa que tem de vir aqui, bagunçar minha cabeça com este tipo de pergunta?

Por sorte (dele), minha consciência e respeito por Dominic falam mais alto.

— Aquele é Dominic, o responsável pelo centro comunitário. Um cara do bem. Admiro muito ele...

— Vocês estão...?

O coração miserável salta, emocionado; é um doente.

— Juntos? — pergunto, de novo dominada por um toque de perversidade.

Outro grunhido. Ele é bom nisso.

Respiro fundo.

— Não.

Penso – ou minha imaginação assim o faz – ver uma respiração de alívio se esvaír de seu peito.

Ninguém diz nada.

Benjamin não tira as mãos dos bolsos da calça. Como não poderia ser diferente, ele está totalmente de preto. Nada mudou. Nada nunca mudará.

— Você está bem? — pergunto.

— Sim... e você?

Enrugo o lábio e confirmo com um aceno simples. Uma mentira. Não estou bem. E nem sei

quando estarei.

— Bem, é melhor eu... — desvio o olhar para sua boca, evitando enfrenta-lo por mais tempo — Você sabe... preciso ir... — digo, porque ficar mais tempo em sua presença me faz querer dizer coisas que são inúteis.

Ele meneia a cabeça em acordo. Tomo um minuto para observá-lo. A barba sendo cultivada em seu rosto dá um ar bonito, mais rude, mas não esconde a figura abatida. Muito triste. Este lugar em que ele se colocou é inatingível. Espero que, um dia, ele possa perceber quanta vida está perdendo, e as pessoas magoadas que sua reclusão deixa pra trás.

— Então é isso... — murmuro — Foi... bom te encontrar.

Constrangida, não sei se simplesmente viro, ou... me curvo para um beijo no rosto de despedida... Escolho a segunda opção.

Inclino o corpo para frente. Surpreso, ele também o faz. Uma de suas mãos me toca o braço enquanto se move em minha direção. Nossos rostos se unem. Seus lábios escovam minha bochecha e permanecem por alguns segundos a mais do que o padrão. Fecho os olhos para absorver o momento (incentivada pelo lado masoquista). Vamos deslizando para nos afastar... os cantos de nossas bocas se tocam.

Similar a alguém reagindo a um choque elétrico, me afasto com pressa.

Ao dar as costas, penso ouvir um “Sinto sua falta” sibilado por uma voz rouca.

Explicar em palavras o quanto me atinge é impensável.

Ao voltar para onde estão todos, chego a tempo de pegar os galanteios do charmoso Peter em cima de Katy e Pini. Ambas riem, com diversão. Se esse lobo soubesse que é o cordeiro nesta refeição... Gabi me abraça forte e cada grupo vai para o seu lado.

Retiro as chaves do bolso do casaco, entregando-as à Pini.

— Você pode levar?

Nada é dito até que entramos no veículo.

— Tá tudo bem, Ali? — Katy pergunta, do banco de trás.

Talvez uma banana dentro de um liquidificador estivesse melhor.

— Aham... — aspiro uma grande quantidade de ar — Viajar será bom...

Atendendo ao meu pedido, Pini me deixa em casa e fica com o carro para levar as meninas.

Benjamin

— Por que você veio aqui? — Gabrielle para ao meu lado, observando o carro em que Alice está sumir de vista.

Porque não consegui *não* vir. Porque precisava ver ela pela última vez. Porque a menina não

quer sair da minha cabeça, mesmo depois de nossa despedida.

— Vim te buscar — nem mesmo eu reconheço o som de minha voz.

— Você não tem mais de se preocupar com Alice, Ben...

Mudo minha atenção para ela, curioso com seu tom neutro (quando esperava, na verdade, recriminação. Seu último sermão ainda está fresco na memória).

— O que... O que quer dizer? — forço uma serenidade que não possuo.

Hesita. Uma atitude estranha para alguém como ela.

— Nada... Eu só acho que Alice está cansada de gostar de alguém que não a quer.

Porra. Dói. Dói pra caramba.

— Ela te disse?

— Não é necessário — fala simplesmente, afastando-se para entrar na porta traseira do carro de Peter.

Gabi tem razão.

Basta um olhar no rosto da menina para saber o quanto eu baguncei sua cabeça. E, esta noite, pude também enxergar em seu rosto algo a mais, muito revelador: Alice desistiu de mim. Ela decidiu me afastar por sua própria vontade, desta vez.

Deus, por que a constatação aperta tanto meu peito? Por que me sinto como um lixo? De repente, tudo parece doer e, ao mesmo tempo, se anestesiar. Um sabor amargo consome a minha boca. É como comer arame fardo — se é que alguém já fez isto: o sabor de ferro e as pontas cortando a língua, o céu da boca, a garganta.

Meu irmão, sondando a situação, se digna a morder um sorriso de merda.

— É uma pena, não acha? Uma mulher assim, como ela — reflete, tão cínico que me obriga a respirar fundo. Ao se dirigir à porta do motorista, ainda arrisca sua sorte: — Estava pensando em chamá-la pra sair, já que vocês não tem nada um com outro.

Maldição.

— Ora, seu...

Ele levanta as mãos para o ar, cortando o palavrão que viria.

— Brincadeira, cara, eu jamais faria isso... Bem, não se tiver algum problema pra você, claro.

— Imbecil... — rosno, batendo a porta com força ao entrar.

— Não desconte suas frustrações no pobre carro, Ben — minha irritante irmã observa plácida do banco de trás.

— Às vezes, eu acho que vocês combinam, sabe? Pra me tirar do sério. Sempre foram assim... — rosno.

— Jamais faríamos isso, nós amamos você — a infeliz soa do modo mais amoroso que consegue.

Meu irmão manobra o carro para fora do pátio do tal centro comunitário.

— Gostei deste lugar... — Peter debocha, provavelmente sacando o tal abraço entre a menina e aquele cara.

Ninguém diz nada por algum tempo. O silêncio é uma porcaria dos diabos. Por que Gabrielle simplesmente não conta de uma vez o que está pensando? Pelo contrário, ela permanece com cara de paisagem e os olhos percorrendo o caminho lá fora. E, afinal, por que a informação me incomoda tanto? Alice tem de seguir em frente, é o que eu queria, não é?

Esfrego o rosto, me sentindo como um saco repleto de... nada.

Esta solidão, o vazio que tem me acompanhado nos últimos dias, é tudo tão desgastante. Lecionar pelo menos me dava com o que ocupar a cabeça, e agora nem isso. *Férias*. Quando eu podia imaginar que desejaria não tê-las.

Meus pensamentos são turbilhões de “E se”. *E se* eu não tivesse depositado todo o meu amor e confiança na pessoa errada. *E se* este sentimento de raiva não tivesse se apoderado de mim por completo. *E se* Alice não tivesse cruzado o meu caminho. *E se* eu não tivesse me apaixonado por ela...

Apaixonado por ela.

É isso. Estou apaixonado por aquela mulher.

— Ela está bem? — afasto o orgulho. Preciso saber.

Gabrielle permanece em silêncio. Penso que ela não ouviu, mas... expira pesadamente.

— Apesar de você? Sim — e não há acusação em sua fala, somente uma resignação inquietante.

Nem sei o que dizer. O aperto cerrando a garganta não permite, de toda a forma.

— Eu poderia te dizer o que penso, Ben, mas, com certeza, você já sabe... — seu tom calmo só piora a sensação de verdade no que diz.

— Me deixa em casa primeiro, cara — peço.

Estou subitamente sem energia, mais do que jamais estive. O trajeto é feito parcialmente quieto. Eles dizem alguma coisa entre si, tentam me envolver na conversa, sem êxito. Em frente ao meu prédio, Peter segura o meu ombro, antes de eu descer.

— Você precisa se dar uma chance, irmão — aconselha, honestamente.

Parece tão simples na teoria. Tão fácil esquecer que dez anos de sua vida foram entregues de bandeja. Que seu peito foi quebrado em centenas de pedaços. Não há maneira de uni-lo outra vez. Aqueles dois deixaram em mim uma dor e raiva tão grandes que não há espaço para mais nada. Não sei como *conviver* com mais nada.

Por não querer tentar explicar, opto pelo silêncio.



Capítulo 18

Alice

Amanhã é o dia. Embarcarei logo cedo numa viagem de dois meses para Malta, uma república no sul europeu, onde meus pais estão atualmente. Tenho uma pequena poupança, que de qualquer forma eu pretendia usar para algo assim, só não esperava que fosse agora. A alegria deles em me rever e as imagens que enviaram de lá foram um pequeno conforto para distrair a cabeça – ainda que, a cada dois pensamentos, um permaneça *naquele homem*.

Passei a semana alinhando tudo na floricultura. Sabine ficará como responsável até que eu volte, para então assumir seu papel de sócia em nosso negócio de organização de eventos.

Esta noite, farei uma despedida com as meninas no *pub* ao lado da estação de metrô. Todas elas, incluindo a mais nova escuderia do time, Gabrielle, que neste exato momento acaba de entrar pela porta da frente da loja, caminhando suavemente, numa calça de couro preta, botas de cano alto e uma blusa larga de lã marrom. Seu estilo é elegante e prático, mas os cabelos enormes e claros fazem dela uma figura quase mística.

— Oi, Ali — se aproxima devagar, deslizando as pontas dos dedos por algumas margaridas no balcão.

— Que surpresa ver você aqui, Gabi — recebo-a carinhosa, dando-lhe um pequeno abraço — Achei que só nos veríamos à noite.

Ela cheira uma das flores, distraída.

— Recebi um destes esta manhã, obrigada.

— Fico feliz que tenha gostado. Há algumas orquídeas chegando na próxima semana, pedi à Sabine que lhe envie um vaso, acho que você vai gostar.

— Vou sim, vou gostar, adoro flores — diz, um tanto estranha, e logo coloca um sorriso nos lábios — Vim te trazer um presente... sabe como é — encolhe os ombros — Para que você não me esqueça enquanto estiver longe — tenta fazer graça, mas não esconde uma sutil melancolia.

Sorrio.

— Você não precisa me dar nada para que eu me lembre. Eu já te amo.

— Oh, Ali — sua expressão penosa me dói um pouquinho — Eu sinto tanto por tudo isso.

— Não sinta — tranquilizo-a — Eu estou bem, estou feliz. Já era hora de eu fazer isto e, além do mais, estou com saudade dos meus pais.

— Meu irmão não é um cara mau, Alice. Ele anda pior do que já esteve, se quer saber.

Não! Eu não quero e não posso saber.

— Por favor, Gabi — driblo o ardor em meus olhos — Não me fale sobre ele.

— Eu sei. Sei que não quer ouvir e entendo... Só achei importante que você soubesse... Ele também está sofrendo.

Inspiro fracamente. Talvez seja importante que *ela* saiba o que hoje tenho consciência.

— Olhe, Gabi, e-eu sei que você o ama. Eu gostaria de poder ajudá-lo também, acredite. Mas Benjamin ainda nutre um tipo de sentimento estranho pela esposa falecida e nunca haverá...

— Não, Ali — interrompe-me com veemência — Ele não sente nada por ela além de... *desprezo*.

Observo-a ao longo de um instante. Uma leoa protetora querendo a felicidade do irmão. Gabi é assim, eu já percebi que a mulher luta por quem ama, e isto só me faz gostar ainda mais dela. Na posição de irmã, eu entendo o que está tentando fazer. Acho que eu faria o mesmo. Todavia, mais forte do que a compreensão é o meu instinto de autopreservação.

— Você é a melhor parte disso, sabia? Sou grata pela situação ter me trazido uma boa amiga, e por isto eu devo agradecer ao seu irmão. Sim, eu gosto dele. Sendo honesta, eu o amo. Mas agora eu preciso me afastar. Você entende?

Suspira.

— Eu te entendo, Alice. Apesar de acreditar que ele ama você, não posso interferir. Siga seu coração e saiba que, independente de qualquer coisa, estarei sempre aqui.

— Não esperava menos de você — enxotando o embargo na garganta, a apanho num abraço.

Gabi me entrega uma pulseira, dourada e delicada, com duas pequenas flores entrelaçadas.

— Uma lembrança...

— É linda... Obrigada, Gabrielle.

Benjamin

Eu jurei que jamais voltaria a este lugar. Cheguei a cogitar a possibilidade de incendiar tudo e me sentar do lado de fora para assistir. Um castelo, que já foi grande e bonito, mas, na realidade, era construído sobre areia. Hoje, é claro, tudo se resume a um mausoléu, móveis cobertos por lençóis brancos, o cheiro de mofo e pó, a escuridão.

Sento-me ao pé da escada, na pouca luz, e olho para o centro da sala. O mesmo local que me viu de joelhos, acompanhou o meu tormento. Que me viu cair e quebrar... e, por alguma razão, hoje me trouxe de volta. Não consegui me desfazer desta casa. Ela é uma lembrança que gosto de ter, meramente para me atormentar.

Se bem que a sensação me rasgando o peito hoje parece pior.

Encaro na tela do celular a mensagem aberta que, de alguma forma, não parece real. Leio e releio, num tipo de tortura autoinfligida.

✉ **Remetente:** Gabrielle

Mensagem: “Alice foi embora. Você não precisa mais se preocupar com ela, irmão. Eu lamento que tenha deixado sua felicidade escapar”.

Eu pensei que pudesse ser uma zoação de minha irmã. Liguei pra ela, esperando que a mulher revelasse ser uma brincadeira. Mas não. Gabrielle confirmou com todas as letras, Alice foi embora para sempre. Transferiu sua floricultura para uma funcionária e partiu. Penso na imagem da menina distraidamente arrumando um monte daquelas plantas, na primeira vez que a vi, parecendo tão compenetrada. Havia tanto amor e dedicação. Eu destruí isso nela.

Ela desistiu de mim.

No fundo, fez o certo... do contrário, o que eu poderia oferecer? Não há possibilidade de um depois pra gente. E a questão me atormentando é justamente o porquê. Por que eu simplesmente não deixei o passado pra trás e *tentei*? O que eu estava esperando, que o sentimento por aquela menina sumisse e tudo voltasse a ser como era antes de eu conhecê-la? E se não passar nunca?

Arranho o carpete com uma das chaves.

Se eu for sincero comigo mesmo, devo admitir que, quando Alice está em causa, o passado se coloca num lugar mais distante, sem importância. É a necessidade de sempre *relembra-lo* que de fato persiste. É um tipo de punição masoquista por ter sido tão burro e não perceber os sinais daquela traição. O cuidado desmedido de Vivi com aquele cara; os toques e abraços inocentes; as ausências injustificáveis de ambos... Será que ela realmente me amou? Será que, quando fazíamos amor e ela gemia meu nome como se nada mais existisse, a mulher estava sendo honesta comigo, ou mesmo com si própria? O que a impediu de se separar de mim e seguir sua vida com ele? Por que ter encontros furtivo? Era tudo pela emoção?

Viviane sempre foi uma pessoa egoísta. Hoje eu vejo. Ela queria tudo: o amor e a paixão, a aventura e a estabilidade. Tudo. Como alguém pode querer ter tudo? E ele, por que ainda insiste em tentar fazer contato? O que poderia dizer que eu já não saiba? Ele pensa que pode mudar o passado com um pedido de desculpas?

Mas nem eles e o desprezo que cultivo por ambos é mais perturbador do que a ideia de nunca mais ver Alice. O que eu faço com esse maldito sentimento pela infeliz?

Acho que já não importa mais. Ela tomou uma decisão: fugiu.

Como eu fiz tantas vezes.

Estou mentalmente exausto de tudo isso.

E agora tenho uma funesta lágrima querendo atrapalhar a visão...

Alice

Da janela do avião, vejo a aproximação do continente. Durante as horas de voo, fiz um pacto comigo mesma: não pensar em mais nada que me coloque pra baixo. Não importa o quanto seja difícil, é o que farei. Pretendo tornar esse tempo algo meu. Nada mudou em relação ao meu desejo de encontrar um grande amor. O que mudou foi a maneira de enxergar as pessoas. Nem todos querem a felicidade, alguns só desejam seguir vivendo.

Ao descer e caminhar pelos corredores até a área de retirada das bagagens, no entanto, um sentimento muito profundo me pega desprevenida. Pela primeira vez na vida, eu me sinto... *solitária*. É estranho e traz uma sensação de vazio que assusta. Pode ser que eu só esteja caindo na realidade, descobrindo que os limites do mundo vão além da zona segura em que me cerquei a vida toda. Não vou mentir: sou tomada por um medo muito grande de nunca mais conseguir me livrar disto.

Talvez eu não tenha crescido, em tudo, com essa experiência. Pois veja onde eu vim parar, buscando refúgio nos braços dos meus pais, como uma garotinha.

Eu preciso mudar. Preciso sair desta mais forte, não por ninguém, mas por mim.

Após colocar as malas no carrinho, pego o celular para comunicar que cheguei... e o que encontro na tela me obriga a sentar no primeiro banco avistado. Leio e releio e, por um momento, permaneço apenas olhando para as palavras.

✉ **Remetente:** Benjamin

Mensagem: “Espero que seja feliz”.

O que ele espera que eu responda?

✉ **Destinatário:** Benjamin

Mensagem: “Eu sei”.

E após enviar, bloqueio seu número. Estou disposta a esquecê-lo, e é o que eu farei.



Capítulo 19

Benjamin

Seus olhares assustados em mim poderiam ser um deleite, mas apenas servem para me irritar ainda mais. Uma classe inteira de adultos que tremem como malditas criancinhas, prontos para fugir a qualquer momento... assim como *ela*.

Maldita Alice que não me deixa viver sem sua memória, que se infiltrou no meu peito e não quer sair! Que me bloqueou em seu telefone! Que há dois malditos meses tem sido meu último e primeiro pensamento do dia.

Uma nova onda de amargor se apossou de mim. Esta, agora, parece ser mais profunda; parece fazer mais sentido. Cogitei até ir atrás dela, seja lá onde a mulher se escondeu, somente para dizer o quanto foi uma covarde, tal qual eu mesmo fui. A diferença é que, de mim, podíamos esperar. Não dela. Não de alguém que se diz romântica, que vende a ideia de amor... Pff... Besteira! A quem eu quero enganar, culpando ela agora? Alice é a maior inocente em tudo isso.

Gabrielle tem me rondado, sempre que pode. E em todas as suas aparições, faz questão de lembrar como eu fui um tolo em perder aquela mulher. Talvez eu nunca tenha a tido, em primeiro lugar. Sua decisão tão rápida de partir corrobora isso.

Apoio-me nas bordas da mesa.

— Todos leram o arquivo que enviei esta tarde? — percebendo a troca de olhares entre os alunos, um lado perverso meu se faz presente — Bem, estamos no início do semestre, então vamos começar como se deve...

Caminho até a porta e a abro.

— A senhorita — aponto com o queixo para a aluna sentada na primeira carteira no corredor ao lado da porta.

A infeliz perde a cor.

— Leu o arquivo? — pergunto com paciência forjada.

O queixo da garota estremece. Ela retorce a alça da mochila sobre a mesa entre os dedos, e não responde.

Expiro devagar, esvaindo o ar pelas narinas.

— Sim ou não?

— Nã-não deu tempo, professor.

Meneio a cabeça sem pressa, como quem delibera os fatos. Não há o que pensar. Quatro horas

é tempo suficiente para quem realmente quer.

— Ok. Compreendo.

Ela suspira, aliviada.

— Queira, por favor, se levantar e sair da minha sala — seguro a porta aberta, um gesto tão gentil quanto meu tom de voz.

A garota enrubesce.

— Ma-mas...

— Caia fora.

Não espero a manifestação de protesto. Mudo minha atenção para seu colega detrás.

— O senhor? — questiono.

— Não... — ele resmunga, sem precisar de aviso para se retirar.

Ambos jogam as mochilas sobre os ombros e saem marchando duro, passando por mim com olhares reprovadores. *Ora essa!*

E assim, vou convidando um a um a sair. Se eles querem esta profissão, espero que aprendam de uma vez por todas que estudar é coisa séria.

Um garoto, com pesados óculos de grau cobrindo metade de seu rosto, é o único que não se levanta.

— Você é...?

— Felipe, professor.

— E não saiu por quê?

Ele empurra os óculos com a ponta do dedo para mais rente à base do nariz.

— Eu li o texto...

Avalio-o por mais tempo, já sem divertimento. Ele me lembra a mim mesmo.

— Ótimo — digo, por fim — E o que o senhor concluiu do que leu?

Sento-me de volta à mesa e passo a próxima hora dando minha aula numa sala com capacidade pra quarenta alunos, tendo apenas um. O que importa.

Ao final da noite, tão logo o relógio sinaliza o fim, o jovem nerd reúne suas coisas e hesita.

— Obrigado, professor — seu timbre contém reverência.

Não respondo. Baixo os olhos para a chamada e inicio o preenchimento. Estamos ambos fazendo nossas obrigações aqui. Ouço seus passos indo até a porta e então seu cumprimento para alguém:

— Boa noite, reitor.

Rio sem vontade. Era uma questão de tempo. Se eu bem conheço este homem, ele estava parado atrás da porta, ansioso por entrar de uma vez, apesar de seus passos despretensiosos ao se aproximar.

— Boa noite, meu jovem...

— Boa noite, senhor — mantenho o mesmo tom natural que ele me lança.

— Sua turma estava um tanto vazia hoje, não? — ronda o assunto.

— Se por vazia o senhor entende que havia apenas um aluno — tampo a caneta, sem pressa — É, eu acho que isso aqui estava meio tranquilo hoje.

Reconhecendo minha ironia, ele lança os braços para o ar, num bufo exasperado.

— Filho, você botou todos os alunos pra fora!

Escoro-me contra o encosto.

— Nenhum deles tinha o que fazer aqui hoje, de qualquer forma. Se não leram o material enviado, não podem debater sobre ele.

O velho homem puxa uma das cadeiras e se senta, desfrouxando o nó da gravata. Seu pescoço, o pobre coitado, ganha o dobro de largura quando o colarinho é aberto. O que faz um homem se torturar deste jeito por um dia todo, em nome da elegância?

Sua expiração profunda me avisa que lá vem uma longa conversa.

— Sabe, Benjamin — o semblante fatigado analisa uma rachadura no teto, pensativo — Eu olho pra você e ainda me lembro daquele garoto determinado assumindo um estágio no departamento de pesquisas. Um dos melhores alunos que a universidade já teve, sem dúvidas... Fico pensando em como o tempo tem passado depressa.

— É. Ele tem.

Seu olhar cai sobre mim.

— Acho que nunca te disse o quanto realmente te admiro, não é, filho?

— Sim, o senhor já disse.

Estou calmamente à espera de aonde ele quer chegar.

Ele respira pesadamente.

— Você é um batalhador. O que aqueles dois fizeram foi um grande erro.

Diabos. Ter de conversar sobre isso com ele, ou com qualquer pessoa, é uma merda. Mas o velho homem nos conheceu; nossas formações e carreiras foram feitas em grande parte aqui, nesta universidade. Por uma questão de escolha, opto por deixá-lo falar, porque sei que tem algo a dizer; talvez este seja o momento em que ele me demitirá.

— Mas eu achei que você estava superando.

O quê?

Estreito os olhos, avaliando-o. O homem não vacila em expor o que pensa.

— Você parecia... — medita a escolha da palavra — Sob controle.

— Sob controle? — eu sou o que, um cão raivoso? É isso o que pensam de mim?

— Seu mau humor é até divertido, admito — ele ri como um homem maduro se divertindo da trapalhada de uma criança — O Professor das Trevas que assusta estes garotos na sala de aula.

— Ah, você também já ouviu isso... — bufo.

— Claro, os professores e funcionários adoram o apelido, na verdade — provoca, numa risadinha por baixo do bigode.

Largo os óculos em cima da mesa.

— No entanto...? — empurro logo a questão para seu colo. Enrolação me entendia, e minha paciência, antes reduzida, se limitou a nada.

Ele se ajeita na cadeira. A feição se torna mais séria.

— Há algo de errado com você desde que as aulas recomeçaram, Benjamin. E não digo pelo fato de trinta alunos irem bater à minha porta se queixando que você os expulsou. Não. Se quer minha opinião, acho que eles precisam de uns sustos de vez em quando.

— Então...?

— É *você*, garoto. Eu pensei que estava seguindo em frente com sua vida. Já não era sem tempo, afinal. Um cara jovem, inteligente, bem-apessoado, não deve se prender ao passado tão aguerridamente... Mas algo mudou, não é? Pois aí está você, sem fazer a barba, olhos abatidos, parecendo um...

— Um?

— Um dependente químico — seu olhar maduro, cansado pela idade, me sonda com mais cuidado — Você não está usando drogas, está, filho?

Leva menos de cinco segundos para uma gargalhada alta explodir de meu peito. Uma de rejeição (acho que do mundo).

— Caramba! — tento recuperar o fôlego — Eu devo estar parecendo um pedaço de merda mesmo.

O sujeito respira aliviado por descartar a possibilidade a partir de algo que vê em mim.

— Você não sabe o quanto fico contente em saber que este não é o problema, Benjamin... — então me avalia outra vez — Agora, seria bom se você me dissesse o que há de errado, não acha? É sobre voltar para a sala de aula? — ele gesticula em volta — Porque, você sabe, esta decisão foi sua.

Não. Não é. Esses infelizes até que me fazem algum bem. Forçar alunos a pensar me impede de eu mesmo ter de pensar em algo que não me leva a lugar nenhum.

— Não há nada de errado, senhor. Não há com o que se preocupar.

Ele alisa o bigode por mais algum tempo, pensativo, até que se levanta.

— Olhe, filho. Acho que você está precisando mesmo é de uma namorada. Há uma moça que conheço que poderia ser uma boa candidata.

Forço-me a não revirar os olhos, como um adolescente entediado.

— Alice é o nome dela. Não sei se você se lembra, a organizadora do evento.

Encaro-o com mais atenção. Isto é o quê? Uma brincadeira dele? Ou do maldito destino?

Ignorando minha carranca, o velho dedilha os lábios.

— Se bem que agora ela está fora da cidade... Mas não deve demorar. Minha filha tem uma

prova de *buffet* com ela no próximo mês...

De repente, é como se um botão fosse acionado. O peito, traidor dos infernos, vibra mais alto, mais forte.

— Pode ser que não seja com ela, senhor — arrisco manter o tom de voz neutro — Se ela está fora...

Ele desdenha.

— Você não sabe como Fernanda é metódica. Acredite, ninguém além daquela moça organizará este casamento.

Alice

Depois de caminhar pela margem do mar translúcido, paro diante da imensidão de águas a perder de vista. O sol, em seu aspecto de final de tarde, esquentando minha pele (já um tanto dourada) de modo agradável. Respiro profundamente a brisa proveniente do oceano, de olhos fechados por alguns instantes, absorvendo a energia boa.

— Seu pai foi buscar mariscos frescos na ilha. Os do lado de lá são os melhores — minha mãe conversa, apesar de eu não ter prestado muito atenção no que ela disse desde que saímos da casa.

— Hum?

— Mariscos, Alice. Na ilha eles vendem os mais frescos da região.

— Ah, que bom.

Ela sorri, daquele jeito conhecedor.

— Você tem estado um tanto distraída, filha.

Com nós duas de frente para o mar, curtindo a partida do sol, apoio a cabeça em seu ombro.

— Acho que só estou desopilando um pouquinho, mãe. Eu estava com tanta saudade de vocês e já está chegando a hora de retornar...

— Mas isto não é tudo, é?

Amuo.

— Não... — admito.

— Alguém em especial?

Algo em seu tom tão sereno (que me remete ao tempo em que correr para os seus braços me confortava) me motiva a contar tudo. Desde o minuto em que aquele homem abriu a porta da loja parecendo um touro bravo, até a confusão que esta sensação de solidão tem me causado, incluindo o fato de que não consigo me imaginar vivendo todas aquelas emoções com mais ninguém.

Minha mãe escuta, paciente, lançando vez ou outra um meneio, um sorriso, um “oh”.

Por fim, ela expõe sua opinião.

— Às vezes, nem todos têm facilidade para compreender e aceitar seus sentimentos, Alice, menos ainda aqueles que (como Benjamin) já passaram por algo tão complicado. Veja, a confiança é um fator importante para todos nós. Quando confiamos em alguém, estamos dando um pedaço muito particular nosso para ele. E se nossa confiança é quebrada, uma parte nossa também se quebra.

O vento sopra, levando seus cabelos para o lado. Uma mulher de cinquenta e cinco anos, que se parece com uma moça, não fosse pela experiência no olhar compreensivo, e algumas rugas ao redor dos olhos.

— Cabe a você, através de sua intuição, sentir se vale ou não a pena tentar investir numa relação com alguém assim. O mais importante é nos amarmos sempre, em primeiro lugar. Se você não ama a si mesmo, como poderá amar outra pessoa, não é?

— Sim, mãe. Não se pode amar a mais ninguém, sem primeiro amar a si mesmo... — e este é justamente o problema dele.

Fato é que, independente de qualquer coisa, e por mais que eu ame meus pais, é hora de retornar, meu coração me diz isto... Sinto muita saudade de casa, da minha vida, das meninas.

É hora de seguir em frente.

Benjamin

Aguardo enquanto ela abre a porta, depois de um longo momento esperando. Minha irmã parece prever as coisas, talvez seja o tal sexto sentido do qual a infeliz se gaba. Preferi não avisar que viria, devolvendo a cortesia de todas as vezes que ela apareceu na minha casa sem ser convidada.

Seus lábios se separam, entregando a surpresa.

— Hum, veja se meu irmão mais velho não decidiu me dar a honra de sua ilustre presença — provoca, cheia de si.

Meu humor não anda dos melhores, em parte graças a ela zunindo em meus ouvidos feito uma mosca chata ultimamente.

Entro no apartamento e me surpreendo com o trabalho que ela fez em decorá-lo. Gabrielle sempre teve bom gosto e olho clínico para coisas assim.

Ando distraído, verificando sua sala.

— Quer comer alguma coisa? Já almoçou?

— Eu estou bem... — expresso, plácido.

Vou correndo o olhar pelo local até avistar sua varanda. Algo ali me surpreende um pouco.

— Não sabia que você gostava de plantas...

Escuto o que parece ser um “Nem eu” meio bufado, de um jeito até engraçado.

Mudo o olhar dos diversos pequenos vasos espalhados e fixo nela, arqueando a sobrancelha.

— Alice... — percebo seu modo um tanto constrangido, o que repuxa o canto do meu lábio num meio sorriso — Eu disse a ela que gostava... — diz simplesmente, como se isto explicasse tudo.

— Você mentiu pra ela e o quê.? Comprou todas estas *coisas*?

Me lançando um olhar venenoso, ela se vira e sai marchando para a cozinha.

— Eu ganhei, se quer saber... — resmunga — E estou gostando delas — acrescenta tardiamente, talvez para convencer a si mesma.

É a cara de Alice fazer algo assim.

Sigo-a, como um leopardo prestes a pegar uma presa mentirosa. Preciso saber a verdade da boca de minha irmã pra lá de armadora.

— Você é uma péssima amiga — organizo minha voz para algo suave — Aliás, pensei que tivesse me dito que ela tinha ido embora — reforço — *Pra sempre*.

Minha irmã vacila ao abrir o armário e retirar duas taças.

— Posso ter exagerado um pouco — a infeliz nem se dá ao trabalho de parecer constrangida!

Diabos! Que tipo de pessoa faz isto com o irmão?

— Qual é o seu *problema*? — grunho, num esforço racional de não esganar seu pescoço.

Ela descansa as taças abruptamente, batendo a porta do armário.

— Eu é que te pergunto, Ben?! Um dia, um mês, um ano, *para sempre*, que diferença faz pra você?

— Nenhuma — *Toda!* Só Deus sabe quantas vezes me segurei para não ir à floricultura pesquisar seu novo endereço. E a bendita Gabrielle provavelmente se divertindo em me atormentar.

— Acho que faz, sim — deliberadamente, inclina o rosto de lado, avaliando cada milímetro do meu rosto — Você parece irritado comigo... E aliviado.

— Você se diverte agindo assim, não é? — acuso.

Ela meneia o queixo, como quem diz “O que você acha?”, e então recua.

— Espero que esse tempo e a possibilidade de ter perdido a chance de viver algo com ela tenham te feito pensar, irmão. A vida não fica esfregando segundas chances na cara da gente assim, tão fácil. Se ficar dois meses longe dela te perturbou (e eu sei que sim), deve ter algum significado.

Aceito o vinho que ela me serve.

— Quando foi que você cresceu tanto, hein?! — é retórico, claro, e me arrependo logo que sai.

Gabrielle viveu algo capaz de amadurecer qualquer pessoa.



Capítulo 20

Alice

“Viajar é bom, mas voltar para casa é ainda melhor” é um ditado popular, e eu concordo. Nada como estar no lugar em que escolhemos viver. Cheguei ontem à cidade; as meninas, todas elas, estavam no aeroporto me esperando. Senti tanta falta delas, até mesmo de Gabi.

Depois de ajustar o sono (confuso pelo efeito do *jet lag*) e dormir por quase quinze horas, estou me sentindo renovada. Justamente por isso, decidi aceitar a sugestão de sair esta noite para reencontrar alguns de nossos amigos.

Todos estão aqui. Sabrine e seu namorado, Júlia e Frederico, Katy, Pini, Leo, e até Bianca e Ivan vieram. Gabi é a última a chegar, trazendo Peter com ela. Não me importo. Para ser honesta, eu gosto dele, apesar de seu sorriso me lembrar constantemente o que tanto quero esquecer... dois meses não serviram de nada.

A noite lá fora está um tanto gelada, mas o clima aqui dentro é ameno.

Uma mesa grande comporta todo mundo. As perguntas entusiasmadas se misturam ao som do local, num grande barulho bom. Eu estava com saudade de uma noite assim.

Pini tintila as unhas sobre o copo.

— Eu gostaria de dizer algo para Alice, enquanto meu cérebro ainda pode — pede atenção do nosso grupo — Vocês entendem, não é? — encolhe os ombros, divertida.

Com isto, consegue arrancar alguns risos de nossos amigos.

— Ali — me olha — Acho que você já sabe, mas senti muito, muito a sua falta. Todas nós sentimos — as meninas confirmam com acenos — Eu quero dizer que você é especial em nossas vidas. Te desejo toda a felicidade do mundo, e espero, irmã, que você nunca mais fique tanto tempo longe da gente — levanta o copo para o ar — Um brinde à felicidade da Alice!

Mordo um sorriso nervoso, sentindo vontade chorar. Amo com toda a força estas mulheres. Brindo, este e outros. E me permito relaxar. Estou em casa.

Na pista de dança, fecho os olhos e deixo a música me levar. Meu coração está surpreendentemente preenchido. Algo dentro de mim reforça a certeza de que tudo será melhor daqui pra frente. Eu nunca fiquei tanto tempo fora, é verdade, mas eu também nunca tinha sido afetada da forma tão profunda como Benjamin me tocou. As coisas estão mudando, são fases que temos todos de passar.

Depois de três músicas seguidas, vou para o balcão e peço uma água.

Revendo a curta história que eu tive com aquele homem, consigo perceber o quanto eu também

errei. Agi sempre na defensiva, morrendo de medo dele me usar, me sentido o tempo todo acuada, quando, provavelmente, ele também estivesse assustado com tudo isso. Eu poderia ter sido compreensiva, como eu fui por minha vida toda, mas eu preferi me colocar na posição de vítima.

Eu o amo, é inegável, e vai ser difícil esquecê-lo. Contudo, vou me esforçar para que aconteça.

— Oi... — Peter fala por cima da música, aproximando-se.

— Oi... — respondo um pouco sem jeito.

— Dois meses viajando, hein... sinto até inveja — brinca, igualmente desconfortável.

Ele é muito parecido com o irmão na aparência. Seu cabelo loiro escuro é um pouco mais claro do que o de Benjamin. O rosto é mais suavizado, não carrega aquela atmosfera pesada; dá a impressão de que Peter tem paz, e seu irmão não. Pensando assim, meu coração só dói um pouquinho mais.

— Pois é... Já estava na hora de tirar um período sabático — faço uma piada, para cortar o constrangimento.

— Eu acho que também preciso de um — ele ri bonito, e então me olha diretamente nos olhos, como se pudesse ver meus pensamentos — Eu posso te fazer uma pergunta, Alice?

Já imagino do que se trata, porém, não vou fugir.

— Claro que sim, Peter.

Meneia a cabeça, deliberando.

— Você se afastou para ficar longe de meu irmão, não é? — seu rosto me avalia, neutro.

Respiro fundo.

— Talvez um pouco disso — dou de ombros — Mas eu já planejava... só adiantei. Meus pais estão viajando e já era tempo de reencontrá-los.

— Benjamin se importa com você, Alice.

A afirmação me pega desprevenida.

— E-eu tenho certeza que sim, Peter — o que mais eu poderia dizer?

— Sua viagem mexeu com ele...

Aperto a garrafa de água entre os dedos. Uma picada sutil atravessa meu coração.

— O suficiente pra superar o passado? — parece uma pergunta, mas ambos sabemos que se trata de um fato.

— Talvez seja melhor que ele responda, não acha? — fico um pouco desconcertada com a intensidade de seu olhar. É como se ele instigasse com um desafio.

— Às vezes, devemos aceitar as coisas como são — respondo sem muita glória — Seu irmão é um cara bom... Eu gostaria que ele fosse feliz, *muito* feliz... Mas depende somente dele...

Peter desvia os olhos para algo atrás de mim.

— Por que você não diz isto pra ele pessoalmente?

Nãooo.

Paraliso com o pensamento imediato que me ocorre.

Mesmo temerosa, sigo os olhos de Peter, por cima do ombro... e encontro Benjamin entrando.

Deus...

Paro de respirar. A sensação abrupta de uma montanha-russa no estômago chega a causar enjoo. Pisco algumas vezes, precisando ter certeza de que é real. Até mesmo minhas mãos tremem; a que segura a garrafa emprega um esforço dobrado para não fraquejar.

Contra tudo o que é racional, me pego paralisada, fazendo um raio-X sobre ele, porque não sou capaz de qualquer outra reação. Noto cada pedacinho. De jaqueta de couro preta, calças e camisa da mesma cor. Seu cabelo grosso penteado de qualquer jeito, os olhos claros mergulhados em profundas manchas escuras, a barba cresceu bastante também. O conjunto completo passa ideia de um desleixo com a aparência, mas que não faz dele menos atraente. Pelo contrário. Benjamin parece mais bonito, de um jeito sofrido.

E, por Deus, *por Deus!* Eu ainda o amo, talvez até mais.

Como se minha vida estivesse acontecendo numa cena de filme, todo o resto vai para um segundo plano – sons, pessoas na casa lotada, tudo. Há somente ele, que se aproxima devagar, me encarando de um jeito tão penetrante que toca diretamente meu coração.

Seus olhos prendem os meus até chegar diante de mim.

O coração salta descompassado.

As mãos transpiram.

O oxigênio parece insuficiente.

Então Benjamin muda seu olhar para Peter.

— Obrigado, cara.

— Você faria o mesmo — fala num tom muito baixo.

Parecendo notar minha incapacidade, Peter retira a garrafa de minha mão.

— Eu fico com isto, Alice — e se afasta, não sem antes me lançar um olhar que praticamente me pede para não fugir.

Engulo a saliva com dificuldade.

Benjamin é tão grande de perto, tão intimidador.

Fecho os olhos por breves segundos, tentando reunir os pensamentos e afastar a névoa (no processo, sorvo seu perfume, exatamente como eu me lembrava). E quando os abro, não olho pra ele, em vez disso, abaixo a cabeça. É autodefesa, eu sei... ou covardia.

Ele se inclina para o meu ouvido.

— Nós podemos conversar, Alice? — sussurra, colando seus lábios à minha pele, muito quente, a voz grave.

Não me movo, sou quase uma estátua. Estou nervosa demais para qualquer coisa.

Ele não tira os lábios da minha orelha. O contato e a sensação de sua respiração são substâncias viciantes entrando pela veia. Sinto-me como uma dependente. O efeito se assemelha a

uma descarga de adrenalina e felicidade, seguida de um pânico absurdo por gostar tanto de algo que não pode ser meu.

— Por favor, doce — insiste, em uma súplica suave.

Não consigo me mexer. Ele, ao contrário, se acomoda em minha frente, sem tirar a boca de meu ouvido. O cheiro limpo de sua camisa fica a centímetros do meu rosto. A barba roça minha bochecha. Aperto os olhos, sentido todo o seu calor.

Minhas mãos não são mais do que gelatinas que ele consegue tocar a entrelaçar, unindo nossos dedos. Tão bom... e tão mau.

Inclino a cabeça para o lado, afastando-me do contato, e tomo coragem de subir o olhar para ele.

— O que você quer? — sussurro sem ter certeza que ele consegue me ouvir.

Acho que ele lê meus lábios.

— Você — diz com profundos e sinceros olhos de quem deseja, desesperadamente, alguma coisa.

Nem sei o que pensar.

— Por que agora? — minha voz é um sopro.

— Porque você não sai de mim.

Balanço a cabeça lentamente, anestesiada, negando para mim mesma a vontade de me entregar a este sentimento de novo.

— Converse comigo, por favor — as íris dilatadas carregam o peso do mundo — Depois disso, eu vou embora para sempre, se você quiser.

Não encontro, dentro de mim, forças para lutar contra. Estou em uma posição em que não é possível amá-lo mais. Talvez uma simples conversa tenha efeito reverso e seja isso o que preciso para deixar de gostar tanto dele.

— Ok — engulo a saliva — Pode falar — incentivo, baixinho.

— Não aqui — nega. Percebendo minha relutância, acrescenta — Confie em mim, Alice, por favor, vamos sair desse lugar.

Confiar. Palavra fácil de dizer, não exige esforço. Normalmente, quando alguém pede isso, é aí que você certamente não deveria confiar.

— Já confiei antes — lembro-o.

Minha intenção não era falar com ironia ou acidez, mas acabou saindo desta forma, de qualquer jeito.

Ele esboça um sorriso sem vida.

— Eu mereci essa.

— Desculpe, não quis...

Num gesto (insignificante para quem vê de longe) que mexe com a estabilidade do meu estômago, Benjamin apanha meu rosto em suas mãos.

O contato de seus dedos frios traz calor e emoção... Para se ter uma ideia do meu estado mental, mesmo depois de quase dois meses longe.

— Venha comigo — aproxima seu rosto do meu, murmurando e ficando a poucos centímetros da minha boca — Me deixe pelo menos tentar...

E é isso o que me move. É esse “me deixe tentar” que agita o mundo em torno da minha órbita. Junto do pedido, eu enxergo, através de seus olhos intensos, a profundidade do que isto representa pra ele.

Suspiro fundo, resignada.

— Ok. Podemos ir lá fora por alguns minutos.

— Eu não quero só alguns minutos lá fora, Alice. Eu preciso de mais — soa frustrado, passando a mão sobre o cabelo crescido — Esse é o problema.

O que... o que ele está tentando dizer?

Por uma questão de não me deixar levar pelas emoções borbulhando em meu interior, quebro nosso contato e desvio minha atenção de seu rosto. Seja lá o que esteja acontecendo com este homem, estimular a esperança a brotar outra vez em meu coração é um erro.

Vagueio o olhar pelo lugar e percebo Katy nos observando. Em sua expressão, noto um tipo de incentivo.

Volto a fitar Benjamin.

— Vamos lá fora — confirmo a decisão. Não irei a nenhum outro lugar com ele sem antes entender o que realmente quer de mim.

Odiando não ter o controle da situação, ele guia o caminho.

Saímos do bar para um céu bonito e estrelado. O vento frio toca minha pele como um lenço de seda. Aproveito para deixar que o ar fresco tome conta do meu peito, enquanto ainda posso.

Enrolo os braços contra meu corpo, numa espécie de escudo.

— E então? — indago em voz fraca quando ele para diante de mim.

Sua expressão revela que parece dolorosamente perdido dentro de si mesmo, como se não soubesse bem o que dizer. Reconheço sua luta em busca de palavras.

Benjamin definitivamente não é alguém que gosta de falar.

Ele limpa a garganta e respira densamente.

— Você é doce e pura, Alice — diz, como se o restante estivesse embasado nisso.

— Este é o jeito com que você *quer* me enxergar, Benjamin... — sinto a necessidade de dizer.

Meneia a cabeça, enrugando os lábios largos.

— Não. Você é assim... Ou, pelo menos, era, antes de eu ferrar tudo — constata com amargura.

Não há um comentário certo para isso. Eu nem tenho certeza de que posso refutar a totalidade de seu pensamento.

O vento sopra mais forte.

— Eu tentei te proteger de mim — leva uma mecha solta do meu cabelo para detrás da orelha, com delicadeza — Tentei muito.

Então guarda as mãos nos bolsos, provavelmente se impedindo de me tocar.

— Eu sei que sim — sibilo.

— Senti uma vontade miserável de bater em sua porta todas as noites, só pra te ver. Seu rosto era a primeira e última coisa em que eu pensava no meu dia. Achei até que estava ficando louco... — esboça uma menção de sorriso depreciativo.

— Também pensei muito em você... — as minhas frases só vão saindo, assim, soltas, conforme a mente digere.

O ar dilata a passagem de suas narinas.

— Mas eu ferrei com tudo... Eu nunca deveria ter ido tão longe.

Coloco-me em estado de alerta.

— O quê? O que você quer dizer com isso?

Ele está tentando dizer que se arrepende?

— Você veio aqui para pedir desculpas? Dizer que não deveria... que não... — nem consigo me expressar.

— Eu sou um cara ferrado, Alice. O que poderia oferecer para alguém que tem a alma limpa e pura?

— Por que você fica insistindo nisso, me colocando nesse pedestal, Benjamin? — a exasperação excede meu tom.

Incapaz de se manter longe, ele segura meu rosto.

— Porque é a verdade e me mata saber que eu te magoei. Me mata, menina!

— E você não quer mais me magoar, é isto? — concluo seu raciocínio — Você quer se certificar de que estou bem? — sussurro, tentando encontrar o sentido.

Nossa proximidade, a tensão do momento, as emoções, tudo acentua um drama profundo que não deveria estar presente tão rápido. Muito menos do lado de fora de um bar. Mas, neste segundo, nada no mundo importa mais do que compreendê-lo.

— Não. Eu vim porque não conseguia mais ficar longe. Essa sua *viagem*... — cospe a palavra com rancor — Você fugiu de mim! Você está sempre fugindo, não percebe? Você desistiu de nós rápido demais para alguém que vende tanto a ideia do amor ser perfeito.

A acusação ressentida me pega desprevenida.

Preciso olhar com mais atenção para seu rosto duro por baixo de toda a barba.

É como enxergar um lado dele (que não cogitei existir) surgindo em fragmentos borrados diante de mim. Posso estar imaginando coisas, mas pareceu um pedido de ajuda de alguém que não quer *estar* na situação em que se encontra... E não de alguém que não quer *sair* dela, como pensei este tempo todo.

— Eu não vendo a ideia de amor ser perfeito... — sussurro, defensivamente, atordoada pelo

contexto — Se alguma vez eu te fiz pensar isso...

Memórias de minhas ações são lançadas contra mim. Eu acredito no amor, no amor real, e não em uma fantasia. Sei que as pessoas não são perfeitas. Será que eu o fiz pensar...? Será que eu faço as pessoas pensarem que vivo num conto de fadas irreal?

Ele solta meu rosto e recua. Afasta-se um passo, parecendo ser atingido por fogo vivo.

— Você é uma pessoa de flores, casamento e bebês, Alice — é outra acusação.

Eu o olho melhor, por inteiro: todo o preto ainda presente, a aura densa enraizada em seus traços.

O luto está na alma e na maneira como passou a enxergar a vida.

— Sim. Eu acredito nisso. É o que pessoas que se amam constroem juntas. É a ordem natural da vida — explico com uma pontada incontrolável de irritação.

Sua postura rígida, a expressão de alguém reagindo a algo “insensato” que tenha escutado, repelindo o que digo, leva um ardor incontrolável à minha face.

— Você continua de luto — sou eu a acusar, gesticulando para suas vestes — Você amou alguém que te magoou e te transformou neste cara. Não consegue deixar o luto. Todo este preto, esta, esta cor... está enraizada em você! E-eu até respeito o seu sentimento, mas não aceito que julgue minha maneira de amar e de ver o mundo! Eu me recuso a limitar a minha visão através da sua.

Surpresa estampa suas feições. Seus olhos aumentam, como quem vê algo assustador pela primeira vez. Um tipo de paralisia o toma. Eu poderia ter dado um tapa em seu rosto e a reação não seria esta.

É tanta carga, amar alguém assim é tão exaustivo!

— Lutar por seu amor contra alguém que já morreu está além da minha capacidade. No entanto, eu posso lutar por mim, que estou viva e tenho o direito de ser feliz.

— Você não tem que lutar pelo meu amor — grunhe seco, atordoadado.

— Eu sei que não tenho! — piso um passo à frente, enfrentando-o — Por isso estou desistindo!

— Você não tem que lutar porque ele já é seu, porra! — ele sai do transe.

Aproveitando-se de nossa proximidade, esmaga seus lábios nos meus, ferozmente. Pressiona minha carne como se quisesse colar nossas bocas, para que nenhum de nós estrague tudo com mais palavras. É esta a sensação aloprada lançada no meu peito.

— Deixe o luto ir, por favor, por favor! — choramingo contra seus lábios.

Ele me aperta mais, segurando meu rosto como quem segura sua redenção.

— Me ensine, Alice, me mostre como... Me ajude a ser o cara certo pra você.

Sua boca vai perseguindo a minha até que nossas línguas se tocam. E... *por Deus!*, enxergo o tamanho da saudade que senti.

— Não se afaste de mim — grunhe, físgando meus lábios entre os dentes — Eu não posso mais ficar longe de você. Simplesmente não posso.

É neste momento que sinto a fina barreira que tentei construir no meu coração para deixá-lo do

lado de fora se quebrando. Ele entra, porque não há maneira possível de lutar mais contra esse sentimento. Há tanto amor em mim... e, no instante seguinte, também um medo tão absurdo e assustador... Não sei explicar, e é justamente o temor que me leva a fazer a coisa mais impensada do mundo.

Como uma criança tola fugindo de um monstro imaginário, eu me pego correndo em disparada, para o lado oposto. Correndo mesmo.

Um feixe de luz e o som de uma buzina são as últimas coisas que percebo antes de meu corpo ser arremessado para longe do chão.



Capítulo 21

Benjamin

A culpa é minha.

Alice foi atropelada enquanto fugia de mim. Tudo porque eu não encontrei um modo de expressar para a mulher a maneira como me sinto a seu respeito; como tenho pensando nela noite e dia sem descanso; como estive no inferno nestes últimos meses; como ela se enraizou em minha pele feito as plantas que vende, embrenhando-se na terra. Esta mulher está em mim. Não ter acesso à Alice me faz ver que nenhum dia a mais sem ela faria sentido.

E agora, quando finalmente desisti de lutar contra isso, corro o risco de perdê-la. Só posso estar diante de uma piada ruim da vida. Mais uma.

É necessário mais esforço do que jamais precisei para manter a mente equilibrada enquanto assisto ao médico prestar os primeiros socorros dentro da ambulância. Um respirador é colocado no seu corpo inconsciente, e tudo o que eu faço é testemunhar, impotente, implorando em silêncio para o veículo chegar ao hospital de uma vez.

Maldição, como deixei a situação fugiu do controle desta forma?

Como uma conversa que era para acertar as coisas entre nós se transformou no caos?

Nem que eu viva mil anos vou esquecer a cena dela se enfiando na frente do carro. Ver seu corpo se chocando contra a lataria, num barulho estridente que trincou meus próprios ossos, foi a pior de todas as cenas de horror que eu poderia imaginar. Só perde para tê-la desfalecida no chão daquele jeito.

Fere-me a constatação de que, por sua atitude, é como se ela tivesse escolhido o risco de morte em detrimento de voltar a ser magoada por mim. Este é o tamanho do estrago que fiz em sua cabeça. Para ela, *eu sou a pior alternativa*.

A verdade é que Alice tem razão. Demorei demais a entender que a vida estava me dando uma oportunidade de ser feliz. Eu rejeitei enxergar.

Encaro seus olhos fechados e deixo minha cabeça pender entre as mãos, acuado no pequeno assento do veículo de emergência. Tudo o que eu sei é que não posso perdê-la.

Não posso perder Alice.

Deus, não a tire de mim deste jeito!

— Ela ficará bem, cara — ouço no fundo de minha mente ferrada a voz do médico socorrista.

Subo meus olhos para ele – Maximiliano é o nome escrito no uniforme. Por sua expressão racionalmente complacente, ele enxerga minha culpa.



Sento-me na sala de espera sem nenhuma notícia. Peter, Gabrielle, as amigas de Alice e, provavelmente, o namorado de uma delas, logo chegam também. Tive de lutar para vir com ela na ambulância. Suas amigas tentaram me afastar, brigaram, disseram que eu não tinha direito... Mas nem o próprio diabo conseguiria me manter longe dela. Não posso e não quero mais me afastar.

O que sinto por essa mulher me fez perceber que tudo o que eu vivi antes dela não teve sentido.

Nunca senti nada como isso, e a descoberta, mesmo que tardiamente, é libertadora. Hoje, pela primeira vez, percebi que tenho grande culpa na traição de Vivi. Eu não a amava o suficiente. Agora eu sei. Pois nem de longe aquilo que eu sentia se compara a esta sensação que a mulher provoca em mim. É forte, esmagadora, cada pequeno fragmento do meu corpo quer apenas estar com ela, sentir o cheiro de seu cabelo, sorver a esperança que brilha em seus olhos.

Não posso perdê-la de jeito nenhum.

Enquanto aguardamos notícias, nada é dito, nem uma única palavra. A apreensão estampada no rosto de todos fala por si.

Minha irmã se senta ao meu lado e, lentamente, desliza sua mão por meu joelho, até alcançar a minha. Na posição em que estou, com os antebraços encostados nas pernas, corpo inclinado para frente e a cabeça pesada pendendo para baixo, eu não a olho, contudo, recebo o aperto de nossas mãos unidas, me deixando saber que ela está aqui comigo.

Gabrielle tem esta superfície leve, mas poucos sabem com o que ela realmente teve de lidar há pouco tempo. Ela pode compreender meu tormento.

— Vai dar tudo certo, confie, Ben — diz suavemente, baixo o suficiente para eu escutar.

— Eu não posso perder ela, Gabi — a rouquidão miserável de minha voz denuncia meu estado.

Sinto os olhos das amigas de Alice em mim. Imagino que elas devem estar me culpando. Eu mereço. Subo os meus para enfrentá-las e o que encontro me surpreende. A dor, a cumplicidade de dividirmos a mesma agonia. Elas sabem que eu também amo aquela mulher.

— Ali tem este ar indefeso, mas engana — Katarina diz para ninguém em especial — De todas nós, acho que ela é a mais forte, no final das contas. Ali é muito forte — repete esta última parte, parecendo querer convencer mais a si mesma.

— Sim, ela é... — resmungo, por dentro morto de medo pela falta de notícias.

Alice

Toc, toc.

O barulho na porta anuncia alguém querendo entrar.

Mesmo que eu queira abrir a boca e autorizar em voz alta, estou me sentindo ainda grogue. A pessoa do outro lado provavelmente sabe. Quando a porta é aberta, me deparo com ninguém menos

do que Benjamin. Tudo dói no meu corpo, mas é o coração que se manifesta de maneira surpreendente.

— Oi... — ele murmura, cauteloso.

Engulo a pouca saliva da boca praticamente seca.

— Oi... — respondo, numa voz falha, entrecortada.

— Entrei assim que me permitiram...

Aproxima-se da cama, e somente então me dou conta de que o homem parece dez anos mais velho desde a última vez que nos vimos, há algumas horas. A angústia em seu semblante é impressionante. Choca e conforta, se é que isso é possível.

— Me desculpe por correr... Aquilo foi... — suspiro — Estúpido — é só o que consigo pensar em dizer.

O som que de repente sai de seu peito é impressionante. Benjamin suga e exala uma respiração pesada, barulhenta, como quem leva o peso do mundo em suas costas e uma parte dele simplesmente cai.

— Deus do céu! Que susto você me deu, Alice! — ruge, grave, urgente, irritado e aliviado.

Oh...

— Não tive a intenção de...

Como um animal ferido, ele anda de um lado para o outro no quarto, deslizando os dedos pelo cabelo.

— Eu pensei que... — encara o chão atrás de palavras — Maldição! Eu pensei que você estivesse morta naquele asfalto!

Sua agonia me toca profundamente.

Culpada, estendo a mão para pedir que ele se aproxime. Benjamin olha para a oferta, e para o meu pé, imobilizado. Finalmente aceita e segura a minha mão, mas não para por aí. Recebo pequenos beijos soltos nos lábios, vários, firmes.

— Não faça aquilo nunca mais, Alice. Não faça! — grunhe, afetado — Prometa pra mim que você nunca mais fará algo tão estúpido, prometa pra mim!

— Eu prometo... — respondo, colada à sua boca. Que outra coisa eu diria?

— Nunca mais fuja de mim...

Ele está me pedindo um compromisso. Uma promessa para o futuro. Benjamin parece *querer* um futuro. Eu realmente não sei o que dizer ou pensar sobre esta mudança. Notando minha falta de comentário, ele concede.

— Nós ainda teremos muito tempo para conversar — relutante, afasta o corpo, sem deixar minha mão.

— Tudo bem — outra vez, que coisa eu haveria de dizer?

Seu olhar faz um raio-X sobre o meu corpo, cada pedaço.

— Você está bem? Eles falaram que seu tornozelo precisou ser imobilizado, mas e o restante?

A cabeça?

— Só um pouco de dor — policio-me para transmitir uma voz calmante, ele precisa disto no momento — Mas estou muito bem, mais do que eu mereço por correr como uma maluca, não é? — brinco.

Ele exala outra respiração mais longa.

— Sua reação foi... *peculiar*. Mas condizente com sua personalidade, devo admitir.

— Isto foi você mostrando *humor*? — provoco, apenas para arrancar um pouco da perturbação ainda presente em seu semblante.

— Há quem diga que eu não tenho humor, doce.

Sei que obtive sucesso em distraí-lo, o franzido de seu cenho aos poucos se dissipa.

— Você? Sem humor? — desdenho com um aceno de mão — Quem seria louco de dizer uma coisa destas...

Ele sorri... e meu coração se preenche de um conforto emocionante.

— Fico feliz em constatar que você está boa o suficiente para fazer gracinhas.

Noto sua inquietação, no entanto.

— O que foi? — sondo.

— Preciso deixar aquelas suas amigas entrarem aqui, deram-nos pouco tempo pra te ver — olha diretamente em meus olhos — Estarei lá fora. Não quero me afastar de você. Não posso, Alice — a seriedade volta a predominar.

— Então não se afaste... — o pedido vem do fundo do meu coração.

Ele alisa o polegar no meu pulso, suavemente.

— E você? Correrá de mim outra vez?

Antes de responder, encaro o fundo de seus olhos. Algo realmente mudou. Eu ainda não consigo dimensionar o quanto, mas Benjamin não é mais o mesmo.

— Não sem antes conversar.

Benjamin

Sento-me no pequeno sofá na sala de espera e aproveito o tempo em que tive de deixar o quarto (para que as amigas malucas de Alice pudessem vê-la) para refletir. Foi uma noite conturbada. Está *sendo* uma madrugada conturbada.

Sinto que, apesar do local em que estamos e o motivo que nos trouxe aqui, pela primeira vez em anos, a vida parece se dirigir aos eixos.

A certeza de que eu quero uma chance com Alice é palpável dentro de mim.

Precisei ficar dois meses longe para perceber que não posso e não quero me distanciar por

mais nem um dia. Eu me encontrei. Nela. No amor dela.

A descoberta me permite respirar.

No entanto, algo que ela disse não sai da minha mente. “Você não consegue deixar o luto. Este preto em você, esta, esta cor está enraizada em você”.

Olho para mim mesmo, o modo que me visto, minha atitude... e sou sobrecarregado pela comprovação de que Alice tem razão. É como se eu ainda estivesse num luto descabido aos olhos de quem me vê, quando, na verdade, minha intenção era apenas me exilar do mundo e das pessoas ao meu redor. O preto foi um escudo para afastar a todos... Mas eu não quero mais isso. Não quero estar preso ao passado. Quero um futuro, *com ela*.

E então tomo uma decisão.

Alice

As horas parecem passar lentas demais neste hospital. Cochilei algumas vezes; as dores nas costas e na cabeça incomodaram um pouco. O pé imobilizado também não ajudou. A enfermeira disse que terei de ficar algum tempo com a tala. Precisei fazer uma ressonância para descartar a possibilidade de concussão. Brincando, a médica comentou que só terei de conviver com um belo galo na nuca por alguns dias.

Onde eu estava com a cabeça quando desandei a correr daquele jeito?

Observo o quarto tranquilo. Ninguém pôde ficar aqui comigo segundo as normas do hospital. Benjamin não retornou, Katy, Pini, Júlia e Gabi ficaram enquanto puderam, até que a enfermeira as enxotou. Levei uma senhora bronca delas. E compreendi. Me sentiria da mesma forma se tivesse acontecido com qualquer uma.

Na falta do que fazer, me deixo levar pelo sono... Quem sabe, ao acordar, eu já possa voltar pra casa.



Sinto um roçar suave contra minha bochecha. Um carinho bem gostoso, por sinal. Espreguiçando as pernas da maneira que posso, vou me permitindo sentir o afago. Sonolenta e afetada pela iluminação, abro os olhos aos poucos; concentro em me acostumar à claridade, devagar. A partir da beirada da cama, vou subindo o olhar por alguém, de camiseta branca, tronco masculino (o que me alarma um pouco) até encontrar um maxilar familiar. Bem... *diferente* e familiar.

Olhos tão claros como o céu de praias paradisíacas encaram-me fixamente. Cenho franzido de preocupação, mas no canto dos lábios, um pequeno sorriso puxado para o lado.

Volto meu olhar para o maxilar.

— Você fez a barba...

O sorriso não se altera.

— Bom dia, Alice.

Mas alguma coisa destoa e muito, não é somente a barba. Parece, sei lá, fora do lugar.

Desço a visão novamente... e me dou conta de algo surpreendente.

— Você está usando... branco.

Encaro depressa seu rosto.

— *Branco*... — repito.

Aparentando, talvez, vergonha, ele olha para si, numa expressão indecifrável e linda. Enruga o lábio, encolhe os ombros e diz:

— É, *parece* ser branco.

Impossível. Este diante de mim nem se assemelha ao homem carrancudo que invadiu minha loja. Faço uma nova análise dele, reparando na roupa, no maxilar limpo, nos cabelos um pouco mais curtos, e, principalmente, na aura leve, apesar de preocupado.

— Você mudou...

Sou contemplada por *aquele* sorriso, o que cria uma canoa atraente em sua bochecha e revela dentes claros e alinhados.

— Bem, já que você não respondeu do modo tradicional, terei de fazer do meu jeito.

Hã?

Encarando-o com cara de tola, sem compreender um primeiro momento, assisto-o abaixar-se e alinhar seu rosto ao meu. Fita-me profundamente, numa seriedade hipnotizante.

E então me beija. Gentil, demorado, morninho. A língua, provocadora, lambe meus lábios antes de entrar em minha boca.

— Bom dia, doce Alice... — diz por fim, afastando-se alguns milímetros.

O coração, aquele órgão que tecnicamente apenas bombeia o sangue, agita-se em rajadas contra o peito.



Capítulo 22

Alice

Já são mais de cinco da tarde quando o médico passa no quarto para me dar alta e as últimas recomendações. Não tive traumatismo, mas me recomenda repouso e retorno a uma consulta em sete dias. A tala ficará comigo por mais um mês, três ossos do tornozelo tiveram de ser recolocados no lugar. Enquanto assino os papéis, é Benjamin quem recebe orientações, como se fosse o responsável por mim. De um jeito torto, a sensação de ser cuidada por ele me preenche de uma energia muito boa.

Estranhamente, nenhuma das meninas veio para a alta. Pensei que veria elas.

Logo que estamos sozinhos outra vez, sento-me na cama pronta para retirar a roupa do hospital e vestir uma minha (enviada por alguma de minhas amigas).

Terei de ficar nua diante dele... A ideia causa uma expectativa desconcertante, apesar de tudo. Sinto seus olhos sérios em mim, a energia entre nós desperta cada parte do meu corpo. Engulo em seco.

— Posso te ajudar? — a voz rouca, muito baixa, realça os efeitos.

Encaro seus olhos penetrantes.

— Po-pode...

Com uma lentidão ensaiada, ele pisa um passo à frente, e depois outro, até que fica praticamente encaixado entre minhas pernas, sem, no entanto, me tocar mais do que o necessário.

Lambo o lábio inferior, seco.

O caroço em sua garganta se move.

Seu perfume está muito próximo. Energizante.

Reparo em suas narinas um tantinho mais abertas, inalando oxigênio.

Meu cabelo é afastado por cima do ombro esquerdo, todo ele, e cai em ondas em frente ao meu peito. Ele circunda meu corpo com os braços (me tocando o mínimo possível, uma tortura), e desfaz o primeiro laço da roupa, nas costas, próximo à nuca.

Separo os lábios para expirar o mais silenciosa possível e não entregar meu estado.

Ele desfaz o laço seguinte.

Seu rosto é uma máscara impassível.

A peça já começa a se soltar de mim.

Olho no olho, sem desviar, ele então afasta parte do tecido que cobre meu ombro direito para baixo.

E sorri. *Sorri!*

Vagaroso, planta um beijo casto no topo do ombro nu.

Estremeço.

E ele continua a desfazer os laços que ainda mantinham a peça em meu corpo. Sei que ela está totalmente aberta quando o ar fresco toca a base de minha coluna. Benjamin descansa as mãos na cama ao lado de minhas pernas e volta a me encarar, compenetrado.

— Pronto, está feito — sua situação não é melhor do que a minha, apesar de bem mascarada.

Meneio a cabeça, confirmando.

Num ímpeto, fitando seus olhos, seguro com ambas as mãos a gola da roupa e a deslizo para frente, retirando-a por completo de mim. O tecido me acaricia a pele, e então cai ao chão.

Estou completamente nua ante seu olhar atento, escurecido, que tem o poder de entumecer meus seios. Minhas respirações aceleradas os movimentam, sinto-os mais pesados até.

— Você é linda — sibila numa rouquidão afetada.

Ousada, como não sabia ser, pego uma de suas mãos e a levo calmamente ao meu peito.

— Meu coração — explico, segurando-o contra mim, sobre o seio — Ele parece que vai explodir.

O rosnado alto e esquisito saindo de sua garganta quase me faz rir.

— Alice, Alice...

— Eu quero você — revelo, honesta — Quero muito, sabia?

Benjamin prende o bico do seio no vão entre o polegar e o indicador, mantendo a mão espalmada sobre ele.

— Você já me tem. No momento certo, eu ficarei feliz em te provar.

Uma promessa... amo isso.

Roço os dedos pelos contornos de seu maxilar.

— Eu amo você... — sinto-me, pela primeira vez, livre para dizer de coração aberto.

— Eu também amo você, Alice — afirma, sereno — Você preenche um espaço em mim que eu nem mesmo sabia existir, onde ninguém nunca chegou. Lamento que eu tenha demorado demais a reconhecer isso.

Eu também amo você. De tudo o que diz, é esta afirmação que ecoa em minha mente.

Abraço-o, com força, uma fuga para evitar mostrar a ele o quanto suas palavras mexem comigo.

— Espero que não seja um sonho... — sibilo o pensamento, somente para os meus ouvidos.

Sinto seu corpo retesar. Sou afastada ao comprimento de um braço.

— O que temos é real, Alice, por favor, tente encarar desta forma. Eu preciso de você na minha vida — tudo nele emite a sensação de honestidade — Quando você estiver melhor, nós teremos muito a conversar, mas, por enquanto, tente manter isto em mente.

Balanço vagarosamente a cabeça, concordando. É justo.

Recebo então um beijo. Sem desespero. É algo sóbrio. A língua desliza para dentro da minha boca, explorando e afirmando sentimentos incapazes de serem ditos em palavras. Quando acaba, ele ainda me segura, as mãos em conchas me deixando na sua linha de visão; penso ver um lampejo de insegurança atravessar rapidamente sua fachada.

— Vamos colocar isto... — me oferece o vestido.

Aceito sua ajuda, levanto os braços e visto a peça longa, sondando seu semblante, buscando por algo nele que nem sei bem o que é.

Ele limpa a garganta, desconfortável, talvez.

— Há algo que eu gostaria de pedir a você — diz em tom neutro, porém evita meus olhos.

Calmamente, aceno para que vá em frente.

— Antes que responda, saiba que é muito importante pra mim.

— Ok... — não vou mentir... é inevitável sentir o medo brotar na boca do estômago — Peça.

— Eu conversei com o seu médico...

— Sim — pois eu estava junto, mas não digo.

Suas narinas dilatam-se discretamente.

— Ele disse que, nos próximos dias, é importante que você não fique sozinha. E quero te pedir que venha para minha casa, comigo.

Fico apenas olhando para seu rosto, sem saber o que dizer.

— Por favor — acrescenta com sobriedade.

Continuo calada, assimilando.

Ter ele aqui é uma coisa, mas ir para sua casa, eu... não sei... não quero forçar a situação. Eu não posso me infiltrar em sua vida desse jeito, quando antes do acidente nós mal tivemos um único dia inteiro juntos.

— Eu não sei, Benjamin — desvio meus olhos — Não quero atropelar as coisas entre nós.

Minha resposta não é o que ele esperava. O movimento impaciente de seus dedos deslizando pelo cabelo mais curto revela.

— Não estaríamos atropelando nada, Alice. Eu *preciso* estar perto de você, entende? — soa num grande controle de não parecer exasperado — Se não quiser ir para a minha casa, tudo bem. Podemos ir para a sua. Só me deixe cuidar de você.

— Benjamin... — seu nome sai num suspiro, pedindo por compreensão.

Os polegares acariciam as maçãs de meu rosto.

— Por favor, doce, não me negue isso, por mais que eu não mereça.

Este é um daqueles dilemas onde razão e sentimento são colocados em prova. Se eu buscar a resposta em meu interior, prevalecerá o desejo de estar perto dele, eu sei que sim... Mas há dois meses eu estava entrando num avião justamente para ficar longe.

A recusa está na ponta da língua. Porém, quando subo o olhar para comunicar minha decisão, me deparo com a esperança clareando suas íris, com um sentimento de querer tão profundo que me toca.

— Tudo bem, eu vou — digo no alto de um murmúrio — Mas eu preciso que me prometa uma coisa.

— O que você quiser — e aqui está aquele sorriso leve.

— Prometa que vai me deixar saber quando você mudar de ideia e me quiser fora de lá.

O sorriso se apaga. Sua postura muda. Torna-se mais dura. Minha tentativa de autopreservação o fere, vejo isso estampado em seu rosto.

— Nem posso culpá-la por este pedido. Sei que já errei muito com você — seu timbre exprime certo amargor — Não dá pra construir confiança assim, de uma hora pra outra, mas quando eu digo que não quero mais ficar longe de você, esteja certa, eu jamais falei nada tão definitivo antes.

Aproxima a cabeça para ficar numa linha reta comigo e descansa sua testa contra a minha.

— Não quero que pense que vou mudar de ideia, pois não vou. Não vou, ouviu bem?

Escolho acreditar. Nós já vivemos muita coisa em poucos meses, aprendi a ler Benjamin. O que vejo agora é uma determinação que antes não havia. Ele pode ser tudo, menos um mentiroso.



Carregando-me no colo (sob protestos meus), Benjamin sobe comigo para o seu apartamento. Com um pequeno empurrão, ele abre a porta e... por um instante, chego a pensar que entramos na casa errada. O lugar está tomado por flores: em todos os cantos da sala, há lindos arranjos de variados tamanhos.

Abobalhada pela visão, olho pra ele.

— O quê? *Plantas*? — brinco.

— Flores, doce, são *flores* — diz com humor, satisfeito pela façanha.

— Surpresa! — várias vozes gritam ao mesmo tempo.

Assustada, meu olhar vai para a direção da ovação, na cozinha aberta, e me deparo com Katy, Pini, Júlia, Gabi, Peter e Sabrine, vibrantes.

Benjamin não me solta. Ao contrário, me aperta mais firme.

— Sinta-se em casa, porque ela também é sua — sussurra no meu ouvido.

Aliso seu rosto bonito, desejando beijar cada pedacinho dele.

— Isso foi tão legal — sussurro de volta, aproveitando para cheirar seu pescoço.

Com jeito, ele me senta no sofá.

Logo me envolvo numa conversa com as meninas, que revelam como organizaram tudo. As flores foram exigência dele. Algo mudou. Eu sei.

Passamos a próxima hora envolvidas numa conversa agradável. Inexplicavelmente, me sinto em casa. Observo Benjamin tranquilamente ouvindo seu irmão dissertar sobre um grupo de paraquedistas que conheceu, e vejo o quanto esse homem parece realmente mais livre. Aquela

atmosfera sombria e carrancuda já não está mais aparente. Volta e meia nosso olhar se cruza e sinto a conexão. Esperei tanto por isso. Lutei tanto contra isso também. Mas não há dúvida de que meu sentimento por ele é mais forte do que já senti algum dia. Sei que não será assim com mais ninguém... E agora, mais do que nunca, estou com um medo quase paralisante de que ele recue e volte a ser o que era.

Esse medo tende a sufocar. A sala até se torna mais quente.

— O que foi, Ali? — Pini indaga baixo, ao meu lado.

— Nada. Não foi nada — forço-me a abrir um sorriso.

Katy lança um olhar perceptivo sobre mim.

— Você está com dor?

Benjamin escuta e não hesita em cruzar a sala e vir até nós. Sem se importar com a opinião de qualquer um, abaixa-se para ficar diante de mim.

— O que você está sentindo, Alice? — sua voz contém aquele zelo gostoso de sentir.

— Eu estou bem... — sorrio, de modo convincente — Bem mesmo. Um dia de hospital e a gente vê o quanto é bom estar longe dele, né?! — ainda arrisco brincar.

Ela franze o cenho, averiguando-me com olhos estreitados, conhecedores.

— Você precisa descansar um pouco. O médico recomendou total repouso — relembra num timbre mais alto.

É como se ele estivesse mandando um recado para que todos saiam, e, sem precisar dizer mais nada, logo nossos amigos começam a se despedir, alegando que voltarão mais tarde. As meninas me encham de carinho e se vão.

Enfim, estamos nós de novo sozinhos nesta casa, contudo, numa situação diferente do que da última vez. Hoje eu vim *convidada* por ele, sou sua hóspede.

Benjamin tranca a porta e se volta pra mim.

— Sua perna dói, ou a cabeça, ou...?

— Estou bem, de verdade — tranquilizo.

Acho que não sou muito convincente. Seu escrutínio investigativo torna as coisas mais difíceis do que eu havia esperado.

— Fale comigo — pede, como se já soubesse.

Retiro um fio solto do vestido, aliso o tecido com cuidado.

— Não é nada... É só que... eu não quero te incomodar, entende?

— Você não me incomoda. Eu pensei que já tínhamos superado esse assunto.

— Desculpa voltar nisso, eu só preciso ter certeza de que...

Ele me interrompe.

— De que estou certo de minha decisão? — observa-me com intensidade — Nunca tive mais certeza antes.

Nos encaramos por alguns instantes, um tentando penetrar a mente do outro. Cansada, baixo os olhos, concordando.

— Você se importa se eu me deitar um pouco? — é o jeito que encontro para adiar o embate, mesmo que apenas por enquanto.

Ele expira ruidosamente.

— Um homem honrado a teria deixado em paz, Alice, mas sou egoísta. Preciso de você perto de mim.

Sem esperar que eu processe ou rebata sua autodepreciação, ele me levanta do sofá. Comigo nos braços, caminha pelo corredor. É quando uma dúvida, daquelas que só servem para pôr caraminholas na cabeça, me obriga a questionar:

— Vou ficar no seu quarto?

Benjamin interrompe a caminhada e me estuda, confuso ou desapontado, não sei bem. E levanta uma sobrancelha.

— Você não quer? — a entonação não nega que eu o chatee.

Droga, mas o que é que eu estou fazendo?

— Quero. Claro que sim. Eu só achei que você pudesse querer um pouco de privacidade. Então, sei lá... — prendo o lábio numa linha fina, arrependida — Estou agindo como uma idiota com você... Me desculpe.

Percebo o movimento de sua garganta, engolindo a saliva. Ele escolhe não abrir a boca. Em vez disso, volta a andar.

Entramos no quarto. Silencioso, Benjamin arruma os travesseiros atrás de mim e me ajeita na cama, colocando algumas almofadas embaixo da minha perna imobilizada. Uma manta quente me cobre. Ele faz tudo calado, e eu procuro não falar nada também.

Finalmente me olha, parecendo pronto para me deixar sozinha.

— Durma um pouco, Alice — sua voz é inexpressiva, não dá nenhum sinal do que ele está pensando, embora seus olhos não escondam a chateação.

— Deite comigo um pouco.

Ele me avalia por inteiro. Noto um músculo do maxilar desenhado pulsar, denotando o conflito em manter-se passivo.

— Eu não quero te machucar.

Um nó de insegurança começa a preencher minha garganta.

— Sei que não me machucará — inevitável segurar a primeira pergunta a vir na ponta da língua — Ou você mudou de ideia?

Assisto ao seu corpo endurecer.

— Sobre *o que* exatamente, Alice? — o olhar desafiador crava-se no meu.

Abaixo a cabeça e respiro fundo.

— Sobre eu, aqui — covarde, passo a encarar minhas mãos.

— Olhe pra mim.

Contorço o lábio, evitando exhibir o tremor, e faço o que pede.

— Eu pareço alguém arrependido? Olhe bem pra mim.

Nego com a cabeça e sopro um “não” no ar.

— Exatamente — sibila muito baixo, sombrio — Por que você se recusa a aceitar? — então sua cabeça inclina-se meio de lado, espreitando-me atentamente — A menos, é claro, que quem não queira estar junto de mim seja *você* — insinua.

— Eu quero, claro que sim... Mas...

— Mas?

— Preciso que me diga quando quiser que eu saia, para que eu não fique tentando adivinhar...

Num piscar de olhos, ele está perto. Sua mão apanha meu rosto e me obriga a olhá-lo de frente. Olhá-lo de verdade. Suas feições num aspecto extenuado me carregam de culpa.

— Eu já fiz muita besteira, e pelo jeito você me fará pagar por elas. É justo, reconheço. Mas, por favor, não fique tentando criar mais obstáculos entre nós, Alice. Tente olhar para o nosso futuro em vez de se prender ao que já foi, tudo bem? — e esta última parte (contrariando toda a energia tensa de seu corpo) é pedida com tanta amabilidade que me desarma — Lembra o que te pedi, antes de você correr de mim?

Sim, eu lembro. Revivi aquela cena mais vezes do que posso contar, enquanto estava sozinha no hospital.

— Você me pediu para te ajudar a ser o homem certo pra mim...

Ele sorri, não algo contagiante; é um sorriso pequeno, fraco.

— Acha que pode fazer isso?

Droga.

Aliso seu rosto tão próximo.

— Você já é...

O sorriso vira um bufo suave.

— Ambos sabemos que não. Mas me esforçarei para ser, ok? — sem esperar por resposta, beija a ponta do meu nariz.

Por fim, se despe e apaga a luz. Meu corpo é puxado para junto do seu, de conchinha, pela primeira vez.

— Eu te amo, doce — sussurra na escuridão — Não estragarei as coisas desta vez, eu prometo a você.

Suspiro profundamente, relaxando um pouco mais.

— A propósito...

— Sim? — questiono.

— Eu não matei minha esposa — e esta parte é dita com surpreendente e discreto bom humor.

Prendo o lábio entre os dentes, segurando uma risadinha.

— Fico bem aliviada em saber — brinco num cochicho — Obrigada por esclarecer.

— Mas, Alice...?

— Sim, pode falar.

— Por favor, não conte a nenhum vizinho, ok?

Droga!, o lado carrancudo era, de seu próprio jeito, muito atraente... Mas o jeito brincalhão me apanha o restante do coração.

— Eu prometo.



Capítulo 24

Alice

Acordo tendo Benjamin sentado na cama ao meu lado, usando óculos de grau, um *notebook* no colo, concentrado na tela. A visão é linda. O homem trabalhando na cama compartilhada comigo, relaxado, me faz fantasiar, por um momento, que somos um casal numa rotina comum. A ideia é reconfortante.

— Oi — ele me diz ao perceber que estou acordada.

— Oi — devolvo, tímida. Prendo brevemente a língua entre os dentes, para não falar, mas...

— Você fica muito atraente olhando para o computador desse jeito compenetrado.

Ele deixa o aparelho de lado, inclina-se para o meu rosto e me beija, roçando os lábios suavemente e mordiscando. Por fim, se afasta alguns centímetros, apenas pairando sobre mim.

— Já você, doce Alice — salpica outro beijo, agora no meu nariz — É dolorosamente linda e atraente dormindo, acordando, acordada, de todos os modos — a voz grave e o carinho aquecem o lugar mais íntimo de meu corpo.

Engulo a saliva com dificuldade, admirando os olhos azuis intensos focados, enquanto a energia densa de necessidade vai se infiltrando entre nós, cada vez mais forte.

— Vou preparar alguma coisa pra gente comer — dissuade, num controle admirável — Você precisa se alimentar.

Arfo.

— Bem... — mordisco o lábio — Eu preciso de um banho, na verdade — a fala afetada revela minha inquietação.

O ar dilata suas narinas.

— Eu vou te ajudar.

Em silêncio, sou levada no colo para o banheiro. Ele me senta em cima do balcão da pia de cuba dupla.

— Obrigada — ajeito-me.

— Espere aqui, vou buscar um plástico para proteger a tala — beija minha boca maciamente e sai, apressado, evitando o desejo indiscutível que permeia o pequeno cômodo.

Quando volta, enrola um plástico de alimento em minha perna com todo o cuidado. Sua respiração é moderada, aparentemente está atento ao trabalho. Não obstante, um músculo agitado em sua face denuncia seu verdadeiro estado.

A sensação de feminilidade e empoderamento se apossa de mim. Só com ele eu me sinto deste jeito. É seu desejo que faz isto comigo. Sua luta contra a necessidade do próprio corpo, talvez temendo me machucar, acentua em mim a vontade de ir além. Só com ele.

— Agora temos de tirar o vestido — lembro com uma inocência ensaiada (bem, talvez depois disso ele pare de achar que sou tão casta).

Seus olhos se estreitam, sondando meu rosto, captando a intenção.

Mantenho seu olhar.

Então, sorrindo de um modo sagaz (como quem compreende a provocação), sem pressa, ele começa a puxar a peça para o alto da minha cabeça. Levanto os braços e sinto o contato do tecido deslizando por mim.

Fico completamente nua.

Ele expira ruidosamente.

— Me abrace — peço.

Seus olhos ardem de desejo, e ele o faz. Envolvero seu pescoço e o puxo mais junto. Meus seios roçam o peito sob a camisa. Sinto-me muito sensível ao contato. Muito mesmo.

— Faça amor comigo, Benjamin — murmuro quase sem voz.

Grunhindo de um jeito estrangulado (e por consequência engraçado), ele afasta a cabeça alguns centímetros para me encarar. Os olhos azuis estão transparentes e a pupila expandida.

— Não quero te machucar — rosna baixo.

— Eu preciso de você, por favor — deslizo a língua sobre o lábio para amenizar a secura. Ele acompanha o movimento com o olhar de uma águia.

— Maldição — pragueja, entregando os pontos.

É emocionante.

De mãos trêmulas, eu o ajudo a abrir o zíper da calça, enquanto ele arranca a camiseta.

— Devagar, doce, eu não quero perder o controle com você — pede quando o coloco para fora e começo a massageá-lo.

Ajeito-me para ele. Abro as pernas de um modo que ele fica entre elas. A mão quente desliza para a minha intimidade.

— Você está molhada! — a descoberta inflama o ardor em sua feição.

— Por você — respondo sem timidez.

Seus dedos se afundam em mim e o polegar fricciona meu ponto sensível.

— Oh, Benjamin — gemo, jogando a cabeça para trás.

Recebo beijos e mordiscadas em meu pescoço, deslizando pela curva e tocando o colo. A língua rodeia todo o contorno do meu seio e finalmente encontra o mamilo. Enlaçando-me firme pela cintura, suga meus seios, devoto. Sua outra mão esfrega o centro de minhas terminações nervosas do jeito certo.

— Senti tanto a sua falta — rosna contra a minha pele — Eu quero me afundar em você, amor. Chega a ser doloroso o tanto que te desejo. Pensei neste momento todas as noites. *Todas as malditas noites.*

O que diz tem o mesmo efeito de jogar combustível sobre chamas. Tudo se eleva a outro nível — necessitado, clamado.

Seguro-o duro na mão e guio para a minha entrada.

Benjamin grunhe quando a cabeça se enfia um pouco; o esforço em não me machucar, em fazer eu me acostumar com o seu tamanho antes de se colocar por inteiro é admirável. Numa tortura lenta, seu comprimento vai criando passagem, entrando e saindo, até que eu o aconchego dentro de mim.

Nossos gemidos se misturam.

Contrações ameaçam invadir meu ventre, gerando choques elétricos que vão dos dedos dos pés à base da coluna. O ritmo da batida de nossos corpos aumenta e, junto dele, as sensações se ampliam, até que me sinto ensurdecer e imergir para dentro de mim.

Urro sem voz.

Não demora ele se retira abruptamente e seu líquido quente é derramado em meu estômago. Abraço-o não querendo soltar nunca mais, enquanto meu corpo desfruta de um colapso maravilhoso.

Eu poderia ficar aqui por toda a vida, mas permanecemos nesta posição por menos tempo.

Benjamin então me ajuda a tomar banho, cuidadosamente lava meus cabelos e esfrega meu corpo, sem deixar nada de fora. Sou envolvida em um roupão de banho e levada no colo para a cozinha. Ele me senta em uma banquetta moderna, que combina com a decoração em aço inox e armários pretos, masculino. Observo sua desenvoltura dominadora no ambiente, sabendo o que faz em seu habitat. Em poucos minutos, tenho um saboroso omelete posto em minha frente.

— Certo, e ele ainda cozinha — brinco, em admiração.

Benjamin sorri, satisfeito.

— Tenho muitas habilidades, doce Alice... — pega o garfo cheio de minha mão e o leva à minha boca — Você terá de ficar comigo para sempre, se quiser conhecer todas elas.

É uma promessa de um futuro juntos, não uma piadinha.

Mastigo demoradamente, para que o momento nunca acabe.



Capítulo 25

Alice

Passamos a tarde e a noite juntos, assistindo a filmes, conversando coisas bobas e trocando carinhos. Ainda não tivemos “a conversa”, talvez nenhum de nós queira tê-la por enquanto. Sinto-o ainda receoso a respeito de me tocar, cuidadoso até. Eu, ao contrário, aproveito-me do momento para curtir seu corpo, como agora, quando traço os contornos de sua barriga trincada, descansando o rosto do largo peito. Não há nada de gordura evidente.

— Seu corpo é bem definido... — constato, alisando um gominho — Você se exercita muito? Seus dedos fazem um tipo de carinho circular em meu ombro.

— Nas horas em que não estou trabalhando... — noto uma leve hesitação na resposta — E para aliviar a *tensão* também — acrescenta.

— Hum... a tensão? — levanto-me apoiada no cotovelo para sondar seu rosto. Ele estreita os olhos como quem diz “você é bem curiosa, não?”.

— Eu não gosto de sair, e não tive ninguém desde que... Desde que eu fiquei viúvo — resmunga a última parte.

Eu deveria entrar neste assunto? Fazer perguntas?
Opto por calar-me.
Quem toma a iniciativa de falar é ele.

— Eu acho que te contei como as coisas aconteceram, não é? — diz, neutro de emoções, tampouco me olhando.

Antes que eu responda ele interrompe, em tom lógico.
— Claro que contei...

Na falta de outra ação, confirmo com a cabeça. Por intuição, volto a me deitar em seu peito. Talvez se eu não estiver olhando seu rosto, ele decida me contar sua própria versão.

Benjamin volta a me envolver e acariciar meu ombro.

— Depois daquilo eu, digamos que, foquei no trabalho. Exercitar-me foi uma solução para liberar um pouco da pressão.

— É um bom jeito... — delibero aleatoriamente.

— Mas não o melhor. Hoje percebo quanto tempo eu desperdicei.

— Tudo na vida tem uma razão, meus pais sempre me disseram isso — reflito.

Faz-se um breve silêncio, penso em inserir algum outro assunto, mas a voz dele chega antes.

— Sim, talvez eles tenham razão.

— Talvez tenham...

— Me fez ter mau humor o bastante para me incomodar com uma enxurrada de flores num único dia.

Levanto-me, de boca aberta, para encará-lo.

— Minha nossa, você se orgulha daquilo? — finjo indignação.

Suavemente, ele alisa minha bochecha.

— Você mexeu tanto comigo naquele dia, me enfrentando; insultando; e ainda mantendo uma atitude toda doce e gentil.

— Ora, eu não quis te ofender...

— Me chamando de gay? — arqueia uma sobrancelha, provocativo.

— Gays também mandam flores — explico com humor.

— E eu pareci gay pra você, Alice? — questiona, presunçoso.

Franzo minhas sobrancelhas. Eu poderia mentir e dizer que sim, mas sua virilidade dominou minha loja naquele dia.

— Nem um pouco, mas você se surpreenderia com a quantidade de gays *interessantes* que vão à loja.

— Você me achou interessante?

— Um pouquinho — sinalizo entre os dedos polegar e indicador um pequeno espaço, zombando.

— Tenho minhas dúvidas em relação a este “pouquinho” — ele morde meu lábio, antes que eu consiga reagir — Você ficou de boca aberta quando me viu, doce. Suas bochechas chegaram a corar... Acho até que não teria me negado um beijo, se eu pedisse — troça.

Que presunçoso!

— Talvez sim — faço um beicinho, simulando pensar no assunto, então com um estalinho de língua, desdenho — Mas seu mau humor foi um pouco brochante, então não. Eu não teria aceitado.

— Alice, Alice... — me lança um aviso sedutor.

— Ok, ok. Não foi brochante, só... *estranho*, por ser o dia dos namorados.

— *Pff*... Eu odeio esse dia — bufa, desgostoso.

O clima de brincadeira muda.

— Por quê? — investigo, curiosa.

— Deixa pra lá — tenta fugir.

Empertigo.

— Ora, me conte. Eu quero entender a razão de você odiar um dos dias que eu mais amo.

— Por que você ama?

A questão me distrai brevemente. Inspiro, sonhadora.

— Pelo clima no ar, pelo fato das pessoas se lembrarem do quão importante é amar e ser amado — explico simplesmente.

Ele arqueia uma sobrancelha. Eu poderia interpretar como ele me achando uma tola, mas evito pensar deste modo.

Empurro a bola pra ele.

— Agora, por que você *não* gosta do dia dos namorados? — volto a indagar.

— Porque as pessoas se cegam, acreditando que isto é tudo o que basta — profere, seco.

— Como assim?

Cala-se por uns instantes.

Ah, não... se começou, termine, homem!, penso.

— Benjamin?

Rosna baixo, frustrado por ter de responder.

— Talvez a resposta não seja o que você queira ouvir.

— Acredite, eu quero.

Ele se cala, controlando a respiração, ou talvez suas emoções.

— Foi no fim de semana dos namorados que ela morreu. Eles estavam passando juntos.

— Ah...

Faz todo o sentido – seu comportamento naquele dia, digo.

Nem sei o que dizer. Ele tem este dia manchado em sua vida, justamente um dos melhores pra mim.

— Fale comigo, eu vejo esta ruga entre suas sobrancelhas — pede, calmo, sem expressar qualquer exaltação.

— Melhor não — respondo o que ocorre.

— Alice... — adverte.

— Bem... Você depositou sua confiança em alguém que não mereceu, e por isso generaliza e declara ódio ao dia dos namorados? Me parece meio... — penso na palavra certa — injusto.

Ele se senta encostado à cabeceira.

— Você está enganada. Não declarei ódio à data. Eu só acho que um bando de tolos acredita que este dia é melhor do que os outros pela razão errada.

Oh...

— Lamento ter de dizer que sou uma destas tolas cegas, Benjamin — retruco mais seca, realmente incomodada pela repulsa do que diz.

— Não, Alice. Você é diferente — profere, áspero.

— Diferente por quê?

— Você não fica se apoiando em um dia específico para contar mentiras.

Eu realmente acho que eu não deveria continuar a conversa por este caminho. Sua linha de raciocínio me incomoda, frustra.

— Nem todas as pessoas são mentirosas. Tampouco eu sou uma pessoa inocente, como você quer acreditar... — um pensamento inquietante surge muito forte — Aliás, se você pensa deste modo e me considera uma exceção, então como enxerga *os seus* sentimentos em relação a mim? Aonde estamos indo com isso, — gesticulo entre nós — em sua opinião?

A questão sai antes de eu poder impedir. Sua reação é franzir o cenho, numa carranca mal disfarçada.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Acho que o tipo válida, não?

— Alice, eu sei aonde você está tentando chegar, e não vou cair nessa — avisa — Eu já disse a você que eu te amo. Isso deveria ser mais importante do que a minha fé ou não em um maldito dia dos namorados. Nem sei por que a gente está discutindo isto agora.

— Responda a pergunta — peço, firme.

Sua irritação pouco me dissuade.

— Estamos aqui, juntos, porque eu quero e preciso estar com você, como eu nunca pensei que fosse possível — olha-me de maneira intensa, profunda — Escute bem o que eu vou te falar, Alice, porque minha palavra deve bastar e eu só direi isso uma vez.

Cruzo os braços sobre o peito.

— Vá em frente — desafio-o.

Ele semicerra mais os olhos, detestando minha ousadia.

— Meu casamento acabou daquele jeito porque eu não fui capaz de amar, não de *verdade*. Como eu sei disso? Você. Você me fez conhecer um sentimento que eu nem sequer poderia supor existir. A intensidade e a grandiosidade de querer alguém mais do que a própria vida eu senti quando te vi estirada naquele asfalto. Ali eu percebi que teria dado a minha vida pela sua, você entende?

Abro a boca... e a fecho em seguida.

Ele continua.

— Ou no dia em que nós dissemos adeus, em sua casa, você lembra? Foi quando eu também descobri a dor de ter um pedaço de mim sendo arrancado. Foi exatamente esta sensação. A traição de minha esposa me despertou apenas raiva pela humilhação. Ela feriu o meu *ego*. Já ter de me afastar de você, Alice, quebrou a minha alma, o meu corpo, o meu coração. A dor foi física. Compreende a diferença? Você consegue obter sua *tão necessária resposta* a partir disso? — chega a me ironizar — Isso é amar, pra você? É pelo menos o suficiente para esclarecer “Aonde estamos indo com isso”?

— É...

— limpo a garganta — É sim... — repito.

E mesmo obtendo a admissão, ele ainda me olha desafiador, esperando por uma reação melhor, eu acho. O que mais eu poderia dizer depois de ouvir tudo isso? Nunca alguém me falou nada parecido. E mais: nunca alguém disse com todas as palavras exatamente o que eu mesma sinto.

— E então? Isso é o suficiente pra você? — me acua, determinado a ir até o fim — Ou eu vou ter de ficar tentando te convencer o tempo todo, porque você não está sendo capaz de enxergar o óbvio?

Emudeço.

— Vamos, Alice, responda.

— É o suficiente, sim... Aham... — sussurro, anestesiada de tanto amor (se isto é possível).

Seu corpo relaxa um pouco. Ele expira profundamente e me puxa para si. Não é cuidadoso como havia sido até alguns minutos antes, pelo contrário, me envolve em seus braços como se eu pudesse fugir a qualquer momento.

O expirar profundo move seu peito entre nós.

— Você é mesmo diferente, menina. *Única* — não consigo interpretar se isto é bom ou ruim.

— Vai ver é bom... — me consolo baixinho.

— O quê? O que você resmungou?

— Nada... Eu não disse nada, não...



Capítulo 26

Alice

Os dias se passam rapidamente, em perfeita *harmonia*. Benjamin cancelou suas aulas da semana e permaneceu comigo (fico me perguntando como ele deve ser no papel de professor. Por alguma razão, acho que os alunos gostam dele). Estive de volta ao hospital e o médico me disse que meus exames estão normais, a cabeça está ótima, posso continuar minha vida, com restrições à perna. A tala ainda ficará comigo por mais três semanas. Aluguei um par de muletas no hospital para me auxiliar nas atividades do dia a dia. Benjamin acompanhou as informações do médico em silêncio e permaneceu quieto por todo o caminho de volta pra casa dele. Quando chegamos ao estacionamento, ele se recusou a me deixar usar as muletas, e me subiu em seu colo.

Mas o notei mais calado, distante, desde que retornamos da consulta. Os últimos dias foram muito bons, então não consigo encontrar uma razão para a atitude. Bem, estou certa de que não é coisa da minha cabeça: ele me evitou; fora alguns olhares furtivos enquanto trabalhava em sua mesa próxima à sala de estar, pouco falou comigo.

É com esta dúvida que o acompanho soltar os óculos sobre a mesa, esfregar os olhos fechados, se levantar e vir até mim.

Afasto-me para que ele se sente no braço do sofá onde estou. Recebo um beijo casto na testa.

— Eu preciso dar uma saída agora... — até seu timbre está estranho, parecendo sem jeito — Tenho de comprar algumas roupas, estou ficando sem opções — tenta fazer graça apontando para sua camiseta branca e calça jeans — Estou com apenas três camisetas, mais algumas lavadas e ficarão transparentes.

Aliso sua coxa.

— Jogar fora todas as suas roupas foi um pouco radical, não? — brinco suavemente, querendo afastar o que quer que esteja em sua cabeça.

— Aquele preto todo me enjoou — encolhe os ombros.

— Bem, quer que eu vá junto? — pergunto me esforçando para não parecer ansiosa, porque, apesar de o motivo ser muito bom, sinto que é só uma desculpa.

O fato dele evitar meus olhos acentua esta impressão.

— Não — nega, sucinto — Você não pode ficar se movendo, sua perna precisa de repouso.

Mesmo sua postura rígida dá sinais de que algo o incomoda. Eu deveria perguntar o que está acontecendo, o que há de errado, mas minha língua não consegue se mover. Seu comportamento distante me impede de questioná-lo.

Recebo um beijo na boca, rápido, seco, embora com o calor habitual (intrínseco a ele). No instante seguinte, ele está atravessando a saída, sem me deixar dizer qualquer outra coisa. Fico olhando para a porta sendo fechada atrás dele.

Por que Benjamin está agindo assim?

Certo que desde o acidente ele realmente se livrou de todas aquelas roupas pretas, foi radical, eu acho, mas senti que ele estava tentando me provar que queria deixar o passado para trás... No entanto, esta sua reação de agora...

Encolho-me no lugar, insegura mediante o pensamento novo surgindo em minha cabeça.

Evito pensar.

Mas penso.

Ligando os pontos, sua reação mudou deste que o médico me liberou do período de repouso. Ele me disse que eu poderia seguir minha vida, voltar ao trabalho e tudo, sem excessos para não prejudicar a cicatrização do pé. E se Benjamin...?

Não. Não pode ser isso. Tem de haver outra justificativa, algum problema no trabalho, ou na tese que está fazendo, afinal, ele ficou a maior parte do tempo em frente ao computador.

Sentada, puxo a perna boa contra o peito e recosto minha cabeça nela.

Benjamin não pode estar se distanciando de mim depois de tudo o que dissemos um ao outro. Esta hipótese seria cruel.

Mas que outra explicação?

Fecho os olhos bem apertados.

Desde que saímos do consultório ele mal me olhou, assim como no dia da cafeteria e no elevador. E se o fato de saber que estou bem o fez se sentir aliviado? Talvez, em sua cabeça, ele se sentia culpado pelo atropelamento. E agora que estou bem...

No final, nem posso ignorar esta possibilidade, é como dizem, gato escaldado teme água fria... E *esta* água fria especificamente é uma na qual eu já nadei. Talvez por isto, a razão dentro de mim martela que não posso ficar de braços cruzados esperando o trem em alta velocidade vir me atingir.

Uma lágrima escorre por minha bochecha. Encaro o celular ao lado do sofá e não consigo evitar.

Limpando o rosto com a manga da blusa, pego o aparelho e ligo para Katy.

— Oi, Ali, como você está? — ela responde receptiva, alheia ao meu estado — Eu estou planejando passar aí mais tarde para te ver.

— Katy — digo quase sem voz, limpando a garganta para não chorar — Você pode vir me buscar agora?

— O que aconteceu? — indaga, alarmada.

— Só venha, por favor.

— Gata, eu estou um pouco longe agora. Dê-me dois minutos. Você está na casa dele?

— Sim.

— Eu já te ligo.

E em menos de três minutos, é Pini quem me retorna.

— Ali, Katy ligou agora me pedindo para passar aí. O que houve? — questiona muito séria.

— Você pode vir agora, Pini?

— Em dez minutos eu chego — sem hesitar. Ela é assim.

Pego as muletas que ele deixou ao lado do sofá e me atrapalho um pouco ao usá-las. Meio me arrastando e meio me apoiando nelas, vou para o elevador. Aperto o botão várias vezes para que venha logo. Não posso nem pensar em escadas.

Quando entro na coisa, sou tomada por uma mistura de tristeza e arrependimento, igualmente intensas. Eu deveria ficar e enfrentar a situação, saber por que ele muda tanto de comportamento. Só que não poderia suportar ver arrependimento em seus olhos, novamente. Não posso lidar com isto. Eu sabia que vir para a casa dele não era uma boa ideia. No fundo, sim, mas me deixei levar pelas emoções porque acreditei em sua mudança... Quem pode prever o que acontece na cabeça da outra pessoa?

Caminho do jeito que consigo, indo para a porta do saguão. A muleta escorrega algumas vezes no piso liso, o porteiro vê e vem depressa me oferecer ajuda. Não demora, Pini desponta, estacionando em local proibido, e sobe os degraus do saguão de dois em dois. Com sua ajuda, saio do prédio e entro no carro.

Quando ela põe o veículo em movimento, sinto seu olhar espreitando-me.

— E então? — a voz neutra quase esconde a apreensão, quase.

— Eu acho que não foi uma boa ideia vir pra casa dele — resmungo sem muito ânimo.

— E o que mudou desde a última vez que eu vi o cara louco por você? — seu tom é despretensioso, porém sei aonde ela quer chegar.

Suspiro longamente.

— Não sei, Pini. Ainda estou tentando descobrir...

— O que ele fez *exatamente*, Alice?

Olho pra ela e não sei o que responder.

— Nada, exatamente.

— Mas?

— Hoje ele estava daquele jeito, sabe... do tipo que quer fugir.

— E você resolveu fazer isto por ele... — ela conclui.

— Achei melhor assim.

Dirigimos em silêncio pela avenida, eu submersa em meus pensamentos, beirando o remorso, ela ciente de que preciso de tempo para pensar. Em frente à minha casa, Pini desliga o motor e se gira para mim.

— Ali, eu não sei se é uma boa ideia você ficar sozinha hoje. Vamos lá pra casa?

— Não se preocupe, Pini, eu estou bem e quero ficar aqui — respondo baixo, exteriormente calma, sob controle de minhas emoções.

Ela enruga os lábios de lado, me avaliando, conhecedora.

— Então eu vou trazer umas roupas e passar a noite com você.

Pego sua mão, olhando-a com honestidade.

— Obrigada por querer estar comigo, de verdade, eu te amo por isso, mas eu preciso ficar um pouco sozinha, sabe?

Contrariada, receosa até, ela acata o pedido. Pini tem isto sobre si. Ela sabe respeitar nossos momentos.

Com sua ajuda, subo para a minha casa. Priscila fica um pouco, acomoda-me e se vai.

Olho em volta e simplesmente não reconheço o meu lar. Tenho a sensação de que tudo está diferente, estou me sentindo deslocada. Parece que falta algo... e eu sei o que é. Falta ele. Benjamin.

Sozinha, começo a me dar conta do que fiz. Eu não deveria ter saído escondida. Eu deveria ter enfrentado o medo, ficado e conversado, tentado entender os motivos. Ninguém é capaz de dizer tantas coisas como aquelas sem realmente sentir. Ele cuidou de mim. Eu vi em seus olhos, Benjamin sente algo por mim. Deve haver uma razão para tudo isso... o problema é que eu o amo demais para pagar pra ver.

Estou me odiando agora, e não há nada que eu possa fazer.

Arruinei tudo fugindo.



Arrumo minha perna no sofá e me enrolo em uma manta. Não demora, meu celular atea a tocar freneticamente. Não atendo. O nome de Benjamin ilumina a tela numa sequência de ligações. Penso sobre atender... mas hesito, covardemente, e não o faço.

Logo recebo uma mensagem.

✉ **Remetente:** Benjamin

Mensagem: “Onde você está???”

Não respondo. Outra chega na sequência.

✉ **Remetente:** Benjamin

Mensagem: “Alice, eu estou indo atrás de você. Nem tente se esconder porque eu vou te achar”.

Sei que ele não está brincando, entretanto, hoje não sou capaz de suportar uma conversa. Não quero que ele venha, eu preciso ficar sozinha e pensar em tudo o que está acontecendo, recuperar

minha coragem... e acalmá-lo um pouco também. Digito rapidamente uma mensagem em resposta.

✉ **Destinatário:** Benjamin

Mensagem: “Benjamin, eu vim pra minha casa, mas, por favor, não venha atrás de mim. Eu preciso desta noite sozinha para pensar um pouco. Não quero conversar. Desculpe por sair deste jeito”.

Sua reação vem muito rápida.

✉ **Remetente:** Benjamin

Mensagem: “Atenda a droga deste telefone! Agora! Você não precisa pensar em nada, só vir pra cá para eu cuidar de você. Pare de colocar estas malditas barreiras entre nós!”.

Não respondo nada, contudo, seguro o telefone entre meus dedos com firmeza, expectativa, coração acelerado parecendo querer explodir, sobrecarregado de tantas emoções.

✉ **Remetente:** Benjamin

Mensagem: “Talvez você tenha razão. Eu nem sei o que faria se colocasse minhas mãos em você agora, então é melhor não conversarmos esta noite. Sua relutância me frustra”.

Apesar de irritada, sua mensagem soa engraçada. Ele não sabe o que faria se me visse agora? Hum.

Então decido responder.

✉ **Destinatário:** Benjamin

Mensagem: “Minha relutância te frustra? E sobre suas mudanças de humor? Ah, sim, elas me deixam extremamente confortável. Boa noite, Benjamin”.

Ele liga de novo. Não atendo. Ele manda mensagem.

✉ **Remetente:** Benjamin

Mensagem: “Você deveria, no mínimo, atender seu telefone para me falar estas coisas. Você é mais corajosa do que isso, doce Alice”.

Fecho os olhos por um instante e sorrio, apesar de tudo. Em minha mente eu o imagino dizendo

estas coisas, furioso e controlado, olhos escurecidos, dedos desgrenhando o cabelo arrumado corretamente no lugar. Sinto-me corajosa – apenas por mensagem – para responder.

✉ **Destinatário:** Benjamin

Mensagem: “Obrigada pela confiança. Eu precisei mesmo desta coragem para interpretar seus sinais, mesmo que eu tenha te pedido para me avisar quando isso acontecesse”.

Sei que peguei um pouco pesado agora. E acho que ele também pensa assim. Nenhuma mensagem ou ligação vem depois disso. Apenas silêncio. Ok. De qualquer forma, é como se ele acabasse de confirmar minhas suspeitas. Benjamin tinha mesmo mudado de ideia e não teve coragem de me dizer.

Bem, isso não é novidade, ele fugir não é algo inesperado. A coisa certa a fazer agora é não fazer nada. Eu amo o homem, isto é fato. Ele me amar é uma dúvida.

O fato de ele me amar, ou não, importa mesmo?

Eu tenho amor por nós dois aqui dentro. Eu poderia conquistar ele a cada dia. Eu poderia bater com uma frigideira em sua cabeça e fazer com que ele volte pra sua mente e pare de fugir de mim; sim, há milhões de possibilidades.

Com estes pensamentos, chego a agradecer por Pini não ter ficado aqui comigo para me ouvir. Ela diria, desgostosamente, que estou perdendo meu amor-próprio. Talvez esta seja a linha tênue entre ser uma romântica e sofrer de Transtorno de Personalidade Borderline... daquelas mulheres que amam demasiadamente e se fecham para a realidade.

Enrolo-me ainda mais na manta e seguro o telefone. Meus olhos não conseguem deixar de fitá-lo.

De repente, a campainha soa, quebrando minha atenção e fazendo-me pular no lugar, pega de surpresa. Vacilo ao pensar que possa ser uma das meninas ou todas elas, ou Benjamin... realmente não tenho certeza. Estática, não me movo, deliberando.

O som é insistente.

Eu poderia não atender.

Não.

Eu jamais faria isso, principalmente com elas. E é por isto que decido me levantar e ir atender. Há uma chance muito grande de serem minhas amigas na porta. Quanto mais eu me esforço para me encaixar nas terríveis muletas, mais o barulho aumenta. Finalmente me tenho em pé, e me arraso para a porta.

Ao abrir me deparo com... Benjamin. Parado. De braços cruzados. Aparentemente zangado... aliás, bem zangado. Desço meu olhar por seu corpo, e me surpreendo com uma mala no chão, ao seu lado.

— O que... você? — indago apontando para o objeto.

Ele não fala nada, se mantém me encarando muito intensamente, arrastando um arripio por

minha espinha.

— Benjamin? — sussurro, sem saber o que dizer.

Ele desvia o olhar descontente de mim e pega a mala no chão. Afasto-me um pouco de lado, sem jeito, e o homem entra, fechando a porta atrás dele.

— E então, Alice? — seu tom é desafiador, contendo certa ferocidade controlada.

— P-por que a mala?

— Você não quer ficar na minha casa, eu vim ficar na sua — diz direto, sem rodeios ou humor.

— E-eu...

— Pediu pra ficar uma noite sem mim — ele completa a frase, me fulminando — Pff... como se eu fosse permitir isso — ironiza.

Pegando-me completamente de surpresa, ele me levanta nos braços sem nenhum aviso prévio.

— O que você está fazendo? — grito baixo, denunciando que esta era a última atitude que eu podia esperar.

Ele não diz nada, caminha comigo para o meu quarto muito determinado, sem me olhar, apenas marchando.

— Benjamin, por favor!

Ignora-me e só me solta quando estamos na cama. Calado e objetivo, ele me deita por baixo do edredom e arruma almofadas para sustentar meu pé. Fico observando a tudo aturdida, esperando seu próximo passo com grande temor e expectativa. Querendo entender qual é sua intenção.

Depois de me acomodar, Benjamin circula a cama e para do outro lado. E em movimentos sem pressa, ele arranca as botas, tira o suéter e camiseta por cima da cabeça, e abaixa a calça. Mordo muito forte minha bochecha para não rir, apesar de tudo. Ao que parece estou recebendo um *striptease* de um homem furioso.

— O que você está fazendo? — sussurro, escondendo minha excitação juvenil com a situação.

Completamente nu, lindo que chega a doer, ele torna a cruzar os braços diante do peito.

— Você não quer conversar esta noite, lembra? — me dirige um olhar frio — Então nós vamos dormir.

Oh...

Ignorando minha expressão de mais surpresa, ele levanta o edredom e se enfia embaixo. Desliga o abajur e me puxa para junto dele.

— Benjamin...? — murmuro com cuidado.

— Não. Não fale nada, Alice, para o seu bem. Meu autocontrole está por um fio — sua voz é áspera.

— V-você vai mesmo dormir aqui?

— Não é o que parece? — indaga, sarcástico de um jeito aborrecido.

A escuridão do quarto não me deixa ver seu rosto. Seu aperto firme na minha cintura é um

aviso de que ele não pretende se mover.

— Isto não parece... *certo* — insisto baixo.

Ele fica mudo por um tempo. Até que ouço sua respiração profunda.

— Alice, eu estou me controlando para não descontar em você toda a raiva que estou sentindo nesse momento. Faça-me um favor e durma. É exatamente o que vou fazer — parece uma ordem.

— Não consigo dormir só porque alguém exige. Eu não sou uma criança.

Outra respiração ruidosa.

— Você sai da minha casa fugida, com uma perna imobilizada, mal sabendo usar um par de muletas, desce se arrebetando e precisa da ajuda do porteiro, correndo o risco de cair e provocar um dano ainda maior. Quer saber? Acho que está certa. Você não é uma criança, porque nem uma criança cometeria uma estupidez destas.

— Oh...

— É isso mesmo. Agora durma.

Tenho vontade de rir. Esta situação toda é tão, tão... ridícula. Acabo não me controlando e liberando uma risadinha silenciosa.

— Que bom que você está achando graça — sua frustração ecoa na escuridão — Alguém tem de rir, afinal.

— Boa noite, Benjamin... a propósito, eu realmente não te entendo.

— Eu poderia dizer o mesmo, mas prefiro respeitar seu pedido de não conversar... *hoje*.

Ok.

Toco sua mão possessiva na minha cintura e me aconcheio um pouco mais.



Capítulo 27

Alice

Acordo envolvida em um corpo deliciosamente quente. Benjamin me abraça, possessivo, caloroso. Sinto como se este fosse exatamente o meu lugar. Ainda de olhos fechados, penso em nós, em como ele veio parar nesta cama ontem à noite. Por que tudo tem de terminar em drama com a gente? As coisas seriam tão melhores se não houvesse fugas e discussões.

Viro-me na cama com dificuldade para poder olhar pra ele enquanto dorme. O homem é lindo; sua expressão sisuda, em meio ao relaxamento, lhe impõe um aspecto duro. A simetria nos contornos de seu nariz e maxilar esculpidos é quebrada por uma pequena cicatriz na boca, o que traz ao rosto personalidade, derrubando a sensação de perfeição, de uma maneira muito atraente.

Seu membro, mesmo em posição de descanso, cria um bom volume sob o lençol. Não resisto e toco a pele na barriga, chapada, com temperatura quase febril. Como um homem destes se escondeu por tanto tempo naquela casa, nas roupas pretas, no luto?

É muita sorte que ele tenha entrado na minha vida... ou muito azar. Ainda não decidi.

Sorte porque Benjamin, definitivamente, é o que eu sempre sonhei. Jamais gostei tanto de alguém assim, superá-lo seria impossível. E azar justamente porque superá-lo seria impossível.

Chega de negatividade. Se tiver de durar um minuto ou uma vida, que seja bom e ponto.

Mordo forte meu lábio, buscando por controle, para evitar que minha mão desça onde não deve. E, mesmo sem tocá-lo, noto o membro crescendo, gradativamente.

Aqueço por dentro.

— Gosta do que vê? — pergunta-me de surpresa, seu timbre rouco pelo sono, olhos sagazes fitando-me intensamente.

Suas bochechas exibem o calor.

— Além do que deveria ser bom pra mim... — murmuro com sinceridade.

Ele segura meu pulso no lugar quando tento afastar a mão de sua barriga.

— Você é pessimista demais para alguém que acredita tanto no amor, Alice.

— Acho que eu devo isso a você — desvio de seu olhar, arrependida no minuto em que a frase saiu.

— Desc...

— Não. Não peça desculpas — me corta um tanto rude.

E não espera um segundo mais. Ele se arruma, senta-se com as costas apoiadas na cabeceira,

cruzando os braços ante o peito nu. Vejo suas narinas se abrindo levemente, as sobrancelhas franzindo e os olhos se estreitando. Este provavelmente deve ser o sinal para eu sair correndo da fúria do homem — e eu faria isto, se pudesse.

— Até quando você vai adotar esta postura defensiva comigo, Alice? Seja honesta e me diga — desafia, com o temperamento muito bem administrado.

Fico muda, encarando-o com olhos arregalados, inerte de resposta.

— Eu vou ter de pagar durante toda a vida por não ter te procurado de volta, quando eu também não fui capaz de lidar com meus próprios sentimentos? — continua, cada palavra mais grave, com mais ferocidade indiscretamente sob controle.

Fito minhas mãos e aperto o edredom contra meu corpo.

— Não é só sobre o passado, Benjamin. Ontem mesmo você agiu da mesma forma — acuso-o, numa voz baixa.

— De que raios você está falando?

— De você, não sabendo como agir comigo na sua casa, querendo me afastar sem saber de que modo. É disso que estou falando.

— Querendo te afastar? — bufa — Pare de ser ridícula, Alice!

— E não foi o que você fez? Mal falou comigo — começo a enumerar com os dedos as suas infrações — Ficou se esgueirando pelos cantos, não sabendo como me dizer. Inventando desculpas para sair. Eu não sou estúpida, Benjamin. Eu leio os sinais.

Ele ri de um jeito ácido, sem nenhum humor.

— Ah, você sabe ler os sinais? — franze o cenho, levemente debochado — Então o que eu queria realmente te dizer ontem e não soube como? Em sua opinião, Alice.

O desafio está no ar.

— Você quis fugir, mas eu estava na sua casa. Se fosse ao contrário e você estivesse aqui, você teria ido embora — constato sem medir palavras.

— Você é maluca... — meneia a cabeça.

— Se você diz... — dou de ombros, um pouco magoada, não nego.

Subitamente, ele apanha meu queixo, com firmeza, me fazendo encará-lo.

— Escute, Alice. Escute bem. Eu fui o único a vir atrás de você ontem. Eu fui o cara que quase pirou com o porteiro por te ajudar a fugir de mim. Eu fui o idiota que ligou pra todas as suas amigas para saber onde você estava. Eu vim até aqui porque queria *estar com você*. Então pare de bancar a vítima, pelo menos uma vez, e enxergue o que está fazendo!

Fico muda, ele não para.

— Você quer saber por que eu estava “distante” ontem? Pois então ouça: eu não conseguia encontrar um jeito certo de te fazer uma pergunta que rolou pela minha cabeça desde que você ganhou alta do hospital e foi para a minha casa, há uma semana.

— Que pergunta? — balbucio, insegura.

— Eu quero te pedir para ir morar comigo. Não só pelos dias em que estiver em observação, ou uma semana, ou um mês. Eu quero que você venha morar comigo, na minha casa, definitivamente, Alice.

— O quê? — grito no alto de um murmúrio, mal acreditando em meus ouvidos.

A rapidez com que meu olho mareja reflete exatamente como a frase foi assimilada em meu cérebro.

Ele solta meu rosto.

— Venha viver comigo, doce — a voz recua uma nota, tornando-se mais branda.

Respiro diversas vezes, exercitando meu controle. Depois de um silêncio desconfortável e seu olhar de expectativa, eu finalmente consigo abrir a boca.

— E-eu... Nós não devemos precipitar as coisas, Benjamin — digo com tristeza — Se agirmos por impulso, isso pode ganhar uma proporção muito pior.

Ele se inclina sobre mim.

— Alice, isso não é precipitar nada. Você me ama e eu não posso viver sem você. É simples.

Balanço a cabeça, negando contra o que meu coração exige.

— Benjamin — toco seu rosto, deslizando meus dedos suavemente por seu maxilar — Nós não estamos nem namorando. Precisamos dar um passo de cada vez, eu nem sei se você...

Ele segura meu toque com sua mão por cima da minha.

— Eu te amo, não quero ter de esperar nada para ficar com você.

Olhando-me de repente mais profundamente, estranho até, ele se levanta da cama.

— Espere aqui.

Aguardo enquanto o homem sai do meu quarto (lindamente nu), sem outra opção, curiosa para saber o que está fazendo. Não demora, ele retorna trazendo algo em sua mão. Observo mais atentamente e me dou conta de que é uma caixinha preta de veludo.

Nãooo...

— Benjamin... — sussurro sem voz. As mãos em tremores descontrolados.

Ele se ajoelha no chão.

E apanha minha mão direita.

— Alice. Eu sei que acha que ainda é cedo, mas eu não posso perder mais um minuto. Eu já errei, me afastei, te magoei. E pode ter certeza de que eu faria diferente se pudesse. Mas tudo isso me fez perceber o quanto eu te amo e o quanto estar ao seu lado me faz bem — suas feições são as mais honestas; seus olhos buscam os meus, já marejados, em cada palavra — Posso não ser o cara mais fácil do mundo, mas te prometo que vou me empenhar em ser o *seu* cara certo, aquele com que sonhou. Por isto, quero te pedir que se case comigo e me deixe passar a vida cuidando de você, sendo este alguém que você tanto deseja.

Ele abre a caixa e um lindo anel com uma pedra reluzente aparece ao centro. É o mais bonito que eu já vi, pela simplicidade, pela delicadeza.

Não me contenho mais, choro copiosamente. Nem no meu melhor sonho eu imaginei que este momento seria tão incrível, que pudesse mexer tanto com meu coração. Ouvir estas palavras da boca do homem que eu amo é... é surreal.

Ele beija minha mão, cálido, sustentando o tremor.

— Amor, não tenha medo. *Você* me dirá quando, eu não vou te forçar, será no seu tempo, mas aceite este compromisso e venha para minha vida. Case-se comigo. Seja minha definitivamente, Alice, sem mais fugas, de nenhum de nós.

— Benjamin! Eu te amo tanto — me declaro entre soluções — Você não precisa me dar um anel, e-eu já sou sua.

— Eu sei que você é. Minha. Para Sempre. Então aceite, Alice — praticamente exige, embargado de emoções visíveis aos olhos.

— Sim, Benjamin! Eu aceito! Eu me caso com você! — exclamo em êxtase, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Ele coloca o anel no meu dedo e se levanta, vindo para cima de mim, beijando cada pedaço do meu rosto, sorvendo minhas lágrimas, segurando-me firmemente para si.

— Foi isso que eu fui fazer ontem. Saí e comprei este anel pra você, doce. Me desculpe se eu te fiz pensar algo diferente — a fala grave enche-me de mais amor e culpa.

— B-ben-jamin — tento falar — Eu te amo muito, me desculpe por agir desse jeito.

— Nós estamos nos ajustando, Alice. O importante é estarmos juntos.



Capítulo 28

Alice

Unidos, passamos uma manhã incrivelmente certa. Benjamin prepara nosso café e depois me ajuda a tomar banho. Fazemos amor lentamente, com paixão, nossos corpos dizendo de uma forma própria o quanto precisam um do outro. Eu amo este homem. Amo-o de uma maneira que palavras não explicariam. Seu pedido de casamento foi exatamente como eu imaginei em meus sonhos, em todos os anos que fantasiei com isto desde que me lembro, com a paixão e a necessidade latentes em nossas peles.

Eu errei com ele, fugindo, agindo na defensiva. Ele errou comigo, me afastando, mas afinal, não é o que somos? Pessoas em constante adaptação e aprendizado, errando e aprendendo com os erros, não? Benjamin mudou minha vida no minuto em que cruzou a porta da minha floricultura. A inquietude em sua alma, transparecendo em seus surpreendentes olhos azuis, me tocou profundamente. De um jeito inexplicável. Daquele dia em diante, eu não deixei de pensar nele por um único instante sequer. Estava escrito que seria assim. Em algum lugar, estava simplesmente pré-determinado. A sucessão de encontros ao acaso que tivemos depois do episódio das flores comprovou nosso destino.

Eu sou dele. Ele é meu.

Em meu coração, sinto que preciso retribuir e mostrar a ele o quanto eu o amo. O quanto nunca mais quero me afastar ou fugir novamente. Ele deu a dele, preciso agora dar agora a *minha* prova de amor... É uma ideia muito maluca, mas insuportavelmente tentadora, apossa-se de mim. É uma loucura, eu sei, e ao mesmo tempo parece tão... certa.

Aperto a ponta do meu nariz, contendo um sorriso ante o plano se formando em minha cabeça. Deus, eu vou mesmo fazer isto?

Olho-o trabalhando em seu computador, relaxado ao meu lado, tão à vontade, que a resposta vem na ponta da língua. Sim, eu vou!

O primeiro passo é ficar um tempo sozinha para planejar tudo. Que os céus me ajudem.



Com muito custo, consigo ter Benjamin indo para alguma loja comprar roupas. Desta vez é de verdade. Ele praticamente não tem o que vestir. Peter vai com ele. Aproveito para ligar para Gabi, Júlia, Pini e Katy, para que venham à minha casa. Elas deixam suas tarefas de lado e vêm rápido como solicitei, provavelmente temerosas com a urgência.

Tenho as quatro sentadas no meu sofá, com expressões curiosas, desconfiadas.

— O que está havendo, Ali? O que aconteceu depois que eu te deixei aqui? — Pini pergunta,

direta — Benjamin me ligou e eu disfarcei dizendo que não sabia de você. Ele parecia desesperado.

— Não foi somente para Pini — Gabi diz — Ele ligou para todas nós, Ali. Meu irmão estava maluco atrás de você.

Todas confirmam, repetindo que receberam suas ligações.

— Meninas, — escondo minha mão atrás das costas — aconteceu uma coisa... — meu sorriso quer me denunciar.

— O que, Ali? — Katy questiona, impaciente — O que foi que aconteceu?

Mostro a mão em frente ao rosto: o anel, em destaque, cintila.

— Ele me pediu em casamento!

Todas, sem exceção, ficam de boca aberta, mudas por um instante, absorvendo a informação.

— Eu vou me casar! — grito baixo, emocionada, voltando a chorar de alegria. Fico emotiva assim a cada vez que olho para a joia.

— Alice! — Júlia é a primeira a vir para me abraçar, com força.

Então tenho de encontrar Priscila diante de mim, séria, estudando-me.

— Você tem certeza do que está fazendo, Alice?

Sacudo a cabeça com veemência.

— Tenho, Pini. Eu amo aquele homem mais do que eu já gostei de qualquer outra pessoa — afirmo com lucidez — Você sabe, eu sempre quis este tipo de coisa para a minha vida, com alguém como ele, *exatamente* como ele.

— Nós sabemos disso, gatinha — Katy lança um braço sobre os ombros de Pini, apoiando seu raciocínio — Mas não é muito cedo?

— Não — confirmo sorrindo, confiante — É o nosso modo de resolver nossos problemas. Eu nunca tive tanta certeza.

Elas me analisam. Algo em meu rosto lhes dá a confiança de que estou tomando a decisão certa.

— E eu preciso muito da ajuda de vocês em uma coisa. Muito mesmo — peço.

Começo a contar meu plano. Noto que suas expressões vão de preocupação com minha sanidade a uma suave curiosidade. Até mesmo Gabrielle parece, pouco a pouco, se render ao plano e ao meu entusiasmo.

Depois de ainda relutarem com alguns questionamentos a respeito da seriedade e precipitação, tenho seus apoios. Elas vão me ajudar. Minha perna imobilizada não será um problema.

Conversamos muito. Ouço suas opiniões e nos dividimos em ajustar tudo. Gabi se encarrega de avisar Peter.

Já se passava das seis da tarde quando Benjamin retornou. Seu semblante leve, sorriso bonito, contendo um tipo de paz em seus olhos. Meu noivo é um homem lindo. E eu adoro o som desta palavra: *noivo*. Meu noivo! Fizemos amor pelo fim de tarde e noite adentro. Dormimos e

amanhecemos grudados, como se um fosse tudo o que o outro quisesse neste mundo.



Uma parte importante do meu plano é ter Benjamin afastado por um dia inteiro, e o universo conspirou para isto acontecer. Depois do café da manhã juntos, ele vai para a universidade. Gabi e Júlia passam em casa para me buscar. Vou até a minha loja e explico à Sabrina e ao Leo o que pretendo fazer, eles são parte do plano.

Júlia se encarregou de fornecer o espaço ideal pra gente, numa grande casa com um enorme bosque ao fundo, propriedade de Frederico na cidade. Katy está agendando com as pessoas necessárias e Pini vai me ajudar com alguns itens importantes.

Vou com as meninas numa loja bem especial, encontrar a peça fundamental. Passamos quase três horas e, finalmente, com ajustes, tenho o que preciso. Para finalizar, vamos a uma joalheria.

Amanhã Benjamin terá uma grande surpresa.



Benjamin volta para casa no início da noite. Cheguei pouco tempo antes disso. Eu menti que passaria o dia na loja resolvendo algumas coisas, então ele se manteve longe por tempo suficiente.

Meu noivo deixa o molho de chaves que dei a ele em cima de um móvel próximo à porta de entrada e caminha em minha direção, calmamente, olhos astutos focados em mim.

— Eu senti saudade de você durante o dia, Alice — soa quente, sedutor, enquanto se aproxima.

Segura meu rosto e me beija com a mesma devoção e necessidade que eu tenho por ele. Suspiro, buscando fôlego.

— Acho que nem de longe foi maior do que tudo o que senti — brinco, dramática.

Ele me tem em seus braços.

— É um desafio para ver quem sente mais, minha menina doce? — provoca — Porque, se for, estou disposto a provar, lentamente, o quanto eu preciso de você, com cada pedaço do meu corpo.

Suas palavras só reforçam meus instintos de que estou fazendo a coisa certa.

Faço um beicinho, fingindo pensar na ideia.

— Hum... Não seria nada mau se você me mostrasse — desafio-o.

Já estou completamente ligada por ele desde o minuto em que entrou pela sala, não me envergonha reconhecer. Com cuidado, ele me deita no sofá. Tateio o controle do som, ao lado e ligo uma *playlist*. Ed Sheeran com “Give Me Love” inunda a sala. Ao som dele, Benjamin despe meu corpo, aplicando carícias em cada parte possível.

A música e a sensação de que todo o amor dele é meu me fazem derramar lágrimas enquanto ele me leva ao prazer. Dono de meu corpo, mente e alma. Sou arrebatada de emoções que só ele despertou em mim, mais ninguém. Eu o desejei por anos, antes mesmo de conhecê-lo.

*Dê um pouco de tempo para mim, vamos queimar isso
Vamos brincar de esconde-esconde, para virar esse jogo*

*Tudo que eu quero é o gosto que seus lábios permitem
Minha nossa, minha nossa, oh, dê-me amor
Dê-me amor como nunca antes
Porque, ultimamente, eu tenho desejado mais
E faz algum tempo, mas eu ainda sinto o mesmo
Talvez eu deveria deixar você ir
Você sabe que eu vou lutar pelo meu canto
E que esta noite vou chamar você
Depois que o meu sangue estiver se afogando em álcool
Eu só quero segurar você
Dê-me amor como nunca antes*

Dormimos exaustos, agarrados.



Acordo antes dele, deliberadamente. Do jeito mais silencioso que posso para não despertá-lo, junto minhas muletas e saio da cama, indo para a sala. Procuro uma folha de papel na escrivaninha e me sento diante dela.

Escrevo um bilhete:

Benjamin.

Eu precisei sair com as meninas e preferi não te acordar. Não se preocupe, te encontrarei em breve. Eu te amo com todo o meu coração e toda a minha alma. Estou muito feliz por ter você em minha vida.

Beijo da sua noiva, Alice

Deixo a folha inteira aberta em cima da ilha da cozinha, impossível de não ver. Eu sei que ele vai ficar descontente quando perceber que eu saí enquanto ele dormia, mas é por uma boa causa. Desço com a ajuda das muletas para encontrar Gabi e Katy.

— Bom dia! — digo, sorridente.

Beijo-as e, com sua ajuda, entro no carro.

— Peter vai ligar daqui a pouco para Benjamin, para pedir que ele vá à propriedade deste novo cliente com ele — Gabi me conta, ansiosa — Meu irmão vai dizer que o cliente quer que ele projete uma casa no meio do bosque e ele vai usar a desculpa de que precisa de umas ideias de Benjamin para o projeto. Benjamin é muito bom com isso — ela revela a última parte, muito orgulhosa.

— Estou tão nervosa — confesso.

— Não fique, amiga, vai dar tudo certo. Agora precisamos levá-la para seu dia de beleza. Leo e Sabine avisaram que já estão indo arrumar o lugar.

Meu telefone toca, é a Pini.

— Bom dia, garota! — diz surpreendentemente animada. Não sei se ela concorda com o que estou fazendo, mas sei que sempre terei o seu apoio — Preparada?

— Como nunca estive — afirmo sem esconder a alegria.

— Ótimo. Aluguei o equipamento. Você só precisa gravar a mensagem.

— Obrigada, Pini. Eu te amo muito — digo, agradecida.

— Eu também te amo. Vejo você no salão em meia hora.

Desligo.

— Vamos passar na joalheria — Katy me lembra.

Passamos na joalheria e a peça está como eu pedi. Linda.



Encontramos com Júlia e Pini no salão de beleza. Júlia passou na loja e trouxe o vestido. Ela abre a proteção e pendura na arara. Ele é perfeito, simples e perfeito. Arrumo meu cabelo solto, com ondas suaves espalhadas; uma linda coroa de flores de cerejeira brancas com pintinhas rosadas ocupa o topo de minha cabeça.

Assim que coloco o vestido, meu coração dispara, vendo a coisa real acontecendo. É emocionante, mais do que eu achei que seria. Luto para não desmanchar. As meninas me olham, comovidas.

— Você está linda, Alice — Júlia diz, embargada.

Observo meu reflexo e fico sem palavras. Nem nos meus melhores sonhos eu poderia imaginar me casar tão linda. O vestido de cetim branco, com brilho, ajustado na cintura e levemente solto conforme cai em direção aos pés. Longo. Com uma abertura nas costas e duas alças finas. Ele contorna meus seios com um decote discreto, dando-me feminilidade.

Sinto-me pronta para isso. A certeza exala em minha respiração.

Limpo uma lágrima discreta.

Através da vidraça da loja, assisto ao sol dar o ar de sua graça, trazendo o calor necessário. Quase não há nuvens no céu. Até o clima decidiu conspirar para o dia de hoje, como um prenúncio.

— Peter fez Ben colocar um terno — Gabi se aproxima, alisando meus ombros, encarando-me através do reflexo do espelho — Meu irmão não faz a menor ideia do que está por vir.

— Eu o amo, Gabi... Benjamin é o homem da minha vida — sinto a necessidade de dizer, como se este fosse meu pedido de um tipo de autorização de sua família.

— E você é a mulher da vida dele. Estou muito feliz por vocês, Ali. Muito feliz.

Viro-me para as quatro mulheres, lindamente vestidas em tom champanhe, cada uma em um modelo de vestido diferente. Todas carregam buquês. Katy, Júlia e Priscila avaliam-me, mal

ocultando a emoção. Deus sabe o quanto eu as amo. Elas são parte de mim, não imagino este dia sem que estejam comigo. Não há outra família aqui hoje, aliás, nem sei como explicarei aos meus pais que estou me casando de surpresa. Mas quando eu contar como as coisas são e lhes apresentar Benjamin, eles entenderão, tenho certeza.

Pini me avisa que seu amigo está aqui, então me posiciono diante da câmera e faço, de coração aberto, como planejei.



É chegada a hora de ir. Tudo está pronto. Estou tomada pela sensação de borboletas no estômago, de um jeito bom. Em nenhum momento o sentimento de dúvida ou hesitação passou por minha cabeça. É como se meu instinto agisse, avisando que estou fazendo a coisa certa

Evitei as mensagens e os telefonemas de Benjamin desde que saí de casa pela manhã. Ele deve estar zangado... Espero que seu pensamento mude quando se der conta do que está por vir.



Capítulo 29

Alice

Chegamos ao bosque amplo, que contém uma pequena clareira ao centro, no quintal da mansão de Frederico. Cada uma das meninas vai para uma direção, a fim de se ocultarem entre as árvores. Apenas Gabi fica ao meu lado, para me informar o sinal de Peter.

Ele envia uma mensagem avisando que ambos estão no meio da clareira, onde Leo indicou a Peter que Benjamin precisava ficar.

— Pronta? — Gabi pergunta.

Confirmo com a cabeça. Estou emocionada demais para falar.

Ela me abraça.

— Vamos lá então, cunhada — dá uma piscadinha.

Através do celular, ela avisa a Peter para inventar uma desculpa e deixar Benjamin ali, parado e sozinho, ao centro. E ele faz isso, logo vindo até onde estou escondida.

— Você está linda, Alice — Peter me beija o rosto e segura uma de minhas mãos.

Tenho o buquê na outra.

— Obrigada, Peter.

— Agradeça fazendo meu irmão feliz — brinca

— Eu farei — afirmo com confiança.

De onde estou, posso ver parte do perfil de Benjamin, lindo em um terno ajustado e escuro. Ao sinal de Gabi, uma tela de projeção em suas costas é ligada. Benjamin dá um passo atrás, surpreso, e mais surpreso ainda quando vê meu rosto na tela, penteada, já com a coroa de flores.

A mensagem começa a ser exibida. Olho para minha imagem. Estou emocionada lá e aqui também. Minha voz sai embargada quando o vídeo inicia.

— Oi, amor. Eu sei que está confuso por me ver aqui. Neste momento, você não deve estar entendendo muita coisa, não é? — ouço a minha voz sair mais fraca — Eu não sabia ao certo o que fazer para demonstrar o quanto eu te amo, então decidi que talvez este seria um bom jeito.

Não sei se já te disse isso — brinco nervosamente — Mas eu te amo. Tanto e com tanta intensidade que transborda em meu coração. Dá para acreditar no destino? Quando eu imaginaria que alguém que entrou em minha vida de maneira tão inusitada, faria, de repente, parte dela para sempre?

A emoção nele é um reflexo da minha. Meu coração bate mais descompassado assistindo-o me assistir.

— Flores por engano (não plantas, *flores*); uma batidinha de leve em seu carro; presos num elevador parado na pior tempestade que eu já vi; ainda organizei um evento todo em sua homenagem (e vê-lo lá me encheu de orgulho, gostaria que soubesse) — suspiro após lembrar da extensa lista de acasos.

De onde estou, vejo Benjamin apoiando um braço no outro, segurando o próprio queixo e com um dedo estendido sobre a boca. Acho que ele está em choque. A gravação continua.

— Com todos esses eventos aleatórios em nossas vidas, constatei que nada acontece por acaso. Não há uma única folha que caia de uma árvore sem que já esteja escrito no destino. Você e eu, juntos, já estava escrito. Você é meu sonho sendo realizado, Benjamin... — lágrimas escorrem pelo meu rosto na tela; suspiro fundo para a última parte — Case-se comigo, hoje, diante de quem amamos?

A minha mensagem acaba e um som de violino e piano, suave e romântico, se espalha pelo ambiente. Uma a uma, as pessoas vão saindo de trás das árvores, cercando Benjamin. Pini; Júlia e Frederico; Ivan e Bia; Katy; Gabi e Peter; Leo e Sabrine. As mulheres segurando buquês iguais e usando a mesma cor de vestido, e os homens trajados de elegantes ternos – até mesmo Benjamin, que nem sabia que viria para seu próprio casamento, está impecável.

Benjamin olha confuso e emocionado para cada pessoa. O religioso que fará a cerimônia aparece também, atrás dele.

Nossos amigos o cercam e, finalmente, posso sair de onde estou. Começo a caminhar até ele, com a ajuda de uma muleta. Meus olhos molhados, minhas mãos tremendo, meu coração acelerado. A garganta dolorida. Todo o meu corpo está reagindo ao momento, mas tudo isso é compensando com o olhar de amor com que ele me encara.

Seu maxilar firme numa linha angular perfeita, os grandes olhos azuis parecem mais claros, marejados. Meu homem, meu noivo e, em poucos minutos, meu marido.

Eu não tive tempo para chamar minha família, mas as pessoas que estão aqui são parte dela, eu as amo e este é o momento mais perfeito do mundo pra mim.

Paro em sua frente.

Ele me encara com profundidade.

Com a mão quente e firme, toma a minha. Sou abraçada e cercada por um calor e força extremos. Ele beija o alto da minha cabeça e sussurra em meio aos fios e flores.

— Você não existe, doce.

Afasta a cabeça e seca minhas lágrimas com as pontas de seus dedos.

— Te amo tanto, menina... Mais do que você sequer pode supor.

Sorrio em meio ao choro, ainda mais feliz do que pensei que fosse possível.

— Você é meu sonho se realizando, Benjamin — repito.

Seco suas lágrimas também e, finalmente, nos viramos para o religioso. Todos à nossa volta estão enternecidos.

Depois do homem fazer o ritual de falar sobre importância do matrimônio, ele se vira para

mim, pedindo que eu repita as palavras por ele indicadas.

— Eu, Alice, prometo te amar, Benjamin, como o homem da minha vida. Prometo ser fiel, honrá-lo e respeitá-lo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias de minha existência, até que a morte nos separe — repito — E além dela — acrescento.

Katy me alcança o anel que eu comprei pra ele, em ouro branco maciço, com uma fina linha em ouro amarelo a contornar a peça, cravejada com um pequeno brilhante. É lindo, forte, imponente, como Benjamin.

Ele sorri quando vê a joia, surpreso novamente. Eu coloco o anel em seu dedo, olhando para seus olhos crus, afetados.

E então ele fala as palavras.

— Eu, Benjamin, prometo te amar, Alice, como a mulher da minha vida. Prometo ser fiel, honrá-la e respeitá-la, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias de minha existência, até que a morte nos separe — ele repete — E além dela — acrescenta as mesmas palavras usadas por mim.

Seu sorriso orgulhoso e agradecido me derrete.

E o religioso conclui.

— Eu os declaro marido e mulher. O que Deus uniu, o homem não separa.

Benjamin me puxa eu seus braços e me beija com ardor. Nossas lágrimas salgadas se misturam. Eu provo o sabor na minha boca.

— Eu te farei a mulher mais amada do mundo, minha doce Alice — ele murmura contra o meu pescoço.

Não tenho nenhuma dúvida desta promessa. Amo-o com todas as forças do meu ser, para sempre. Sei que ele também me ama. O homem dos meus sonhos que, apesar de todo mau humor, carranca e aspereza da casca, em sua profundidade, é exatamente o que desejei e contei às minhas amigas ao pé da velha cerejeira: especial, gentil, atencioso, agradável, que me trata como um bem precioso e me ama com tudo de si.

É isso.

Simples? Não muito, mas aconteceu.



Epílogo

Benjamin

Quatro anos depois...

Sentado à mesa de honra, desvio o olhar algumas vezes do maçante discurso do garoto para observar a minha mulher, olhando-me da plateia como quem admira seu super-herói. Alice. Minha doce Alice. Que prazeroso é acordar e ter seu rosto como minha primeira imagem da manhã. Beijar sua nuca, antes de adormecer, sussurrando o quanto a amo. Sentir seu corpo macio completamente encaixado ao meu, feito para mim... oh, *porcaria!*, estou ficando duro numa maldita cerimônia de colação de grau.

Empertigo-me no lugar e me forço a prestar atenção no discurso do formando direcionado a mim, na qualidade de professor *homenageado* pela turma. Dá pra acreditar? A mesma classe que me oferecia bombons muito suspeitos há alguns anos (os quais cheguei a cogitar estarem envenenados), chamando-me de Professor das Trevas pelos corredores, hoje me escolheu para homenagearem. *Pff*.

Sem outra opção, inusitadamente, estou eu aqui, ao lado do velho reitor (pomposo em um terno novo e bigode lustroso) e dos coordenadores do curso. Paciente, ouço o que o garoto tem a dizer ao ler o papel (tão corado quanto um nerd ficaria diante de um público deste tamanho), sustentando em minha fachada uma fingida expressão de comoção.

Felipe foi quem ficou responsável por discursar a homenagem. Ele fala sobre minhas qualidades enquanto mestre, o quanto a turma me é grata pelo dedicado ensinamento e outras coisas nas quais pouco presto atenção. Olhando-o ali é inevitável não me lembrar de mim mesmo nesta idade. Fui tão nerd quanto ele. Talvez por esta identificação, eu o tenha chamado, há um ano, para estagiar comigo no departamento de pesquisas. E ele não me decepcionou. Como recompensa e incentivo aos seus esforços, ao final desta noite, pretendo oferecer-lhe uma bolsa de estudos, financiada pela universidade, de ingresso no mestrado.

Fico em pé e ajeito o botão do terno, antes de saudar o garoto e fazer um breve agradecimento à classe. Observo o rosto de cada presente, lembro-me deles em sala de aula, e não posso negar, eles cresceram. Amadureceram em seus conhecimentos. Débora, a garota revoltada de alguns anos atrás, é a mais empolgada a me aplaudir, e uma das que mais me surpreendeu, na verdade.

Então um pensamento me ocorre e volto a observar minha mulher. *Ela*. A razão desta façanha acontecer. Desde que Alice entrou na minha vida, dizem que meu comportamento mudou. O reitor até se gaba vez ou outra pelo que ele “acha” que fez, nos apresentando. Se ele soubesse que muito antes daquilo, ela já estava enraizada em mim... Alice mudou meus dias. Antes dela, eu apenas

acompanhava o relógio, desejando que mais um dia finalmente acabasse... ao seu lado, eu simplesmente vivo.

Pelo calor em seu olhar, ela sabe que é a dona do meu pensamento.

Não demora, me junto à minha esposa.

— Você está muito bonito, Ben — comenta abraçada a mim, sua delicada mão acaricia meu peito sob o terno.

— Ah, é? — estalo a língua, fazendo um som de repreensão provocador perto de seu ouvido — Pensei que tivesse ouvido você dizer que *sou* lindo, meu doce, esta manhã, enquanto me pedia todas aquelas coisas debaixo do chuveiro.

Ela cora, e eu rio, satisfeito por ainda provocar este tipo de reação em minha esposa.

— Ben? — uma voz masculina chama atrás de mim.

No anfiteatro lotado, viro-me para trás e, num breve segundo, não encontro a origem do chamado. Mas então desço o olhar e me deparo com ele, sentado na cadeira de rodas que o condenou desde o acidente.

Ismael.

Espero que algum resquício da raiva em mim venha à superfície, ou da indignação por reencontrá-lo; não encontro nada. Nada. Nem mesmo irritação. É espantoso não sentir nada.

— Olá, como vai? — respondo do mesmo modo que me dirigiria a um estranho. Sem nenhuma emoção.

Ele não me desperta nenhuma emoção.

Talvez a reação também o tenha surpreendido. Talvez ele tenha esperado um ataque de fúria. Noto-o sem saber como agir por um rápido momento de hesitação.

— Bem, bem... hã... Vou lecionar embriologia no próximo semestre, não sei se o reitor disse...

Sim, o velho me chamou há alguns dias, perguntando se havia problema. Eu tinha me esquecido, na verdade.

— Disse sim — olho para minha mulher ao meu lado, cogitando se a apresento. Não. A resposta é não. Ele não é ninguém para mim — Boa sorte. Se me der licença, preciso conversar com algumas pessoas.

O sorriso esperançoso em seu rosto morre. Acho triste que uma amizade como a nossa tenha terminado assim. Mas terminou. E estou livre; graças à Alice, eu estou livre.

— Quem era? — ela pergunta ao nos afastarmos.

— Ninguém importante, doce.

Nem mesmo aquela casa foi importante. Antes de vendê-la, logo após o casamento, eu voltei lá uma última vez, e foi quando me dei conta de como esta mulher é única. Uma casa de concreto e linhas simétricas, de decoração fria, nunca seria um lar para alguém como Alice. Ela é de flores, almofadas coloridas, fotografias espalhadas pelos móveis e paredes. Minha esposa transmite calor, cuidado, amor pela vida.

Interrompo nossos passos em meio ao saguão repleto de pessoas e me coloco diante dela. Seguro seu delicado rosto entre as minhas mãos, apenas pelo prazer de saber que eu a tenho.

— Eu te amo, sabia?

Assim como em todas as vezes, ela parece regozijar ante a afirmação.

— Eu sei, meu amor. Sei disso. E o amo da mesma maneira — alisa meus dedos.

— Você não acha que é hora de começarmos a produzir nossos bebês? — porra, eu não sei de onde veio isso, mas me parece tão certo.

E ela ri, daquele jeito caloroso e seguro.

— Bem, eu acho que é uma boa ideia...

Beijo-a. Com vontade, necessidade, ou o que quer que defina este sentimento de precisar estar com ela.

— Já não era sem tempo... — ela resmunga muito baixo, ao se afastar. Aliás, nem tenho certeza de que ouvi direito.

— O que você disse?

— Já não era sem tempo — repete, muito segura.

Fisgo seu lábio entre os dentes.

— Você é única, doce Alice. Única.

Fim

Agradecimentos

Aos profissionais que trabalharam comigo para tornar este livro possível: Kátia Regina Souza, que além de revisora contribuiu em muito para o direcionamento da história, Denília Carneiro, diagramadora e querida amiga, e Murilo Guerra, capista que captou a essência da série. Vocês são demais.

À Jhenifer Barroca, por tudo o que representa pra mim.

Às pimentinhas, por fazerem meus dias mais divertidos.

Aos leitores, que receberam tão bem estas amigas e demonstram tanto carinho e respeito comigo. Sem vocês nada disto seria possível.

Leia um trecho de Katarina, terceiro livro da série

Entro na ampla sala de jantar da casa grande e me surpreendo com a riqueza dos detalhes da decoração. Uma imensa mesa retangular de vidro negro e brilhante se estende ao centro, rodeada por cadeiras com encosto alto em boa madeira. Acima da mesa, há um enorme lustre de cristas transparentes com cúpulas pretas ao redor. Uma das paredes é revestida por um espelho de fora a fora. Contraria um pouco o que se esperava de uma casa na fazenda, e só agora percebo: da última vez que estive aqui, não cheguei a entrar na propriedade.

Pequenos grupos se espalham pelo ambiente. Júlia e Frederico estão num canto, dizendo coisas um ao outro que a fazem ruborizar (a safada). Alice, Benjamin, a mãe e o pai de Frederico, Ivan e Bianca formam outra rodinha próxima.

Gabi e Pini conversam com Gustavo, ou melhor, devem estar ouvindo seus galanteios.

E, mais afastado, de costas para onde estou, vejo ele, Daniel, ombros largos cobertos pela camisa branca ajustada ao contorno definido de seus braços. A cintura fina termina em uma calça mostrando o volume da bunda redonda. Impossível não notar que ganhou mais músculos desde a última vez que o vi, há tantos anos.

Porcaria, isto não será fácil. Por mais que eu tenha me preparado.

Minha avaliação termina quando me dou conta de sua companhia. Uma loira esguia de boca carnuda, vestida num longo verde exibindo o decote que permite a visão de seios enormes e firmes. E ainda por cima é humilhantemente alta.

A filha da mãe é uma maldita modelo?!

Grande sorte, a minha. Fico anos sem ver o cara, me arrumo toda para esfregar bem na cara dele que me tornei uma mulher interessante, e o bastardo me aparece com uma modelo. Rá.

Aproveitando que ninguém me viu ainda, sinto-me tentada a sair de fininho e correr para o mais longe possível. Eu deveria inventar uma desculpa qualquer e ir embora... mas hoje é o dia da Júlia. Não posso fazer uma coisa destas com minha amiga.

E, parecendo prever, ela me enxerga.

— Katy! — Jú chama alto.

A passos decididos, vem direto até mim, atraindo todos os olhares. Pela visão periférica, percebo que ele também se girou, mas não tenho coragem de levantar a cabeça e conferir.

— Ah, que bom que chegou! — recebo um abraço apertado — Como foi a viagem?

— Foi boa, fazia tempo que eu não pegava a estrada, sabe como é... — sorrio, disfarçando meu repentino nervosismo — Você está tão linda, amiga — aponto para ela, num vestido claro com detalhes de renda, que cai muito bem em seu corpo, e o cabelo preso em um coque bonito.

Jú me mostra a mão; seguro e fico admirada com a beleza de um lindo anel de brilhantes.

— Não é maravilhoso? Ele me pediu sábado, na gruta! Ah, Katy, estou tão feliz! — seu sorriso

é algo impressionante, os olhos umedecidos corroboram a verdade neles.

Toco seu rosto.

— Estou vendo! Fico muito feliz por você. Muito mesmo.

Ela me abraça outra vez.

— Eu sei que sim. E te amo muito, irmã.

— Eu também te amo, Jú.

Sou tomada por uma espécie de orgulho e gratidão imensos. Uma das pessoas mais importantes pra mim está feliz e isso me conforta de um jeito inexplicável.

— Agora preciso dar um “oi” a esse povo — limpo a garganta, afastando o embargo. Se eu ficar mais um minuto com ela, teremos nossas maquiagens detonadas por lágrimas — Nenhum gato solteiro pelo jeito, hein, amiga? Que lástima — brinco, fazendo-a rir.

Caminho até onde Alice se encontra. Cumprimento a todos, e a puxo para um abraço.

— Como está seu pé, gatinha? — ela retirou o gesso há pouco tempo.

— Bem melhor, pronto para uma maratona. E você, como foi a viagem? Fiquei preocupada, estas estradas andam muito perigosas, Katy.

— Eu estou bem, é sério. Foi ótimo vir dirigindo, talvez um pouco cansativo, mas ótimo — baixo então meu tom para o que pretendo perguntar — E como está a vida de casada? — cochicho com cumplicidade.

Não que eu tenha realmente alguma dúvida sobre isto. Nos falamos sempre, além de que, o brilho em seus olhos não nega a felicidade.

— Vivendo um sonho — sussurra um tanto envergonhada, assistida pelo olhar aquecido de Benjamin.

— Bem, eu imagino, a contar por esta sua expressão de boba — zombo.

Troco mais algumas palavras com ela e me aproximo para parabenizar Frederico pelo noivado. Hoje ele parece muito mais jovem e descontraído do que quando o conheci. Não há dúvidas de que este homem ama a minha amiga e a fará feliz. Já faz, na verdade. Ela mudou, está mais segura de si.

Evitando o lado norte da sala, onde eles estão, vou então em direção à Gabi, à Pini e ao Gustavo.

— Olha se não é o único homem solteiro neste lugar...

Ele beija meu rosto.

— Suas amigas estão se casando, Katarina. Logo as amarras também baterão à sua porta — sorri, debochado.

Ele é amigo de Frederico, foi o padrinho do casamento de Bianca, e acabamos nos tornando amigos.

— Primeiro eu precisaria de um namorado, o que acha? — pisco, me insinuando de maneira sedutora... e então reviro os olhos, acenando desdenhosamente — O que não pretendo procurar pelos próximos dez anos.

Ele joga a cabeça pra trás e gargalha alto.— Não lance esperança ao meu coração e depois a retire de mim assim, tão brutalmente, mulher!

Rio também.

Início uma conversa leve com eles. Gustavo flerta com Pini o tempo todo. Eles já ficaram uma vez, mas mal sabe ele que Pini não tem a menor intenção de repetir. Ela nunca o faz. Esta batalha está perdida pra ele.

Finjo prestar atenção ao que dizem, para não ter de olhar para trás, onde o bastardo está. Mas é tão impossível ignorá-lo, quando sua presença se assemelha a um grande elefante branco para mim. Mesmo depois de tantos anos, meu corpo reconhece nossa proximidade. O que é uma grande droga!

Tudo está sob controle, afirmo a mim mesma.

Até que sinto uma mão delicada me tocar.

— Katy... — é Júlia.

Olho-a por cima do ombro. E, ao encontrar sua expressão estranhamente condescendente, sei o que me espera.

Vagarosamente, me viro para enfrentar ele. Daniel... acompanhado da modelo, pff.

Não consigo encarar seu rosto. Simplesmente não consigo. É como se deparar com um enorme refletor que te cega e obriga a cerrar os olhos. Evitando me prestar ao ridículo papel de fechá-los (feito uma criança mimada), faço então um grande esforço para manter meu foco na mulher ao seu lado.

— Katy — Júlia limpa a garganta, talvez constrangida — Daniel está aqui, e eu gostaria de te apresentar à Nicole, amiga dele.

— Namorada — a garota a corrige ao me estender a mão, sustentando um sorrisinho meio arrogante.

A filha da mãe infelizmente é mais bonita de perto. Droga! Os olhos verdes combinando com o vestido, a pele perfeitamente branca, aveludada, lábios grossos... Deus, tenha misericórdia! Até eu poderia me apaixonar por essa garota!

— Oi... — minha voz soa mais confiante do que realmente sinto — Sou Katarina, a amiga... da Júlia — acrescento este final para evitar equívocos.

Aperto a mão delicada da menina e tenho vontade de rir do quão perdida a batalha está pra mim.

Idiotice pensar assim... Foi perdida há muitos anos.

— É um prazer te conhecer, Katarina, amiga da Júlia — sua presunção me surpreende um pouco.

Solto seu aperto, mas permaneço concentrada nela, ainda me decidindo se devo olhar para o homem ou não. Sem aviso, a mão forte e quente, no entanto, toca meu ombro, praticamente me guiando para um beijo no rosto.

— Oi, Katarina.

Meu ouvido se refestela ao receber o timbre grosso do miserável.

Não há como desviar.

— Oi — sibilo, sem jeito.

Logo que sua boca toca meu rosto, sinto uma detestável confusão dentro do estômago. Minhas pernas, traidoras, bambeiam. O toque de seu lábio sutilmente raspando minha bochecha queima a pele. A sensação é incrivelmente a mesma de que eu me lembrava. Tenho vontade de me socar diversas vezes na cara, por ainda sentir coisas assim.

Afasto-me rapidamente e dou um passo atrás.

— Então, você veio dirigindo? — ele pergunta, talvez desconfortável, naquela bendita voz macia, em uma tentativa de puxar assunto.

Baixo os olhos para meus sapatos. Não o encaro nem por um segundo, esta vitória não dou a ele.

— Aham — confirmo, sem muita vontade de entrar em uma conversa desnecessária.

Então volto a me direcionar à garota. Abro um sorriso calmo, tentando parecer natural.

— Se vocês me dão licença, por favor.

Sem esperar pela resposta do casal feliz, me viro e saio, evitando apressar os passos, mas apressando mesmo assim. É quando encontro Pini no caminho. Pelo jeito, ela estava observando a cena.

— Banheiro? — sussurro pra ela.

— Venha — diz, discreta, e eu a sigo.

Caminho para um sanitário ao lado da sala. Ela entra comigo e fecha a porta.

Não consigo respirar.

Apoio as mãos na pia e abaixo a cabeça.

Pini encosta-se à parede.

— E então, Katy? — pergunta, direta.

— Então o que, Pini? — mando a questão de volta, um pouco rude.

— Desde quando? — ela mantém a voz neutra e baixa.

— Desde quando o quê? — aperto meus olhos.

— Você é apaixonada pelo Dani.

Levanto a cabeça e a encaro. Pini, inesperadamente, tem os olhos compreensivos de quem já sabe a resposta. Não adianta negar. Estou cansada de esconder por tanto tempo.

— Desde sempre — admito sem vitória.

Minha amiga solta uma respiração pesada.

— Vem aqui, garota — abre os braços e eu aceito o abraço.

— Como eu faço para esquecer, Pini? Como? — pergunto, dolorosamente cansada de gostar daquele cara.

— Eu não sei, Katy...

Recado da autora

Gostou desta história? Caso sim, ajude-me a levar Alice e Benjamin a mais leitores. Compartilhe com um amigo, indique o livro, publique sobre ele em suas redes sociais... E, se puder, deixe sua avaliação na Amazon, ela é muito importante.

Para mais informações sobre este e outros livros, aqui estão as minhas redes sociais:

Wattpad: Anne Marck

Instagram: @Anne.Marck

Grupo no Facebook: Romances da Anne Marck

Página no Facebook: Anne Marck

Twitter: @AnneMarck